«BOMBAS: A CAMINHO DO INFERNO»? por Joaquim Letria (Página 2)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1968 N.º 16 535 ANO 48. UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

Novo encontro (amanhã) entre F. N. L. e os E. U. A.

SAIGÃO, 31 — (R.) — Tropas americanas e norte-vietnamianas travaram uma batalha de duas horas perto do local escolhido para as conversações de amanhã sobre a libertação de prisioneiros americanos, segundo revelou hoje um informador militar dos Estados Unidos.

Treze norte-vietnamianos foram mortos no combate de ontem, a 40 quilómetros do local onde representantes norte-americanos e do Vietcong se avistaram, no dia do Natal, para discutirem a libertação de três prisioneiros.

Ontem, á noite, o comando americano concordou com uma segunda conferência no mesmo local com o Vietcong. O local está situado a 80 quilómetros a noroeste de Saigão.

Os três prisioneiros, todos de 21 anos e que se anunciou terem desaparecido nos ultimos sete meses, foram indicados como sendo os soldados James Brigham, Thomas Jones e Donald Smith.

O Vietcong anunciou um cessar-fogo de três dias no Ano Novo. A trégua começou á uma hora local de ontem. Contudo, os sul-vienamianos e americanos recusaram-se a declarar um cessar-fogo durante o Ano Novo. Os americanos disseram, porém, a noite passada que um corredor para o local do encontro, livre de acção militar, permaneceria aberto até três horas depois do termo da conferência.

Entretanto, caças-bombardeiros atacaram ontem soldados norte-vietnamianos em casamatas, numa área situada a quilómetro e meio do rio Ben Hai, na «zona desmilitarizada».

Não foi divulgada qualquer notícia acerca de baixas entre a força norte-vietnamiana durante o ultimo bombardeamento americano da zona dividindo os dois Vietnames.

INFILTRAÇÕES

SAIGÃO, 31 — (F. P.) — Apesar das tréguas decididas pelo Vietcong, os informadores americanos assinalam alguns recontros, nomeadamente na região do complexo mi-

(Continua na 12.ª página)

Militares dos E. U. A. e representantes do Vietcong realizam, amanhã, um segundo encontro para tentarem chegar a acordo sobre a libertação de três prisioneiros norte-americanos. A gravura mostra um aspecto do primeiro encontro, realizado ao Dia de Natal, perto da cidade de Tay Ninh, e do qual não resultou qualquer acordo

1968

O «Diário de Lisboa» de hoje publica 48 páginas, das quais 16 constituem um suplemento especial em que se reunem os habituais balanços do ano que finda e inclui um conto inédito de

MARIA JUDITE DE CARVALHO

1969

ESTA NOITE, EM S. PAULO

ANACLETO PINTO (IMPEDIDO DE CORRER) VERÁ PELA TV A «S. SILVESTRE»

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

SÃO PAULO, 31 — Quando Anacleto Pinto, à partida de Lisboa, disse que «ficaria no hospital vendo a corrida», desconhecia que acabava de fazer uma profecia sobre a sua actuação na «São Silvestre» de 1969. Uma lesão distensiva do menisco no joelho esquerdo, registada durante um treino com o belga Gaston Roelants, transferiu o meio-fundista português do apartamento 2001 do Hotel Excelsior para o quarto 451 do Hospital da Beneficência Portuguesa.

— *A perna ficou dobrada, enquanto me atacou uma dor fortíssima* — dis-

(Continua na 16.ª página)

Anacleto Pinto: o jovem meio-fundista do Benfica que a adversidade impede de correr esta noite em São Paulo

Amanhã, como em igual dia dos anos anteriores, estarão fechados os nossos escritórios e oficinas, não se publicando o «Diário de Lisboa».

Estranhos objectos sobre Barcelona

BARCELONA, 31 — (F.P.) — Numerosas pessoas viram ontem dois objectos voadores não identificados que sobrevoaram a cidade de Barcelona a baixa altitude. Os misteriosos engenhos eram de forma circular, brilhantes e de grandes dimensões, deslocando-se do Sul para o Norte, paralelamente á costa mediterrânica.

ANO DE MARTE

Desde a crise do petróleo à abdicação da rainha Juliana muita coisa é possível em 1969

Ler na página central as previsões dos astrólogos para o próximo ano

Há quem parta ao encontro do fim do ano. Funchal, Algarve, provincia... Gente que embarca com destino a ambientes alegres, ruidosos, familiares. Hoje, esta manhã, esta tarde, vendiam-se bilhetes de viagem para distâncias que fiquem para aquém da meia-noite. Afluência maior de passageiros em todos os meios de transporte. (Ler notícia na página 16)

HOJE 48 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

OS DIREITOS DO HOMEM CONSTITUEM O TEMA DO DIA MUNDIAL DA PAZ QUE AMANHÃ SE CELEBRA

Numa nota distribuída à Imprensa, o Secretariado da Acção Pastoral lembra que «a promoção dos direitos do homem, caminho para a paz» é o tema assinalado para o segundo «Dia da Paz» que amanhã se celebra em todo o mundo. Associa-se assim esta celebração à do XX aniversário da Declaração Mundial dos Direitos do Homem que decorre presentemente.

Como se sabe, a instituição do «Dia da Paz» partiu da iniciativa do Papa Paulo VI que, em mensagem de 8 de Dezembro do ano passado, propôs a todos os homens de boa vontade que reservassem um dia do ano — o primeiro — à reflexão sobre os problemas da paz, convidando todos os crentes à oração pela paz no mundo, independentemente da sua confissão religiosa e das suas opções políticas e sociais, pois a paz é um objectivo universal e interessa a todos os homens e a todos os povos.

Em Portugal, além de várias iniciativas de carácter cultutral e informativo, estão anunciadas algumas celebrações religiosas.

Em Lisboa destaca-se a missa da meia-noite, na passagem do ano, que o cardeal-patriarca celebra na igreja de São Domingos. Nesta celebração, os fiéis farão o seu «compromisso» de pugnarem pela paz. Os textos desta missa foram especialmente compostos ou escolhidos e todos aludem à paz.

Lembra-se que o Episcopado Português, fazendo-se eco do apelo do Papa, publicou no mês passado uma nota pastoral sobre o «Dia da Paz» e que a recente mensagem do Papa sobre o mesmo tema foi entregue em primeira mão no nosso País, ao sr. Presidente da República, e depois tornada pública.

Missa na sé de Beja

BEJA, 31 — Na sé catedral de Beja, será oficiada, hoje, missa á meia-noite pelo sr. D. Manuel dos Santos Rocha, arcebispo-bispo da diocese, em comemoração do Dia Mundial da Paz.

NECROLOGIA

FALECIMENTO

Capitão António Júlio Ribeiro de Oliveira

Faleceu o sr. capitão António Júlio Ribeiro de Oliveira, de 82 anos, natural de Leiria, viúvo. O extinto, que fora herói de ocupação do Ultramar com vários louvores por actos de bravura em campanha, era oficial da Ordem de Avis, condecorado com a medalha de prata de valor militar, a medalha de ouro de serviços distintos ou relevantes no Ultramar e várias outras. Era pai da sr.ª D. Olga Lena Baptista Ribeiro de Oliveira e Costa e da sr.ª eng. D. Aura Estela Baptista Ribeiro de Oliveira de Carvalho e dos srs. Óscar Lis Baptista Ribeiro de Oliveira e eng. Vito Manuel Baptista Ribeiro de Oliveira e sogro das sr.as D. Maria Adelina Almeida Ribeiro de Oliveira e D. Maria Hermínia Antunes de Almeida Ribeiro de Oliveira e dos srs. Rui Falcão Costa (director dos aeroportos da Madeira) e dr Jorge de Carvalho. O funeral sai esta tarde da igreja de São João de Deus para jazigo de família no cemitério da Amadora. Os serviços fúnebres estão a cargo de A Funerária Lisbonense.

ora diga-nos...

— Que mais deseja para 1969?

O último «Ora diga-nos» do ano tinha de incidir necessàriamente sobre um aspecto que nesta altura vem sempre à baila: os votos para o próximo ano. Foi sobre esses votos que interpelámos os três últimos entrevistados deste ano da graça de 1968.

● — Tanta coisa! — *começou por nos dizer, enquanto coçava a cabeça, meditando, o jovem Luís Ribeiro Naves, empregado de escritório.* —

Mas assim mais, mais, talvez tirar o 1.º ciclo (estudo á noite) e arranjar um emprego melhor, ou passar a ganhar mais naquele em que estou.

— Mais alguma coisa?

— Que me saísse o Totobola...

— E quanto a aspectos que interessem a toda a colectividade?

Após hesitar e pensar, o Luís respondeu:

— Que acabasse a guerra no Ultramar.

● *Maria Elisa Ribeiro de Barros, funcionária de uma companhia de seguros e estudante também, declarou-nos:*

— O que mais desejava era paz e harmonia.

— Harmonia?

— Sim: entendida como conjugação de boas-vontades para alcançar precisamente a paz.

— E só para si, pessoalmente?

— Não sei — há tanta coisa... Era preciso pensar bastante.

● — Saude, é o principal — *ripostou-nos de pronto o sr. João Godinho, também empregado de escritório.* — Havendo saude tudo o resto vem por acréscimo.

— Mais nada?

Saude para todos. E Portugal a melhorar cada vez mais, com tudo a correr bem. E paz entre todas as nações.

PORTUGUÊS MORTO NUM DESASTRE NA ALEMANHA

CALDAS DAS TAIPAS, 31 — Em consequência de desastre, faleceu na Alemanha o sr. Orlando von Doilneger, de 30 anos, casado. Era filho do sr. Manuel von Doilneger, residente em Fafe, e sobrinho do sr. Guido Frederico van Doilneger, solícito correspondente do «Diário de Lisboa».

O funeral realiza-se em Fafe, para onde o corpo será transladado.

A famlia enlutada, e em especial ao sr. Guido van Doilneger, apresentamos sentidas condolências.

DE ONTEM PARA HOJE

SACRIFÍCIOS E TRABALHOS

O ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebelo, ao dirigir-se ás Forças Armadas por motivo da passagem de ano, não deixou de assinalar o que nos espera no ano próximo; sacrifícios e trabalhos. Não hesitou ele em dizer que o novo ano será de «sacrifícios e trabalhos para as Forças Armadas, embora tenazmente orientados para trazer clarões de esperança no triunfo das razões que há tantos anos nos movem». O ministro dissera antes: «Fazemos parte de uma aliança, a N. A. T. O., que viveu este ano períodos bem difíceis. Como aliados, temos os nossos compromissos também, embora fortemente condicionados pela nossa acção contra-subversiva em Africa. Tais compromissos obrigam, no entanto, os nossos quadros de oficiais mais responsáveis a ter presente a realidade da Aliança e a dar consequentemente uma parcela da sua atenção ou da sua actividade a tudo o que com ela se passa. E diga-se a propósito que em 1969 se comemora o 20.º aniversário da N. A. T. O. e da nossa parte se procurará assegurar representação condigna das nossas Forças Armadas nas cerimónias e actos previstos no estrangeiro e no nosso País. Para todo o esforço que as nossas tropas estão fazendo, é indispensável que aqui, na velha casa portuguesa, se possa realizar tudo o que é preciso fazer para sustentar esse esforço A instrução dos soldados; a preparação dos oficiais e dos sargentos para os trabalhos de campanha e da paz; as aquisições do fabrico dos materiais; a organização dos abastecimentos e o seu transporte para as províncias de Africa, quer pelo mar quer pelo ar. Mas para que tudo isto se efectue é indispensável a ordem. Exige-o o sacrifício de todos os combatentes de Africa; reclama-o toda a multidão de portugueses que querem ser os próprios a orientar os seus destinos, quere-o o bom-senso colectivo da Nação. A ordem tem de facto existido, mas os comandos de todos os escalões das Forças Armadas mantêm-se atentos e vigilantes, acompanhando e observando com frieza e sem emoção certas propagandas e certas actividades indisciplinadas que por aí andam e dispostos a garantir, á Nação e aos que pela sua integridade histórica constitucional se batem lá longe, a ordem e a paz social».

O ministro da Defesa ao proferir a sua mensagem

DESASTRE SOBRE DESASTRE

No Monte da Vala, perto de Ermesinde, um automóvel guiado pelo sr. Manuel Fernando de Sousa, de 24 anos, chapeiro, morador na Rua Nova da Fonte, em Valongo, que seguia com a esposa D. Maria Rosa Faria, de 22 anos, foi embater num camião. Outro camião teve de travar e um motoretista que vinha atrás dele nele se foi enfeixar. Era o sr. Manuel da Silva Ferreira, de 30 anos, do lugar das Lajes, em S. Miguel de Paredes. Ficou internado com traumatismo craniano no Hospital de S. João, onde também ficou o condutor do automóvel com uma perna fracturada.

COICE DE BURRO

Coice de burro e de morte recebeu o sr. Duarte Coimbra, de 76 anos, de Casal Meão, a par de Silgueiros, Viseu. O burro acabara de ser ferrado e o sr. Duarte Coimbra aproximou-se. A besta não gostou nem sequer da presença do dono e, com um coice, matou-o.

BOMBEIROS PARA OS OLIVAIS

O almirante Nuno de Brion presidiu á assembleia geral da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa. Tomou-se conhecimento de que a Camara Municipal de Lisboa cedera 3600 metros de terreno para a construção de um quartel de Bombeiros, nos Olivais-Sul. A construção está orçada em 2500 contos, entrando o município com 200. Para o efeito foi eleita uma comissão. Sócios de honra foram eleitos os srs. ministro do Interior, Aníbal David e D. Segismundo da Camara, vice-presidentes do município, D. Alda Mafra, redactora do nosso prezado colega «Diário de Notícias», escultora D. Estela de Albuquerque, o industrial sr. António Medeiros e Almeida e outras personalidades.

CONSELHO DE TURISMO

Presidido pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, reuniu-se ontem, no Palácio Foz, o Conselho Nacional de Turismo. O Conselho ocupou-se especialmente da apreciação do Orçamento Ordinário do Fundo de Turismo para 1969.

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

TUTTI-MUNDI DRUGSTORE

Deseja aos seus clientes e amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

DESENHADOR DE ARTES GRÁFICAS

Necessita Empresa de nível

De preferência com o Curso da Escola António Arroio

Idade até 35 anos, inclusive

Serviço Militar cumprido ou dele isento

Nacionalidade portuguesa

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 461

A GUERRA E A SUA AUSÊNCIA

Por J.-L. LEVY

Gaston Bouthoul teve o grande mérito de substituir a maneira tradicional de abordar o problema da guerra — jurídica e moralizante — por uma maneira fisiológica e científica. (1) Apresentado deste modo, o problema consistiria em estudar as perturbações engendradas pela ausência prolonga de guerra, analisar os sintomas da «insuficiência» guerreira crónica, experimentar as terapeuticas de substituição apropriadas para atenuar os efeitos desta carência.

Infelizmente é mais fácil estirpar o fígado ou o pancreas dum cão para estudar as suas reacções do que operar os homens da guerra para ver como se comportariam... Um primeiro problema se apresenta: a operação é oportuna? Convirá enxertar a paz no organismo social? Este enxerto seria eliminado ou tolerado? A resposta não é clara. Semelhantes operações não foram tentadas muitas vezes. A experiência, no entanto, demonstra o poder de adaptação e de regeneração das entidades nacionais. Pedro, o Grande, Kemal Ataturk, foram, no seu tempo, grandes operadores sem que a Russia ou a Turquia padecessem com isso. Os povos escandinavos e helvéticos, privados de guerra há muito, não mostram qualquer sintoma visível de degenerescência...

O «HEROISMO DOS HOMENS»

No entanto, está-se longe de se ter chegado a acordo quanto á oportunidade da operação. O testemunho de Frederico, o Grande, é de recusar, pois ele considerava a vontade de «suprimir o heroísmo nos homens» como uma perversão. Não sem amargura, Raport verifica num livro recente, (2) que a guerra, para um numero demasiado grande de pessoas, é uma experiência profundamente satisfatória. «É instrutivo, escreve, considerar de que modo aceitamos o «inevitável», não sem satisfação, quando é convenientemente racionalizado».

Deste modo convém interrogarmo-nos em primeiro lugar acerca as funções da guerra e a sua natureza. Os ois problemas estão ligados. A guerra será para o corpo social o que os mecanismos imunotógicos são para o corpo vivo? Será ela para o corpo social o que a leucemia linfóide é para o corpo vivo?

INVERSÃO SOCIAL

Conhecemos imperfeitamente estas funções. A guerra inverte todas as normas da vida diária (violência, destruição, desperdício, uptura...). Esta inversão social é um carácter fundamental da função lúdica. A guerra exalta, a expensas do instinto da conservação, os comportamentos sociais elementares: instinto de território e dominação. A guerra reforça a coesão do grupo e regenera o poder. A guerra *estimula* as «defesas» do corpo social, regenera a individualidade nacional étnica, religiosa e linguística, do grupo. A guerra acelera o progresso técnico, refreia a expansão demográfica, reabsorve o desemprego, etc. Portanto, se ela não existisse não seria preciso inventá-la?

Estas funções, a maior parte das vezes, exercem-se no sentido duma activação, duma regeneração, duma inversão. Serão *reguladoras?* Consistirá nisso o problema? O que torna a guerra fascinante aos olhos de tantos homens, é indubitávelmente este aspecto multifuncional e este poder catalizador. «A guerra, escreve Rapoport, faz surgir um sentimento de posse na comunidade, permite e recomenda mesmo a libertação dos impulsos agressivos, dá aso a manifestarmos o nosso lealismo e as suas disposições heróicas.»

Não se pode deixar, no entanto, de notar o aspecto contraditório destas funções. Estas evocam de preferência as reacções em cadeia, anárquicas e excessivas, de um organismo em perigo, do que as funções reguladoras e coordenadas do fígado e dos rins. Deste modo, a ligação não é evidente entre alimentação e agressividade. A experimentação animal mostra que a fome não é o factor principal de motivação da agressividade: existe amiudo discordancia e dissociação entre as condutas agressivas e o comportamento alimentar. Este depende do jogo dos mecanismos homeostáticos (3). Aquelas são função da história do indivíduo, do seu passado, daquilo que viveu.

Somos portanto levados a perguntar, mais uma vez, se o génio diabólico do poder não será manipular os homens, estender-lhes armadilhas, fazer-lhes tomar por necessidade biológica o que é fenómeno histórico, por fatal o acidental

A NATUREZA DA GUERRA

Do problema mal dominado das funções da guerra, poder-se-á passar ao problema ainda mais obscuro da natureza da guerra? Será esta uma doença endémica? Uma crise aguda e periódica? Uma forma ritual de jogo, de loucura colectiva? Uma função que ultrapassa os seus fins?

Ela aparece-nos nas suas motivações profundas como um violento *reequilíbrio*, cuja periodicidade seria função da interferência de dois ritmos relativamente independentes: um ritmo endógeno, ligado ao «regime» das insatisfações, das frustrações, das obrigações da vida social; um ritmo exógeno, iniciado, mantido, amplificado pelo jogo das distorsões entre desenvolvimento económico e demográfico. Um e outro processo ritmado são *cumulativos* e resultam de diversas funções periódicas componentes. A sua sincronização, a sua ressonancia, criariam as condições apropriadas para a manifestação dum *efeito de grupo* (4). Quer dizer: uma transformação psíquica profunda — e mesmo morfológica — dos «indivíduos» que compõem este ou aquele grupo humano histórico.

Este avatar — induzido, no animal, por uma modificação das secreções hormonais — não deixa de recordar aquele que transforma inofensivos grilos numa nuvem de acrídios devastadores. Manifesta-se com predilecção em *áreas gregarígenas* — não faltam no nosso mundo — que conviria então vigiar pela colocação de «captadores» apropriados.

Ritmos e efeitos de grupo são apertadamente condicionados pelo ambiente geopolítico circunvizinho do grupo considerado. Variam dum grupo para outro, actuam uns sobre os outros. Não estão necessáriamente em cadeia. Daí, em resposta aos desafios da história, toda uma escala de reacções, de comportamentos e de atitudes. (Nada mais «desfasado» que o comportamento da França e da Alemanha entre 1936 e 1940).

A hipótese de dois ritmos é apoiada pela observação dos ritmos biológicos *circádicos*.

Ataturk — um grande operador do seu tempo

Estes resultam duma espécie de sincronização entre os ritmos (endógenos) das funções fisiológicas, do relógio biológico e os ritmos (exógenos) da natureza, do relógio solar, da vida social.

A PREVENÇÃO DA GUERRA

Nesta hipótese, a prevenção a longo prazo das guerras devia exercer-se em três níveis, em cada um dos ritmos em particular:

1) Apagando e canalizando o fluxo das insatisfações, das frustrações e das obrigações;

2) Regularizando as grandes funções do corpo social: repartição dos produtos, constituição de reservas, «contrôle» dos nascimentos, etc.;

3) Dessincronizando os 2 ritmos para evitar, na medida do possível, a sua interferência.

Os efeitos desta prevenção só se exerciam a longo prazo, e poder-se-ia imaginar um segundo ponto de ataque: substituir temporáriamente a guerra paleolítica (por armas clássicas ou nucleares) por formas «evoluídas». Isto não é utopia. Os governantes vêem-se obrigados, desde a era atómica, a uma revisão desgarradora do conceito de guerra. É o realismo e não o idealismo que os força a imaginar novos combates, apropriados a desempenhar as funções da guerra tradicional.

Tratar-se-ia, de certo modo, de institucionalizar formas de substituição. Umas aparecem mais adaptadas: guerras económicas, ideológicas, tecnológicas, linguísticas... Outras como verdadeiras formas transferidas: guerras *simuladas*, semelhantes ás dos jogos de empreendimento; guerras *formais*, análogas ás que os animais da mesma espécie travam entre si, quando há disputas de territórios, de alimentação, ou de fêmeas; guerras *simbólicas* inspiradas nos combates dos Horácios e dos Curiácios... Para um moralista lucido, não poderia existir mais delicada satisfação que ver o monstro frio do poder curvado á moral, ao ideal, e mesmo á «utopia», não pelas homélias do costume, mas pela pressão dos factos.

Quem não vê, no entanto, que — mesmo baseada em noções científicas menos sumárias e fragmentadas — a profilaxia das epidemias guerreiras passa por um desfiladeiro inacessível, um passo do diabo: o «contrôle» das soberanias nacionais. («Contrôle» de baixo para cima pelo povo chamado soberano; «contrôle» de cima para baixo pelas instancias chamadas supranacionais). A *realidade* mais cedo ou mais tarde impor-se-á. Cedo ou tarde... pode ser bastante demorado em relação á sobrevivência da espécie Daqui a necessidade de pontos de referência, de substituições, de mediações. Seria, sem duvida, uma «internacional de cientistas», aqui e agora, o instrumento menos inadequado para iniciar o movimento.

A menos que..., a menos que a guerra seja a «festa fantástica, para sempre permanecendo como o espelho, a máscara e a medida da miséria do «macaco nu».

---

(1) «Le Monde», de 26 de Setembro de 1968.

(2) «Combats, débats et jeux» (Dunod, Paris, 1967).

(3) Mecanismos reguladores que mantêm no seu valor normal as constantes fisiológicas do organismo.

(4) O estudo dos efeitos de grupo, *em biologia animal, esclarece com nova luz singular e indirecta o comportamento humano. a) Nos insectos, sociais (que, isolados, não sobrevivem), o efeito de grupo é tão forte que um formigueiro, uma colmeia, uma termiteira, evocam mais, segundo Rémy Chauvin, um organismo que uma sociedade. (Sabe-se que a coordenação do trabalho nestas faz pensar numa verdadeira* interconexão *dos cérebros individuais. b) Muitos animais segregam substancias, verdadeiros sinais químicos, que induzem nos seus congéneres um certo comportamento. Deste modo os sinais emitidos pela rainha inibem o ovário das abelhas obreiras. c) O efeito de grupo bruto mais impressionante (proliferação, inter-acção, atracção, limitação) é o que se apodera, em certas épocas, dos gafanhotos ou de certos mafíferos, os lemmings. Esta «passagem ao frenesi» vai até ao suicídio colectivo. Não deixa de evocar as multidões histéricas de Nuremberga.*

A hiper-actividade e a hipertrofia das glandulas supra-renais parece desempenhar um grande papel na maior parte dos efeitos de grupo.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

«GRALHA» NA MORTE DE UM HOMEM

O telefone na minha secretária. O telefone, o frasco da cola, a tesoura. A tesoura, o papel, o cinzeiro. E as vozes dos meus camaradas, as teclas das máquinas de escrever, o acordeão lá em baixo na rua. As horas também, as horas também no relógio de pulso, as horas rápidas da manhã no jornal. Tudo tão confuso tudo uma coisa só, tudo tão só um objecto, que apetece atirar com tudo pela janela fora...

— Título a quantas colunas?

— A uma. Três linhas.

As vozes dos meus camaradas, vozes indiferentes, tratando de outros casos, e eu escrevendo o caso que o dia me ofereceu, o dia-a-dia, esta profissão. Sempre um homem que fica debaixo do comboio, não se sabe bem como, talvez na passagem de nível, talvez na distracção da vida. Um homem reduzido a palavras gastas, sempre as mesmas, chapa ganha, chapa batida.

— Já está?

— Já.

O telefone, o frasco da cola, a tesoura — e os tipógrafos lá dentro, fato azul, certos, mecânicos, fatais. E o morto na tipografia, com nome, morada, profissão, mulher e filhos. Reduzido a três parágrafos de chumbo com uma «gralha» que já não vale a pena emendar: Carlos, Calos.

PEDRO ALVIM

Nota do dia

CONFIANÇA NO FUTURO

O ANO ACABA HOJE. Um acaba, outro começa. É a hora habitual do balanço que cada um faz do que pensa que os outros fizeram ou não fizeram, não sendo muitos, todavia, aqueles que espreitam para dentro de si próprios a tentar recordar-se dos actos ou das omissões altruístas ou egoístas que lhes ficam na sua conta. Mas a memória dos homens é fugidia, o que lá vai lá vai, o mundo não corre ao contrário e o relógio do tempo também não, de modo que, logo ao bater da meia-noite, em vez de olharmos para trás, poderemos muito bem olhar para a frente, não por comodismo, nem por preguiça, mas por salutar decisão de coragem e confiança.

Confiança em quê? Confiança no futuro, antes de mais nada. Desde que o mundo é mundo e que sobre ele o homem corre a sua luta sem interrupção, quantas vitórias se alcançaram, quantos momentos de júbilo se sucederam a horas de desânimo? É o espectáculo sem fim do homem a dominar e a pôr ao seu serviço as forças da própria natureza, os mistérios, os Adamastores de imaginação que tragavam as naus, até à derradeira empresa, esta agora a escaldar, da caminhada para a Lua.

E daí que é que vem? Apeteceria dizer que quem faz o mais faz o menos, se porventura soubéssemos o que é o menos ou o que é o mais. Por onde espreitar? Pelo telescópio para ver o infinitamente distante ou pelo microscópio à espreita do infinitamente pequeno? Procurar a desvenda do grande universo, que pouco a pouco se nos vai revelando, ou pelo contrário, procurar conhecer o outro universo que está dentro de nós e que de nós próprios se esconde?

Esse abismo profundo é que precisa de ser explorado, para nele se encontrarem os recantos onde possa abrigar-se a verdadeira estrela do bom entendimento. Como poderemos pensar no acordo e na colaboração entre os povos se antes disso não formos capazes de estabelecer o acordo e a colaboração entre os homens? Como haveremos de fazer a paz entre os homens se antes disso não ganhar cada um a sua própria paz, olhando as profundezas da sua própria consciência? Quem trava essa luta?

E não obstante, não faltam os apelos. O dia de amanhã, primeiro do ano, será o «Dia da Paz», que se celebra pela segunda vez, por iniciativa do actual Papa Paulo VI, expressa na sua mensagem dirigida «ao mundo católico e a todos os homens de boa vontade». Para tema deste ano, precisamente, propôs o Sumo Pontífice «A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz». Qual paz? Explica-o a encíclica «Populorum progressio»: «O desenvolvimento é o novo nome da paz».

A escolha daquele tema (recordou-o há dias a pastoral do episcopado) «foi naturalmente determinada pelo facto de ocorrer este ano o XX aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada na Assembleia Geral da O. N. U. em 10 de Dezembro de 1948». Houve objecções e reservas a esse documento? Reconhece-as a pastoral, que, todavia, reconhece também que ele «assinala um passo importante no caminho para a organização jurídico-política da comunidade mundial».

As Ideias fazem o seu curso. Os seus pioneiros sofrem habitualmente o labéu de ingénuos e sonhadores, lançado por aqueles que da vida não sabem nem querem ter outro sentido que não seja o prosaico amor dos interesses próprios, tantas vezes suspeitos. Mas eles são a água mole a bater na pedra dura da incompreensão, do egoísmo, no conformismo estropiante. Sonhar é fácil? Às vezes não é. Mas aos que formos capazes de correr essa bela aventura não venham acordar-nos aqueles que só correm vendo diante dos olhos o punhado de feno que lhes servem como engodo.

Rádio Indústrias, Lda.

Informa os seus Clientes e Amigos que nos dias 2, 3 e 4 de Janeiro as suas instalações se encontram encerradas por motivo de balanço.

Brasil quem és tu?

BOMBAS: A CAMINHO DO INFERNO?

RIO DE JANEIRO — DEZEMBRO — (POR GENTILEZA DA VARIG) — **O centro desta cidade foi abalado pela deflagração de uma bomba de alto teor explosivo. A explosão, ouvida num raio de mais de 500 metros, acordou grande parte dos residentes desta zona, nos quais me incluo. Três toneladas de vidro caíram dos edifícios mais próximos à vizinha agência do matutino «Correio da Manhã», na Avenida Rio Branco, e que foi a visada pelos bombistas. Os prédios da Caixa Económica Federal e do Jockey Clube também ficaram danificados pela bomba. Os prejuízos estão avaliados em mais de 2700 contos portugueses. A polícia disse que a bomba tinha mais de uma dúzia de bananas de dinamite. Horas antes, uma bomba de fabricação caseira destruíra a biblioteca e parte do Directório Académico da Faculdade de Ciências Médicas. Os estudantes lançaram um manifesto protestando fortemente contra a violência.**

Horas depois do atentado contra a sucursal do «Correio da Manhã» era ainda perigoso passar pelo local, pois continuavam a desprender-se enormes vidraças e fragmentos dos edifícios adjacentes.

Estes atentados surpreendem o povo brasileiro, pois actos terroristas desta natureza jamais fizeram parte da tradição política do país, segundo sublinham observadores. É certo que desde o século passado o assassínio tem sido uma constante dos bastidores políticos brasileiros, mas essa forma de violência visa apenas a eliminação de um adversário ou de pessoa incómoda para quem manda puxar o gatilho. Agora este terrorismo, sem rosto, é novidade para os brasileiros.

Não se sabe quem são os autores dos atentados que ora visam a esquerda ora visam a direita, parecendo, portanto, indicar que partem de ambos os lados. Até hoje só foi identificado um grupo terrorista: o de Sábado Dinotos, direitista de São Paulo que confessou ter cometido um assalto a um banco e 14 atentados.

A rajada de metralhadora que matou o capitão norte-americano Charles Chandler, ex-combatente no Vietnam, quando se despedia do filho de 9 anos à porta da sua residência, parece ter sido disparada por um extremista das esquerdas. A bomba colocada na Livraria Civilização Brasileira, aqui do Rio, foi aparentemente ali deixada por elementos da extrema-direita.

O Partido Comunista Brasileiro, de Luís Carlos Prestes, é a favor da linha «mobilizar, unir e organizar a classe operária e demais forças patrióticas e democráticas», conforme o seu VI Congresso aprovou no ano passado. No entanto, ramificações deste Partido, constituídas por dissidentes da linha de Moscovo e fervorosos adeptos da linha Maoista, e da guerrilha de Fidel Castro, concordam com este tipo de violência. Eles citam Regis Debray, o jornalista francês preso na Bolívia.

A verdade, porém, é que observadores assinalam que estes actos de terror têm servido mais a direita do que a esquerda, pois os atentados «levam o Governo a reprimir a subversão com maior violência».

Segundo aqui notam, foi a partir do atentado contra Costa e Silva, quando este ainda era apenas candidato a sucessor de Castelo Branco, que no aeroporto de Guararapes, do Recife, matou um almirante e um jornalista, que esta onda de terror se acentuou, ganhando um desenvolvimento que preocupa não só as autoridades como também a população.

Para se fazer uma ideia do que é já o terrorismo no Brasil, desde 1966 houve perto de quarenta explosões, que mataram três pessoas e feriram 266 em diversas cidades do país. São Paulo foi a cidade mais visada, com 17 explosões.

As autoridades descobriram que só durante este ano foram roubados perto de 1500 kg de dinamite, dos quais a Polícia recuperou 485 kg.

ALHEAMENTO

Por considerar que se trata de actos isolados, o Governo Federal não interveio ainda, mantendo-se numa posição de alheamento. Até agora os atentados têm sido tratados como da competência dos governos estaduais e das Polícias dos 22 Estados que compõem este país.

Entretanto, as autoridades não hesitam em considerar responsável pela maior parte dos atentados o ex-deputado Carlos Marighella, um baiano de 57 anos que foi até ao ano passado secretário-político do P. C. B. (de Luís Carlos Prestes). Marighella rompeu com o P. C. B. para poder apoiar livremente as teses cubanas sobre o movimento de guerrilhas. Os polícias não pensam duas vezes para dizerem que Marighella é o responsável pelos atentados e pelos assaltos a bancos e a combolos-correios que se têm verificado, lançando uma verdadeira caça ao homem por todo o Brasil em busca desse amigo de Jorge Amado, forçado desta forma a viver na clandestinidade.

Gente de todas as etnias cruza-se nas ruas das grandes metrópoles brasileiras

Para onde o terrorismo levará o Brasil? O deputado do M. D. B. tem um desabafo que poderá ser a resposta: «Para mim, o terrorismo levar-nos-á ao Inferno».

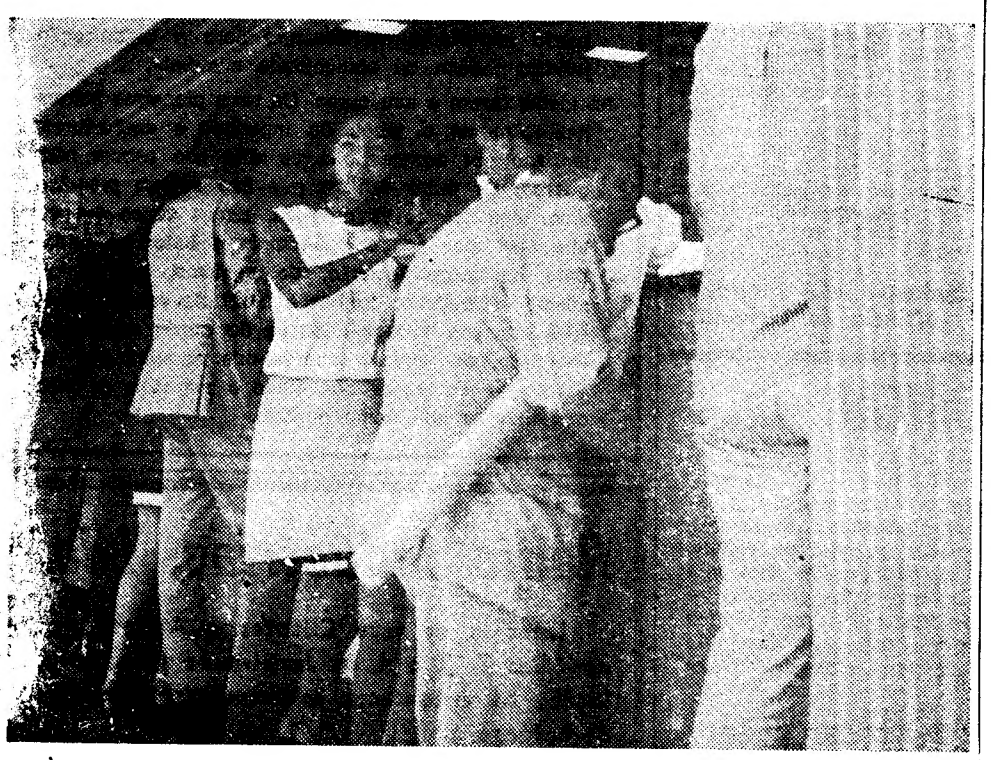
A SEGUIR:

Igreja para onde vais?

ALGURES NO MUNDO

UM REPÓRTER DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Joaquim Letria



O cafézinho (e do bom) é um dos vícios do carioca

MONTEPIO GERAL

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Anuncia a inauguração das instalações provisórias da sua DEPENDÊNCIA EM CAMPO DE OURIQUE, na Rua Almeida e Sousa, 18, no dia 2 de Janeiro de 1969

RESTAUROS
JOALHARIA TIARA
R. DO OURO, 232
T. 30231
Executam-se com a máxima perfeição em leques, porcelanas, marfins, imagens de madeira etc. Orçamentos grátis

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FANTÁSTICA ILHA DE PÁSCOA
por Francis Mazière
Uma retrospectiva de séculos, a busca extenuante, por vezes através da lenda, da verdade desta terra hoje maldita
Colecção ENIGMAS DE TODOS OS TEMPOS
Volume de 332 páginas com ilustrações: 75$00
LIVRARIA BERTRAND

NOVO CASINO ESTORIL

REVEILLON com

ELLEN DE LIMA
THE ELWARDO'S
DORISS GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO OS "SHEIKS"
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

No Salão Restaurante (Trajo de noite) Entrada 400$00 com direito a ceia ou 300$00 com direito a 100$00 de consumo. O show começa às 0 horas M/17

No Wonder BAR Entrada 300$00 com direito a 100$00 de consumo. O show começa à 1 e 30. M/21

No Bar Americano Entrada 150$00 com direito a 50$00 de consumo.

TAXAS E IMPOSTOS NÃO INCLUIDOS

A reserva de mesas só é respeitada até as 24 horas do dia 30

LOTAÇÃO ESGOTADA
No Salão Restaurante e no «Wonder-Bar»

NOS PALCOS DO MUNDO

Estreou-se no «Teatro Maravillas», de Madrid, a nova peça de Alfonso Paso «Viuva Ela, Viuvo Ele», em cujo elenco figuram Florinda Chico, José Borato, Mara Goyanes e Pedro Valentin.

*

No «Teatro Delle Arti», de Roma, Peppino de Filippo alcança êxito com a obra de que é autor, «Il Piccolo Campo», de carácter um tanto filosófico e ateu.

*

A peça de T. S. Eliot, «The Cocktail Party», foi reposta com grande exito, num teatro da Broadway.

*

Conchita Montes, que se apresentou no «Teatro Barcelona», de Madrid, com Vicente Parra e Fernando Delgado para representar a peça «El Amante Complaciente», de Graham Greene, adaptada por José Maria Peman, vai a Valência e Saragoça e em Março reaparece num teatro de Madrid ainda não designado.

*

Lili Murati vai formar, em Julho, nova companhia, para representar por toda a Espanha a comédia de Alfonso Paso «Esta Monja».

AO FERRO VELHO
BOITE

COMUNICA QUE SE ENCONTRA HOJE ABERTO PARA A PASSAGEM DO ANO.

RUA EDUARDO BURNAY, 9 C
ERICEIRA

Teatro Laura Alves
—HOJE— ESTREIA às 21 e 23 Horas
(Adultos) Telef. 864756
VASCO MORGADO APRESENTA
«UM ESPECTACULO DE PALPITANTE INTERESSE»
Tradução de BOTELHO DA SILVA
A famosa peça de ÊXITO MUNDIAL baseada na obra «BILLY LAIR»

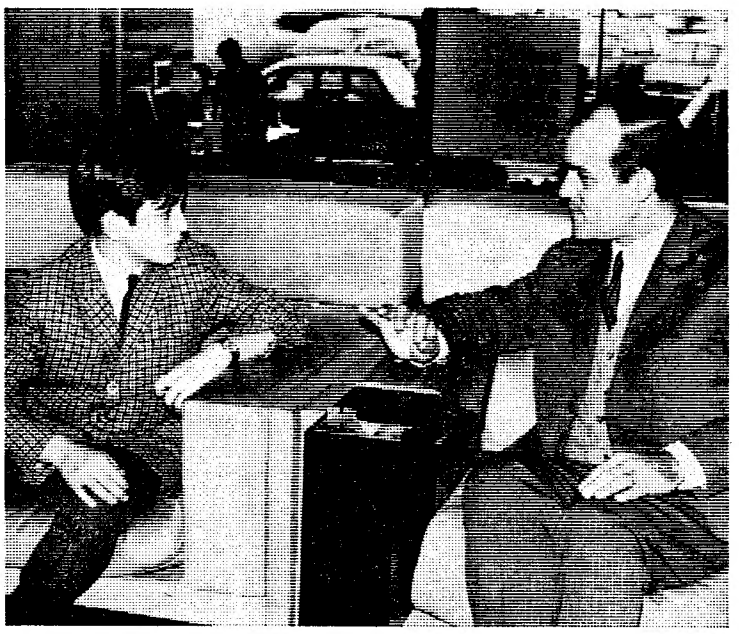
O JOVEM MENTIROSO
COM BRUNILDE JÚDICE RUI DE CARVALHO
MANUELA MARIA
CÉLIA DE SOUSA
FERNANDA FIGUEIREDO
BENJAMIM FALCÃO
E O PAR REVELAÇÃO
ENCENAÇÃO DE JACINTO RAMOS
CENAS DE JOÃO VIEIRA
GUIDA MARIA e VASCO MORGADO JR.
A HISTÓRIA DE UM JOVEM E O SEU MUNDO DE FANTASIA DE HOJE
TODAS AS NOITES SEMPRE 2 SESSÕES
AMANHÃ, á TARDE, ás 16 h. e 2 SESSÕES, ás 21 e 23 h.

HOTEL EMBAIXADOR
TRADICIONAL «RÉVEILLON» COM UM MAGNÍFICO «SHOW»
LIMA KIM
LEO BASSY • CARLOS BARRA
BONJOUR PARIS SHOW

PREÇOS: **Restaurante e boite** — Ceia, com reserva de mesa, 300$00. (Taxas e impostos não incluídos). No **Rés-do-chão** — Entrada 150$00 (com direito a 50$00 de bebidas, acrescidos das taxas regulamentares)
17 ANOS

NO DIA DE ANO NOVO
Jantares com ementa especial ao preço de 130$00. (Taxas e impostos não incluídos)

Conta juventude
Conheça esta fórmula nova para o seu futuro!



A **Conta Juventude**, criada em Portugal pelo Banco do Alentejo, é de facto uma fórmula nova. Engloba todos os jovens a partir dos 11 anos, estudantes do Ensino Liceal e Técnico ou empregados.

Nela, vencendo juros, pode depositar o dinheiro de ofertas de família, honorários de lições ou outros trabalhos, etc. Terá o seu livro de cheques.

Mas a Conta Juventude ainda lhe proporciona uma vantagem excepcional:

A concessão, no último ano dos cursos médios, de créditos adequados, com os quais poderá fazer viagens de estudo ou seguir cursos especializados.

Abra no Banco do Alentejo (Sede, Filial ou Agências) uma **Conta Juventude** — uma Conta de hoje por conta do futuro.

CONTAS NOVAS PARA GENTE NOVA

BANCO DO ALENTEJO
AV. DA REPÚBLICA, 3 — LISBOA (AO SALDANHA)

ROMA

HOJE ÀS 21,45
(ADULTOS)

A MAIS ESPANTOSA COMÉDIA DA TEMPORADA!

EM 2.ª SEMANA

VITTORIO GASSMAN
ANN MARGRET

UM FILME DE **DINO RISI**

O PROFETA

DOPERFILME

TECHNICOLOR

RÉVEILLON • LOTAÇÃO ESGOTADA

NÃO SE VENDEM SENHAS PARA BAILE

SÃO LUIZ

Tem a honra de apresentar

X FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE

de colaboração com **GALAS KARSENTY-HERBERT**

UM PROGRAMA EXCEPCIONAL

Comemorativo do 10.º aniversário das temporadas regulares de Teatro Francês

OS MAIORES CARTAZES DOS GRANDES TEATROS DE PARIS

AUTORES, PEÇAS e ARTISTAS SENSACIONAIS num conjunto de interesse e de invulgar categoria

6 COMPANHIAS DIFERENTES • 6 PEÇAS

12 ESPECTÁCULOS (Entre Janeiro e Maio)

CADA PEÇA SERÁ REPRESENTADA DUAS VEZES: DE TARDE E À NOITE

2.ª-Feira, 20 de Janeiro (Tarde e noite) — **FANNY** — de MARCEL PAGNOL com **Henry Vilbert, Lucien Barjon** e **Catherine Rouvel**	**2.ª-Feira, 3 de Fevereiro** (Tarde e noite) **COMME AU THÉATRE** de FRANÇOISE DORIN com **Martine Sarcey, Renaud Mary** e **Michel Roux**
2.ª-Feira, 10 de Fevereiro (Tarde e noite) **LE CHEVAL ÉVANOUI e L'ECHARDE** de FRANÇOISE SAGAN com **Jacques François**	**4.ª-Feira, 23 de Abril** (Tarde e noite) **INTERDIT AU PUBLIC** de JEAN MARSAN com **Jean le Poulain, Micheline Dax** e **Jacques Bodoin**
4.ª-Feira, 30 de Abril (Tarde e noite) **PYGMALION** de G BERNARD SHAW com **Pierre Vaneck, Alfred Adam, Mary Dea** e **E. Dondry**	**2.ª-Feira, 5 de Maio** (Tarde e noite) **UN JOUR, J'AI RECONTRÉ LA VERITÉ** de FELICIEN MARCEAU com **François Périer** e **Geneviève Brunet**

TODAS AS PEÇAS REPRESENTADAS NAS SUAS VERSÕES INTEGRAIS, SÃO PARA ADULTOS, COM EXCEPÇÃO DE «PYGMALION», QUE É PARA MAIORES DE 12 ANOS

INDICAÇÕES IMPORTANTES

Para estes espectáculos do Teatro Francês, as bilheteiras, de 2 a 5, em 7 e 8 e a 9 de Janeiro, funcionarão **exclusivamente** das 10 ás 14 e das 8.30 ás 20 h.

Fora das horas indicadas as bilheteiras funcionarão exclusivamente para os espectáculos cinematográficos

DIAS 2, 3, 4 e 5 de JANEIRO: **ANTIGOS ASSINANTES**

DIAS 7 e 8 de JANEIRO: **NOVOS ASSINANTES**

A PARTIR DAS 10 HORAS DE 9 DE JANEIRO:
VENDA LIVRE PARA TODOS OS ESPECTÁCULOS

AVISO — Por «Antigos Assinantes» entendem-se os srs. espectadores que tiveram assinaturas na ÚLTIMA TEMPORADA e aos quais são garantidos os mesmos lugares desde que sejam levantados nos primeiros 4 dias do presente calendário da bilheteira.

— Peçam na bilheteira o programa destes espectáculos —

AVIZ E ODEON

TALMA FILMES
M/ 12 anos

DIVERTIDA COMÉDIA SENTIMENTAL!

3.ª SEMANA

MARISOL

marisol e o toureiro
eastmancolor

OS MAIS BELOS MOMENTOS DE TOURADA COM O FENÓMENO DO TOUREIO ESPANHOL!

PALOMO LINARES

• FOI UM ENORME ÊXITO
A ESTREIA, ONTEM, NO
• MARIA VITÓRIA •

ADULTOS

DA GRANDE VEDETA FRANCESA

• MAY AVRIL •

COMO ATRACÇÃO DA TRIUNFANTE REVISTA

• GRANDE POETA É O ZÉ!... •

UM ESPECTÁCULO DE ALEGRIA E GARGALHADA, COM

• SALVADOR • VIANA • MARIEMA •
• MAX • ANITA • DORA • VIT. MENDES

À FRENTE DE UMA EXTRAORDINÁRIA COMPANHIA!

MAY AVRIL

• Todas as noites, às 20.45 e 23 h. • Amanhã, «matinée», às 16 h.

CIDLA/TESOURARIA

Para efeitos de Balanço e como habitualmente, não estará aberta ao público a Tesouraria da CIDLA desde 2 a 7 do mês de Janeiro de 1969.

«CLICK! JÁ ESTÁ» NO TEATRO MONUMENTAL

No Monumental estreou-se ontem a nova revista «Click, já está», que há muito tempo se encontrava anunciada. Com poema de Badaró e música de José Mesquita, o novo espectáculo musical tem o seu principal motivo de atracção no «ballet» de Alfredo Alária um agrupamento que o público português já conhecia da sua exibição no mesmo teatro, há alguns anos e da recente actuação no Casino Estoril.

De um modo geral, «Click, já está» constitui um espectáculo desequilibrado e realmente pobre, com um poema descolorido, sem graça e quase sempre enfadonho. Não basta a boa vontade de Badaró, que se multiplica, sem vivacidade em vários números da revista, nem pequenos apontamentos de alguns intérpretes (Carlos Gonçalves e António Anjos em «Conversas de Jardim», por exemplo), nem sequer a voz de Simone de Oliveira, cuja qualidade continua ao serviço de músicas e letras vulgares, de um romantismo primário e fora de moda. Não chega mesmo o talento, uma vez mais desperdiçado, da que pensamos poder vir á ser uma das melhores actrizes do nosso teatro ligeiro: Delfina Cruz. O «ballet» de Alária que pode fàcilmente colocar-se ao nível do teatro que é usual apresentar-se nestes espectáculos, peca, algumas vezes, por tentar ir além das suas possibilidades: isso aconteceu sobretudo em «Cinderela», um arremedo de «ballet» clássico muito mal dançado. Em «História da minha vida» Alária recorre a um fácil e espectacular jogo de luzes e efeitos visuais, de resultado truculento e de êxito assegurado junto de um certo público. «A dama das Camélias», dançado por Alária com a colaboração de Nina Braccio, é realmente um exemplo de mau gosto. O último bailado do artista argentino, que repete um tema já antigo, de erotismo demasiado gritado e superficial, é no entanto, a melhor realização do «ballet», pela coreografia cuidada e pela agradável movimentação.

O que mais impressiona no espectáculo é a falta de unidade: de modo nenhum o poema de Badaró consegue alguma vez encontrar um pretexto de ligação com as intervenções de Alfredo Alária, que exigiriam números de estilo muito mais vivo e com muito mais ritmo.

Além dos actores já citados colaboram ainda nesta nova produção de Vasco Morgado (com direcção de Badaró e montagem de Pinto de Campos) alguns nomes mais ou menos conhecidos no nosso teatro ligeiro: Africa Prats (cujo único atractivo continua a ser a sua perturbante beleza), Carlos José Teixeira, Linda Silva, Marília Gama, Maria Tavares, Maria Antónia e Costa Vaz.

Uma equipa de seis artistas, encabeçada por Mário Alberto, encarregou-se das maquetas dos cenários, concebidos no plano habitual, sem grandes preocupações, mas com alguma elegância.

JOAQUIM BENITE

Atrás do Reposteiro

- O actor-empresário Igrejas Caeiro pensa inaugurar o seu novo teatro no próximo mês de Abril. A primeira artista convidada parece ter sido Laura Alves, dependendo agora da sua opinião a escolha da peça de estreia.
- É muito provável que a companhia do teatro Maria Vitória parta para o Porto, no fim do próximo mês, a fim de apresentar no Sá da Bandeira a revista «Grande Povo, é o Zé».
- Entretanto principiaram já os ensaios da nova revista «Mãos á obra», que deve subir á cena no sábado de Aleluia.
- Está definitivamente marcada para o dia 10 de Janeiro a estreia do teatro ABC.
- Fixou residência em Lisboa a artista Elisa Carreira.

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, às 21 e às 23 h.
AMANHÃ MATINÉE às 16 horas
ADULTOS

AR CONDICIONADO
TELEF. 53 85 86
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

DISSE A CRÍTICA:
Solnado cria um grande papel, dos maiores da sua carreira, e assume-se como actor de uma dimensão que não é aquela a que deve a sua popularidade.
DIÁRIO POPULAR

RAUL SOLNADO

NA COMÉDIA
A PREGUIÇA
Dirigida por
M. HELENA MATOS
com
FERNANDA BORSATTI — ALINA VAZ — MÁRIO JACQUES — ANTÓNIO MONTEZ — DAVID SILVA
UM ESPECTÁCULO QUE DIA A DIA SE TORNA MAIS POPULAR

O SENSO DO BOM GOSTO

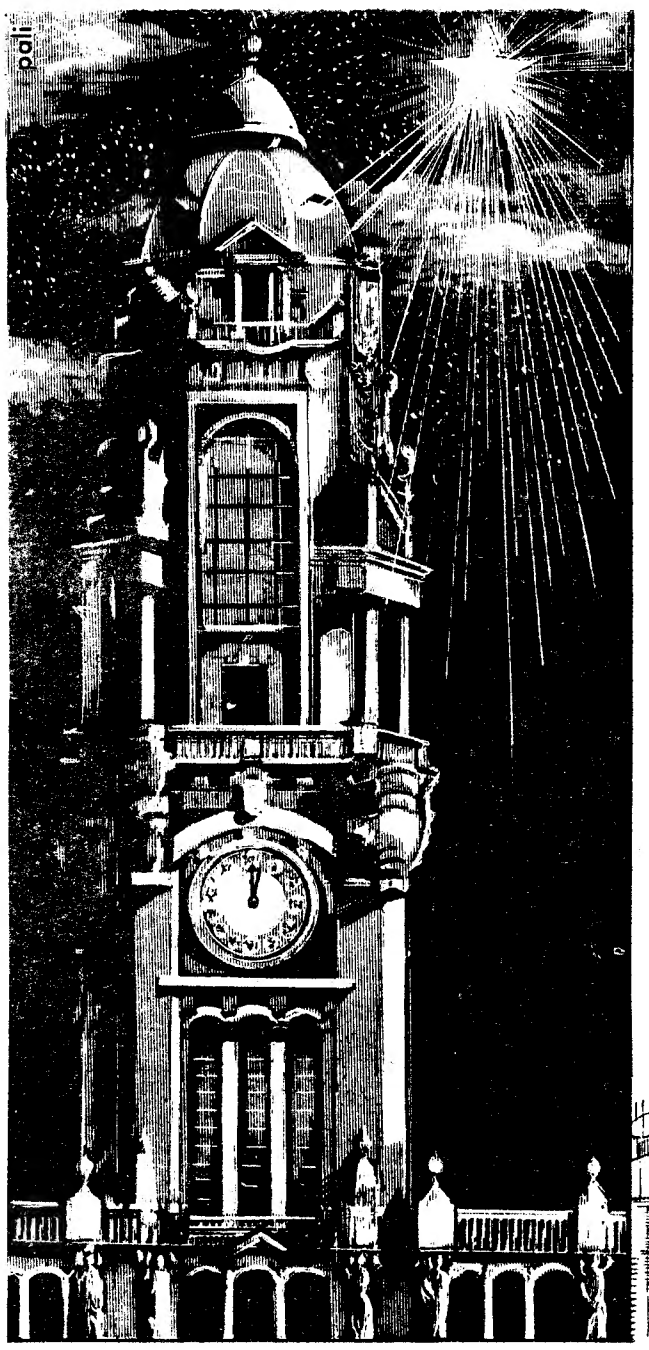
PORTO
GONZALEZ BYASS
DISTRIBUIDORES PARA O CENTRO E SUL DO PAÍS:
REPRESENTAÇÕES MADRIGAL
R. DE S. PAULO, 29-2.º-E.
TELEFS. 32 62 85 - 32 54 08
LISBOA

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
HOJE, às 21.30 h.
M/17 anos
TANGO
de Slawomir Mrozek
tradução de Fernando Fragoso
AMANHÃ — TARDE ÀS 16 HORAS
Sábado e Domingo — Tarde às 16 horas

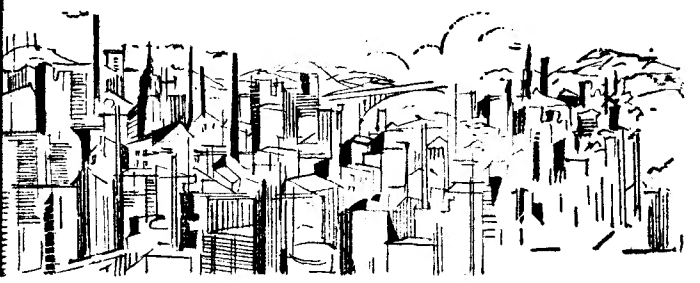
●● HOJE, 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H. ●●

4. MÊS

RIA COM GOSTO
O AMOR-68
UMA FANTÁSTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
NOVO ÊXITO DA C. TEATRO ALEGRE
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
Adultos)
com
HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS
Dir. plástica de F. RELÓGIO
Encenação de MARIA HELENA
AMANHÃ, ÀS 16 — 20.45 e 23 H.



1969
ESPERANÇA
E
CONFIANÇA



Esperamos e confiamos que a primeira badalada de 1969 marque o início dum futuro progressivo cheio de prosperidades para todos os portugueses.

BPM
ANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES
COM TODAS AS SUAS AGÊNCIAS, DEPENDÊNCIAS E CORRESPONDENTES

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES, ÀS 20.30 e 23.30 H.
T. 555.133 (ADULTOS)

O MONUMENTAL «RÉVEILLON» 1968

UM ELENCO de ESTRELAS

UM SENSACIONAL PROGRAMA

CLICK! JÁ ESTÁ

A FANTASIA musical com a presença do fabuloso artista de fama mundial

ALFREDO ALARIA

Dir. musical de JOSÉ MESQUITA

Uma realização de GRAÇA LUXO e FANTASIA

e ainda a especial interpretação de NINA BRACCIO com O BALLET DE ALFREDO ALARIA

no comando da gargalhada
BADARÓ
AFRICA PRATS
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
ANTÓNIO ANJOS
LINDA SILVA
DELFINA CRUZ
o atracção nacional
SIMONE DE OLIVEIRA

BAILE ATÉ DE MADRUGADA PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES com Conjuntos TONIPRIANO TROPICAL e QUINTETO ACADÉMICO + 2

AMANHÃ, 3 ESPECTÁCULOS AS 16, 20.45 e 23 H.

TAUROMAQUIA

As corridas de fim de ano em Lourenço Marques

Por ocasião das festas de fim de ano, tão largamente concorridas de forasteiros, principalmente da Africa do Sul e da Rodésia, efectuaram-se na Monumental de Lourenço Marques três corridas de touros, que constituiram magnífica propaganda da festa de touros, em especial das corridas á portuguesa.

A contribuição dos estrangeiros é, sob o aspecto económico, de nítida importancia na realização destes espectáculos. O seu vibrante entusiasmo e o interesse com que acompanham todas as fases da lide, emprestam ás bancadas colorido e animação invulgares.

Mestre Baptista, o toureiro que até hoje maior numero de vezes actuou no tauródromo laurentino, é o ídolo da «aficion» moçambicana e o maior cartaz tauromáquico sul-africano.

Baptista exibiu-se com grande êxito nas três corridas, o mesmo acontecendo com Alfredo Conde, em duas, e o «espada» Mário Coelho, em outras tantas. Registe-se, ainda, a participação do espanhol Curro Alvarez e dos forcados amadores de Lourenço Marques, estes sempre muito ovacionados.

O tempo esplêndido contribuiu também para a boa entrada de publico que a praça sempre registou, quase esgotando a lotação na ultima corrida.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Ultimam-se os preparativos para a abertura do novo restaurante típico «Taverna de El-Rey», em pleno coração de Alfama.
- Vai gravar um novo disco o artista Tony de Matos.

Manhã na praça

FIM-DE-ANO

Colhemos, pela última vez no ano que finda, os preços registados no mercado. Terminámos com o de 24 de Julho, ainda o mais importante da capital, pelo seu espaço e duplas funções de retalhista e abastecedor

Bem fornecido, não registava a frequência que seria de esperar nesta época. Por troça, disse-nos a mulherzinha que vendia couve-flor:

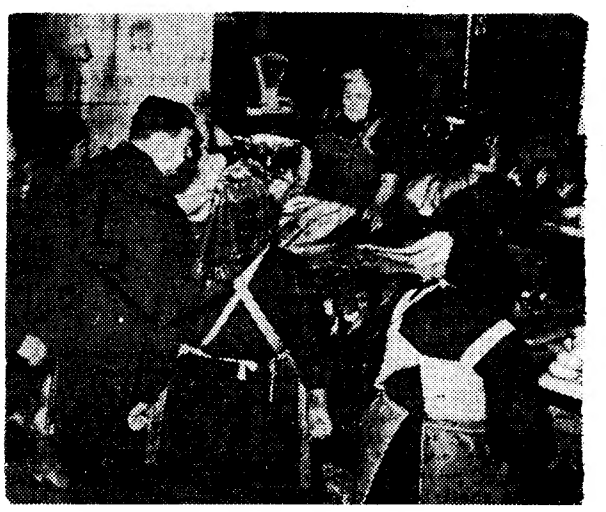
— Oh! Sim, vende-se bem. Até fazem bicha!

Se a couve-flor chegava para satisfazer uma bicha, inexistente, os ovos não abasteceriam uma dúzia de famílias.

Esgotaram-se os ovos. Muito doce se deve ter comido nos últimos dias! Só um vendedor os tinha à venda, a 16$00 e 17$00.

— A falta verifica-se em toda a parte — afirmou o vendedor.

O mais importante porém que nos aconteceu neste



O Mercado da Ribeira em vésperas de fim-de-ano

fecho do ano de visitas ao mercado foi a interpelação de um vendedor de hortaliça:

— Então, lá se vai mais um ano sem que tenhamos um dia de folga!

— Tenho falado nesse assunto, mas até agora... nada!

E o vendedor:

— Todos os operários têm direito a um dia de descanso e nós não. Porquê? Nós e os trabalhadores rurais. Para que os mercados possam ser abastecidos á segunda-feira é preciso que o trabalhador rural trabalhe ao domingo. Não é justo. E que falta fazia se os mercados fechassem à segunda? Uma coisa que não percebo é a razão por que o mercado abastecedor de frutas pode fechar à segunda, os talhos também, e a nós não é permitido... Só dá prejuízo! Há sempre muitas faltas. Isso faz com que seja preciso mais pessoal. Então não era melhor que folgassem todos num dia certo?

Deixámos o vendedor falar. Iamos dizendo: «Pois claro!», «Tem muita razão», etc., para que se não quebrasse o fio das suas justas reivindicações. E como é fim do ano, altura de formular votos, desejámos-lhe:

— Oxalá que no próximo ano consigam obter o tão almejado dia de folga!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos a couve-flor, a 3$50, 5$00 e 10$00; a couve lombarda, a 3$00, 6$00 e 7$00; a couve portuguesa, 5$00; a cabeça de alho francês, a 1$00 e 1$50; a alface, a 1$50 e 3$00; o nabo, a 1$00; e a chicória, a 2$00 e 3$00.

O quilo da batata estava a 2$10; da batata-doce, a 2$50; da cebola, a 3$20 e 3$40; da abóbora, a 2$00; da ervilha de grão, a 2$00; da cenoura, a 2$50 e 3$00; da azeitona, a 6$00, 7$00, 8$00 e 12$00; dos alhos, a 12$00; das nozes, a 2$20; e da castanha, a 2$00.

O molho dos grelos vendia-se a 9$00; da beterraba, a 6$00; dos brócolos, a 15$00; dos espinafres, a 15$00; e das nabiças, a 12$50.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo do frango vivo vendia-se a 21$00; morto, a 23$00; e limpo a 26$00; a galinha viva estava a 19$00; morta, a 21$00; e limpa, a 25$00 e 26$00.

Quanto ao peru vimo-lo vivo a 31$00 e morto, a 33$00. O coelho vivo estava a 26$00 o quilo; cada coelho bravo, a 31$00; e a perdiz, a 26$00. A dúzia dos ovos estava marcada a 16$00 e 17$00.

FRUTA

O mercado registava abundância de ananás, habitual nesta época. Ananás de várias proveniências e diversos preços: 13$70, 15$00 e 26$00.

Vimos o quilo da laranja a 6$50; da tangerina, a 7$80; do pêro, a 13$00; da maçã reineta, a 13$00; das bananas, a 10$00 e 13$00; do pêro «golden», a 12$00 e 14$00; das uvas, a 45$00; da romã, a 9$00; do limão, a 9$00; e das pêras, a 13$00.

FLORES

A dúzia dos cravos vendia-se a 60$00; das camélias, a 30$00; das rosas, 70$00; o molho das orquídeas, a 25$00; das violetas, a 2$50; e dos junquilhos, a 12$50.

DONA DE CASA

MARTINS CABELEIREIRO

«CENTRO ARTÍSTICO DE PENTEADO»

AVEN. DEFENSORES DE CHAVES, 31, 1.º, D.º — TELS.: 48933-56753-735626

e sua equipa de colaboradores apresentam respeitosos cumprimentos a todas as suas Ex.mas Clientes desejando-lhes FESTAS FELIZES

FILIAL DO SALÃO ÁVILA — ABERTO EM CASCAIS

RUA DA SAUDADE, 20-1.º — TELEFONE: 282681

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

RESTAURANTE TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto ao Monumental)
Tel. 536080
AMANHÃ
Ementa especial

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
ESPECIALIDADE EM BOLO-REI
AMADORA—Telef. 939191/2
QUELUZ—Telef. 951611

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (ao Campo Grande)
RÉVEILLON 1968/69
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 79 02 11
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Parque para automóveis (Maiores de 15 anos)

MONTE ALTO
R. Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES LANCHES DE CASAMENTO

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23, 27, — Telef. 585203
Salas no 1.º andar para banquetes e casamentos
ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. Saraiva de Carvalho, 145-A
Telefs.: 6 72 29 - 66 65 32

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55 - 57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone: 53 07 58

RESTAURANTE TRINDADE
Rua Nova da Trindade, 10-10 A
Tel. 32 35 56
O SEU RESTAURANTE
Esmerado serviço de cozinha portuguesa
Todos os dias pratos variados

O Gigante CAFÉ-RESTAURANTE
SNACK-BAR, BILHARES E PASTELARIA

Participa aos Ex.mos Clientes que inaugurou o seu serviço de ceias.

Dia de ANO NOVO, almoços e jantares com ementa especial e ainda as famosas ESPECIALIDADES GOESAS

Cumprimenta os Amigos e Clientes, desejando-lhes FESTAS FELIZES.

Rua Ferreira Borges, 62-66 — LISBOA — Telef. 67 74 63

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
Podem assistir crianças a partir dos 6 anos
VÉSPERA DE ANO NOVO — GRANDIOSA E DIVERTIDA NOITE DE S. SILVESTRE
Atracções de categoria
CIRCO
Espectáculo das multidões
Luz! Alegria! Cor!
AMANHÃ
DIA DE ANO NOVO
2 Espectáculos à tarde 2 às 14.30 e 17.15
Entrada gratuita às crianças até 10 anos
— Bilhetes à venda —

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, ás 21.45 h.
O T. N. P. subs. pelo Fundo do Teatro apresenta em ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
A TORRE E O GALINHEIRO
com RIBEIRINHO no protagonista
— 12 ANOS —

AGUARDENTE VELHA Nicepoort a prova está na prova

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Nos responsáveis pela morte em Coimbra da jovem de Castro Daire inclui-se uma parteira

COIMBRA, 31 — O «Diário de Lisboa» referiu-se largamente ao caso, cujo processo, organizado pela Polícia Judiciária, está em via de conclusão para ser enviado ao Tribunal competente:

No dia 8 de Novembro ultimo trouxeram para uma clínica desta cidade, onde chegou já morta, Maria Carolina Pinto da Cruz e Sousa, natural de Castro Daire, e ali residente. Dadas as circunstancias anormais do triste acontecimento, desde logo se tornou suspeita a morte da infeliz; e, no decorrer das investigações, a cargo da Inspecção de Coimbra da Polícia Judiciánia, foi localizado e preso, no dia 10 daquele mês, Artur Abrantes, empreiteiro, de Vendas de Galizes, o qual mantinha relações amorosas com a pobre Maria Carolina.

No dia seguinte, foram também presas Beatriz da Conceição Nogueira ou Beatriz da Conceição, parteira, de Nespereira (Guarda) e moradora nesta cidade, e Felisbela Meireles Dinis, de 29 anos, doméstica, natural de Vila Real de Trás-os-Montes, residente na Rua Adelino Veiga, onde a falecida se encontrava na ocasião em que foi conduzida para a clínica por o seu estado de saude ser gravíssimo.

As investigações, quase no termo, como se diz, permitiram já incriminar o empreiteiro e as duas mulheres como responsáveis pela morte da desventurada Maria Carolina, vítima de práticas abortivas consoante o relatório sobre a autópsia feita no Instituto de Medicina Legal.

AOS COSTUMES DISSE NADA

Automóvel, a quanto obrigas...

Possuir automóvel: sonho de quase toda a gente símbolo quotidiano da sociedade de consumo em que vivemos. Mais velocidade, mais comodidade, mais capacidade para circular nos meios sociais. «Diz-me com que automóvel andas, dir-te-ei com quem andas...»

E assim por diante.

Lembremos só que ter automóvel nem sempre traduz mar de rosas e vida despreocupada. Que o diga o sr. Rebelo Pereira, presente no Tribunal de Polícia devido ao facto de um seu automóvel circular só com um farol.

Isto, permitido entre os homens, não se permite lògicamente aos automóveis. O caso agrava-se na medida em que o condutor declarou circular com um farol apenas, há mais de 8 dias ..

Não há apelo nem agravo: o sr Rebelo Pereira tem «de entrar» com a multa. Simplesmente, acontece que o carro já não lhe pertence: vendeu-o. Mas como o carro continua em seu nome, as «avarias» do automobilista caem-lhe todas em cima ..

A afirmação carecia de prova no tribunal. Prova feita, com a documentação à vista A absolvição segue-se como consequência lógica de uma situação em que o reu não pode assumir responsabilidade.

Felizmente para o sr. Rebelo Pereira, o actual proprietário do carro acaba de praticar «mais uma» que levou à apreensão do automóvel por parte da polícia O que levou o calmo juiz a comentar com bonomia:

— Olhe, foi a melhor solução para o senhor, que deixa assim de frequentar este tribunal ..

Vai realizar-se o X Salão de Fotografia da Costa do Sol

Aberto a amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, vai realizar-se no Estoril, mais uma vez, o Salão Internacional de Fotografia.

A entrega de trabalhos — sempre acompanhados do respectivo boletim de inscrição que, para o efeito, poderá ser solicitado pelo correio — deverá ser feita na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque — Estoril).

O Salão abrangerá vários aspectos relativos á zona compreendida no concelho de Cascais e que se relacionem com o interesse turístico do mesmo, trajo popular, pescadores, praias e desportos, como ténis, golfe, hipismo, vela, esqui aquático, tiro a chumbo, equitação, etc.

Só poderão ser admitidas ao salão as obras originais que apresentem boa execução técnica e sentido artístico e não tenham figurado em quaisquer outros salões. Cada concorrente não poderá apresentar a concurso mais de 4 provas.

Todos os concorrentes obrigam-se a autorizar a reprodução dos seus trabalhos e, se necessário, a ceder, por empréstimo, negativos a preto e branco, para uma melhor obtenção de provas para ampliações.

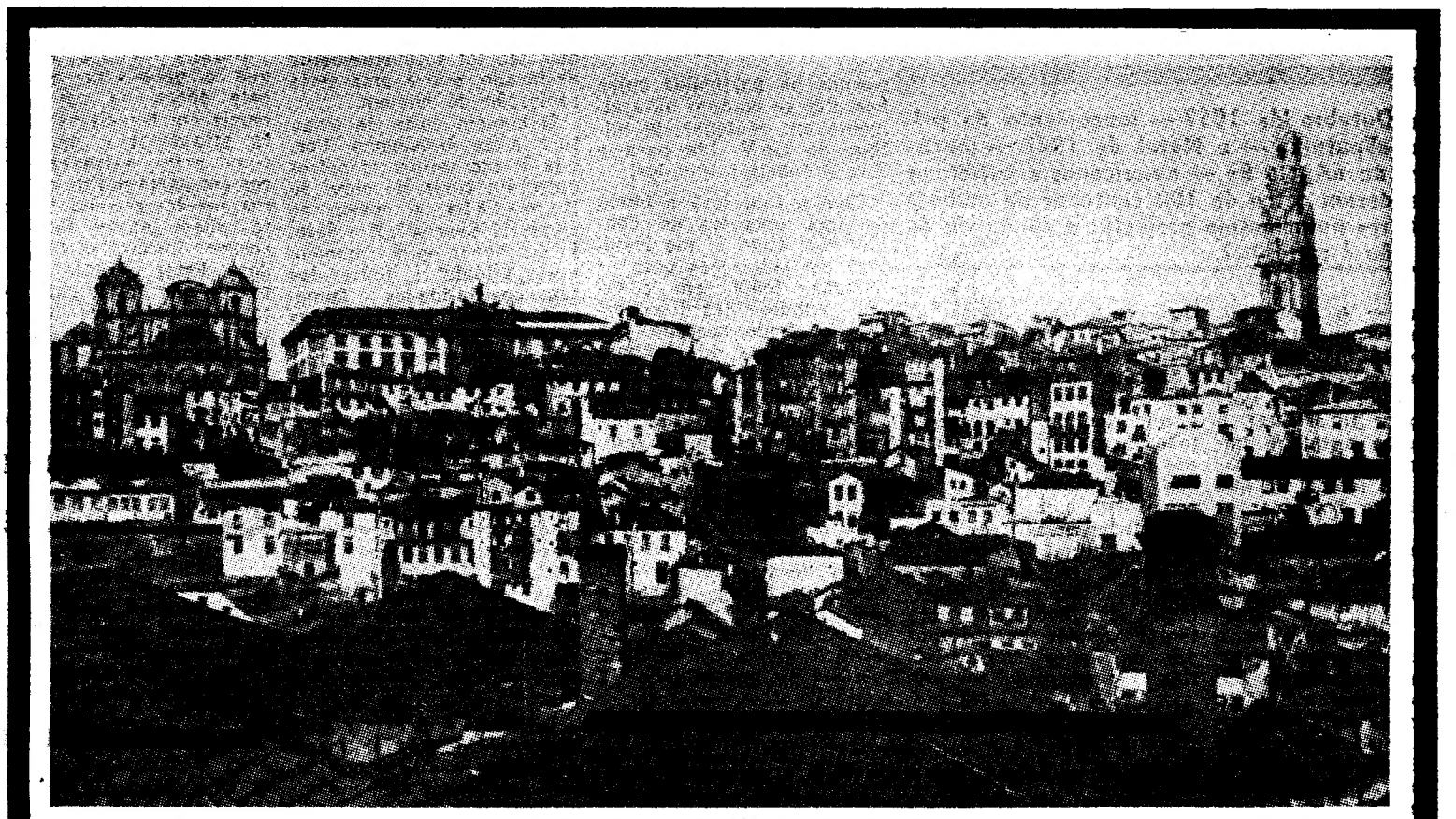
As transparências a cores premiadas ficarão propriedade da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Em data a anunciar serão expostas as provas submetidas ao concurso e que tenham sido admitidas. Haverá um juri para a escolha das fotografias, atribuição dos prémios aos concorrentes e sua classificação. Das deliberações do juri não haverá recurso.

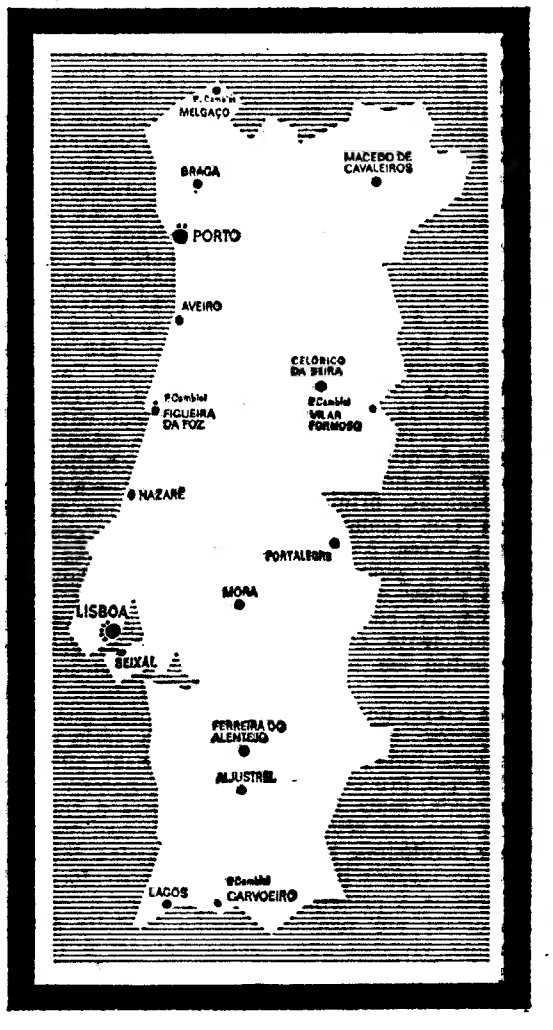
Além dos prémios habituais, o juri poderá conceder ao trabalho de maior interesse turístico a preto e branco ou a cores, entre todos, um grande prémio na importância de 3000$00.

Mercês honoríficas

O sr. general Adelino Mendes Moura dos Santos, governador militar de Lisboa foi condecorado com o grau de comendador da Ordem do Mérito Militar, do Brasil.



para o servir
abrimos agora
a dependência da
PRAÇA DAS FLORES
PORTO



BANCO DA AGRICULTURA

NAS VÉSPERAS do primeiro voo do homem em direcção à Lua, a equipa científica do jornal francês «Le Nouvel Observateur» reuniu em mesa-redonda três eminentes especialistas das questões espaciais: o prof. Hermann Bondi, director-geral da Organização Europeia de Pesquisas Espaciais (E. S. R. O.), Audouin Dollfus, astrónomo do Observatório de Paris, presidente da comissão sobre a Lua da União Astronómica Internacional, e Albert Ducrocq, jornalista e professor no Instituto de Ciências Políticas.

Responderam a diversas perguntas relacionadas com o que podemos chamar a maior aventura do homem. Escolhemos algumas que publicamos hoje, pensando corresponderem a interrogações actuais para os nossos leitores.

A CAMINHO DA LUA

CIÊNCIA

● **Entre Outubro de 1957 — lançamento do primeiro «Sputnik» — e Natal de 1968 — lançamento da «Apolo 8» — americanos e soviéticos despenderam cerca de 100 centenas de milhões de dólares num mesmo projecto: a conquista da Lua. Não é estranho?**

Ducrocq — A nossa humanidade despendeu somas infinitamente maiores com coisas que, creiam, estão longe de valer a Lua. Porquê se quer ir à Lua? É uma questão a que é impossível responder antecipadamente: no tempo em que se começaram a estudar as correntes eléctricas, não se sabia que com estas correntes se poderia, um dia, iluminar; não se sabia que se poderia fazer girar motores! Nos tempos heróicos, a electricidade não servia senão para fabricar, em doses homeopáticas, metais de que se não tinha necessidade. Dizia-se então: porquê a electricidade? Como se diz hoje: porquê a Lua? Como se disse em 1957: porquê o espaço? Porquê um satélite? Ora, hoje já não se discute o satélite porque há programas precisos: programas de satélites de navegação, por exemplo: sabe-se que sairá mais barato ao «Concorde» atravessar o Atlântico sendo guiado por satélites, sabe-se que o tráfego será mais importante. Sabe-se também qual a contribuição dos satélites de comunicação, que a geodesia por satélite é económica, que há grandes programas de avaliação dos recursos terrestres que utilizarão os satélites.

Por consequência, actualmente, o espaço próximo da Terra já não é discutido. Em relação à Lua, responderemos da mesma maneira dentro de uma dezena de anos e podemos já dizer em que sentido se responderá. Responder-se-á que a Lua é extremamente importante para os homens, primeiro porque da Lua poder-se-á enfim ver a Terra. As ciências da Terra começarão quando se puder descobrir o nosso planeta com uma distância suficiente, quando se puder enfim ver a face da Terra.

Em cada etapa de recuo, novos aspectos da Terra aparecem mas, uma vez na Lua, poder-se-á proceder a estudos globais, mais fàcilmente pois que, no céu lunar, a Lua mantém-se mais ou menos no mesmo lugar.

Isto é apenas o princípio da astronomia; até agora, desde Galileu, vivemos apenas o prólogo, enquanto, então, poderemos observar o céu sem «écran» atmosférico, recebemos todas as mensagens do Universo.

Direi ainda que a Lua é o paraíso dos físicos porque a ciência fundamental, a que domina actualmente todas as outras é a ciência das partículas. Ora os grandes aceleradores que se constróem hoje em dia á superfície da Terra (pretende-se atingir 200 Ge V [1] e mesmo 400 em Huston, fala-se de acelerador cibernético de 1000 Ge V) para tentar romper os segredos das partículas são irrisórios, se notarmos que no cosmos há partículas cujas energias se contam naturalmente em centenas de milhar de Ge V. Ide para a Lua e podeis estudá-los!

Com a Lua será o início de uma nova era da ciência, com tudo o que resultará em aplicações para os homens, tendo em conta que nenhuma das descobertas do século passado, por muito teóricas que tenham parecido, deixaram de ter aplicação material.

No plano moral, será, talvez, ainda mais importante: a possibilidade para os homens de tomarem consciência da unidade do planeta. Sim, os homens vão começar a sentir que existem numa mesma nave espacial face ao imenso cosmos e isso poderá significar o maior progresso moral, filosófico, nunca registado na história da humanidade.

● **Todas as expedições espaciais, quer sejam americanas ou soviéticas, são objecto de uma tal campanha publicitária que o público se interroga sobre se não serão, em grande parte, operações de prestígio nacional...**

Ducrocq — Efectivamente, há prestígio, há emulação, e devemos felicitar-nos com isso: é essa a razão por que a astronáutica progride hoje a uma tão rápida velocidade.

Se o presidente Kennedy escolhera o programa «Apolo» era para permitir à astronáutica provocar o aparecimento de uma indústria.

No passado a situação era dramática e, desculpai a expressão, eram necessárias guerras para que nesse domínio houvesse progresso: foi em 1916 que a O. N. M. nasceu. Foi sob os auspícios da guerra que se desenvolveram extraordinàriamente as técnicas. Era horroroso. Actualmente, em tempo de paz — e isso constitui ainda uma contribuição pacífica do espaço — é possível dar temas que permitam o nascimento de indústrias.

Prof. Bondi — Estou de acordo com as grandes linhas da exposição de Ducrocq. No entanto, gostaria de acrescentar que, na minha opinião, seria um grande erro pensar que as ambições do homem possam ser reduzidas a fins de ordem económica. Vejamos a soma fantástica de trabalho e de dinheiro fornecida à Holanda para salvaguardar a região do delta e as suas terras baixas: é fácil provar que se trata de um empreendimento económico insensato. E, no entanto, a Holanda tem absoluta necessidade dele, não por razões de prestígio, não por razões económicas, mas por razões humanas.

É também com este espírito que os americanos tentam desembarcar na Lua. E é preciso não esquecê-lo.

Por outro lado, quando as pessoas dizem: porquê despender dinheiro para ir à Lua quando há tantas coisas a fazer sobre a Terra — creio que colocam a questão de uma maneira incorrecta. É um contra-senso comparar o esforço espacial com um outro esforço científico pelo qual se despende menos dinheiro.

A questão deverá colocar-se correctamente nos seguintes termos: vale mais, para os americanos, chegar à Lua ou ter um terceiro automóvel na sua garagem? E aí responderei que vale mais preferir a Lua do que um terceiro automóvel.

Ducrocq — Vejamos, por exemplo, a questão tão debatida das investigações contra o cancro. Poder-se-ia perguntar se, até hoje, não se teria estudado o cancro segundo um método falso, porque em suma, não se sabe o que é a vida, não se sabe o que é o cancro e queremos tratá-lo. A solução é conhecer primeiro a evolução da vida. É certo que as ciências da vida, graças à astronáutica, progredirão de tal maneira que se poderá falar de um conhecimento geral da vida e, em consequência, encontrar-se-ão sem dúvida os meios de curar o cancro; não digo que seja necessário ùnicamente seguir este método, mas sim paralelamente às investigações tradicionais, pois graças ao espaço pode acontecer que se encontrem meios revolucionários.

Dollfus — Parece-me que em tudo o que acaba de ser dito há um ponto que não foi suficientemente destacado, que é uma certa aspiração do homem.

O homem gosta da aventura e da descoberta. Porque é que tantos pioneiros quiseram subir ao cimo do Himalaia ou chegar ao cume do Everest? É o desejo de chegar onde o homem possa atingir o limite das suas possibilidades. Tomemos o caso das expedições polares. Porque é que Scott foi ao Pólo? Para explorar tudo o que é explorável pelo homem. Esta aspiração humana encontra-se no programa «Apolo». Creio que quase tudo o que um homem fará sobre a Lua poderia ser feito por meios automáticos ou mecânicos mas enviar um homem para a Lua e fazê-lo voltar é mais do que isso e eu penso que se se pode enviar um homem para a Lua deve-se fazê-lo, nem que seja para realizar esse sonho (2).

Ducrocq — É esse o próprio sentido da humanidade. Por isso, aos que dizem «o homem está melhor sobre a Terra do que sobre a Lua», respondo com o provérbio japonês: o homem está melhor sentado do que levantado, está melhor deitado do que sentado, está melhor morto do que deitado.

● **Pensam que é possível encontrar vida na Lua?**

Ducrocq — Não é provável que alguma vida importante exista à superfície da Lua.

Prof. Bondi — Nada indica que a vida não seja possível abaixo da superfície da Lua... Podemos mesmo pensar qua aí poderá existir água.

● **E, portanto, vidas organizadas superiores?**

Ducrocq — Nós não sabemos o que é a vida ou, mais exactamente, a vida é para nós uma forma de organização transcendente da matéria; há talvez outras formas de organização da matéria, desconhecemo-la por completo, queremos sempre ver o mundo à nossa imagem... Imaginem que há marcianos que olham a Terra com uma visão utilizando raios ultravioletas. Para eles, o raio ultravioleta seria interrompido pela atmosfera terrestre e diriam... **«Não há vida sobre a Terra... talvez, sob a atmosfera haja qualquer coisa...» A superfície da Lua é a mesma coisa!**

Dollfus — Não tenho opinião muito precisa sobre este ponto, mas parece-me que, por um lado, há muitas coisas a fazer na Lua e, por outro lado, a probabilidade de encontrar uma vida não é muito grande, de forma que eu não dou grande prioridade à pesquisa dessa vida.

Ducrocq — Contribui para esta argumentação o facto de os «Surveyor» terem analisado o solo lunar à superfície e em profundidade e quase todas as amostras revelaram a mesma composição, o que significaria que a Lua, à superfície, é homogénea. Ora a vida produz rochas. O facto de a Lua parecer homogénea seria um argumento contra uma forma de vida importante.

Prof. Bondi — O aborrecido é que se poderia empregar o mesmo argumento contra a existência da vida no mar...

● **Dentro de menos de uma semana, os astronautas americanos devem partir em direcção à Lua. Correrão estes homens qualquer perigo? Qual?**

Ducrocq — Direi francamente o seguinte: efectivamente, correm perigo e, pessoalmente, suspirarei fundo no dia 28 de Dezembro quando a expedição tiver terminado bem. Mas, dito isto, quero acrescentar que não é solução fácil a que consiste em denunciar os perigos que os astronautas vão correr. Um acidente é a conjunção de várias circunstâncias imprevisíveis. À superfície da Terra acumularam-se já tantas experiências de todas as espécies que os factores imprevisíveis tornam-se raríssimos. Mas o Espaço é um meio que não se conhece. Por consequência o imprevisível continua.

Dollfus — Eu penso que o navegador que, na bela época da navegação partia em frágeis naves para atravessar o mar sem rumo certo enfrentava riscos em parte muito superiores aos dos astronautas, para quem quase todos os acasos foram «determinados». Estar perdido no Espaço e não voltar para Terra, é muito grave, mas estar perdido no mar com toda uma tripulação sabendo que não há outra esperança senão morrer por falta de víveres também não era uma circunstância muito agradável.

Há uma diferença: os navegadores, dantes, enfrentavam riscos baseados no seu valor pessoal e no dos membros da sua tripulação, enquanto, com o astronauta, o resultado da acção não é necessàriamente o resultado do seu valor moral no momento do perigo. Existe uma diferença de concepção. Além disso, o astronauta a bordo não pode ter um acidente, porque é a vedeta; mas numa operação com esta importância, o número de helicópteros, de aviões de transporte, de automóveis que se movimentam faz-se que no conjunto a operação custe vidas humanas, havendo sempre por exemplo uma colisão em qualquer sítio, não é? Se for um empregado que guia um automóvel, lamento dizê-lo, não tem repercussão, é um acidente ligado à complexidade da operação: se um helicóptero da N. A. S. A. se esmaga na ponte de um hidrovião, é um acidente militar; mas se é o homem que está a bordo quem perde a vida então é muito grave.

É isto, a deslocação dos valores humanos.

● **Quem vai ganhar a «corrida»?**

Ducrocq — Qual vai ser o primeiro, qual vai ser o segundo, isso não tem sentido, pois, compreendem, é como para um exame universitário, depende do talento, da sorte, das circunstâncias. Todos têm muito talento e eu desejo-lhes que tenham sorte e circunstâncias favoráveis.

● **Von Braun dizia que os soviéticos levavam um avanço considerável e dificilmente alcançável...**

Ducrocq — Isso depende. Se nos interrogarmos sobre qual é o primeiro a pôr o pé na Lua, não poderemos prever. E, depois, no fundo, é importante para o país de que sairem os primeiros que desembarquem na Lua, mas para a história da humanidade é secundário.

De resto, trata-se de saber se sendo os americanos os primeiros a chegar à Lua, não se encontrariam em seguida ultrapassados pelos soviéticos, tendo estes feito um esforço maior em astronáutica fundamental.

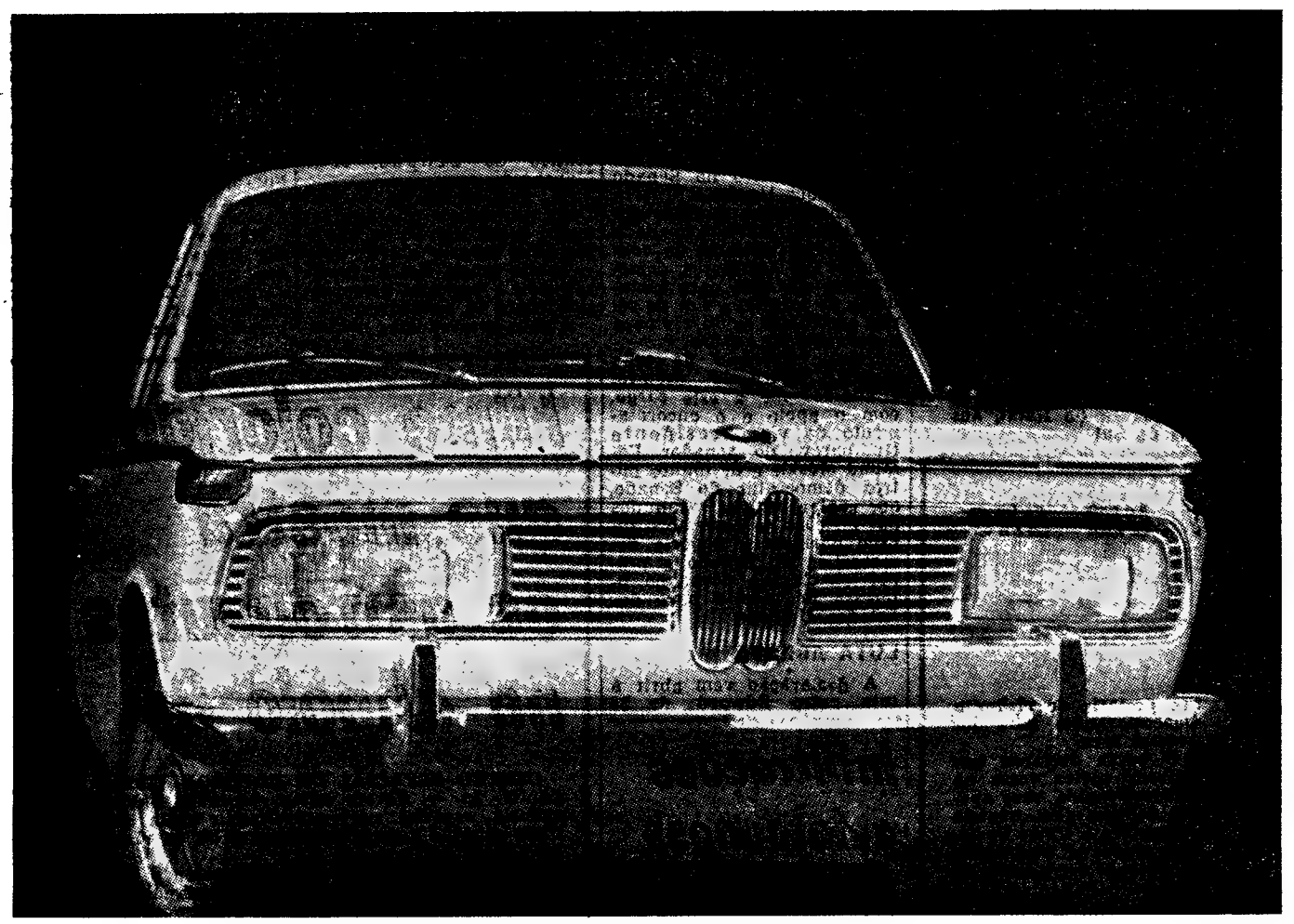
Na história da Astronáutica, os soviéticos estiveram primeiro com um enorme avanço até 1961, 1962; nesse momento, esperava-se que assim continuassem. Ora eles pararam, ou antes, investiram na astronáutica fundamental sem grandes objectivos enquanto que os americanos, pelo contrário, escolheram um objectivo preciso: «Apolo», o homem na Lua.

Chegamos agora ao momento em que o programa «Apolo» poderia ser realizado e são os americanos que se vão encontrar sem objectivo...

Isto inscreve-se muito bem no quadro da organização dos dois países. Na União Soviética, os programas espaciais são decididos pelo Governo, pela Academia das Ciências, enquanto nos Estados Unidos é decidido pelo país, pelo contribuinte que deve financiar os programas. Foi necessário, por isso encontrar

(Continua na 16.ª página)

AUTOMÓVEIS



2000

2000 TILUX

2000 CS

1600

BMW

SEM CONCORRÊNCIA

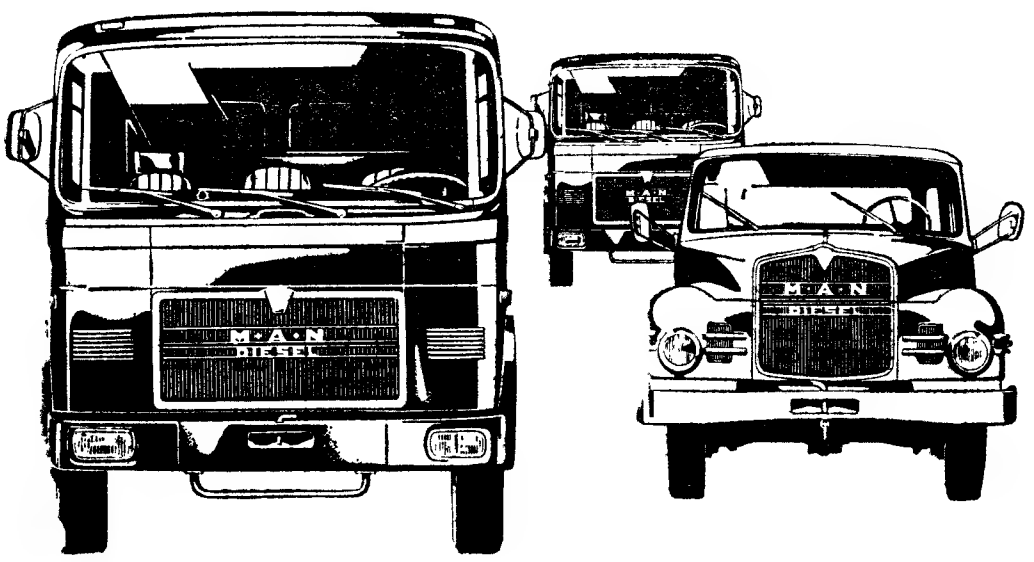
SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS

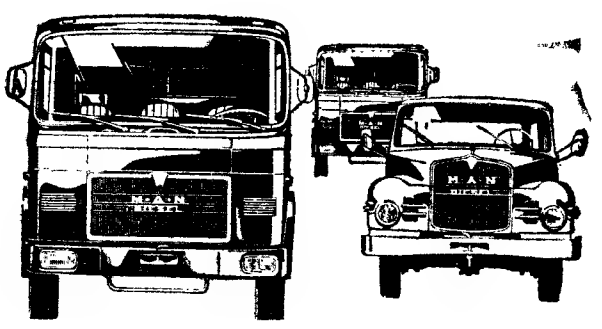
FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, SARL.

LISBOA-CABO RUIVO • PORTO • LEIRIA • SETÚBAL • FARO • E CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

CAMIONS

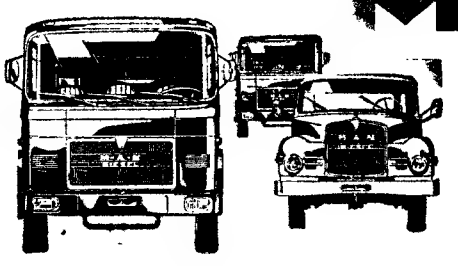
M·A·N





UMA ROBUSTEZ QUE NÃO ACABA MAIS

M·A·N



M·A·N

M·A·N

Actualidade internacional

A artista sueca Ann Margret durante um «show» oferecido, na quadra de Natal, aos soldados norte-americanos estacionados na Coreia do Sul

IEVTUCHENKO: 1968 foi um ano de grandes crimes contra a Humanidade

BONN, 31 — (R.) — O poeta soviético Eugen Ievtuchenko declarou a ouvintes da rádio checoslovaca que 1968 foi um ano de grandes crimes contra a humanidade.

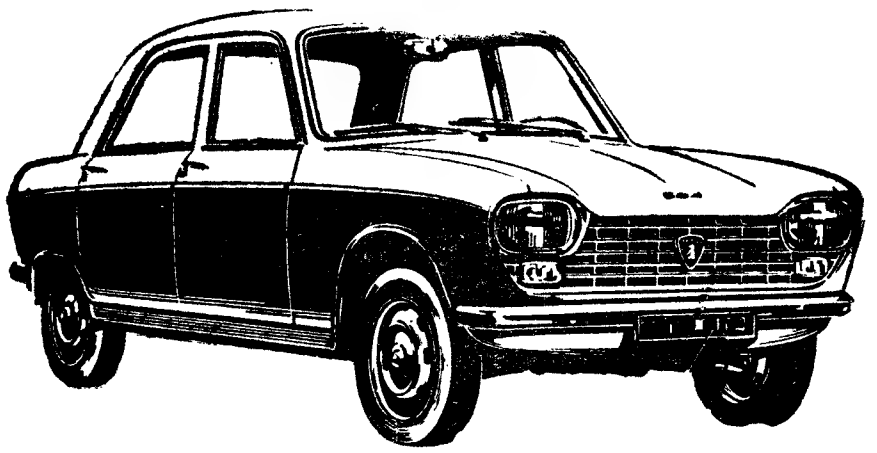
Numa entrevista concedida a Rádio Praga, gravada em Moscovo há dez dias e transmitida a noite passada, o poeta de 35 anos declarou em resposta a uma pergunta acerca de 1968: «Se olharmos para o passado mais amplamente, penso que foi um ano de grandes crimes contra a humanidade».

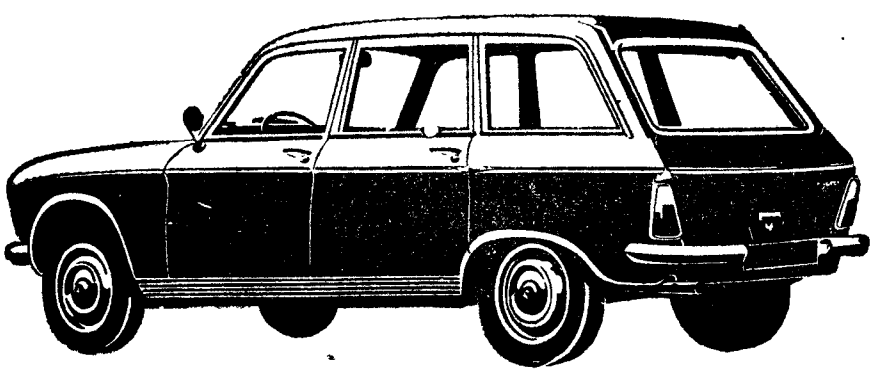
Ieutuchenko, que tem sido criticado com frequência na União Soviética pelos seus escritos pouco ortodoxos, protestou, segundo se anunciou recentemente, junto do Kremlin acerca da ocupação da Checoslováquia pelas forças do Pacto de Varsóvia em Agosto ultimo.

Na radiodifusão, escutada nesta capital, Ieutuchenko disse também que gostaria de visitar a Checoslováquia para ler poemas seus.

O poeta declarou que estivera várias vezes na Checoslováquia, mas apenas de passagem, quando regressava á União Soviética vindo de uma visita a qualquer outra parte do Mundo.

Acrescentou: «Até agora ninguém me convidou a visitar o vosso país. Se for convidado ficarei muito contente em ler as minhas poesias.»





204
PEUGEOT

MOTOR · disposto transversalmente inclinado a 20°
Super quadrado — 4 cilindros
Cilindrada — 1130 c.c.
Taxa de compressão — 8.8/1
Potência — 58 HP
Regimen — 5 800 r.p.m.
Cabeça em alumínio de câmaras bi-hemisféricas
Válvulas à cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM · de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES · 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO · traseira e dianteira independente
DIRECÇÃO · de cremalheira
TRAVÕES · de disco à frente, atrás de tambores, assistidos com servo-freio
PNEUS · 145 x 14
CONSUMO · entre 6, 8 e 8,5 l aos 100 Kms, segundo carga, percurso e velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA 142 Km/h

MOCAR, LDA.
Av. Ant. Aug. de Aguiar, 19-A, 19-B - LISBOA

EDWARD KENNEDY CANDIDATA-SE A VICE-«LEADER» DO PARTIDO DEMOCRÁTICO NO SENADO

WASHINGTON, 31 — (A. N. I.) — Com o apoio do candidato democrático á presidência, Hubert Humphrey, o senador Edward Kennedy anunciou que pretende disputar ao senador Russell Long da Lusiana, o cargo nominal de vice-líder do Partido Democrático no Senado dos Estados Unidos.

A inesperada candidatura de Kennedy foi anunciada a quatro dias de vista da convenção dos senadores democráticos, marcada para sexta-feira de manhã, a fim de serem escolhidos os líderes para a próxima legislatura.

Numa exposição de uma página, Kennedy declara: «Candidato-me a este cargo, com o apoio e o encorajamento do vice-presidente Humphrey, do senador Edmund Muskie e de muitos outros democratas do Senado, que sentem que os resultados das eleições de Novembro ultimo obrigam a maioria democrática do Senado a propor leis claras e novas, no interesse de todo o povo dos Estados Unidos».

LUTA ABERTA

A declaração vem abrir a luta entre Edward, de 36 anos — ultimo dos irmãos Kennedy — e Russel Long, considerado durante muitos anos um dos maiores poderes do Senado não só como presidente da comissão de finanças como também pelo papel de assistente do líder democrático do Senado Mike Mansfield.

Os partidários de Russell Long proclamam que este senador conta com 39 ou 40 votos para manter o seu lugar — muito acima dos 29 precisos, pois a bancada democrática conta 59 senadores.

Alguns observadores notam, porém que Kennedy não se arriscaria a sofrer uma decepção na sua brilhante carreira de êxitos políticos se não estivesse certo de conseguir votação suficiente para conseguir bater Long. Para mais, sabe-se que os senadores democráticos da ala esquerda e do centro procuram novo candidato, para se defrontar com Long.

Na sua declaração o senador Edward Kennedy afirma que as responsabilidades do cargo de Mansfield vão aumentar, por haver agora um presidente republicano.

Infiltrações «vietcongs»

(Continuação da 1.ª página)

neiro de Anh Hoa, onde o «inimigo» prosseguiria as infiltrações ou tentaria, segundo afirmam oficiais sul-vietnamianos, abastecer com arroz as suas unidades estacionadas nas montanhas próximas da fronteira.

A artilharia dos «Marines» abriu fogo sobre três embarcações que transportavam onze pessoas, no rio, 11 km a nordeste de An Hoa. Todas elas teriam sido mortas. Outros «Marines», a 1 quilómetro do rio, depararam com uma vala comum onde havia 15 cadáveres.

Filme colorido que mostra os astronautas na «Apolo 8»

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 31 — (A. N. I.) — Foram ontem tornados publicos, pela agência espacial norte-americana, trinta metros de filme colorido e mais onze fotografias da viagem lunar da «Apolo 8».

O filme mostra Borman manipulando um instrumento para medir a luz, Lovell mudando um purificador de ar e Anders tirando algumas fotografias pela vigia.

Tal como nos filmes da «Apolo 7», os astronautas movem-se no interior da cabina com a graciosidade de um «ballet» aquático, devido á imponderabilidade.

Algumas das fotografias demonstram que a superfície da face oculta da Lua é mais rugosa do que a outra, cheia de altos e baixos.

Os astronautas passaram o dia de ontem descrevendo aos técnicos do centro espacial o seu arranque em direcção á Lua, as dez órbitas efectuadas em redor da esfera lunar e a viagem de regresso.

Hoje, Borman, Lovell e Anders falarão da sua reentrada na atmosfera terrestre, á velocidade de quarenta mil quilómetros por hora.

O interrogatório aos astronautas vai durar cerca de duas semanas, pois os seus depoimentos constituem um dos mais valiosos e tangíveis resultados do voo da «Apolo 8».

PORTUGUESES MORTOS NO ESTRANGEIRO

CORUNHA, 31 — (F. P.) — O português Manuel de Pinho e Silva, de 41 anos, que residia em Cucujães, Oliveira de Azemeis, morreu, e sua esposa, Maria da Conceição Santos, ficou gravemente ferida, no choque do seu automóvel contra um camião. O acidente deu-se nas proximidades desta cidade, no lugar denominado La Rocha. A ferida está internada numa clínica da Corunha.

OPERÁRIO TRUCIDADO POR UM COMBOIO

MARSELHA 31 — (F. P.) — O operário português Manuel Caetano, de 38 anos, que trabalhava no asfaltamento de um cais na estação de Saint Laurent du Var, no sul da França, foi apanhado por um comboio e literalmente trucidado. A composição atravessava a estação em velocidade reduzida, mas sem parar, quando Manuel Caetano empurrava um pequeno cilindro compressor no mesmo sentido da marcha do comboio. O ruído do engenho com que trabalhava não o deixou ouvir a locomotiva. Apanhado pelo estribo de uma carruagem, que lhe seccionou a perna direita, o operário caiu á linha e foi arrastado sob as rodas uns 50 metros, ficando completamente trucidado. Deixou viuva e três órfãos em Portugal.

PRISÃO

ORENSE, 31 — (F. P.) — Mário Martins da Costa, de nacionalidade portuguesa, foi detido pela Guarda Civil no posto fronteiriço de Verin (província de Orense) por lhe terem sido encontrados dois revólveres no automóvel em que viajava procedente de França. Um jovem que o acompanhava logrou fugir em direcção a Portugal.

VENDEDOR

REVESTIMENTOS

Precisamos de bom elemento, conhecedor do ramo c/ boas relações tanto particulares, como entre arquitectos e decoradores.

Respostas detalhadas para este jornal ao n.º 465.

NANCY SINATRA

Nancy Sinatra vai casar-se

HOLLYWOOD, 31 — (R.) — A cantora Nancy Sinatra, de 28 anos, filha do famosíssimo Frank Sinatra, anunciou a noite passada que casaria com o produtor de televisão Jack Haley, jor.

Os agentes de Nancy Sinatra revelaram que a cantora faria uma comunicação formal acerca do seu noivado com Haley, de 30 anos, no dia de Ano Novo.

Haley foi o produtor do recente filme especial para a TV da cantora «Moving With Nancy», com a duração de uma hora.

Nancy Sinatra foi casada anteriormente com o cantor Tommy Sands. Para Haley este é o primeiro casamento.

ACÇÃO DOS «QUATRO GRANDES» NA CRISE DO MÉDIO ORIENTE

— PREVIU O DELEGADO BRITÂNICO NO CONSELHO DE SEGURANÇA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 31 — (R.) — A Inglaterra conduziu um violento ataque á continuação da violência no Médio Oriente quando hoje o Conselho de Segurança se preparava para condenar Israel devido ao ataque no aeroporto de Beirute.

O chefe da delegação britânica, lorde Caradon, mencionou uma provável acção dos «quatro grandes» para garantir tanto aos árabes como aos israelitas o cumprimento das resoluções das Nações Unidas.

O Conselho interrompeu a sessão á 1 hora (7 de Lisboa), voltando a reunir-se esta tarde, depois do presidente Endalkachew Makonnen ter anunciado importantes progressos em relação ao acordo sobre uma resolução que condena Israel.

O presidente não revelou os termos da resolução embora círculos informados tenham dito que o Líbano insistia em exigir reparações a Israel e a aplicação de, pelo menos, sanções limitadas. Entre estas poderia contar-se boicotagem á aviação civil israelita.

INDEMNIZAÇÕES

Círculos informados disseram que posteriormente se tinha chegado a um acordo em particular sobre uma resolução considerando que «o Líbano tinha direito ás convenientes indemnizações pelas destruições de que foi vítima, cuja responsabilidade foi reconhecida por Israel».

Esta acção não chega ás pretensões do pedido original do Líbano, que exigia uma indemnização imediata, mas os mesmos círculos disseram que o Governo de Beirute tinha concordado com esta forma de resolução após negociações em particular com os Estados Unidos.

AVISO SOLENE

O projecto de resolução, que tem presentemente o apoio de todos os membros do Conselho de Segurança, com excepção do Canadá e da Dinamarca, incluirá também «um aviso solene a Israel, segundo o qual, se tais actos se repetirem, o Conselho terá de considerar novas medidas para pôr em vigor as suas resoluções».

Depois de terem manifestado preocupação com a necessidade de garantir um tráfego aéreo civil internacional livre de interrupções, os membros do Conselho pediram que Israel seja condenado «pela sua acção militar premeditada, violando obrigações da Carta e das resoluções sobre o cessar-fogo».

O projecto não menciona o ataque de dois árabes ao avião de passageiros israelita ocorrido no aeroporto de Atenas, no dia 26, mas Israel explicou que o seu ataque em Beirute foi uma acção de represália motivada pelo primeiro incidente.

No quarto parágrafo do projecto de resolução, o Conselho de Segurança considera «que tais actos de violência premeditados põem em perigo a paz mundial».

Os delegados ocidentais puseram de parte quaisquer tipos de sanções embora tenham dito que havia grandes possibilidades de acordo no Conselho sobre qualquer espécie de recomendação a Israel para compensar o Líbano pelo ataque ao aeroporto, em que foram destruídos 13 aviões árabes.

MANIFESTAÇÃO

O delegado israelita, Yosef Tekoah, rejeitou qualquer ideia de uma solução imposta em que a União Soviética tomasse parte.

Os funcionários israelitas declararam que o seu delegado frisou a atitude de Israel segundo a qual o único acordo possível seria aquele aceite directamente por ambas as partes, sem qualquer interferência exterior.

Durante a reunião do Conselho, cerca de 200 pessoas realizaram uma ruidosa manifestação pró-israelita junto ao edifício das Nações Unidas, gritando estribilhos e exibindo cartazes que diziam «Não Condenem Israel» e «Lembrem-se do avião da El Al».

Os guardas do edifício fecharam os portões, embora a Polícia de Nova York contivesse os manifestantes.

Carlos Lacerda será processado por delito de subversão

RIO DE JANEIRO, 31 (F.P.) — Além de serem privados dos direitos políticos por dez anos, C. Lacerda e os deputados Moreira Alves e Hermano Alves serão processados pelo Ministério da Justiça, por delito de subversão, segundo se soube ontem á noite, nesta cidade, de fonte digna de crédito.

Além dos citados, há mais oito deputados federais que ficaram sem direitos políticos por dez anos: David José Lehrer, Hélio Navarro, Gastone Righi, Mateus José Schwidt, Henrique Henkin e José Kurts Sabia, bem como Máulio Figueira Ferreira Lima e José Carlos Guerra. Os seis primeiros pertencem ao partido de oposição Movimento Democrático Brasileiro e os dois ultimos ao partido governamental A. R E N A.

Um magistrado do Rio de Janeiro, dr Joaquim de Sousa Netto, também perdeu os direitos políticos por 10 anos, tendo sido de resto colocado na reforma.

A nota do Governo tornando publicas estas medidas salienta que foram tomadas depois de um exame extremamente atento, sob proposta do ministro da Justiça, prof. Gama e Silva, e por unanimidade de todos os membros do Conselho Nacional de Segurança.

«Outras decisões da mesma natureza devem ser tomadas pelo presidente da Republica na devida altura» — declara ainda a nota.

Causou alguma surpresa nos círculos políticos em geral a pena aplicada a Carlos Lacerda por ter sido o chefe civil do movimento que, em 1964, derrubou Goulart e levou ao Poder o marechal Castelo Branco de quem é sucessor o general Costa e Silva. Mas, quanto aos deputados da oposição visados pelas sanções esperava-se mais ou menos por estas. Márcio Moreira Alves e Hermano Alves são acusados, como se sabe, de terem injuriado as Forças Armadas.

Para os observadores, esta primeira «lista negra» é de certo modo moderada, relativamente aos rumores que circulavam no país, o que parece confirmar a opinião de que o general Costa e Silva é, dentro do Governo, dos que pendem para a moderação

A mulher e os filhos de Martin Luther King, o líder negro assassinado, junto da árvore de Natal, na sua casa em Atlanta, na Geórgia.

Ameaçadas de boicotagem as eleições no Paquistão

CARACHI, 31 — (F. P.) — Maulana Bashani, chefe do Partido Nacional Awami, pró-chinês, anunciou ontem que o seu movimento boicotaria as próximas eleições no Paquistão e apelou para os outros partidos para que procedam da mesma forma. Acrescentou que se oporia a qualquer candidatura da oposição, como a de Alu Bhutto, a do general Asghar Khan ou a do antigo primeiro-ministro Mursched.

Enquanto o Partido Nacional Awami decidiu ignorar as eleições, os componentes do movimento democrático paquistanês continuam a manifestar a sua surpresa e a sua consternação perante a notícia da candidatura de Ali Bhutto, ignorando os outros partidos da oposição. Entretanto, em Lahore, o marechal Ayub Khan, chefe do Estado paquistanês, defendeu o seu regime contra as críticas da oposição. Acentuou o carácter democrático do sistema das eleições gerais e rejeitou a ideia de regressar ao regime parlamentar anterior, mas admitiu a ideia de emendas na Constituição.

Sidney Poiter — campeão de bilheteiras em 1968 nos E. U. A. e Canadá

NOVA YORK, 31 — (R.) — Sidney Poitier foi, este ano, o actor cinematográfico campeão de bilheteira nos Estados Unidos e no Canadá, segundo um inquérito realizado pela revista «Motion Picture Herald».

Sidney Poitier, de 41 anos, é o primeiro actor negro a ficar em primeiro lugar numa sondagem de popularidade. No ano passado ficou em sétimo lugar e nenhum outro actor negro esteve jamais incluído entre os «dez primeiros».

Paul Newman ficou em segundo lugar como o actor que arrastou mais espectadores às salas de cinema e Julie Andrews, a famosa actriz britânica, em terceiro.

Em 1968 foram exibidos três filmes de Sidney Poitier — «Guess who's coming to dinner» («Adivinha quem vem jantar»), «To sir with love» («Do ódio nasceu o amor») e «For love of Ivy» («Um homem para Ivy»).

Um facto interessante foi que o elegante actor negro granjeou maior popularidade entre espectadores brancos do que da sua cor.

Alguns negros obcecados com a campanha dos direitos civis, julgam que Poitier se identifica bastante intimamente com o mito do cinema branco e que podia utilizar melhor a sua fama e influência para ajudar os negros na luta pela igualdade racial.

John Wayne, o actor veterano de filmes do Oeste, cuja película de guerra «Green Berets» («Boinas verdes»), favorável aos «falcões», enfureceu a opinião pública liberal, classificou-se em quarto lugar. Foi a 19.ª vez que John Wayne apareceu na lista, iniciada há 37 anos.

Os dez artistas que constituíram maiores êxitos de bilheteira foram os seguintes: 1 — Sidney Poitier; 2 — Paul Newman; 3 — Julie Andrews; 4 — John Wayne; 5 — Clint Eastwood; 6 — Dean Martin; 7 — Steve Mc Queen; 8 — Jack Lemon; 9 — Lee Marvin; 10 — Elizabeth Taylor.

«GUERRA E PAZ»: A MELHOR PELÍCULA ESTRANGEIRA

Alan Arkin e Joanne Woodward foram considerados a noite passada o melhor actor e a melhor actriz americanos de 1968 pela Sociedade dos Críticos Cinematográficos de Nova York.

A Sociedade, que representa os críticos dos maiores jornais e semanários da cidade, escolheu Arkin pelo seu papel de surdo-mudo em «The heart is a lonely hunter».

Joanne Woodward foi eleita como a melhor actriz pelo seu desempenho do papel de uma professora em «Rachel, Rachel».

Esse filme deu, também, a seu marido, o actor Paul Newman, o título de melhor director do ano.

Os críticos escolheram «Lion e Winter», de Joseph Levine, como o melhor filme do ano e «Guerra e Paz», a monumental produção soviética, como a melhor película estrangeira de 1968.

O prémio para o melhor argumento foi atribuído a Lorenzo Semple Junior por «Pretty Poison».

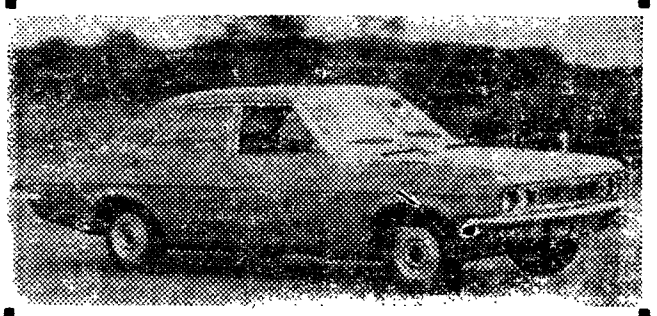
Jornal de plástico em Itália

PAVIA, 31 — (F. P.) — Nova experiência hoje na Imprensa italiana: o diário «Il Giornale Di Pavia» apareceu com oito das suas vinte páginas impressas em *offset*, a cores, sobre matéria plástica.

VAUXHALL VICTOR 2000

PRÉMIO DE HONRA DO JURI PARA CARROS MONTADOS EM PORTUGAL

CONCURSO DE ELEGÂNCIA AUTOMÓVEL DA FIGUEIRA DA FOZ



As duas linhas da Vauxhall — Victor e Viva — obtiveram ainda os seguintes prémios neste concurso:

VENTORA	— 1.º Prémio da Classe 2000-3500 c. c.
VAUXHALL VICTOR ESTATE CAR	— Prémio de Honra com Palma (classe de viaturas mistas)
VIVA DE LUXE 4 PORTAS	— 2.º Prémio da Classe 1000-1300 c. c.
VIVA SL 90 2 PORTAS	— 2.º Prémio da Classe 850-1300 c. c.

Todos estes carros foram apresentados pela

AUTO-INDUSTRIAL — Coimbra

GM MARK OF EXCELLENCE

PRODUTOS DA GENERAL MOTORS

†

CÂNDIDO DA COSTA

FALECEU

Seus filhos, noras, genro, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. João de Deus (capela A) para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BAPTISTA (Filho)

Calçada da Tapada, 2

Telefs: 63 65 94 e 63 61 26

†

CÂNDIDO DA COSTA

FALECEU

Cândido da Costa & Filhos, Lda. **é com profundo desgosto que participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio fundador Cândido da Costa, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. João de Deus (capela A) para o cemitério da Ajuda.**

AGÊNCIA BAPTISTA (Filho)

Calçada da Tapada, 2

Telefs: 63 65 94 e 63 61 26

1969 — ANO DE MARTE

O NOSSO PAÍS ESTARÁ SUJEITO À INFLUÊNCIA DE DOIS ECLIPSES

ABDICAÇÃO PROVÁVEL da rainha Juliana da Holanda, perigo de vietnamização da guerra do Biafra, baixa sensível dos valores petrolíferos e ascensão de um novo *leader* negro nos Estados Unidos (fazendo inclusivamente perigar a Casa Branca) são algumas das previsões que a Astrologia reservou para 1969.

O próximo ano terá a regê-lo o planeta mais violento de todos: Marte.

Por isso se revestem de capital importância as vinte configurações de primeira grandeza (catorze favoráveis e seis desfavoráveis) que ele formará com os cinco planetas «pesados» — Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão. As favoráveis estão marcadas para 13 e 15 de Fevereiro, 3 e 4 de Março, 14 de Junho, 11 de Agosto, 3 e 30 de Outubro, 1 e 14 de Novembro, 11, 15, 18 e 26 de Dezembro. As seis maléficas recairão a 22 de Fevereiro, 12 e 28 de Setembro. 19 de Outubro, 10 de Novembro e 14 de Dezembro.

Haverá cinco eclipses durante o ano, dois anulares do Sol (18 de Março e 11 de Setembro) e três da Lua (2 de Abril, 27 de Agosto e 25 de Setembro). Detenhamo-nos sobre este aspecto, que a Astrologia considera relevante.

O primeiro eclipse anular do Sol estenderá o seu cone de sombra ao Sueste Asiático, Insulíndia, Austrália e regiões Leste e Sul do Oceano Índico, ocasionando aí acontecimentos importantes, mas incidirá também sobre as zonas regidas pelos peixes (Portugal, Galiza, Córsega, Calábria, Indonésia, Islândia, Panamá e R. A. U.). Quanto ao segundo, visível em parte dos Estados Unidos e da América do Sul, sem esquecer uma larga *fatia* do Pacífico, influenciará a Turquia, Irão, Iraque, Malásia, Grécia, Suíça e Brasil.

Os três eclipses da Lua deverão afectar, por ordem, a China, Indochina, União Indiana, R. A. U., Etiópia, Tunísia, Líbia, Argentina, Guatemala, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Itália, França e Portugal, em especial Lisboa (1.º); Daomé, Etiópia, Arábia Saudita, Lituânia, Alemanha Oriental Suécia, Dinamarca e Crimeia (2.º); França, Itália, Sudão, Peru, Roménia, Checoslováquia, União Indiana, Estados Unidos e Síria (3.º).

Que nos reservam, pois, as datas de 18 de Março e 2 de Abril?

Moscovo-Pequim: perigo em Setembro

As previsões para a Europa ocupam largo espaço nos estudos dos mais conhecidos astrólogos. Assim, e só no que respeita à Alemanha Federal, poderá haver grande inquietação a partir de Março. Causa próxima: a Checoslováquia. A situação económica afigura-se menos brilhante que em 1968. Do mesmo modo são de recear problemas entre políticos e militares, e inclusivamente um tremendo escândalo nas altas esferas administrativas.

O ano apresenta-se, para a Inglaterra sob o signo da instabilidade: novos ataques ao esterlino, acentuação da recessão económica, inquietações políticas e militares ao nível do executivo, aumento de popularidade dão ideias republicanas, talvez um problema dinástico no primeiro semestre. Perturbações político-sociais ameaçam a Itália, e boa parte delas por via da evolução albanesa e jugoslava. A 27 de Agosto — segundo eclipse da Lua — o gabinete no poder terá que actuar com extrema atenção.

Em França, e com a concordância de vários astrólogos, ganhará novo alento a oposição. Vai falar-se outra vez de reformas escolares e sociais o termómetro pode subir em Paris...

Pelo menos um astrólogo refere-se à vulnerabilidade crescente da Checoslováquia, Jugoslávia e Albania, e vários mencionam o agravamento das relações entre Moscovo e Pequim, mais provável na última semana de Setembro. Quanto à China, há uma perspectiva pouco brilhante para Mao Tsé Tung, cuja saúde estará em declínio.

O quadro é substancialmente negro para a Holanda (desaparecimento quase certo — da vida política — da rainha Juliana) e para o Mónaco (com duas terríveis conjunções de astros afectando em épocas diferentes o príncipe Raimier e a princesa Grace).

Outra personalidade com problemas de saúde poderá ser Paulo VI.

Nasser e Bourguiba: a estrela apaga-se

Os astros pesam sobre dois chefes de Estado norte-africanos: Gamal Abdel Nasser e Habib Bourguiba. Datas mais perigosas? Todas as que se sguirem a 20 de Março. Conjunções perturbadoras interceptam também o trânsito político de todos os *leaders* africanos instalados em 1968, constitucionalmente ou não.

A guerra do Biafra pode vietnamizar-se, aumentar de proporções, chamando outros países ao conflito. De resto, 11 de Março e 20 de Julho são dias perigosos para Gowon e Ojkwu. Dramas latentes talvez venham à luz do dia no extremo meridional deste continente, com reflexo nas nações de língua inglesa.

Petróleo: os valores descem

Previsões sobre os Estados Unidos dizem — muito curiosamente — que um novo *leader* negro ganhará adeptos, ofuscando mesmo a Casa Branca, agora com ocupante republicano. Mas há indícios de que a vida desse *leader* negro correrá perigo.

Na América do Sul o país mais em foco parece ser a Argentina, apanhada pela zona de influência do segundo eclipse solar (11 de Setembro).

Algumas hipóteses mais: assassínio duma alta personalidade hindu, levando quase à guerra religiosa; cataclismos na Turquia, Irão, Iraque, Síria, Líbano, Chile e Peru; naufrágio (ou quase) de um grande paquete europeu; regresso à actualidade de São Domingos, Panamá e Haiti; evolução dramática das relações entre a Austrália e a Inglaterra.

A terminar — e de que maneira — insiste-se na descida (durante o Verão) dos valores petrolíferos, pormenor que não deixaria de originar agraves cuidados ao célebre «Cartel». Marte é que sabe.

Um importante colóquio sobre temas de urbanismo na cidade do Funchal

Vai realizar-se no Funchal, a partir do dia 6 de Janeiro, um importante colóquio de urbanismo, que servirá para apresentação publica de estudos urbanísticos empreendidos para aquela cidade. Aquela iniciativa compreende uma série de palestras, mesas-redondas, sessões de cinema e exposições.

As palestras efectuam-se, a partir daquele dia, todas as noites, ás 21 e 30, pela seguinte ordem: «Problemas de urbanização do Funchal», pelo arquitecto José Rafael Botelho; «Infra-estruturas urbanas», pelo engº Manuel de Sousa; «Infra estruturas e equipamento», pelo dr. Raul Silva Pereira; «Habitações para o maior numero», pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira; «Defesa e ocupação da paisagem urbana de qualidade», pelo arquitecto Cabeça Padrão; «Zonas verdes na paisagem urbana», pelo arquitecto paisagista Fernando Resende; «Realizações urbanísticas e programação», pelo arquitecto José Rafael Botelho; e «Meios de acção necessários e realização de empreendimentos urbanísticos», pelo engº Gonçalo Nuno Araujo. Todas as conferências são seguidas de debate publico

As mesas-redondas efectuam-se nos dias 7, 8, 9, 10 e 11, tendo como coordenador o engº José Manuel Gomes Ribeiro e como secretário o arq. F. P. Keil do Amaral.

Haverá três exposições, uma de arte infantil e outra de urbanismo, que serão inauguradas no próximo sábado, e outra bibliográfica, respectivamente, na Academia de Musica e Belas-Artes, no Pátio das Artes e no salão nobre do Teatro Municipal.

As sessões publicas de palestras e debates efectuam-se no salão nobre da Camara Municipal, sob cuja égide se realiza o importante empreendimento.

Algumas participa deiam o

Uma linda festa em para os filhos do pes

da União Eléctrica Portu

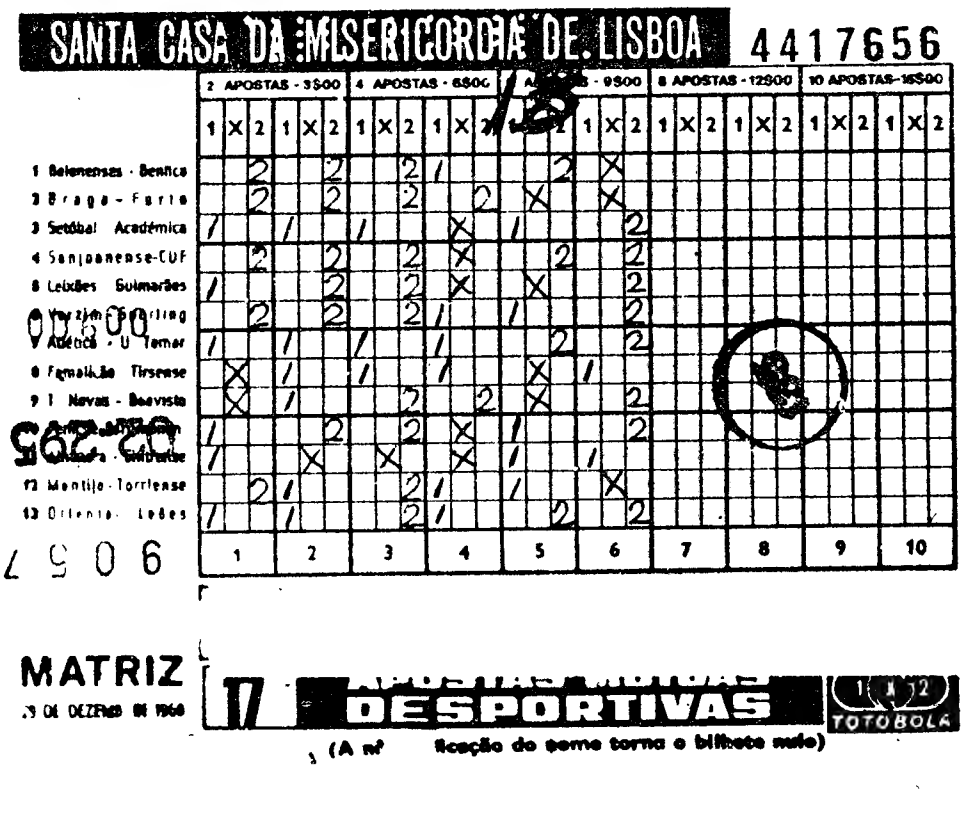
Realizou-se no passado dia 27, em Setúbal, no Cine-Teatro Luísa Todi, a festa de Natal dos filhos do pessoal da União Eléctrica Portuguesa (Sul), que decorreu num ambiente de grande confraternização. Estiveram presentes os srs. governador civil de Setúbal, presidente da Câmara Municipal, delegado do Governo, dr. França e Silva, presidente do conselho de administração e gerente, respectivamente, comandante Jose Matoso e eng. Paulo de Barros, acompanhado de sua esposa, srª D. Maria Antónia de Barros.

Depois da habitual distribuição de brinquedos e bolos a centenas de crianças, procedeu-se, no palco, a uma breve cerimónia durante a qual os srs. governador civil, dr. França e Silva, comandante Matoso e eng. Paulo de Barros distribuíram bolsas de empregad espectácu acto de presen «Aniversá Adelaide Pinto cor tino Ros tora

Actuar pois de intitulad XXV ano tal», o seus cãe palhaços C.ª, que didos; e grupo de filhos de souberam gestões entrecort canções, Dirigiu a bitual c eng.º Ar

TOTOBOLA: o último trimilionário de 1968

Um profissional de seguros residente na Damaia «segurou-se» neste fim do ano de 1968: foi o único totalista do último concurso do Totobola. O feliz concorrente — que é adepto do Benfica e tem 47 anos — gastou apenas a importância de nove escudos, pois, como habitualmente, jogou com seis apostas simples. Vai receber agora a bonita soma de 3 227 466$10. O contemplado, que mantém o anonimato, entregou o seu boletim numa agência da Damaia que está confiada ao antigo árbitro internacional de hóquei em patins, Manuel Ferraz da Costa. Confessou ter jogado «positivamente á sorte».



BAILADO: atribuíd os prémios da I

Na sede da Casa da Imprensa reuniram-se os críticos dos jornais «A Voz», «A Capital» e «Diário de Lisboa», respectivamente Maria Helena de Freitas, Tomaz Ribas e Nuno Barreiros, encarregados da atribuição dos Prémios da Imprensa de Bailado relativos a 196 distribuíd

Bailarin sa; baila teus; e Sena.

O júri mente co recção da de conce cial ao G Bailado.

RELÓGIOS OMEGA
Agência oficial
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253—Tel. 32 45 64

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Jói e
Compra preço
GRAN
RUA

Automóvel Club de

PRIORIDADE DE PAS

Como é do conhecimento gera prioridade de passagem nas vias p ficado a partir de amanhã, 1 de J

Dada a importancia da nova contida no Decreto N.º 48 746, publi do Governo» de 5 do corrente, tor conveniência solicitar a atenção dos para os oportunos esclarecimentos prestados pelos Órgãos da Informa

Espera-se que, no período de ad vos preceitos, todos os sócios dêe prudência e disciplina, contribuind desejada segurança do tráfego rod

Lisboa, 31 de Dezembro de 1968

A

O FORNO
BAR — BOITE
SESIMBRA
PASSAGEM DO ANO 1968/69
Marcações — Telefone: 535485 — LISBOA
M/ 17 anos

Algumas das crianças que participaram na festa rodeiam os administradores da U. E. P.

...festa em Setúbal ...nós do pessoal

...ctrica Portuguesa (Sul)

...do dia ...e-Tea- ...sta de ...pessoal ...Portu- ...correu ...grande ...veram ...rnador ...idente ...dele- ...França ...con- ...e ge- ...e, co- ...e eng. ...panha- ...O. Ma- ...distri- ...e bo- ...anças, ...a uma ...nte a- ...or ci- ...a, co- ...eng. ...uíram

bolsas de estudo a filhos de empregados. Seguiu-se um espectáculo composto de um acto de variedades e da representação da fantasia «Aniversário Real», de Maria Adelaide Miguéns Rosado Pinto com música de Celestino Rosado Pinto e da autora

Actuaram, na 1.ª parte, depois de um breve episódio intitulado «Recordando os XXV anos de Festas de Natal», o professor Markus e seus cães amestrados e os palhaços Armand Lisboa & C.ª, que foram muito aplaudidos; e, na segunda, um grupo de jovens e crianças, filhos de funcionários, que souberam dar brilho às sugestões do poema, amiúde intrecortado por baílados e canções, que foram bisados. Dirigiu a sessão, com a habitual competência, o sr. eng.º Armando de Medeiros.

...atribuídos ...os da Imprensa

...p en- ...os dos ...pital» ...espec- ...a de ...Nuno ...s da ...s da ...elati-

vos a 1967, que foram assim distribuídos:

Bailarina: Isabel Santa Rosa; bailarino: Fernando Mateus; e coreógrafo: Águeda Sena.

O júri concordou unanimemente com a sugestão da direcção da Casa da Imprensa de conceder um prémio especial ao Grupo Gulbenkian de Bailado.

...ta ...2 45 64

...DES ...ELUZ

Jóias antigas e modernas

Compramos pelo mais alto preço

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

...Club de Portugal

...DE DE PASSAGEM

...hecimento geral, o regime da ...gem nas vias publicas é modi- ...amanhã, 1 de Janeiro de 1969. ...ncia da nova disposição legal, ...N.º 48 746, publicado no «Diário ...do corrente, torna-se de toda a ...r a atenção dos sócios do Club ...esclarecimentos que estão sendo ...ãos da Informação.

...o período de adaptação aos no- ... os sócios dêem exemplos de ...na, contribuindo assim para a ...do tráfego rodoviário.

...ezembro de 1968.

A DIRECÇÃO

AUMENTO DE 12 POR CENTO

O OPERARIADO DA C. U. F. PASSA A RECEBER AO MÊS

O operariado da C.U.F., da Lisnave e empresas associadas passa a receber ao mês, como os empregados e quadros das mesmas empresas, em vez da féria semanal, regime generalizado no sector das actividades fabris.

A nova orientação, que entrará em vigor a partir de amanhã, dia 1 de Janeiro, atinge mais de vinte mil pessoas.

Embora não tenha havido aumento de vencimentos, o novo regime de pagamento equivale, em média, a um acréscimo de doze por cento dos salários actuais, pois que os domingos passam também a ser remunerados.

Das empresas associadas da C.U.F. em que passa a funcionar o novo regime consta, nomeadamente, a Tabaqueira, embora nesta seja aplicado com algumas adaptações.

E' crível que a decisão ora adoptada pelo grupo de empresas da C.U.F. venha a generalizar-se ao conjunto dos trabalhadores portugueses que exercem a sua actividade no sector industrial e que assim beneficiariam, pelo menos, de um pequeno aumento relativamente aos seus actuais salários.

Uma poderosa frota toda a jacto: 20 Caravelles, 40 elegantes DC-9s 21 quadrireactores DC-8s, seis dos quais da "série 62". Uma rede mundial servindo 5 continentes e ligando 90 cidades importantes. Um novo sistema de carga que será o mais moderno do mundo: 5 jactos "all cargo", 70.000 toneladas de mercadoria, integrando um Terminal de Carga em Roma estruturado e automatizado. Isto é o que nós somos hoje, mas já estamos a planear e a olhar para os anos 70. Os nossos 4 B-747s (Jumbo) transportarão cerca de 500 passageiros; os nossos 6 B-2707 SSTs (Supersónicos) voarão a 2900 kms por hora; o nosso sistema central eletrónico de reservas é inigualável: sòmente 2 segundos e a reserva de um passageiro Alitalia pode ser confirmada para todo o mundo. Não vivemos para o futuro... mas, simplesmente, procuramos ultrapassá-lo.

isto é

ALITALIA

ALGARVE E FUNCHAL
ATRACÇÃO (CONDICIONADA) PARA A PASSAGEM DO ANO

Fim do ano fora de Lisboa: Faro, Funchal, capitais estrangeiras? A deslocação depende dos cifrões que, porventura, se tenha no Banco, na carteira, no crédito dos amigos. Aqui ou ali, com mais ou menos luzes, a verdade é que o ano acaba sempre por surgir com um novo algarismo... Desta vez, como todos sabemos, é um «9» que aparece no calendário.

Temos, portanto, 1969. Todos nós nos encontramos na melhor das boas-fés — e oxalá o novo ano não nos pregue qualquer partida. Vamos escrever, pois, o número recém-chegado no começo das nossas cartas, no topo dos nossos postais. Sem receio, com gentileza, desembaraço.

Os com dinheiro, e também disposição, irão ao Funchal passar a última noite do ano. Escutemos a voz suave de uma funcionária da TAP:

— Mas com **ce'teza**. Vai muita gente para o Funchal. Muitos portugueses, sabe...? Portugueses ricos, claro. Isso que tem? Têm dinheiro...

A Conferência de Tráfego confirma, secamente, as palavras da funcionária gentil:

— Grande afluência para o Funchal. Afluência maior do que a verificada o ano passado.

E o Algarve? Também é procurado pelos que tencionam festejar a entrada do Ano Novo em «boites» e «cabarets»? É, sim. Di-lo também a TAP:

— Grande afluência de passageiros para Faro. O ano passado a afluência foi menor.

— Então parabéns.

— Obrigado.

Junto da EVA (Empresa Viação Algarve) conseguimos a seguinte declaração:

— Quem se destina às «boites» não viaja nas nossas camionetas. Tem o avião, o automóvel, o autocarro de turismo. As nossas camionetas são utilizadas por aquelas pessoas que vão festejar a entrada do ano com as famílias. Muita gente? Mais no Natal do que no fim do ano.

Evidentemente que não podia faltar a C. P. As «Informações» deram-nos o seguinte esclarecimento:

— É difícil dizer se aquele passageiro, que embarca neste momento, vai ou não vai festejar a entrada do ano na localidade a que se destina. Sabemos, sim, que, nesta época, há maior número de passageiros em toda a rede ferroviária...

E as capitais estrangeiras? Cintilam de luzes — e têm a Torre Eiffel, o Big Ben, a Estátua da Liberdade, o Kremlin, pessoas e pessoas, sorrisos e sorrisos, apertos de mão.

A CAMINHO DA LUA

(Continua na 10.ª pagina)

uma motivação, que surgiu com o tema «Apolo» que o presidente Kennedy escolheu.

Prof. Bondi — O ideal seria uma cooperação mundial, mas os desejos humanos são sobretudo desejos políticos. Eu explico-me: se perguntarem ao cidadão americano se quer gastar 20 dólares por ano e por cabeça na competição com a U. R. S. S., responderá sem dúvida sim, mas se lhe perguntarem: quer despender 2 dólares para a cooperação com a U. R. S. S., dirá, talvez, não...

(1) O GeV (Giga-electrão-volt) representa uma energia de uma centena de milhões de electrões-volt.

(2) Em 1959 Dollfus efectuou a primeira ascensão estratosférica em balão livre, procedendo então a observações atmosféricas a uma altitude de 14 000 metros.

Festas de Ano Novo

Haverá festas, com bailes e diversos atractivos, entre outros, nos seguintes locais: esta noite, na Casa do Minho, no Grupo de Instrução Popular de Amoreira, no Centro Espanhol e no Grupo Desportivo do Estoril Praia; e amanhã, á noite, no Grupo de Instrução Popular de Amoreira.

Da empresa Edifer

Promovida pelo Grupo Desportivo e Cultural da Empresa EDIFER — Construções Pires Coelho & Fernandes, SARL, realizou-se, no Cinema D. João V, da Damaia, a festa de Natal dedicada aos filhos do pessoal da empresa.

Distribuição de brinquedos e agasalhos aos filhos dos operários da empresa Edifer

Assistiram a administração e quadros superiores da EDIFER. Houve exibição de palhaços, projecção de filmes infantis e distribuição de brinquedos, roupas, agasalhos e guloseimas aos filhos dos empregados na empresa.

Da Oliva, em São João da Madeira

SÃO JOÃO DA MADEIRA, 31 — A Oliva promoveu, como é tradicional, várias cerimónias de homenagem à memória dos sócios e colaboradores falecidos e aos seus empregados mais antigos. Houve missa e, a seguir, um almoço, durante o qual foi feita entrega de medalhas de ouro dos 25 anos de actividade, emblemas de ouro com brilhantes dos 30 anos, salvas de prata dos 35 anos e relógios de ouro dos 40 anos, respectivamente, aos srs. Julio Pinto de Sá, Manuel F. F. da Conceição, Manuel Ferreira dos Santos, Agostinho Oliveira, José Rodrigues da Silva, António Pereira dos Santos, Manuel Pinto de Oliveira e Armando Teixeira da Mota; Manuel Leite de Pinho, Carlos Silva Coelho, Duobalino Alves da Costa, Serafim Ferreira, Germano Luís da Silva, José Sá Bento, António Dias de Oliveira, António Moreira Dias, David Pereira Resende, António Joaquim dos Santos e José Pinho de Sá; Manuel Ferreira Resende, Custódio de Oliveira, Francisco Correia de Sá, Luís Gomes de Resende, José Pereira Reis, António Gomes dos Santos, Manuel Gomes de Aguiar e Luís da Silva Machado; José Moreira de Oliveira, José Dias Ferreira e José Maria da Assunção.

Após o almoço, houve uma festa dedicada ás crianças, a quem foram distribuídos brinquedos e guloseimas.

A CORRIDA DE S. SILVESTRE

(Continuação da 1.ª pág.)

se-me Pinto no seu leito do hospital. — *Pisei mal quando estava a correr ao lado do belga, mas ainda acabei o treino. Só depois de arrefecer é que a dor atacou.*

Anacleto Pinto queixa-se do azar, mas espera uma recuperação sensacional — e improvável — de molde a poder correr na célebre prova. A sua maior preocupação reside em que os «fans» portugueses vão acusá-lo de falta de brio. Adeptos do Sporting dirão que Manuel de Oliveira estava em melhor forma.

Os seus olhos tinham lágrimas quando afirmou:

— *A maior mágoa é Portugal não ter hoje um representante na «São Silvestre».*

«Ia vencer este ano!»

Como só haverá avião para Lisboa na próxima quinta-feira, o atleta começará o ano assistindo à prova no televisor do seu quarto solitário.

Vimo-lo dar um murro na cama e dizer:

— *Tinha a certeza de vencer este ano! Roelants está velho e eu chegava para os outros todos!*

Relembrou ainda um azar semelhante quando, há três anos, dores no fígado fizeram com que ele perdesse a liderança da prova nos últimos 500 metros, atirando-o para o 17.º lugar.

A lesão, além de impedir a sua participação na «São Silvestre», vem anular um vantajoso contrato para correr no Uruguai e Argentina.

Vinte dias de recuperação

O atleta acredita, como dissemos, numa recuperação a tempo, mas o médico, dr. Mário Isaías, calcula que ele levará vinte dias a estar em condições. Opinião do dr. Isaías:

— *Correr assim pode significar a inutilização para o desporto.*

Anacleto Pinto recorda amargamente a frase que disse à noiva, Adelaide, no aeroporto da Portela, aquando da partida para São Paulo:

— *Vais ver: acontece alguma coisa e fico no hospital sem correr...*

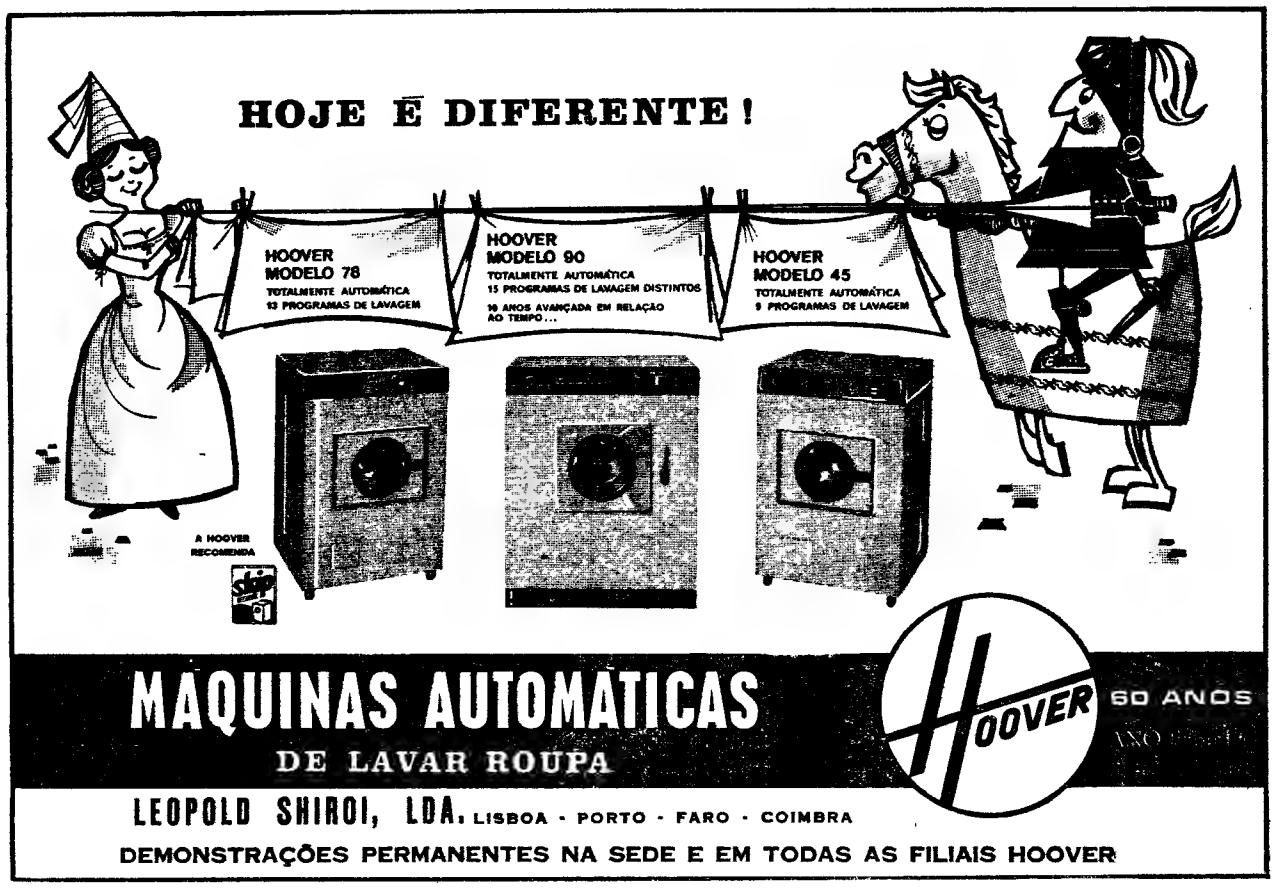
A brincadeira bateu certa. Agora Anacleto Pinto pede ao «Diário de Lisboa» que transmita aos seus familiares e amigos este recado: «Não estejam preocupados».

Duzentos e oitenta atletas de todo o mundo começarão o ano correndo a grande prova nesta cidade de sete milhões de habitantes. Prevê-se a vitória do belga Gaston Roelants, mas o inglês Ron Hill, recordista mundial das 10 milhas, o francês René Jourdan e o japonês Keisuke Sawaki são também grandes favoritos.

Esta é a prova desportiva mais antiga do Brasil e a mais célebre corrida pedestre do mundo, mas os brasileiros não a ganham desde 1946, quando Alves Monteiro bateu apenas outros seis concorrentes.

A «São Silvestre» tem grande significado para Portugal depois que Manuel Faria, recordado aqui com saudade, a venceu em dois anos consecutivos — 1957 e 1958.

JOAQUIM LETRIA



IMPERLUZ

AV. ALM. REIS, 172-A - TELEFS. 533592/3

Cumprimentam os seus Exmos Clientes e Amigos, desejando-lhes BOAS FESTAS e ANO NOVO cheio de prosperidades.

SÓCIO

500/600 contos, para desenvolver casa ramo acess. auto e peq. indústria muito lucrativa, podendo exercer actividade, precisa-se.

Resposta a este jornal, ao n.º 466.

A PARTIR DE AMANHÃ

A Empresa Eduardo Jorge arredonda algumas tarifas e aumenta outras

O primeiro dia do ano vai trazer algumas novidades aos habituais passageiros da Empresa de Viação Eduardo Jorge pequenos aumentos em carreiras de menor utilização, arredondamento (para multiplos de $50) de todas as tarifas terminadas em $10 ou $20, e fixação de um novo limite máximo de idade para os meios-bilhetes de «criança», o qual passa de 10 para 12 anos.

Sem alteração os bilhetes simples nas carreiras mais utilizadas — e benefício para as crianças em idade escolar.

Entretanto, nas carreiras de maior utilização (Benfica-Queluz e Lisboa-Queluz de Baixo, com ligação ao Metropolitano) não haverá qualquer alteração nos bilhetes simples, visto de há muito terem desaparecido as fracções a terminar em $10 ou $20.

As alterações tarifárias a vigorar já amanhã derivam, segundo um informador da empresa, da letra da portaria n.º 23 531, publicada no «Diário do Governo» de 10 de Agosto deste ano De acordo com os dados nela insertos sobre a alteração dos limites tarifários por quilómetro foi feito um estudo cujos resultados têm agora a devida aplicação.

— *Esperamos sinceramente* — disse o mesmo informador — *que o benefício do novo limite para os meios-bilhetes de «criança», importante no caso de muitos alunos do ciclo preparatório, compense o publico dos pequenos aumentos que irá encontrar nesta ou naquela carreira de menor utilização.*

Ainda dessa fonte soubemos que a Empresa de Viação Eduardo Jorge, á semelhança de muitas outras empresas de camionagem, solicitou das entidades competentes um reajustameno global das tarifas com base em novos encargos assumidos — aumento de salários ao pessoal, aumento do preço do combustível e percentagens mais altas cobradas pela Previdência segundo o esquema praticado na dedução para a Caixa de Pensões

Director do Instituto de Socorros a Náufragos

Foi nomeado director do Instituto de Socorros a Náufragos o capitão-de-mar-e-guerra da reserva Carlos Augusto Ferreira Pinto Basto Carreira, no lugar do comodoro reformado Jacinto Pereira de Mendonça

NOVA DIRECTORA DO MUSEU NACIONAL DOS COCHES

A dr.ª D. Maria Madalena Cagigal e Silva, até agora conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, foi nomeada directora do Museu Nacional dos Coches.

BASQUETEBOL

O B. P. M. CAMPEÃO REGIONAL DO PORTO

Numa «finalíssima» defrontaram-se ontem à noite as equipas do B. P. M e do Académico, para apurar o campeão da 1.ª divisão de basquetebol do Porto. Os «bancários» triunfaram por 66-50, conquistando o título que estava de posse do Vasco da Gama.

O B. P. M., também actual campeão metropolitano, é um dos favoritos a esta prova nacional, que principiará no sábado.

C. D. U. P.: Titular feminino

Concluiu-se o campeonato regional feminino de basquetebol do Porto. A equipa do C. D. U. P. mais uma vez conquistou o título.

Presidente do Município de Beja

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Beja o dr. Fernando Gerardo de Almeida Nunes Ribeiro, em substituição do dr. Joaquim Alexandre Black de Vilhena de Andrade, que pedira a exoneração.

APARECERAM (E CARAS) AS LAMPREIAS

VIANA DO CASTELO, 31 — Apareceram no rio Minho as primeiras lampreias, oscilando o custo de cada exemplar entre 140 e os 200$00.

Mesmo assim, apesar do preço elevado, a procura do apreciado peixe foi muita.

ACIDENTE MORTAL NO TRABALHO

Ao fim da tarde de ontem, quando procedia a trabalhos de mudança de uma para outra secção do «Diário de Lisboa», caiu desastrosamente pelas escadas do prédio n.º 100 da Rua Luz Soriano o moço de fretes Virgílio Fernandes Carneiro A queda, aparentemente pouco grave, deixou-o logo sem sentidos, pelo que foi chamado o «115» a fim de o transportar ao Hospital de S. José Uma vez ali chegado (e devidamente assistido) o infeliz trabalhador veio a falecer, recolhendo o cadáver ao necrotério.

Virgílio Fernandes Carneiro tinha 43 anos e era filho de Maria Preciosa Alves e José Fernandes Carneiro. Nascera em Cadafaz, concelho de Gois, e residia actualmente na Travessa dos Fiéis de Deus, 144, 4.º Dto. Casado com Maria Benvinda Martins Carneiro deixa dois filhos: Maria de Lourdes Fernandes Carneiro, de 15 anos, e António Fernandes Carneiro, de 13 anos A toda a família, o «Diário de Lisboa» deixa aqui expresso o seu pesar.

TEATRO
SÁ DA BANDEIRA
TELEF 23595
VASCO MORGADO apresenta todas as noites ás 21 e 45; sábados e domingos ás 16—20 e 45—e 23 h
«LISBOA É SEMPRE MULHER»
com Camilo Florbela — C. Coelho e as atracções Alda Pinto — Paulo Jorge — Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

Cerca de 2 mil albergados na Mitra e na Quinta do Pisão receberam a visita do ministro do Interior

Cerca de dois mil albergados (mais de 1300 na Mitra e quase 600 na Quinta do Pisão) receberam, esta manhã, a visita do ministro do Interior, sr. dr. Gonçalves Rapazote, que vem no seguimento de outras que aquele membro do Governo tem vindo a fazer a organismos dependentes do seu Ministério.

A visita começou pelo Albergue Distrital de Lisboa (Mitra) onde o sr. dr. Gonçalves Rapazote era aguardado pelos srs. presidente da Junta Distrital, eng.º Ribeiro Ferreira; secretário do ministro da Saude, dr. Amaral Marques; adjunto do comando da P. S. P e membro da direcção da Mitra, capitão Galhardas; e D. Maria Luís Salinas, da comissão administrativa da Mitra, pela Misericórdia de Lisboa.

O ministro do Interior que chegou acompanhado pelo seu secretário, sr. cap Manuel Geraldes Nunes e pelo governador civil de Lisboa, sr. dr. Afonso Marchueta, percorreu todas as dependências, sendo-lhe prestados esclarecimentos pelo sr. capitão Cascais, director do Serviço de Repressão à Mendicidade.

Ao fim da manhã, o sr. dr. Gonçalves Rapazote deslocou-se á Quinta do Pisão, perto de Alcabideche, onde a Mitra possui uma valiosa exploração agro-pecuária na qual trabalham os albergados.

Visita à Imprensa Nacional

De tarde, o sr. dr. Gonçalves Rapazote visitou a Imprensa Nacional que também depende do Ministério do Interior. No entanto, a visita relaciona-se directamente com as comemorações do 2.º centenário daquele organismo.

SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DO GRUPO DESPORTIVO DA C. U. F.

O 17.º Salão de Arte Fotográfica, 13.º Internacional do Grupo Desportivo da C.U.F., que está patente ao publico, no Barreiro, até ao dia 1 de Janeiro, estará presente nudas suas secções, no S.N.I., a fim de que o publico da capital possa tomar contacto com um dos melhores salões da Europa.

Assim, será exibida, na sala de cinema do S.N.I., a valiosa colecção de diapositivos a cores, constituída por mais de duzentos «slides» admitidos ao certame, seleccionados de mais de mil e cem, que representavam para cima de trinta países de todas as partes do Mundo. A sessão realiza-se hoje, ás 21 e 30.

Foi distinguido o representante consular da Grã-Bretanha em Vila Real de Sto. António

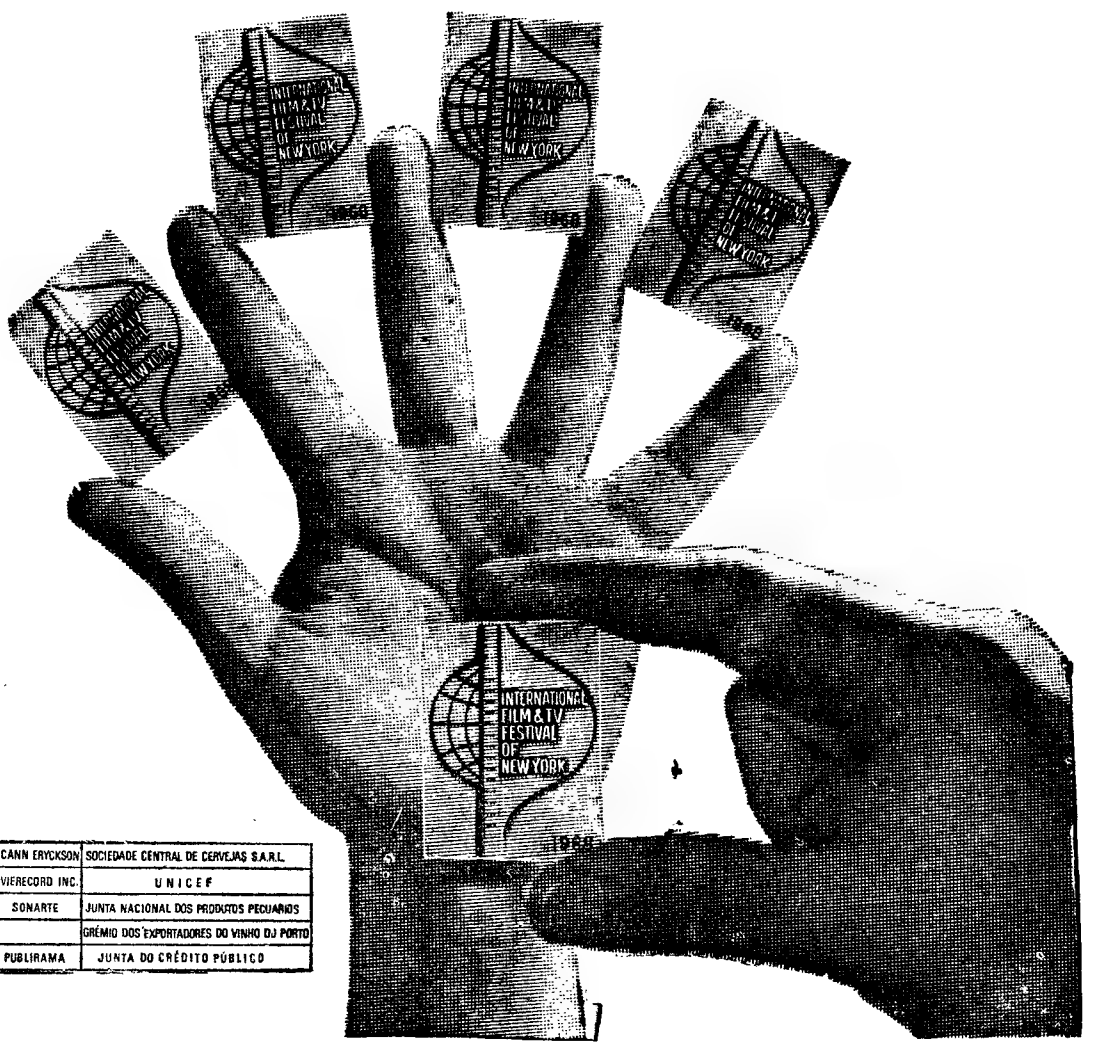
Em expressiva cerimónia, que decorreu hoje na sua residência, o embaixador da Grã-Bretanha, «sir» Anthony Lambert impôs ao sr. Emílio Diogo Costa, pro-cônsul daquele país em Vila Real de Santo António, as insignias do grau de M. B. E. (Member of the British Empire).

Figura de prestígio e relevo naquela vila e em todo o Algarve, o sr. Emílio Costa foi, assim distinguido pela rainha Isabel II, como «Membro do Império Britânico», em testemunho de reconhecimento pelos valiosos serviços prestados, durante longos anos à Grã-Bretanha.

ESCOLA EMÍDIO NAVARRO (Almada)

Tem obtido o mais significativo êxito a exposição de trabalhos das alunas da Escola Emídio Navarro, de Almada, de que é director o dr. José Malheiro do Vale.

A TELECINE MORO
ENCERRA O ANO COM UMA MÃO CHEIA DE PRÊMIOS
INTERNATIONAL FILM & TV FESTIVAL OF NEW YORK



OURO	CUCA	McCANN ERYCKSON	SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS S.A.R.L.
PRATA	CRIANÇAS	MOVIERECORD INC.	UNICEF
PRATA	OVOS	SONARTE	JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUARIOS
PRATA	FORMA PERFEITA		GRÉMIO DOS EXPORTADORES DO VINHO DO PORTO
BRONZE	PEQUENA ECONOMIA	PUBLIRAMA	JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

SEDE: Rua do Bolhão, 72-3.º — PORTO

DELEGAÇÃO: Av. Infante Santo, 15-1.º — LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA PRODUÇÃO TÉRMICA DE ENERGIA ELÉCTRICA

— CENTRAL DA TAPADA DO OUTEIRO (GONDOMAR) — EM EXPLORAÇÃO
1.º e 2.º Grupos — EM EXPLORAÇÃO
— CENTRAL DO CARREGADO 3.º Grupo — EM CONSTRUÇÃO
— ESTUDOS DA CENTRAL DE RIO MAIOR E DA PRIMEIRA CENTRAL NUCLEAR

CAPITAL AUTORIZADO: 850 000 000$00
CAPITAL REALIZADO: 720 000 000$00

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições das respectivas emissões, estão a pagamento, a partir do dia 2 de Janeiro de 1969, os juros das obrigações desta empresa correspondentes ao 2.º semestre de 1968.
O valor líquido do juro a pagar por obrigação, depois de duzidos os impostos legais, é de:

EMISSÕES	N.ºs dos cupões	Ao portador	Ao portador registados	Nominativas	Averbados a Inst. Previd.ª	Averbadas a Ass. S. Mútuos
1.ª Emissão 5% — 1956	25					
2.ª » 5% — 1957	23					
3.ª » 5% — 1959	20					
4.ª » 5% — 1960 (1.ª Série)	18	16$95.8	21$51	21$30.25	21$79.25	21$79.25
4.ª Emissão 5% — 1960 (2.ª Série)	17					

SORTEIO

De conformidade com o anúncio em devido tempo publicado nos jornais, procedeu-se, no dia 2 do corrente mês, ao sorteio para amortização de 2681 obrigações desta empresa, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

1.ª EMISSÃO DE 5% — 1956/84

5	25	116	285	307	322	483	489	751	798	799	828	980	1232	1251	1282
1519	1634	1752	1865	1871	1902	2052	2080	2218	2373	2588	2692	2703	2791	2803	2852
2954	3048	3186	3223	3225	3226	3270	3373	3195	3568	3733	3933	4091	4111	4179	4290
4377	4423	4460	4475	4551	4574	4715	4720	4710	4852	4868	5038	5050	5070	5086	5112
5128	5172	5194	5302	5335	5361	5365	5371	5449	5471	5517	5754	5760	5809	5833	5843
5867	5890	5917	5949	5993	5999	6013	6016	6134	6198	6272	6372	6433	6466	6467	6476
6480	6185	6502	6516	6540	6547	6579	6685	6811	6864	6897	7038	7051	7148		

2.ª EMISSÃO DE 5% — 1957/85

7272	7279	7295	7314	7330	7368	7411	7435	7676	7714	7776	7868	8012	8087	8137	8231
8240	8272	8309	8507	8527	8568	8737	8812	9063	9098	9116	9162	9217	9246	9434	9498
9627	9654	9733	9828	9899	9906	9915	9941	9957	10016	10080	10167	10182	10337	10437	10483
10500	10515	10577	10589	10596	10652	10705	10835	10877	10940	11018	11077	11235	11243	11266	11425
11452	11462	11526	11539	11669	11705	11842	11939	12047	12176	12225	12228	12287	12291	12301	12305
12455	12468	12482	12708	12722	12741	12832	12860	13022	13059	13114	13149	13152	13176	13300	13314
13432	13434	13512	13629	13638	13712	13729	13734	13824	13844	13945	13967	14009	14035	14125	14272
14314	14358	14407	14433	14438	14465	14468	14497	14649	14663	14876	14911	14950	14985	15022	15044
15127	15142	15240	15269	15376	15478	15521	15652	15692	15758	15935	15984	16096	16157	16167	16184
16276	16445	16450	16567	16575	16711	16795	16809	16830	16861	16940	16951	17177	17199	17275	17336
17365	17393	17430	17530	17609	17621	17625	17668	17808	17817	17853	17975	17987			

3.ª EMISSÃO DE 5% — 1959/87

18049	18067	18082	18294	18333	18378	18403	18420	18541	18593	18631	18645	18648	18715	18742	18752
18778	18790	18827	18865	18935	18960	18978	19106	19137	19223	19250	19304	19321	19585	19597	19618
19639	19706	19727	19753	19763	19842	19847	19871	20026	20199	20335	20411	20461	20523	20624	20687
20708	20953	20955	20983	20988	21065	21081	21123	21173	21227	21347	21392	21421	21428	21439	21478
21488	21492	21516	21531	21750	21757	21764	21857	21869	21966	21975	21998	22022	22052	22084	22131
22169	22177	22195	22209	22231	22247	22389	22431	22542	22570	22637	22661	22672	22690	22748	22766
22772	22841	22952	22971	23172	23215	23270	23306	23338	23347	23521	23539	23570	23656	23701	23825
23885	23931	24025	24088	24114	24182	24185	24332	24384	24401	24503	24536	24549	24567	24572	24631
25088	25097	25316	25406	25439	25520	25544	25555	25819	25822	25898	25960	25972	26194		

4.ª EMISSÃO DE 5% — 1960/88 — 1.ª SÉRIE

26328	26567	26597	26601	26602	26812	26822	26922	26933	26935	26970	26984	27100	27145	27170	27219
27304	27392	27544	27626	27700	27724	27813	27901	27910	27940	27943	27995	28222	28269	28290	28349
28567	28605	28689	28787	28821	28849	28941	29010	29045	29076	29090	29179	29224	29290	29320	29356
29470	29483	29580	29585	29642	29657	29720	29755	30019	30413	30481	30527	30533	30655	30685	30688
30796	30819	30915	30996	31014	31036	31232	31233	31385	31455	31520	31789	31804	31861	31869	31981
31999	32029	32057	32196	32211	32335	32418	32476	32548	32566	32842	32860	32993	33007	33014	33041
33048	33052	33146	33218	33320	33387	33477	33708	33713	33855	33871	33918	33966	34062	34240	34342
34318															

4.ª EMISSÃO DE 5% — 1960/88 — 2.ª SÉRIE

34422	34502	34515	34559	34760	34825	34835	35043	35091	35191	35280	35325	35328	35357	35410	35444
35576	35611	35688	35691	35698	35715	35871	35912	35984	35996	36036	36040	36104	36109	36281	36301
36372	36660	36794	36904	37002	37156	37215	37221	37421	37457	37757	37906	38026	38144	38200	38231
38480	38539	38700	39067	39201	39444	39463	39501	39659	39690	39775	39890	39891	39901	39991	40052
40162	40260	40264	40290	40351	40457	40476	40553	40657	40692	40701	40752	40822	40940	40943	41052
41119	41186	41232	41276	41336	41414	41420	41655	41668	41772	41775	41779				

O pagamento do valor nominal dos títulos sorteados terá início no dia 2 de Janeiro de 1969 e será efectuado, assim como o dos juros correspondentes aos cupões acima indicados, por intermédio dos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos C. Previdência
Banco de Fomento Nacional
Augustine, Reis & C.ª
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e C. de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral de C. Predial Português
Crédit Franco-Portugais

Dos sorteios anteriores estão por reembolsar os seguintes títulos:

96	162	324	416	195	512	560	732	977	995	1465	1500	1505	1709	1879	2018
2708	2764	2813	3030	3214	3375	3422	3423	3570	3578	3884	4022	4279	4587	5169	5661
5883	5886	6091	6109	6303	6548	6676	6720	7256	7502	7585	7615	7647	7689	8069	8230
8304	8317	8388	8494	8728	10110	10111	10417	12863	12942	13099	13424	13480	13627	14152	14678
14712	14714	15669	15776	15795	15814	16050	16494	17333	18091	18298	18604	19147	19324	19327	19614
19658	19720	19757	19918	20139	20265	20283	20536	20689	21283	21504	21568	21913	21919	22060	22136
22211	22439	22491	22581	22747	22979	23027	23196	23351	23382	23383	23466	24159	24356	24737	24994
25696	25801	25977	26103	26150	26281	26302	26325	26394	26412	27487	27495	27503	27507	27513	27520
27526	27566	27574	27625	27639	27664	27677	27720	27760	27763	27771	27817	27823	27857	27869	27894
27915	27934	27960	27965	27975	27981	27983	28000	28020	28053	28079	28106	28138	28141	28142	28183
28226	28273	28301	28309	28317	28326	28336	28374	28380	28397	28398	28400	28410	28434	28436	28459
28462	28469	28473	28551	28552	28587	28662	28869	28889	28892	29273	29424	29431	29441	29480	29594
30389	30828	31010	31015	31372	31680	31696	31711	31721	31725	31784	31788	31829	31838	31906	32090
33376	33384	33498	33502	33504	33534	33545	33578	33876	34380	34493	34534	34518	34560	34590	34594
34715	35663	35677	35689	35692	35718	35724	35739	35776	35794	35797	35799	35822	35832	35833	35865
35883	35925	35985	36004	36011	36015	36049	36065	36085	36127	36138	36156	36175	36188	36243	36249
36292	36391	36417	36438	36453	36457	36514	36527	36541	36565	36569	36578	36603	36608	36624	36631
36632	36645	36661	36678	36712	36721	36726	36734	36748	36762	36773	36778	36804	36805	36843	36964
37319	37354	37356	37360	37703	37726	37756	37763	37784	37911	37966	38291	38333	38460	38494	38551
38684	38734	38953	39209	39286	39414	39433	39452	39456	39464	39493	39495	39500	39503	39515	39530
39586	39759	39856	39904	40611	40614	40827	40853	40894	40912	40914	40917	40922	40923	40933	40973
41298	41548														

Porto, 17 de Dezembro de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO EM TODOS OS GÉNEROS
✻
ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

RUA DA ROSA, 23
TELEF. 3 50 94
LISBOA

Tipografia Confiança, Lda.

IMPRESSÕES A RELEVO, OURO, PRATA, TRICROMIAS
✻
EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA

Deseja a todos os seus clientes e amigos um Novo Ano cheio de prosperidades.

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

AVISO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 27.º sorteio trimestral realizado em 30/12/1968

Prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados

1 — 1.º **prémio: 100.000$** — certificado n.º 62 159
1 — 2.º **prémio: 30.000$** — certificado n.º 10 362
1 — 3.º **prémio 20.000$** — certificado n.º 181 119
5 — 4.os **prémios: 5.000$ cada** — certificados n.os 40 312, 72 669, 124 271, 133 795 e 180 425
25 — 5.os **prémios: 1.000$ cada** — certificados n.os 4695, 6661, 9008, 12 630, 14 675, 16 580, 20 492, 22 344, 24 714, 34 460, 36 318, 39 820, 41 683, 44 068, 45 809, 48 212, 53 052, 54 672, 60 484, 177 948, 178 310, 179 246, 179 803 e 180 464.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000$, 21.000$, 14.000$ 3.500$ e 700$, respectivamente.

Ao próximo sorteio, que se realiza em 31 de Março de 1969, serão admitidos os certificados já emitidos e os que vieram a ser emitidos até 28 de Fevereiro próximo.

★

Todos os prémios dos sorteios anteriores já foram entregues aos aforristas contemplados

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 30 de Dezembro de 1968.

Pel'O Director-Geral
António Noronha

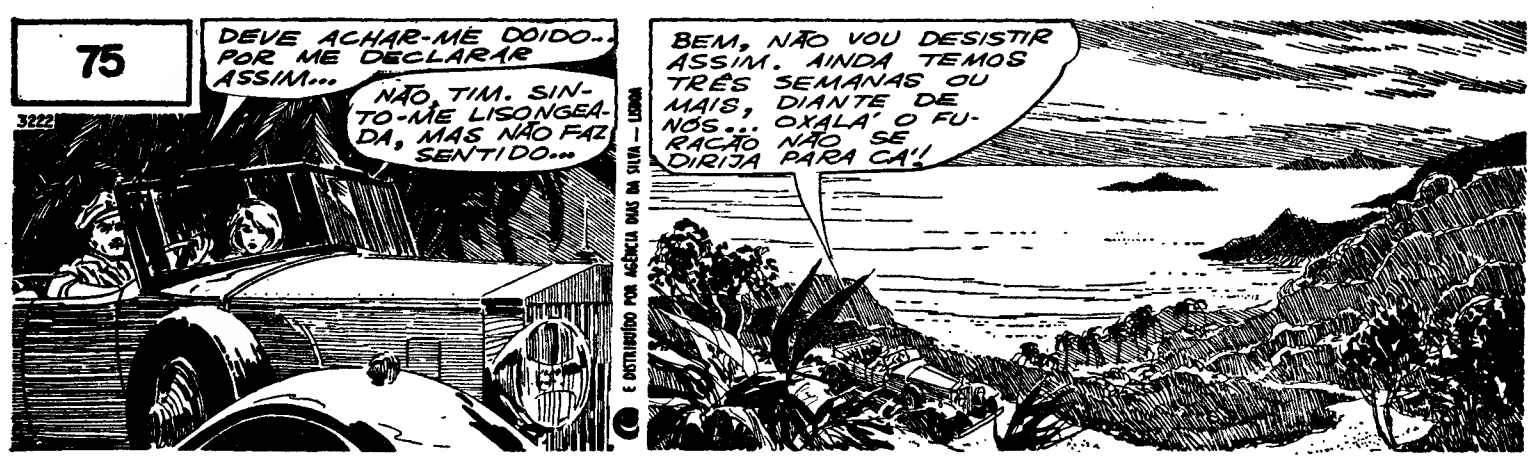
ZIM ISRAEL NAVIG. Co LTD

LINHA DA AMÉRICA DO SUL
PARA
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES
O PAQUETE
«THEODOR HERZL»
EM 27 DE JANEIRO
recebendo passageiros em Luxuosa Classe Turística aos preços habituais
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU OS
AGENTES GERAIS DE PASSAGENS
M. DRUMMOND, LDA.
Rua do Arsenal, 134 — Telef. 321814 — LISBOA
R. Mouzinho da Silveira, 120, 1.º — Telef. 37145 — PORTO

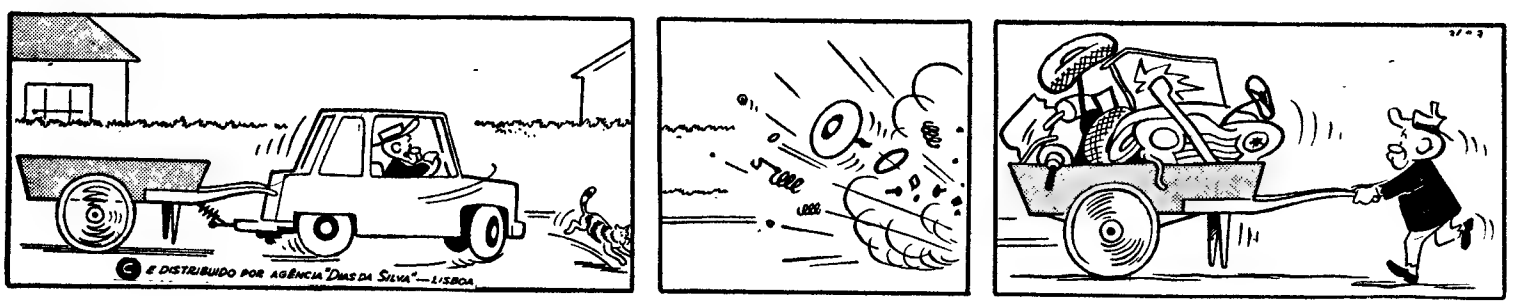
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro de 1938 publicava:

«O futuro é sempre o osso que o homem tem para roer, numa necessidade virtual tornada entretenimento pelo forçado hábito. Roemos nesse osso todas as hipóteses, todas as espectativas. Mas hemos de não abandonar a fé numa compensação relativa, mais ajustada aos esforços que cada um faz, para viver com Deus e com os homens, com a lei e com a sociedade, com a consciência e com a razão.»

À VENDA NA CASA
M. FERREIRA
Tr. HENRIQUE CARDOSO, N. 22-A
Telef. 764914

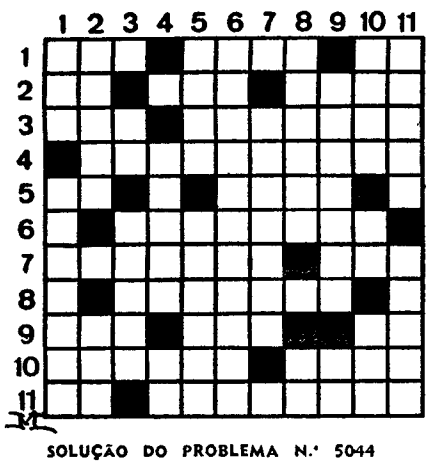
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 5045

HORIZONTAIS — Capa de contrabando Célebre corsário francês que, pela sua valentia e extraordinárias proezas, recebeu de Luís XIV títulos de nobreza e o posto de chefe de esquadra Artigo antigo 2 — Preposição Cidade do França, no departamento de Altos-Alpes Faustuoso 3 — Rio da Austrália, afluente do Danúbio Subtraiu 4 — Pequenos estabelecimentos de miudezas e quinquilharias 5 — Concede Grande vaso de barro para líquidos 6 — Cuidareis de 7 — Estupefacta Rasteiro 8 — Arrogante 9 — De modo nenhum Pronome pessoal Existe 0 — Arreda Estime 1 — Pertences Imputais

VERTICAIS — Poesia Está subordinado 2 — Cada um dos grupos frutíferos dos cachos de bananas Ditongo (pl.) 3 — Apelido Dificuldades 4 — Antiga medida de extensão equivalente a 22,5 cm Siga 5 — Vestígios de exploração de ouro na Zambézia Capazes 6 — Toques com a mão 7 — Agravara-se 8 — Desgostoso Antes de Cristo 9 — Completo Nociva. 10 — Ressoa Catedral Tenho 11 — Serra do distrito de Coimbra Transpiras

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5044

HORIZONTAIS: 1 — Epaminondas 2 — NEM Rodeado. 3 — Troam. És 4 — R Sãs Grés 5 — Eta Soca 6 — TODO. Aos O. 7 — Olaré Aru 8 — Nariz Vimes 9 — Travo Adega. 10 — O MATO. Anãs. 11 — Só Isso.

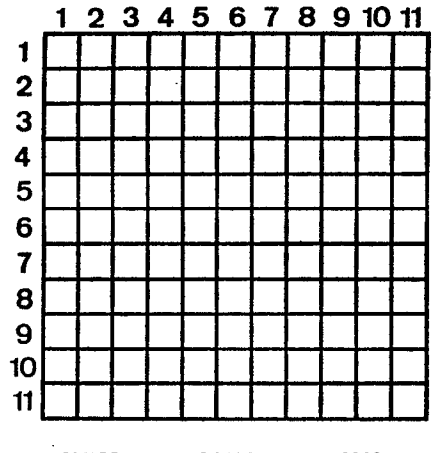
VERTICAIS: 1 — Entretanto. 2 — Perito. Ar 3 — Amo. Adoram 4 — As. Olivas 5 — Irmãs Azoto. 6 — No. Soar. O. 7 — Ode Coeva. 8 — Nesgas. Idas. 9 — Da Ri. Amens 10 — Ad É OREGÃO 11 — Sonsa Usas.

(Provérbio: NEM TODO O MATO É OREGÃO).

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N 8889

HORIZONTAIS — Baile Termine 2 — Serra de Portugal Frade catalão que veio a Portugal tratar do casamento de D Dinis com Santa Isabel 3 — Preposição Bondoso Botequim 4 — Asa do nariz Não nascida 5 — Rasoura Estavam 6 — Pequena cobra do América 7 — Lama Interjeição que serve para fazer recuar os bois 8 — Que tem muitos unos Guarneceis de asas 9 — Preposição Saudável Magnete nautral 0 — Lavrem Bolo feito de farinha e sal de que os Romanos se serviam nos sacrifícios 11 — Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto Formara as abas a

VERTICAIS: — Capital do Senegal. Labrego 2 — Além Sobrecarrega 3 — Alcunhas Mágoas 4 — Crómio (s q.) Buchas Nota musical 5 — Bário (s q.) Artigo definido 6 — Cobalto (s q.) Prefixo que designa três O mais 7 — Nota musical Preposição e artigo definido 8 — Aqui. Freguesia do concelho de Nelas Prefixo que designa afastamento 9 — Aroma agradável Recurso 10 — Ponta de cigarro Ilha portuguesa na Oceânia e que faz parte do arquipélago de Sunda 11 — Vagueiam Guarnecera de asas



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8888

HORIZONTAIS: 1 — Reima. Parda. 2 — Armar. Acera 3 — Amo Rol 4 — Cena Rena. 5 — Ama Moa. Rio 6 — Pasta. 7 — Alçar. Acaba. 8 — Cão. Aer Dar. 9 — Rã Lê. 10 — Latir Palma 11 — Anona Trair

VERTICAIS: — Rança Acolá 2 — Er Emala An 3 — Imana Corto. 4 — Mama. Pa Ain. 5 — Aro. Mara. Rã 6 — Cós Em 7 — Par. Ator. Pt. Açor. AC. Lar 9 — Reler. Adela. 10 — Dr. Nimba. Mi. 11 — Aarão Arear

Serviços Técnicos

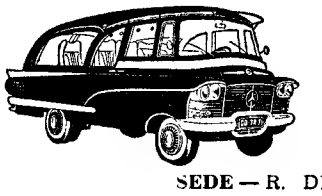
PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
Lisboa: 382844/382957/683121/560200
Porto: 35068 Faro. 23899

MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA • ACESSÓRIOS DE ORIGEM

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

AGÊNCIA SALGADO



FUNERAIS
TRASLADAÇÕES

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO

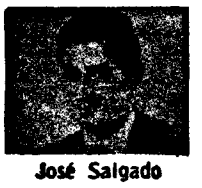
8 FILIAIS

SEDE — R. DE SANTA MARTA. 43-A — Telefones 4 82 58 / 4 87 24

GERÊNCIA DE:

Américo Salgado

Carlos Salgado


José Salgado

O PAI NATAL ESCOLHEU...

© Contacto

...ESCOLHEU
—CERTAMENTE—
ESCOLHEU O MELHOR

NORDMENDE

EXPOSIÇÃO E VENDA

IMPERLUZ
Av. Almirante Reis, 172 - LISBOA
Telef. 53 35 92/3

EXPOSIÇÃO E VENDA

ATENÇÃO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À

A REPARADORA DE ASCENSORES IMPÉRIO, LDA.

REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO

RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

MÁQUINAS DE ESCREVER «BROTHER»

A preferida em todo o Mundo. Adquiri-la é um prazer, a sua técnica, robustês e apresentação são sólidas garantias.

À venda nos agentes oficiais em todo o País.

Representante
A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.
Avenida Almirante Reis, 10-C — Tel. 56.23.14
LISBOA

ADÃO, CAMISEIROS

ADÃO JUVENIL

RUA AUGUSTA, 240 — 36 61 18 P P C

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas-Festas e Feliz Ano Novo

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LUXOR

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS DE LAVAR E SECAR ROUPA

MAIS SIMPLES
MAIS VANTAGENS
MELHOR QUALIDADE
VÁRIOS MODELOS

LUXOR

RECOMENDA O USO DO DETERGENTE skip

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa: R. António Enes, 20-1.º - Tel. 53 90 87
Porto: Rua Formosa, 172 — Tel. 2 69 02

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de SEIXAL em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Amora, no referido concelho, de uma linha aérea a 6 kV com 3166 metros de comprimento, do apoio n.º 45 da linha Laranjeiro-Seixal ao posto de transformação 06-3-141 Verdesela

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Dezembro de 1968

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

No CADAVAL o «DIARIO DE LISBOA» é distribuido pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

Notariado Português

DÉCIMO TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO DR. ABEL AUGUSTO VEIGA DA GAMA VIEIRA

Certifico para efeitos de publicação

Que, por escritura de vinte e três de Dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada de folhas setenta e quatro a folhas setenta e cinco verso do Livro de Escrituras Diversas número QUATROCENTOS E QUARENTA E SETE-B, foi aumentado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa e domicílio na Rua da Escola Politecnica, números quatro e seis, que usa a denominação CASA DAS CORTIÇAS, LDA., que era de trinta mil escudos, com mais setenta mil escudos, ficando assim elevado a cem mil escudos.

Foi ainda alterado o artigo terceiro do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO — O capital social é de cem mil escudos, integralmente realizado e representado pelos diversos valores que constituem o activo da sociedade e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de vinte e nove mil e novecentos escudos do sócio Augusto Gama Reis Pereira; e outra de setenta mil e cem escudos da sócia D. Luísa Maria Moreira Fortunato Gama Reis Pereira.

ESTÁ CONFORME COM O ORIGINAL, Lisboa, vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e sesenta e oito.

O Ajudt. do 13.º Cartório Notarial de Lisboa

Mário Ferreira Cardoso

TOMOU POSSE Á DIRECÇÃO DA A. A. F. C. L.

Ontem, pelas 16 horas, tomou posse a nova direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, eleita por grande maioria no passado dia 11. A equipa directiva da A. A. F. C. L., que é a primeira eleita desde que em 1965 tinha sido nomeada uma comissão administrativa para dirigir a Associação, é composta pelos seguintes elementos: Daniel Assunção Muller, Carlos Marques da Silva, Jorge Nascimento Fernandes, Violante Reis Saramago, Francisco José Baptista, Augusto Santos Fitas, Maria Teresa Cabral Galvão, João Delgado, José Manuel Neves e Pedro Ferraz de Abreu

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os ministros do Interior, das Finanças, dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar. O Prof. Marcello Caetano recebeu também os componentes da Junta Central da Legião Portuguesa.

Esta manhã o Prof. Marcello Caetano trabalhou com os ministros da Defesa e com o secretário de Estado da Informação e Turismo

● Ministro da Educação

O ministro e os subsecretários da Educação Nacional receberam esta manhã, numa breve cerimónia no gabinete do titular da pasta, os cumprimentos de fim do ano do funcionalismo. Falou o dr. Proença de Figueiredo, secretário geral do ministério.

● Conselho Superior Militar

Reuniu esta manhã o Conselho Superior Militar. Da reunião participaram os titulares das pastas das Forças Armadas e os chefes dos Estados-Maiores

«Os Marialvas da Amadora»

O Grupo Fadista e de Beneficência «Os Marialvas da Amadora» distribui um bodo às crianças pobres do Bairro Janeiro, naquela vila, amanhã, dia do seu aniversário.

A reunião do Rotary Clube de Lisboa

Efectuou-se noje, no Hotel Tivoli, mais uma reunião do Rotary Clube de Lisboa, a qual, atendendo ao período festivo que se atravessa, foi consagrada a companheirismo.

Presidiu o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, tendo feito o serviço de secretaria o sr. eng. Guimarães Ferreira e o de protocolo o sr. Nunes de Carvalho.

O presidente endereçou aos presentes os votos para um Novo Ano com saude e paz para todos, tendo pedido aos elementos do clube de cada uma das nacionalidades estrangeiras que nos seus próprios idiomas proferissem algumas palavras alusivas á quadra festiva que atravessamos, o que foi sucessivamente feito pelos rotários dr. Feliz Gonzalez del Rivero Jr., em espanhol, eng. Emmanuel Michez, em francês, Wilhelmus Franciscus Boddeus, em holandês, dr. Manlio Bertrand, em italiano, Ronald Newstead, em inglês, e Eric Rasmussem, em dinamarquês.

Seguidamente, e após um animado convívio, o presidente deu por encerrada a sessão.

Recurso à importação para suprir a insuficiência da produção nacional de arroz

— constante assinalada no relatório do Grémio dos Industriais de Arroz

A insuficiência da produção nacional de arroz continua a obrigar á importação de grandes quantidades de cereal pra assegurar as necessidades do consumo — assinala o relatório do Grémio dos Industriais de Arroz relativo ao exercício de 1967.

Referindo-se á campanha de 1967/68, os elaboradores do documento calculam dever ela ser inferior á de 1966/67 em cerca de 10 milhões de quilos, anulando quase completamente o aumento da produção registado nessa campanha. Da colheita de 1966 foram recebidos apenas 144 200 toneladas, a que se acrescentaram 19 400 toneladas importadas; obtendo-se, assim, um total de 163 600 toneladas para laboração. Em face da escassez da colheita de 1967, assinala o relatório, devem ter sido importadas 20 200 toneladas de arroz em película.

Durante o ano de 1967, o Grémio importou 15 milhões de quilos de arroz em película sendo nove milhões do Brasil e o restante de Espanha. Foram também importados quase cinco milhões de quilos de trincas, de Espanha, do Uruguai e da Argentina.

Assinala-se também no documento a melhoria da qualidade e o aumento dos rendimentos industriais que haviam sido detectados na colheita anterior

As maiores remunerações conseguidas pelos produtores poderão constituir incentivo para o alargamento da área a cultivar, escreve-se ainda no relatório, salientando-se que «se assim for, talvez se esteja a caminho da solução do grave problema da carência de matéria-prima, que obriga a recorrer a grandes importações».

No capítulo relativo ao balanço e contas, apontam-se ter sido de 31 101$28 o saldo da gerência, atribuindo-se o valor diminuto desse saldo á continuação da baixa acentuada dos saldos do exercício verificada desde há anos e devida á desproporção de encargos e receitas.

À PROCURA DA MÃE

O operário fabril Carmindo Teixeira, de Reguengo (Alferra-Valongo), hoje um homem feito, foi entregue pela mãe, quando recém-nascido, ao Hospício Maternal do Porto. Não chegou portanto a conhecê-la. Agora tenta tudo para encontrá-la. Algum dos nossos leitores a conhece? Chama-se Arminda Teixeira da Mota, é filha de José Aureliano Teixeira da Mota e de Justina Teixeira da Mota e natural de Britelo (Celorico de Basto). Sabe o filho que ela casou, em Abril de 1956, na 2.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, com José Elias Pereira da Rocha.

Qualquer informação pode ser dada pelo telef. 947117 — Porto ou para o sr. Quintino Seixas, Rua Antero de Quental, 709, naquela cidade

MILITAR FALECIDO EM ANGOLA

LUANDA, 31 — (L.) — Faleceu no Hospital Militar Principal, onde dera entrada vítima de um desastre de viação, o soldado n.º 07182667, Manuel Honório Sousa Fagundes, natural de Angra do Heroísmo, filho de João Francisco de Sousa e de Palmira da Glória Fagundes.

RESTAURANTE

HONG KONG

Rua Camilo Castelo Branco, 23-B—Telf. 538665

REQUINTE ORIENTAL

UM CONVITE PARA CONHECER UM PALADAR NOVO

A GERÊNCIA TEM O PRAZER DE ANUNCIAR A EMENTA DO DIA DE ANO NOVO

SOPA NINHOS DE ANDORINHA
CHOP CHOY DE GAMBAS
PORCO DOCE
PERU À HONG KONG

COMPANHIA INDUSTRIAL DE FIBRAS ARTIFICIAIS S. A. R. L.

FÁBRICA
SOBRADO — VALONGO
Telef. 942002-942043

SEDE
R. de Ceuta, 43 — PORTO
Telef. 28167 (3 linhas)

IFA — FITA ADESIVA TRANSPARENTE PARA TODAS AS APLICAÇÕES

IFACOLOR — FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS NA MASSA COM ABSOLUTA SOLIDEZ DAS CORES

IFRANA — FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS BRILHANTES E MATES PARA TODOS OS FINS

IFALON — FIOS SINTÉTICOS NYLON 6 PARA AS INDÚSTRIAS DE TECIDOS E MALHAS

IFA — FIOS DE RAIONE VISCOSE, BRILHANTE E MATE, PARA TECELAGEM, MALHAS, MEIAS, ETC., EM QUALQUER APRESENTAÇÃO

Celofix — PELÍCULA CELULÓSICA TRANSPARENTE EM VÁRIAS ESPESSURAS ROLOS E FOLHAS

SULFATO DE SÓDIO ANIDRO E CRISTALIZADO

PALHA ARTIFICIAL

Cumprimentando os seus Clientes e Amigos, a todos deseja um Ano Novo muito próspero

DINHEIRO!...

APLIQUE O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES OU EM APARTAMENTOS MOBILADOS NO CENTRO DA AMADORA, NA REBOLEIRA, NA VENDA NOVA E EM PAÇO D'ARCOS

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

Informe-se nos Escritórios em:
LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.. Esquerdo — Telefones 45843-47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA AMADORA — Serviço Permanente — Telefone 933670

Toshiba
QUALITY SINCE 1875

MARCA DE GARANTIA

- TELEVISORES
- RADIOS TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- FITAS MAGNETICAS
- ANTENAS PARA AUTO
- ASPIRADORES
- TORRADEIRAS
- PILHAS
- ELECTRO-DOMESTICOS

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE
LISBOA, SANTARÉM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, PORTALEGRE, ÉVORA, BEJA E FARO

SCVL — SOC CENTRAL DE VENDAS, LDA
R. Fanqueiros, 258 / 262-3
Telef. 366 87/8/9 — LISBOA

IREL — SOC. IMP. DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE LDA
R. S. Mamede ao Caldas, 30-G
Telef. 853449 8666 4
LISBOA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa de Faro a Paris, às 5.as feiras no período de 2 de Janeiro - 10 de Abril de 1969

A fim de facilitar o regresso de trabalhadores portugueses destinados a França e além, a C. P. põe em circulação no período indicado, uma carruagem directa de 2.ª classe, com o seguinte horário:

Faro	P	23-04
Tunes	P	0-04
Funcheira	P	2-35
Beja	P.	3-52
Casa Branca	P	5-34
Vendas Novas	P	6-46
Setil	P.	8-54
Vilar Formoso	P	16-57
Hendaye	P	8-05
Paris	C.	18-40

NÃO DIGA!!!

"...VOU DAR DE BEBER À DOR..."

NÃO! DIGA ANTES:

VOU DAR DE BEBER AO FRIO!

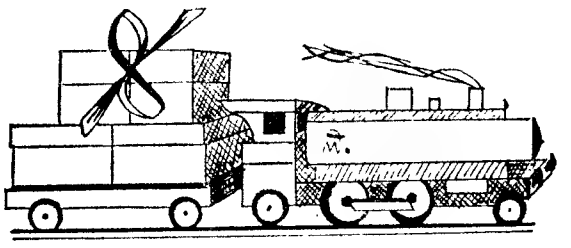
Contacto

SNACK-BAR CAFETARIA
R. S. NICOLAU, 47-49
LISBOA

turim

A sua Gerência deseja a todos os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores os melhores votos da época e um Ano Novo muito próspero. 1968/1969

Para os seus brindes de Boas Festas



aproveite as vantagens da Tarifa 8/108 para transporte de pequenos volumes com rapidez e economia

CP SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

LUSTRES
de sonho para a sua casa, Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

quando for almoçar ou jantar ao restaurante

Cova da Moura

AV. INFANTE SANTO, 13
repare na iluminação fornecida por

BRONZES SÃO JORGE
RUA SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS, 94 A

CASA HIPÓLITO, LDA.

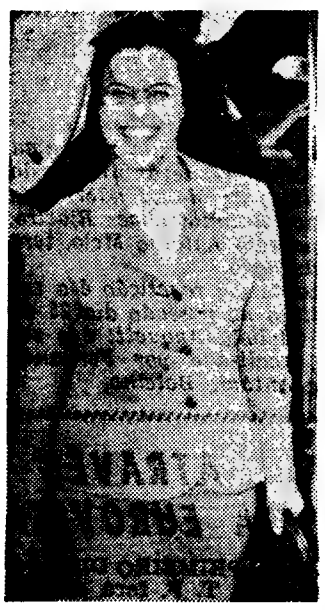
TORRES VEDRAS

hipólito

Aos seus Amigos e Clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas-Festas e feliz ANO NOVO

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.



Elis Regina, hoje em «Discorama»

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

MINUTO ZERO:

VARIEDADES PARA A PASSAGEM DO ANO

COMO É JÁ TRADICIONAL nesta noite de fim de ano, a R. T. P. apresenta um programa de variedades intitulado «Minuto Zero». É o programa mais longo, a separar o ano que acaba e aquele que começa. Artur Agostinho apresentador bem humorado, Amália Rodrigues num momento especial de fado, Gigliola Cinquetti numa canção dedicada a este programa, Madalena Iglésias e Simone, as «mais» do nosso «music-hall», Lígia Telles actriz que canta duas canções, bons momentos musicais com o Quinteto Académico + 2 (um deles Earl Jordan) e Thilo's Combo, são algumas das atracções do programa. Haverá humor e alegria com o Quarteto Orpheu acompanhando Ary Loles e Glória Norton. Haverá, também, um momento alto com o «ballet» de Fernando Lima e o Coro Universitário de Lisboa. Poderemos ver e ouvir, também, Maria da Glória, Gabriel Cardoso e Maria Valejo.

Cenários de Moniz Pereira e realização de Luís Andrade. A transmissão do programa começa às 23 horas.

Quinteto Académico+2, hoje em «Minuto Zero». Festeja-se o último de 1968, o primeiro de 1969

2.° PROGRAMA

ALÉM DA EDIÇÃO DA NOITE do telejornal pelas 21 e 30 em simultâneo com o 1.° programa, de «Discorama» a emissão será preenchida pela rubrica «Auditório Musical» transmitida às 22 e 50.

Este programa é preenchido pela extraordinária interpretação da «IX Sinfonia», de Beethoven, pela Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida pelo maestro Herbert von Karajan. Solistas: Gundala Janowitz, Christa Ludwig, Jess Thomas e Walter Barry.

A apresentação deste «Auditório Musical» está a cargo do maestro Filipe de Sousa.

«DISCORAMA»

Elis Regina

UM PROGRAMA JUVENIL que de começo teve um êxito espectacular e assinalado e que com o rodar das semanas foi decaindo e caindo na rotina. Após uns meses de interregno volta agora à R. T. P. São seus produtores Carlos Cruz e Dinis de Abreu.

Marca o seu regresso de «Discorama» uma extensa reportagem com Ellis Regina (tudo sobre Ellis Regina durante a sua estadia recente em Lisboa).

Realizou-a Luís Andrade, o mesmo dos grandes triunfos deste programa, como foi o caso dos consagrados a Mireille Mathieu, Sammy Davies Jr., etc.

«Discorama» estará pelas 19 e 50 no 1.° programa, e pelas 21 e 50 no 2.°, através do emissor do U. H. F.

A JUVENTUDE EXIGE VIBRAÇÃO, DINAMISMO, UM RITMO QUE ACOMPANHE O DIA-A-DIA

—SUBLINHA EARL JORDAN DO QUINTETO ACADÉMICO+2

POUCO FALTA para atingir os dois metros de altura. Tem presença. Frequentemente os seus lábios rasgam-se de ponta a ponta. E é um optimista nato! Se o não fosse como estaria ele aqui?!

— Um anúncio no «Melody Maker» pedindo um vocalista que gostasse de aventura, de viajar. Umas breves palavras com o dr. Mário Assis Ferreira, director do Quinteto Académico e eis-me em Portugal.

— Como considera a evolução da música ligeira actual na Inglaterra?

Earl Jordan, um sorriso aberto, um vocalista de valor internacional

— O natural esforço dedicado à luta por um lugar ao sol. Luta contra a incompreensão de muitos e a luta, agora benéfica, entre a concorrência não só dos seus múltiplos conjuntos, como os conjuntos do outro lado do Atlântico, a América, meu país. Mas a música chamada «pop» está muito generalizada na Inglaterra.

— Porquê?

— A «pop-music» é muito agradável de escutar e tem a melhor receptividade dos jovens. A juventude apreende com facilidade o seu ritmo, e o que interessa, fundamentalmente, é o ritmo. A juventude universal exige vibração, dinamismo, um ritmo que acompanhe o dia-a-dia. O que é, afinal, o «pop-music».

— Pode definir a actual música ligeira nos grandes países como a Inglaterra, França, América. Itália e Brasil?

— Pessoalmente penso que a «pop-music» não é diferente em qualquer destes países. Estará mais generalizada em Inglaterra e na América devido a uma maior competição e a uma maior facilidade de linguagem. O Brasil tem a sua «bossa nova», aliás em evolução, que é já uma forma de «pop music» em língua portuguesa.

— Tem certamente uma opinião já formada sobre a nossa música moderna...

— Embora já cá esteja há quase dois anos, pròpriamente sobre a vossa música moderna não tenho qualquer opinião. Aguardemos o próximo Prémio TV da Canção. Está bem?

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas estrangeiras; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 35: 7.° Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, Magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Beatriz Ferreira; 22 e 50: A Orquestra Garry Blake; 23 e 05: Programa da noite; 2: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 09: Musica Sinfónica (2.ª Parte); 17: Discos raros — Interpretações ao piano de Wanda Landowska; 17 e 30: Perspectivas da obra William Walton; 18 e 30: Musica de piano; 19: Musica coral sinfónica; 19 e 30: Musica de Câmara; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violinista Arthur Grumiaux — Dança Cigana (Sarasate); 20 e 30: A opereta «A Viuva Alegre», de Franz Lehar, comentado por Maria Helena de Freitas; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.° Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica Portuguesa — Obras de bailado 00: Canções de Kodaly, pelo tenor Ernst Haefliger; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento sexental; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Um Conjunto famoso; 20 e 15: A estrela do dia; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22: Noticiário; Impacto (continuação); 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02; Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 233,2 m — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Cabina de escuta; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 03: Mundo rádio; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: O Santo; 22: Noticiário; 22 e 02: Rádio Jornal; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestra; 18 e 30: Terço, Missa e Te Deum de Fim do Ano da Basílica dos Mártires; 19.50: Página um; 20.55: Meditando; 21: Variedades; 21.30: Canções portuguesas; 21 e 45: Melodias de Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 00: Missa da meia-noite da Basílica dos Mártires; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora Infantil; 18 e 30: Terço, missa e Te Deum de Fim de Ano, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 48: Musica seleccionada; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 00: Missa da meia-noite da Basílica dos Mártires; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISEBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17 — **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

PROGRAMA DE HOJE

1.° Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Discorama — Elis Regina; 21: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Museu de Cinema; 23: Minuto Zero — Programa de variedades; 0 e 30: Fecho.

2.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Discorama — Elis Regina; 21 e 50: Auditório Musical — IX Sinfonia de Beethoven pela Orquestra Filarmónica de Berlim; 24: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

AMANHÃ PODE VER...

Desenho animado:

O PAPA-LÉGUAS

AS CRIANÇAS têm o seu programa, pelas 15 e 40, com os alegres desenhos animados da parelha «O Papa Léguas e Colote». Estes filmes animados, que rivalizam em comicidade com os do «Perna Longa», «Silvestre» e «Tom e Jerry» são vistos e acompanhados por todos os espectadores da R. T. P., sem discriminação de idade.

James Cagney não aparece, desta vez, no papel de «duro»

TARDE DE CINEMA:

«A CANÇÃO TRIUNFAL»

JAMES CAGNEY que no seu tempo foi considerado «o soco mais rápido de Hollywood» é o principal interprete deste filme tão diferente daqueles que o tornaram um dos mais famosos astros do cinema norte-americano. «A Canção Triunfal» («Yankee Doodle Dandy») relata-nos a história apaixonante de um dos agrupamentos artísticos mais conhecidos da América: «Os Quatro Cohans». Ao lado de James Cagney actuam Jean Leslie, Walter Huston. Realização do conhecido Michael Curtiz. Amanhã, pelas 16 e 05, pois, em «Tarde de Cinema»: «A Canção Triunfal».

Concerto do Ano Novo: Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção de Willy Boskovsky

ATRAVÉS DA EUROVISÃO

NO PRIMEIRO DIA de 1969 a R. T. P. fará duas ligações à Eurovisão. A primeira, pelas 13 e 30, directamente da estância de Garmish (Alemanha), será apresentada uma interessante modalidade desportiva: «saltos de esqui». Pelas 19 e 30 transmite-se o «Concerto do Ano Novo», a cargo da Orquestra Filarmónica de Viena sob a direcção de Willy Baskavsky, em transmissão do «Grossen Soal de Wierner Musikvereins». É um programa da O. R. T. (televisão austríaca).

2.° PROGRAMA

Às 22 e 10, haverá em repetição, um programa especial de «Museu de Cinema», será preenchido com uma selecção de filmes de Max Linder. Este programa apresentado por António Lopes Ribeiro, com a colaboração do maestro António Melo, terá cerca de uma hora de duração.

Pelas 23 e 15, igualmente em repetição é a vez de «Estudio C», transmitido no passado dia 25 do corrente pelas 22 e 45. Gigliola Anquetti é a vedeta deste «Estudio C», realizado por Fernando Frazão, com cenários de António Botelho.

PROGRAMA DE HOJE

1.° Programa — Às 10: Eurovisão — missa pelo Papa Paulo VI; 11: Universidade na TV; 11 e 55: Concerto por Yehudi Menhuin; 12 e 45: Telejornal; 13: Mensagem do Chefe do Estado; 12 e 30: Eurovisão; 15 e 30: Telejornal; 15 e 40: Desenhos; 16 e 5: Tarde de Cinema; 18 e 15: Variedades; 18 e 55: Revista do Ano Internacional; 19 e 30: Eurovisão — Concerto; 20 e 55: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Mensagem do Chefe do Estado; 22 e 15: TV Clube; 22 e 45: Histórias da Frivolidade; 23 e 50: Telejornal

TELEVISORES GRUNDIG

HISTÓRIAS DA FRIVOLIDADE

UM PROGRAMA DA TVE, concebido por Jaime de Armiñan e Narciso Ibañez Serrador.

Participação dos actores Irene Gutierres Caba, Teresa Gimpera, Josefina Senatosa, Paloma Valdez, Emilio Laguna, Luís Sanchez Polack, Fernando Rey, Agustin Gonsález, Francisco Morán.

Musica original de Augusto Algueró e coreografia de Musuli.

Desenhos e cenários de Mingote.

Realização de Ibañez Serrador.

«Histórias da Frivolidade» foi apresentado, pela primeira vez, no Mercado Internacional do Cinema e Televisão, em Milão, em Outubro de 1967, tendo conquistado, então, a Medalha de Prata.

O programa foi distinguido depois, no Festival da Televisão de Monte Carlo, com a «Ninfa de Oiro» daquele Festival e com o prémio especial da Unda (Associação Católica Internacional para Rádio e Televisão).

Apresentado, posteriormente, nos Festivais de Montreux e de Praga, aí obteve também os primeiros prémios.

TV CLUBE COM SIMONE

ACOMPANHADA pela orquestra dirigida por Thilo Krasmann, Simone de Oliveira interpreta alguns dos seus êxitos de 1968. Êxitos que no ano que começa encontrarão a mesma ressonância de aplausos no seu público de sempre.

Amanhã, pelas 22 e 15, neste «TV Clube», Simone canta: «Vento não vou contigo», «My Funny Valentine», «Je Reviens te chercher», Canto de Partir», «Tema para sonata», «Cantiga de Amor», «Não te peço palavras» e «Mais nada quero».

Simone: a voz de hoje em «TV Clube»

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 16 e 05: Teatro das comédias: «O Filho Pródigo», de Judith Navarro; 16 e 35: Orquestras ligeiras; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Moçambique; 18 e 05: Rádio Mocidade programa da Mocidade Portuguesa; 18 e 30: Ritmos modernos; 18 e 40: Folhetim para os novos, por Odette de Saint-Maurice; 19 e 50: Musica só musica; 20: Mensagem do Chefe do Estado; 20 e 20: Diário Sonoro; 20 e 38: 8.° episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: 2.ª parte de um serão para trabalhadores; 22 e 30: Escolha e diga; 23 e 05: Programa da noite; 1. Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 45: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa; «Um Dia de Azar», de Alexandre Ostrovsky: 17 e 45: Musica de vanguarda; 18 e 20: Uma obra... Duas interpretações — O Concerto n.° 1 de Chopin; 19 e 39: Magister Josephus (Malipiero); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solos de Alaude; 20 e 30: Canções de Max Reger pelo tenor Walther Ludwig. Ao piano Walter Bohle; 20 e 45. História de Portugal, pelo prof dr. Damião Peres; 21: Concerto Sinfónico (1.ª parte); 21 e 50: Temas Sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha; 22: Concerto Sinfónico (2.ª parte); 1: Fecho.

2.° Programa — (Cultural em FM 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Antologia Sonora — Obras de Claudio Monteverdi; 23 e 50: Musica de piano; 0 e 05: Selecção da ópera «La Basoche» (Messager), 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu Mundo; 18 e 15: Momento texental; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Apenas mimo; 20 e 15: Ele e ela; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Robbialac; 21 e 03: Cabina de escuta; 21 e 10: Igrejas Caeiro apresenta: «Rádio Espectáculo»; «Momento Musical»; «O Casal Caeiro conversa com o companheiro ouvinte acerca de literatura»; 22 e 03: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04 Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: A voz de...; 19 e 30: Philips; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: A voz de Coimbra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: O Arauto da verdade; 22: Noticiário; 22 e 02: Rádio Jornal; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 20 e 05: Meditando; 21: Exitos em voga; 21 e 15: Estrelas alvorada; 21 e 30: Solistas; 21 e 45: Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cantas a ninguém; 22 e 45: Musica escolhida; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes europeias; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 48: Musica seleccionada; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Musica de Espanha; 21 e 15: Estrelas alvorada; 21 e 30: Solistas; 21 e 45: Livros e leituras; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médio 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 8 ás 11 e das 17 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 14 e 30 ás 17 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 11 ás 14 e 30.

ESTÚDIO C com Georgie Fame

TODA A JUVENTUDE conhece Georgie Fame como o criador do êxito musical «Bonnie and Clyde», a famosa balada do não menos famoso filme com o mesmo título, mas neste programa serão apresentadas mais onze canções de bom nível, documentando expressivamente o valor deste notável cantor. Os mais idosos não resistirão, também, talvez, a acompanhar muitas das suas canções.

No 1.° programa, pelas 18 e 15, estará, pois, «Estúdio C», com Georgie Fame.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 4 de Janeiro às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA** Carrega até 2 de Janeiro.
«LOBITO» a sair em 25 de Janeiro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 18 a 22 de Janeiro.
«IMPÉRIO» a sair em 24 de Janeiro às 12 horas	Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 18 a 22 de Janeiro.
«GANDA» a sair em 29 de Janeiro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 24 a 28 de Janeiro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Janeiro e em 13 de Fevereiro ás 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

DESPORTO

AUTOMOBILISMO

Meia centena de concorrentes ao «Rallye do Fim do Ano» chega hoje à Figueira da Foz

Começou hoje a disputar-se o XIII «Rallye» do Fim do Ano á Figueira da Foz.

Cerca de meia centena de inscritos partiram de Coimbra, Figueira da Foz, Lisboa, Montijo, Porto e Santarém, no início da tarde, dirigindo-se á Figueira da Foz onde as chegadas começarão a registar-se ás 19 horas.

Seguidamente, na Av. Doutor António de Oliveira Salazar, os concorrentes realizarão uma competição de «slalom» que constitui a primeira prova complementar do «Rallye» do Fim do Ano, que termina amanhã com a disputa de um esquema «perícia-maneabilidade», no mesmo local, ás 14 horas.

Este XIII «Rallye» do Fim do Ano está compreendido nas Jornadas Automobilísticas organizadas pelo Arte e Sport, as quais incluem o «Reveillon» no Grande Hotel da Figueira

Amanhã á noite, durante um jantar de homenagem aos concorrentes o Arte e Sport procederá á distribuição dos prémios regulamentares aos melhores classificados

Damos a seguir a lista de inscrições a este XIII «Rallye» do Fim do Ano:

TURISMO

CLASSE 1: 7 — Manuel Ant. Ribeiro de Mello, Morris 850; 20 — José Diamantino Duarte, Fiat 850; 27 — Julia Miranda, Morris 850; 36 — Pedro Homem Rebelo Pinto, Morris 850; 37 — Maria da Graça Rebelo Pinto, Styer Puch; 42 — Maria Luísa Fernandes Moreno, Austin 850.

CLASSE 2: 8 — Fernando Augusto Leite, NSU TTS; 15 — António Ferreira de Almeida, Austin Cooper; 17 — Américo Norte da Silva, Morris Cooper; 21 — Joaquim Dias Borges, Morris Cooper; 32 — Armando de Brito, Morris Cooper; 34 — Maria Isabel Sacramento Borges, Austin Cooper; 45 — Rui Valente de Araujo, NSU 1000 S; 49 — Salter Cid, Morris Cooper.

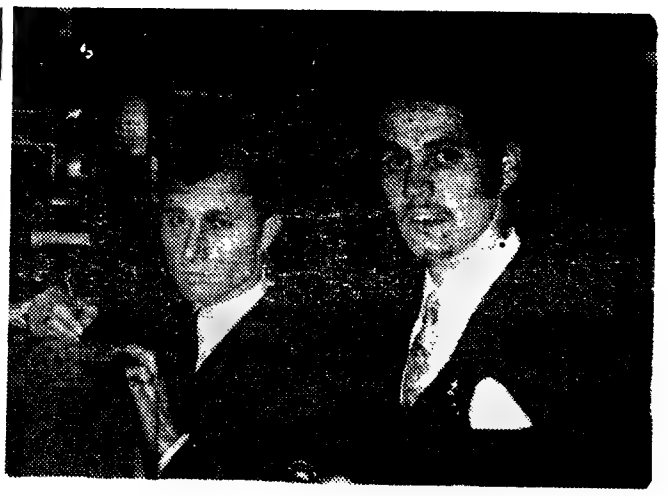
CLASSE 3: 9 — José Carmindo Pinto Marinho, Austin 1100; 41 — Giovani Salvi, Gordini 1100.

CLASSE 4: 1 — Carlos Amaral, Austin Cooper S; 2 — José dos Santos Nunes, Austin Cooper S; 5 — Fernando Baptista, Austin Cooper S; 6 — Manuel Reis Austin Cooper S; 11 — António de Sousa Miranda, Austin Cooper S; 13 — Artur Santos, Austin Cooper S; 19 — Tomaz das Neves Ferreira, Morris Cooper S; 24 — Luís Netto, Austin Cooper S; 25 — Manuel Santos Antunes, Austin Cooper S; 26 — José Nunes Baptista, Fiat 124; 29 — José Manuel Inácio Aleixo, V. W. 1300; 38 — Rui Pimentel, Morris Cooper S; 39 — Armando Valle Féria, NSU TT; 43 — Alfredo César Torres, Austin Cooper S; 18 — José Augusto Pinto Soares, Austin Cooper S; 50 — José António Sotto Mayor, Fiat 124.

CLASSE 5: 4 — Samuel Moral, Jaguar 3.8; 14 — A. Gusmão, V. W. 1500; 16 — José Guilherme F. Cruz e Silva, Porsche 912; 28 — Maria Helena Valle Féria, Cortina GT; 30 — «Souto», Cortina GT; 31 — Manuel Sim-Sim, Cortina GT; 35 — Américo da Silva Nunes, Porsche 911; 44 — Manuel Brandão, BMW 1600; 48 — João Paulo F. Assalino Marinha, Vauxhall SL 90.

GRANDE TURISMO — DESPORTO

CLASSE 7: 3 — José Machado, Jaguar E; 10 — Dr. Pôncio Pereira Monteiro, Lotus Elan; 12 — Guilherme Carlos Machado Pereira, MGB; 33 — Lázaro Nabais Salada, Lotus Elan; 46 — Eng.º Carlos Andrade Cação, Porsche 1600; 47 — Luís Ferreira Cação, Porsche 1600 S; 22 — Joaquim Libório, MGB.



Corredores sportinguistas na «S. Silvestre» de Madrid

Armando Aldegalega e Morujo Julio partiram para Madrid onde, esta noite, correm a «S. Silvestre». O mais credenciado opositor dos sportinguistas é Gamoudi: mas Perez é, também, um favorito

Notícias do futebol

Para o desafio antecipado para amanhã entre o Sporting e o Atlético anunciam-se alterações nas duas equipas: nos «leões» Hilário e João Morais, lesionados, não poderão prestar o seu concurso á equipa, enquanto na turma alcantarense dá-se como certa a ausência de Valdemar sendo ainda problemática a utilização de Américo e Fagundes.

*

O Belenenses vai ao Ultramar. Com efeito em sua ultima reunião a Junta Directiva dos «azuis» decidiu aceitar as condições que lhe foram propostas para disputar em Maio seis desafios: dois em Luanda, dois em Lourenço Marques, um na Rodésia e o outro provàvelmente na África do Sul.

ANDEBOL DE SETE

ESCASSO INTERESSE NA JORNADA DE ONTEM

Foram os seguintes os resultados dos jogos ontem á noite disputados a contar para o campeonato regional de andebol de sete:

Benfica-Madre de Deus, 30-17; Belenenses-Técnico, 25-16; Almada-Campo de Ourique, 41-16.

O Benfica não se furtou á toada que ultimamente tem caracterizado a equipa. Pouco entusiasmo e o resto a surgir conforme lhe consente o adversário. E como este era individualmente mais fraco, explica-se o desnível no marcador.

O jogo Belenenses-Técnico foi o mais equilibrado, mas sem grande interesse apesar dos «engenheiros» tentarem dificultar a superioridade belenense, o que não se confirmou.

For último, o resultado mais desnivelado do campeonato, possível pela fraca actuação da equipa do Campo de Ourique, já que os almadenses se limitaram a aproveitar todas as oportunidades de poder desfeitear os guarda-redes adversários.

De registar a estreia no Almada de mais um jovem de boas possibilidades. Mário, que logo que entrou no jogo captou a bola e marcou um golo!

Campeonato da III Divisão

No Pavilhão da Ajuda prosseguiu o campeonato da III Divisão, com os resultados seguintes:

Santa Catarina - Oeiras, 32-22; C.I.F.-Liga de Algés, 15-12; Palmense - Faculdade de Ciências, 21-18.

A equipa de futebol da Académica de Coimbra que amanhã joga no Funchal, á partida de Lisboa

INSTANTÂNEOS

O.K.—HÓQUEI DO FUTEBOL BENFICA

O hóquei em campo do Futebol Benfica é um digno sucessor do que foi o hóquei em patins dentro do clube. A categoria dos seus jogadores manifestou-se agora, livremente como devem ser todas as manifestações, na cidade de Casablanca.

Posta a pau (e a expressão tem pleno cabimento tratando-se de uma modalidade que se joga de pau na mão), a equipa portuguesa levou tudo a eito.

Na terra do «Fez», o Futebol Benfica «fez» o que devia fazer.

TRATARAM DA SAÚDE AO MÉDICO

O caso tem dado que falar. Um médico fora irradiado por haver agredido um fiscal de linha.

O facto deixou toda a gente estupefacta. Mas o melhor estava para vir: O doutor não estava lá (ao contrário do que costuma acontecer com os fotógrafos).

O médico em questão possuia um «alibi» perfeito, pois encontrava-se distante do local onde se desenrolaram (e o enrolaram) os desagradáveis acontecimentos.

Mal sabia ele que lhe faziam o mesmo que ele aos doentes: tratavam-lhe da saúde...

O SPORTING MUDA DE ARES

O Sporting vai até á Venezuela. A deslocação chega em boa altura, quando a equipa «leonina» precisa, realmente, de mudança de ares.

Pode ser que, no regresso, a turma regresse a si própria. As viagens servem exactamente para afastar as apreensões.

Os sportinguistas não deixarão de tirar partido da troca de ambiente. Talvez voltem outros...

A ESPERANÇA DE ALCÂNTARA

Não nos referimos a uma rapariga do populoso bairro lisboeta. Mas àquele «sentimento do ocidental» (não o cantado por Cesário Verde), que deve acompanhar todo o alcantarense que se preza, neste momento que o Atlético sofre.

Os homens de Alcântara, experimentados nas agruras da existência, sabem que nada se consegue sem luta. E a hora de fazer pela vida soou forte no relógio atlético

Mesmo que tudo corra mal, que fique, reconfortante, a consciência do dever cumprido.

A «VOX» DE AGOSTINHO

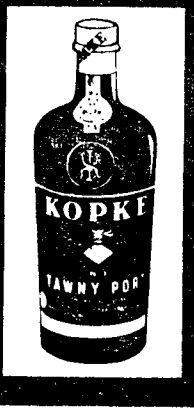
Joaquim Agostinho foi convidado a ingressar nos quadros da «German-Vox», de Bolonha Uma homenagem ao mérito do ciclista do Sporting e uma boa altura para este se valorizar no mundo da bicicleta.

A modalidade exige tal especialização que se

torna improvável a subida ao estrelato sem aprendizagem e contacto nos locais próprios.

Se Agostinho for para a «Vox» verão como virá a cantar de alto Com melhor «Vox»...

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

VINHO DO PORTO
KOPKE


HÁ MAIS DE 300 ANOS

Propriedades

— VENDAS —

PRÉDIO

Em Lisboa de construção moderna, revestido a Evinel, composto de 8 inq. c/ 4 casas assoalh., coz., desp.' e casa de banho, isento por 4 anos. Rende 97.200$. Pr.: 1.900 000$

Trata:

F. FERNANDES & COSTA, LDA — Av. Alm. Reis, 104-2.' — Telefs. 536111/2/3 — LISBOA.

ANDARES

DESDE 320 CONTOS — Com 3 e 4 CASAS ASSOALHADAS — Junto da Estação e defronte do LICEU—GRANDES ARRECADAÇÕES—FACILITA-SE O PAGAMENTO. Ver no local: **RUA INFANTE D. HENRIQUE, LOTE D.**

TRATA:

A SONIPAL

R. Conde Redondo. 14-2.° Telef. 52248

Contacto

PUBLICIDADE

Telef 76 32 31

PROPRIEDADES

ANDARES:

— com 4 casas assoalhadas e duas casas de banho Preços desde 200 contos. Prontos a habitar. Ver no local. Estr. da Falagueira, 24. Trata: «SONIPAL», — Rua Conde Redondo, 14, 2.' — Telefone 52248

ANDARES

AJUDA, BENFICA, SAPADORES, ALVALADE, C. OURIQUE, PALHAVÃ, com 2, 3, 4, 5, 6 e 7 assoalh., desde 260 c. a 1.300 c.

ORCOSI

R. 1.° Dezembro, 45-3.°, E, Telefs. 323172-367444

Dinheiro S/ prédios

EMPRESTA-SE rapidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.° ou 2.° hipoteca de predios, parte de prédios ou construção Tambem se aceitam propriedades para venda Casa Laires Rua da Prata 291 2.° Dt.—Telefs 325187 e 370618 (junto a P da Figueira)

CASAS para alugar

Procure V Ex.ª nos n/escritorios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores Não cobramos qualquer importância a titulo de comissão aos inquilinos

Trata: SOC CONST INVICTA — Rua do Ouro 292, 1.° — Telefs.: 30259 34755

NA COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS 104 2.° — TELEF 53 61 11/2/3

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO

MARCELO

SOC. COM. DE AUTOMÓVEIS, LDA.

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes FESTAS FELIZES

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 47-C — Tel. 58677-58761

LISBOA

TENHA A CERTEZA QUE ESTA DENTRO DA LEI E QUE OS PNEUS DO SEU CARRO TÊM MAIS DE UM MILIMETRO DE ALTURA NO PISO.

INSPECCIONAREMOS GRATUITAMENTE OS PNEUS DO SEU CARRO

SARAIVA & GONZALEZ, LDA.

Av Duque de Avila, 26-B — LISBOA — Tel. 51962-51963

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em

IMPERLUZ

exposição na Avenida Almirante Reis, 172 Telef 53 35 92

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs: 36 74 44/32 31 72
R. 1.° DE DEZEMBRO, 45

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros de lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2.°
TELEFS. 52248 556580

COMPRA VENDA

A CONFIDENTE

Compra-Venda de Propriedades
e colocação de capitais

LISBOA — ROSSIO, 3-2.° TELEF 369384/5/6
PORTO — R. PASSOS MANUEL, 14-1.° TELEF 20344/5/6

HIPOTECA PRÉDIOS

REFORMADO

Funcionário de bom nível de cultura. Procura-se para correspondência e contactos exteriores. Só da parte da tarde — 5 dias por semana. Período de experiência 3 meses.

Resposta com todas as informações e ordenado a este jornal ao n.º 464.

Automóveis

VENDAS:

ADMIRAL, de 66, c/ novo; Dodge Darte, de 65, impecável. Rua Actor Taborda, n.° 13-A.

Contacto

ANÚNCIOS

FURGONETAS:

Mercedes 190 D util.' 1963; Commer 2500 Diesel, utilitária, 1967; Opel Kadett caravan 1100 utilit.", 1966; Volkswagen de 5 e 9 lug. utilit.", 1959.

Fac. troc. e pag.

VENDE:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

Jaguar Mark 10, 4-2, 1967; Taunus 12 M, Super 1500, 1968; Austin 1100, 1967; Taunus 17 M Super de 4 portas, 1966; Taunus 12 M 1500 de 2 e 4 portas, 1965; M. G. 1100, 1964; Morris 1100 1964; Austin Cooper, 1964; Fiat 600 D, 1963.

Fac. troca e pag.

VENDE:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av Barbosa du Bocage 1 Telef. 769848-761987

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50060 — Automóveis Amoreiras. Av. João Crisóstomo, 89
- 534657 — L. St Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.' — Av Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca 56, 1.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 835730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araujo 102-A.
- 539168 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553843 — Auto-Argos — Praça Olegário Mariano, 6-D
- 532999 — SOMARIAUTO — Av João Crisóstomo, 62-A.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

80$00 POR DIA

ALUGUE UM AUTOMOVEL NA

LISBOA
P. Olegario Mariano 6-L
Telef - 553843 532637

FARO
Av da República, 134
Telef 23928

AGENTES DA

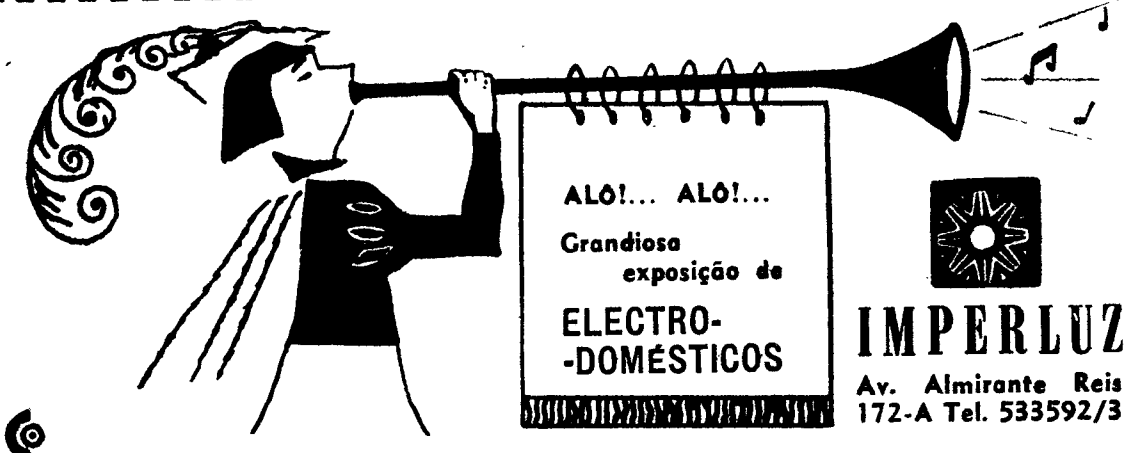
EUROPCARS

Podemos ainda alugar-lhe carro para a Europa pagando em Lisboa

POLICLINICA DA RUA DO OURO

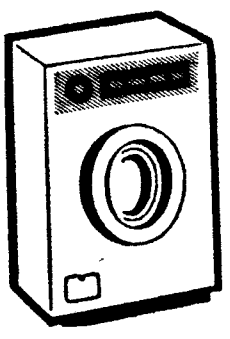
Entrada Rua do Carmo, 98-2.°
Telef 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — ás 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — ás 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas electroterapia — ás 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — ás 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 horas



ALÓ!... ALÓ!...
Grandiosa exposição de
ELECTRO-DOMÉSTICOS

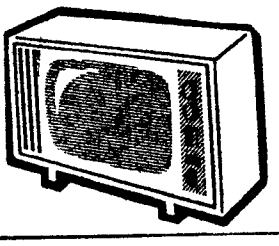
IMPERLUZ
Av. Almirante Reis
172-A Tel. 533592/3

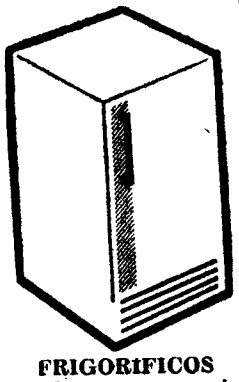


MAQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS

TELEVISORES

- Philips
- Telefunken
- Nordmend
- Grundig
- Mediator
- Pye etc





FRIGORIFICOS
Todas as capacidades. 70 modelos das mais famosas marcas

ESPECTACULAR CAMPANHA DE VENDAS AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DO MERCADO!

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(M. 15 anos) Tel. 555131

Às 21.30

REVEILLON

CINEMA E BAILE

Antestreia do filme

A QUADRILHA DO GRANDE CÉREBRO

MÚSICA PARA DANÇAR
Quinteto Académico + 2
Conjunto Tropical
Conjunto Tony Priano

QUINZENA INFANTIL
Hoje — 18.30 h. M/6 anos
2.º FESTIVAL TOM E JERRY
(Um Superfestival)
Dia 3 de Janeiro — «Branca de Neve e os 7 Anões»

LUMIAR

(M. 15 anos) Tel. 791574

Às 21.30

O MELHOR «REVEILLON» DE LISBOA

com um engraçadíssimo filme cómico
Variedades por atracções nacionais e estrangeiras e baile até de madrugada
Apresenta este espectáculo o conhecido locutor **Marques Vidal**

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 5 05 95

Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite

2.ª SEMANA

JULIE ANDREWS
a inesquecível vedeta de «Música no Coração», noutra maravilha grandiosa em 70 mm

A ESTRELA (STAR!)

EDEN

(M 12 anos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.15 e 21 horas

3.ª SEMANA

CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes

AS MINHAS PISTOLAS

EUROPA

(M 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21 horas

3.ª SEMANA

CANTINFLAS
no seu mais «explosivo» filme

AS MINHAS PISTOLAS

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933

Às 21 horas

MOMENTO A MOMENTO
A ESTALAGEM DO TAMISA

LIZ

(M 12 anos) Tel. 48560

MILLIE, RAPARIGA MODERNA
O SOLITÁRIO PASSA AO ATAQUE

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30

O ASSALTO AO CARRO BLINDADO

com **John Wayne** e **Kirk Douglas**

IDEAL

(M. 12 anos) Tel 324194

Às 21 horas

HÉRCULES CONTRA SANSÃO
A FLECHA DOURADA

CHIADO TERRASSE

(M 12 anos) Tel 320917

Às 21 horas

NÃO PERCA A CABEÇA
MCLINTOCK O MAGNÍFICO
Amanhã: **CAMELOT**

SÃO LUIZ

Tel. 327172

Às 15.15, 18.15 e 21 horas

Os mais fabulosos desenhos animados PARA TODOS Technicolor

2.ª SEMANA

O novo filme de Walt Disney

O LIVRO DA SELVA

No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

ALVALADE

Tel. 763080

Às 15.45 e 21

Os mais fabulosos desenhos animados — PARA TODOS Technicolor

O novo filme de Walt Disney

O LIVRO DA SELVA

No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21 horas

Technicolor—Panavision 70 mm

3.ª SEMANA

OLIVER!

Real Carol Reed
c/ Ron Moddy — Oliver Reed — Mark Lester e Shani Wallis

ESTÚDIO

Às 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos—Cinemascope—Color.

O NOVO SUPER FESTIVAL — TOM & JERRY

ODEON

Telef. 32 62 83

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA SENSACIONAL
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros

MARISOL E O TOUREIRO

com o famoso «espada»
PALOMO LINARES
(Col.) (M 12 anos)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779097

Às 21.45

2.ª SEMANA

Um tema original! Um filme polémico

O ELOGIO DA PREGUIÇA

EASTMANCOLOR

com **Philippe Noiret** e **Françoise Brion**

Atenção: o espectáculo termina ás 23.30 horas
Amanhã: o mesmo programa nas horas normais

AVIS

(M 12 anos) Tel 47163

Às 21.45

2.ª SEMANA

MARISOL E O TOUREIRO

Divertida história sentimental com **Marisol** e «**Palomo Linares**»
Atenção: A sessão termina ás 23.30 horas
Amanhã: O mesmo programa ás horas normais

LIDO

Tel 93 75 93 AMADORA

(M. 15 anos) Às 21.30 horas

O tradicional e já muito consagrado e sempre esgotado

REVEILLON

Cinema - Variedades - Baile

SÃO JORGE

(M 12 anos) Tel. 5 41 54

Às 15.15 18.15 e 21.15

EM 2.ª SEMANA

O maior êxito de Paris

O PEQUENO BANHISTA

com **Louis de Funes** e **Robert Dhery**

Amanhã — Espectáculos ás horas habituais

PASSAGEM DO ANO
O ESPECTÁCULO DA NOITE DE HOJE É PROLONGADO ATÉ À UMA HORA DA MADRUGADA

A MEIA-NOITE É ASSINALADA COM UMA GRANDE CHUVA DE BALOES

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 21.45

Espantosa comédia de **Dino Risi**

O PROFETA

TECHNICOLOR
Vittorio Gassman—Ann Margret

REVEILLON
LOTAÇÃO ESGOTADA

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729

Às 17 horas

PRIMAVERA EM VIENA

com **Kerwin Matews, Senta Berger e Brian Akerve**

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 22 horas

SENSACIONAL PASSAGEM DE ANO!

2 filmes — «**A Condessa de Hong-Kong**» e «**O Grande Restaurante**»
3 Conjuntos «**Thilo's Combo**», «**Eugénio Pepe**» e «**Os Chinchilas**»
UMA NOITE PARA NÃO ESQUECER

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 32 63 05

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA DE ÊXITO EXTRAORDINÁRIO
com o ídolo dos ídolos
MONTGOMERY WOOD

QUEM DISPARA PRIMEIRO

Um filme de tremenda acção sempre explosiva

ATENÇÃO AO NOSSO PRIMEIRO GRANDE «RÉVEILLON»
Bilhetes à venda (M. 15 anos)

CONDES

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10

Às 15.15, 18.15 e 21.15

(Para todos)

Este é o vosso grande amigo!

ASTÉRIX, O Gaulês

E na primeira parte — Fabulosas viagens e desenhos **TOM & JERRY**
O maior brinde das férias

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

Às 21 e 30: Companhia de Circo (6 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 30 e ás 23 e 30: «Click! Já está...» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23. «O amor 68» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23 h.: «A Preguiça» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «A torre e o galinheiro» (12 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e ás 23: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).
CAPITÓLIO—Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
VASCO MORGADO — Às 21 e 15: «Noite de Verão» (12 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Ama secreta» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Sansão, o terrível» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Os grandes aventureiros»
OLIMPIA — Às 19: «Guerreiros em fúria» (17 anos).
DESPORTO E ALEGRIA — Às 22: «O perfume do dinheiro» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O grande golpe dos dois homens de ouro» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A guerra dos mundos» (12 anos).
ARCO-IRIS — Às 21 e 30: «Expresso do Inferno» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Olho por olho» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE—Às 21: «Zorro e os 3 Mosqueteiros» (6 anos).

● Linha de Cascais

ESTORIL — CASINO — Às 17: «Primavera em Viena» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A grande paródia» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «O cavaleiro da rosa vermelha» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Entrega mediata» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Cinco anos depois» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Não sou digno de ti» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «A ultima vítima» (17 anos).

Amanhã

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O mais feliz milionário» (12 anos
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Espartaco e os escravos» e «Colorado Charlie» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30. «Mary Poppins» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A lenda de uma estrela» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE UNIÃO — Às 21: «O senhor doutor» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Granada adeus» (12 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O mundo maluco» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Enigma alucinante» e «OSS 117 em plena acção» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30 «Noiva por um dia» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Bailado no gelo» (12 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Antes que te cases» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «A ultima vítima» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.,** Calç do Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis 99-A (41269) ✲ **Romano Baptista,** R Passos Manuel 6-0 (50593) ✲ **Magalhães,** Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av Mousinho de Albuquerque, 1-A (à Pr Paiva Couceiro), (843571)
ALVALADE — Libia, Av da Igreja 4-B-C (71 68) ✲ **Nova Iorque,** Av Estados Unidos da América 40-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 515)
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 31-A (776235) ✲ **Lusitana,** Avenida de Roma, 8-A (725443) ✲ **Chinda,** R Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da República, 55-A (772132) ✲ **Providência,** R D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324 ✲ **Sá da Bandeira,** R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas,** Rua Viriato 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Casas novas, lote 66 (310172)
BAIXA — Simões Pires, Rua da Prata, 5 (362350)
BENFICA — Benfiluz, E de Benfica 444-A (782606) ✲ **Alegria,** Estrada de Benfica, 80-A-B (7805 , ✲ **Progresso,** Estrada A-da-Maia, 54-C (702226) ✲ **Macedo,** Est do Paço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L Chafariz de Dentro, 36 (866126
CAMÕES — Andrade, R do Alecrim (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo, R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findar,** R D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 7-19 (553308)
CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigo da Fonseca 153 (683438) ✲ **Zénel,** Rua A, 82 (Bairro da Liberdade) (651840) ✲ **Nova,** R de Campolide, 197 (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R do Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo) (382470 ✲ **Zema,** R General Justiniano
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D Estefânia, 4-5 (54808)
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica,** R Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patuleia, R do Lumiar, 22-24 (790332) ✲ **Douro,** Alam Linhas de Torres, 93-A-B (79 3)
MADRAGOA — Moderna, R Garcia da Horta 24 (663 7)
MOURARIA — Ferrão, R da Mouraria, 2 (860464)
ESTRELA E LAPA — Alb., R de Santana à Lapa, 156 (663562).
OLIVAIS — Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-rua B, 4), Lote 43 (Olivais Sul (310026)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — Marluz, Calç do Picheleira 40-B-C (720703 e 728395)
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç Marquês de Abrantes 36-A (664238.
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (638 32)
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R de Santa Marta 5-A 5-B (46490)
SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Império, Rua de Olivença, 48-A (Tel 2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av Comb Grande Guerra, 64 (Tel 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 86 (2432034).
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Brandão, Av da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — Ostende — R de Espinho, (Tel. 260391). **S. João** — Est Nacional, 18 (Telef (Tel 261186).
CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G Guerra, 40 (280170) — **Nova,** Estrada de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (934589) ✲ **Campos,** Rua Elias Garcia, 85 (930072, ✲ **Clabel,** R António Sardinha, 23-D (938551) ✲ **S. Jorge,** R Pedro del Negro, 5 — Reboleira (938703)
DAMAIA — Damaia, P Alexandre Gusmão 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117), **Simões Lopes,** Av Elias Garcia, 51 (Tel 950123)
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimio, Est. Mem Martins 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (980391)
COLARES — Colares, Abrelo — (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 49 (270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança Est Nacional 74 (224302
BARREIRO — Normal, Av.ª Alfredo da Silva, 116 (2273035).
COVA DA PIEDADE — Atlântico Quinta do Pombal, 1 (274365)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Hegiene, R José Joaquim Marques, 142 (230370).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — Bocageana — R. do Romeu (Tel 23425).
SEIXAL — Godinho, Largo da Igreja, 5 (228580)

Amanhã

● Em Lisboa — Turno E

ALCÂNTARA — Nogueira R da Creche 2 (63 6351
ALFAMA — Nacional, R de S João da Praça 26 (863632)
ALVALADE — Paris R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote de Água) (7 0131 ✲ **Cartaxo** Av da Igreja, 21-C (776358 ✲ **Brisália,** Av Rio de Janeiro 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R Álvaro Coutinho, 0 (4047)
AREEIRO — Avis, Av de Roma 56-B-C (7 5370) ✲ **João XXI,** Av João XXI 6-A (726462) ✲ **Nova Lisboa,** R Guilhermina Suggia 2 (72772)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R do Salitre, 1 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 47-A (763 07) ✲ **Avenidas** Av da República 27-A (533688) ✲ **Império, Ld.ª,** R Filipe Folque 40-A B (48002) ✲ **Ducal** Av Duque de Loulé, 2 (48946) ✲ **Palma,** Av Duque de Ávila 25-3 (47088
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes R Ângelo Pinto 32 (49756.
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 4 (311216)
BAIXA — Barral, R Augusta, 225 (36 534/5)
BELÉM — Remisio, R dos Jerónimos, 4-C (631699)
BENFICA — Lisboa R Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa,** Est de Benfica 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L Dr António de Sousa Macedo, 1-A (678896) ✲ **Veritas,** R da Misericórdia, 133 (324554-327563/4)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique,** Rua Freitas Gazul, 32-B (67 661)
CAMPOLIDE — Lab, R Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ **Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (à R das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, R Neves Costa, 33-35 (780 8)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av Óscar Monteiro Torres 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia — R Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av Álvares Cabral, 00 (661453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867942) ✲ **Rosa & Viegas,** R de S Vicente, 3 (864351) ✲ **St.º António,** R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé,** Est do Desvio, lote 2-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R do Quelhas, 1 (661275)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro 98 A (764 96-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrande, R Padre Sena Freitas 0-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa 6 A (728395-720703)
REGO — Universitária, R Alfredo Roque Gameiro 29-D Bairro Santos 778953
S. AMARO — Sepol, Calç da Boa Hora 94-A (63 958 ✲ **Teles,** R João de Barros , (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Saiter R de Xabregas 53 (38 85) ✲ **Oriental** R Lopes, 20 (84338)
MOSCAVIDE — Varela, Av de Moscavide 44 (25 8520

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar R Ernesto da Silva, 8 (212048,
CAXIAS — Nova Rua Bernardim Ribeiro, A 242839
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 86 (2432034).
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau R Elias Garcia 62-B (247 78
ESTORIL — Marques dos Santos, R Ferreira, A 5 (260 61).
CASCAIS — Cordeiro, Av Comb. G Guerra, 40 (280170 e 28 4 9) ✲ **Nova,** Est de Alvide — Fontainhas (281044

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (935518) ✲ **Carmelo,** R Elias Garcia, lote 28 (933303) ✲ **Helénica** R Elias Garcia 2 (933613)
DAMAIA — Lemos, R de Goa, 8-A (971121)
QUELUZ — Andre, Av Elias Garcia 15 (950043) ✲ **Queluz,** Av Miguel Bombarda 23-A (951841)
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimio, Est. Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456).
SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 — (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abreia (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (224020).
ALMADA — Cristo Rei Av Areeiro Re 3 (273498.
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 174 (224302)
BARREIRO — Soares, Av da República, (2273023)
COVA DA PIEDADE—Rainha Santa — Est das Barrocas 50-A (Tel 276 8
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (280032).
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis 67 (229028)
SETUBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (22248) ✲ **Saião,** Av.ª Portela (22709).
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 5, (2218580)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de:
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa - Portugal

As licenças anuais de isqueiros estão mais caras (60$50)

Atenção, possuidores de isqueiros: a licença anual passou de 48$50 para 60$50 e a nota de «cinquenta» já não chega. Convém levar mais uns trocos, pois assim determinou o Decreto n.º 48 317, de 5 de Abril deste ano.

Os fumadores que preferem revalidar de seis em seis meses a sua condição de portadores (legalizados) de isqueiro tiveram a experiência no segundo semestre do ano, quando lhes pediram em vez de 30$50 (25$00 + 20% para o Fundo de Socorro Social + $50 para o cartão), nada menos de 36$50 (30$00 + 6$00 + $50). Agora cabe o sacrifício aos que tiram a competente licença anual, naturalmente mais económica: os 48$50 (40$00 + 8$00 + $50) transformaram-se em 60$50 (50$00 + 10$00 + $50). Adicional do F. S. S. e cartão completam o ramalhete.

Ainda um pormenor: a multa (de 250$00) recai sobre os utentes — ou simples detentores — de «acendedores ou isqueiros que estejam em condições de funcionar, quando os seus portadores não se achem munidos da licença fiscal», e é acompanhada pela perda do isqueiro. Da multa pertencem 70% ao Estado e 30% ao autuante ou participante («havendo denunciante, pertencerá a este metade da parte que cabe ao autuante»).

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco de Este.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 13°; mínima: Penhas do Saude, —6°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 5°; Faro, 7°; Funchal, 15°; Lisboa, 4°; Penhas Douradas, —2°; Portalegre, 4°; Porto, 0°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 5°; na água do mar: 15°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; continuação do tempo frio.

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 25

Dia 3 Dia 11 Dia 18 Dia 25

PREIA-MAR: Dia 31 — 2 e 03 (3,5 m); 14 e 30 (3,4 m). Dia 1 — 2 e 45 (3,6 m); 15 e 10: (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 31 — 7 e 58 (1,5 m); 20 e 10 (1,5 m). Dia 1 — 8 e 34 (1,5 m); 20 e 44 (1,4 m)

CUMPRIMENTOS DE FIM-DE-ANO NO PALÁCIO FOZ

O dr. César Moreira Baptista recebeu esta tarde os cumprimentos de fim do ano dos funcionários da Secretaria de Estado de Informação e Turismo. Em nome destes falou o eng.º Álvaro Roquete comissário do Turismo, retribuindo o secretário de Estado com palavras de agradecimento pela colaboração que lhe tem sido prestada nos vários sectores.

ELEITORES À ASSEMBLEIA NACIONAL

O «Diário do Governo» insere hoje a lei que considera eleitores da Assembleia Nacional todos os cidadãos portugueses maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na lei; e os que, embora, não saibam ler nem escrever português, tenham já sido alguma vez recenseados ao abrigo da Lei n.º 2015.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, s/l (único no género)

ALARGADOS OS QUADROS DA POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO

Um decreto-lei hoje publicado no «Diário do Governo» introduz alterações na orgânica dos serviços da Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

Por esse decreto a P. I. D. E. fica com um pessoal de 3202 funcionários, dos quais 1187 no Continente e ilhas, 40 em Cabo Verde, 101 na Guiné, 26 em S. Tomé e Príncipe, 1116 em Angola, 662 em Moçambique, 28 na Índia, 8 em Macau e 34 em Timor.

Nesse pessoal se conta um director, 1 inspector superior, 7 subdirectores, dos quais 5 no Continente e ilhas, 1 em Angola e outro em Moçambique, 19 subinspectores-juntos de polícia, 57 inspectores de polícia, 73 subinspectores, 176 chefes de brigada, 2 chefes de brigada femininos, 648 agentes de 1.ª classe, 11 agentes femininos de 1.ª classe, 1291 agentes de 2.ª classe e auxiliares, 23 agentes femininos de 2.ª classe, 62 agentes motoristas, 106 guardas prisionais, e 12 guardas prisionais femininos

Há ainda o pessoal administrativo, o pessoal técnico e o pessoal menor e auxiliar.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
no Salão Restaurante
LIMA KIM
- THE ELWARDO'S
- LÍDIA RIBEIRO
- DORISS GIRLS SHOW

Música para dançar
JORGE COSTA PINTO
e a sua orquestra
JIRJNA'S COMBO «OS SHEIKS»
(M. 17 anos)

Preços
Chá completo — 40$00 (taxas e impostos não incl.)

NO CINEMA
HOJE, apenas às 17 horas
Primavera em Viena
(M. 12 anos)
AMANHÃ (M. 12 anos)
Às 17 e 21.30
Mary Poppins
(Ambiente climatizado)

MOEDAS DE 2$50 E 5$00 QUE DEIXAM DE CIRCULAR

Durante três meses, poderão ainda ser trocadas por notas de banco ou moedas metálicas, as moedas de prata de 2$50 e 5$00 que a partir de hoje deixam de ter curso legal. Trata-te de moeda cunhada ao abrigo dos decretos n.º 19 869 e 19 871, e deixam de circular por a cunhagem de moedas de cobre-níquel de igual valor ter atingido praticamente o limite previsto da emissão.

A troca pode efectuar-se na Casa da Moeda, na sede do Banco de Portugal, sua filial ou agências, e nas tesourarias da Fazenda Pública.

PROF. MÁRIO DE FIGUEIREDO

O sr. prof. Mário de Figueiredo, que se encontra internado na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, experimentou hoje uma pequena melhoria no seu estado de saúde.

HOTEL
ESTORIL-SOL
GRANDIOSO «RÉVEILLON»
MÚSICA CONSTANTE PELOS CONJUNTOS
THO BANDEIRA
OS FLIERS
LEO TINO
OS LORDES

Entrada, sem mesa, com direito a 50$00 de bebidas ..... 150$00
Entrada, com mesa e direito a ceia de Fim de Ano e uma garrafa de espumante para quatro pessoas ..... 300$00
Taxas não incluídas (Maiores de 15 anos)

LOTARIA DOS REIS

15.000 Contos por 400$00
1.500 Contos por 40$00

JOGUE NO
CAMPIÃO
A CASA QUE VENDEU O 2.º e 3.º PRÉMIO DA LOTARIA DE FIM DO ANO

VINHO DO PORTO
BARROS

A QUALIDADE À SUA MESA

Diário de Lisboa
juvenil
DOS JOVENS PARA TODOS
N.º 604

POEMA

por Fernando Guerra

destruindo-te(me)
abato as árvores nas minhas mãos fechadas como
[me abato a mim.
com as raízes das palavras enterradas
neste tempo que passámos
as cidades eram praias de inverno
batidos pelo vento
a acariciar-me depois de ti.
de quando éramos bonecos de pau
e a vida escorregava nas pontas dos dedos.
arraso as searas de papoilas nos meus olhos fecha-
[dos como me arraso de lágrimas.
o dia em que não nos olhámos
descemos a rua com os miúdos descalços
sentimo-nos mal de ser grandes
não conseguíamos responder às perguntas
sentimo-nos morte de ter mãos sem saber o que
[fazer delas.

Depois deixei de te ver.
ainda passei as tardes nas ruas
na praia acendiam lumes
e eu sentia o frio nos ossos
ao voltar a casa.
os miúdos riam e pediam-me um cigarro.
no tempo em que nós éramos bonecos cheios de
[vento
e a vida ficava pelos nós dos dedos.

Até que descobrimos que era o fim:
e das minhas mãos abertas deixo-me cair para
[o teu colo
numa despedida
sem palavras tristes.

O SR. RODRIGUES

por José Baeta

O sr. Rodrigues estava há bocado no café. Vi-o lá com o sr. Pinto e o sr. dr. Nogueira. Estavam a conversar não sei a respeito de quê, mas parecia ser coisa séria, pelo ar que o sr. Rodrigues tinha e atenção com que escutava. Ele escutava sempre com atenção as palavras do sr. dr. Nogueira. O sr. Rodrigues é um grande admirador do sr. dr. Nogueira e o sr. dr. considera-o muito (conta até com o voto dele para as próximas eleições do grémio do comércio). É que o sr. dr. Nogueira também é comerciante. Ficou com o armazém que era do sogro e já ouvi dizer que vai arranjar um lugar para o sr. Rodrigues na direcção do Clube Recreativo.

Homem extraordinário este sr. Rodrigues. Partiu do nada e é hoje um comerciante dos mais prósperos do concelho. Eu não o conheci, mas dizem que o pai, que era um pobre sapateiro, o pôs na loja do padrinho logo que o sr. Rodrigues saiu da escola. Começou por fazer mandados, depois é que se foi integrando nos assuntos da loja, até que mais tarde abriu casa sua. Nunca foi rapaz de fazer estroinices. Foi sempre muito dedicado, humilde e trabalhador. Mesmo hoje ainda o é. Pessoa de uma simplicidade tal não há; apesar da posição que tem hoje nunca deixou de falar aos antigos companheiros, àqueles que não souberam vencer na vida, como ele.

É casado e tem dois filhos. Ah!, mas estes não hão-de passar pelo que ele passou, não! Hão-de estudar e ser doutores. O mais novo é afilhado do sr. dr. Nogueira. Quando foi o baptizado do miúdo, aquilo sim, é que foi banquete: tinha de tudo; a gente que lá foi?! pessoas finas, até o presidente da Câmara lá foi, o sr. dr. Freire. Quem recebeu os convidados foi a esposa do sr. Rodrigues, pessoa educada (até andou a estudar).

O pai da senhora era proprietário; a princípio não queria o casamento do sr. Rodrigues com a filha, porque este era de condição inferior, mas por fim lá se conformou. Quem teve muita influência na decisão do pai da senhora foi o sr. dr. Faustino, tio do sr. dr. Nogueira. Foi até ele o padrinho de casamento. E afinal foi um casamento feliz; é um casal muito unido (o sr. Rodrigues até leva a senhora ao cinema...).

E quem ouve o sr. Rodrigues falar?!... Apesar de não ter estudos não é parvo nenhum. Ainda outro dia o ouvi numa discussão com o sr. Gonçalves, que é aspirante de finanças, em que o sr. Rodrigues dizia que o sr. dr. Nogueira tinha dito que qualquer operário, hoje, já ganha muito bem e que mesmo assim não estão satisfeitos, e já em tempos o sr. dr. Faustino dissera que não se podia habituar os empregados a certas regalias, porque quanto mais se lhes dá mais eles querem. E é assim mesmo, reforçava o sr. Rodrigues.

«SOL-POSTO»

ISABEL NOGUEIRA

A NARRATIVA

por Maria Fernanda Borba Martins

está muito muito frio e os vidros estão embaciados mas mesmo com sol eu seria assim fria também e continuaria a rodar os botões da rádio: when the sun goes to bed, gostava de ver isso, the sun in bed sòzinho mas sempre a sorrir é mais forte do que eu consegue sorrir sempre

mas hoje eu e um deserto grande coincidimos um deserto que principia nas mãos e teima em continuar pelos músculos quer mesmo chegar aos olhos mas eu não deixo porque até gosto deles verdes e o cinzento do deserto me aterroriza é como ficar ainda mais só e ser-se só e não existir e assim eu não existo por absurdo.

e na noite grande grande cresce a insónia vermelha vermelha e muito fria que até parece gostar de mim porque não me quer deixar e então eu para não a magoar converso com ela digo-lhe de ti de como gostava que me desses uma flor aquela quase azul ou verde não sei bem que cresce nos teus olhos quando sorris.

DOMINGO

por Manuel Sequeira Afonso

«quando chega domingo
faço tenção de todas as coisas mais belas»

ah manuel da fonseca
os poetas não passam das tenções
dos amanhãs dos qualquer-dia

os poetas manuel da fonseca
quando chega domingo
não fazem coisíssima nenhuma
tomam a bica do costume
ao almoço e ao jantar
e andam por aí a deambular pelas esquinas.
a ver passear os burgueses
nos seus fatos de domingo
nos seus fatos feitos de muitos remendos

ou então ficam em casa
aproveitando as sombras
desse território cinzento
talvez façam uns poemazitos
deitam-se bocejam sonham
que amanhã é dia de trabalho

ah manuel da fonseca
os poetas
os poetas chegam sempre
atrasados ao emprego

VISITA A EXPOSIÇÃO DE
«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»
UM TESOIRO
DE ARTE INFANTIL
GALERIA DINASTIA
R. da Escola Politécnica, 183

ATENÇÃO A...

... **JOSÉ BAETA, autor do conto «O sr. Rodrigues», que publicamos hoje. Estamos em presença de uma pequena obra-prima de observação, de crítica, de capacidade para dar vida a uma personagem, com utilização de processos extremamente simples. Aquele sr. Rodrigues está levantado, à nossa frente, não como um títere ou uma caricatura, mas como uma pessoa, participante e produto de uma determinada sociedade.**

JOSÉ BAETA ingressa, com inteiro merecimento, nesta presença de amanhã adivinhada (e já muito realizada) hoje.

MÁRIO CASTRIM

SORRISOS MARCADOS A LÁPIS NUMA FOLHA DE PAPEL SEM DATA

por António de Castro

Antigamente ainda havia memória
eu gostava de adivinhar corpos nos quartos limpos
e paredes baixas
aprendia por sistema as palavras justas
que nesse tempo já cheiravam a poemas soltos
desalinhados no meio dos livros.
Era o tempo das procissões
dos grandes cavaleiros obcecados pelos dias.
Num prato branco juntavam-se as cordas
que iriam depois servir as forcas distribuídas pelos [campos

Ah céus parados desse tempo
deixem em cada face dessa mulher fecunda
o pensamento dum grito amargo e empedernido [pelo sol
e quando não houver mais chaves
que se ponham os gestos a abrir as portas das [estátuas.

E à toa
floresciam desertos no caminho
em cada passo rápido e desacertado
as crianças eram penduradas de cabeça para [baixo
como na bíblia.

Ah cidade desamparada
segue cega e certa
impõe-te no cimo desse candeeiro bêbedo
e quando vires um homem a gritar e a sorrir
não sorrias
olha apenas o teu casaco roto.

Esta manhã acordei cedo
vi uma certidão de óbito em cima da mesa
agradeço
mas ainda tenho uma garrafa cheia
e vou fugir pelo cano dessa pistola.

O NEO-INTELECTUALISMO APARENTE

por Jorge Machado

A crítica isenta e objectiva que A. V. P. vem fazendo semanalmente nas colunas do «Juvenil» leva-me a abrir as minhas considerações com um justo e publico louvor pelo alto critério que tem colocado na sua missão de orientar os jovens candidatos a escritores.

De modo algum se poderá pretender que o trabalho de A. V. P. seja unânimemente considerado imparcial e positivo, dado a ninguém ser estranho que sobre nada deste mundo incide uma unidade de opiniões. Há sempre quem minimize e até «destrua» (o que, normalmente, não passa de frustrada tentativa), mesmo que se trate de valiosa criação do intelecto!

Totalmente independente perante o «Juvenil» e a «polémica» que nas suas páginas ora se levanta, porquanto apenas me tenho limitado a ler os trabalhos publicados e a apreciação feita (também aos não publicados), senti-me na obrigação, como jovem que sou, de testemunhar publica admiração e publico reconhecimento pelo trabalho que tão digna e brilhantemente vem desenvolvendo A. V. P. em prol dos já referidos candidatos. Alguns desses mesmos jovens lhe têm pago com a incompreensão (se não com a ingratidão), o que imediata e necessàriamente me leva a recordar o nome de Jorge Lorca e a sua prosa. Esta, li-a. Os poemas que enviou para o «Juvenil», não os li, *talvez* porque a «imaginação» de A. V. P. (que os leu) lhes não encontrasse nada que a levasse a uma «conclusão POSITIVA». Pela prosa (que li), fàcilmente conclui que os poemas (que não li) não levariam a conclusão alguma. Ou melhor, *talvez* a uma conclusão que os tenha guiado seguramente para o cesto dos papeis!

Flaubert entregou certo dia uma caneta a Guy de Maupassant e disse-lhe: «Verás o que se pode fazer com isto.» E viu-se. Quem viu, evidentemente! Alguém (lamentável é não se saber quem) entregou uma caneta a Jorge Lorca! Que aconteceu?

Maupassant, durante sete anos, rasgou todos os originais que escreveu. «A bola de cebo», o primeiro conto publicado, é uma obra-prima de toda a literatura. Jorge Lorca, pelo contrário — *talvez* porque desconhecesse o sábio conselho de Goethe («Sem pressa mas sem pausa») e outras coisas mais—apressou-se a enviar para o «Juvenil» uma colectânea de poemas a que, possìvelmente, dera o título de «A bola de sabão», e que, como todas as bolas de sabão, desapareceu no ar! Ou então, como ficou já sugerido, terá ido parar ao cesto dos papeis (porque era uma bola de papel)! E é até muito possível que tal lhe (à colectânea) não tenha acontecido! Não estarão (os poemas) a estas horas adormecidos numa gaveta em que a A. V. P. guarda com excepcional desvelo a superprodução de poemas «concretos» que, diàriamente (suponho), chegam à «Recepção» do «Juvenil»? Porque eram dos «tais das coisinhas», que falam de florinhas, do astro-rei, enfim de pieguices, trrrr, lá foram os poemas para a gaveta !E o rapaz que tanto se esforçou para ser «claro», para que o compreendessem! E até se esqueceu de que «abstracto» não é sinónimo de «incompreensível»! Se fosse, que destino levaria a poesia de Herberto Helder, Arquimedes da Silva, Maria Teresa Horta, Gastão Cruz, Arnaldo Saraiva (e tantos outros), nomes mais do que positivos e brilhantes da nossa poesia? Ou será que a estes poetas (e a tantos outros) falta autenticidade poética e, antecedentemente, autenticidade humana, só porque não «falam de pieguices», das «tais coisinhas»? Ou será que a obra destes poetas acusa fragilidade de conteudo, só porque não falam do astro-rei, das florinhas, enfim, de «pieguices» ou «coisinhas», ou porque o Jorge Lorca os não entende? Agarrando em palavras de Vasco Pulido Valente (para o caso até servem bem), *talvez* Jorge Lorca tenha «estreita aquela parte da cabeça destinada às coisas pouco claras»!

Bem, mas adiante. E adiante porque recordo nesta altura os nomes de Félix Borges, Manuel Queirós Ribeiro, Miguel Serras Pereira, José Manuel Soeiro e Hélia Correia (por acaso até me lembro de outros, mas fiquem certos de que não é falta de consideração ou de apreço que me leva a recordar apenas estes), jovens poetas que, estou certo, depressa «saltarão» do «Juvenil» para a companhia dos nossos autênticos poetas. E recordo ainda que os poemas (fui relê-los) destes jovens desconhecem as «tais coisinhas», *talvez* (eu digo que sim) porque são poesia, e da autêntica!

Alonguei-me demasiado, Reconheço-o. Perdoem-me todos. Fui apenas mais um a pronunciar-se. E fui claro, como é do gosto do Jorge Lorca. Mas para discordar. Ou seja, para não concordar com ele, com a sua prosa. Não me atrevo a aconselhá-lo. Mas se o fizesse, seria certamente no sentido de descobrir com urgência o «nexo» das suas ideias!

«... SABEMOS FAZER ALGO MAIS DO QUE DAR PONTAPÉS NA BOLA.»

AOS DOMINGOS O FUTEBOL

● AS VEDETAS do futebol vêem-se transformadas em mercadoria subordinada à lei da oferta e da procura, conforme as cotações da popularidade. — *C. do F.*

Desde muito pequenos a história dos Benficas-Sportings deste país, entrou nos hábitos salutares do nosso quotidiano. Quando nos dirigiamos à escola, à mercearia, comprar dois quilos de batatas, nem sequer sabíamos o que era o quotidiano. Tinhamos, porém, a perfeita convicção de que domingo havia futebol: um estádio com milhares de pessoas, vinte e dois homens, uma bola e nós fascinados; o pai que saia de casa depois do almoço, com uma bandeirinha na mão, e que voltava ao anoitecer, umas vezes alegre, outras diferente.

Golo era a palavra de entendimento; gente aos milhares o número que ele atingia; um estádio para somar mais espectadores que todas as salas públicas da nossa cidade.

● Sem errar, posso garantir, que cá no «jardim» sabemos fazer algo mais do que dar pontapés na bola (...) Temos actores, autores e pintores. Temos uma arte, uma literatura e é através delas que se costuma, desde os chineses e as outras civilizações velhinhas, perpetuar a vida dos povos e, por elas também, as nações se impõem ao respeito das outras nações.

JACINTO RAMOS

● Não é o poder das influências, nem a sedução do dinheiro que determinam as lutas desportivas. Quando assim não é está a ser traído o espírito do desporto.

«Boletim do CDDUL

■ ■ ■

● Futebol. Muito devem gozar os deuses no céu, aos domingos.

Miguel Torga

● Gosto dos jogadores de futebol que lêem poesia e dos poetas que são amadores de futebol

Eutuchenko

■ ■ ■

● Não é por acaso que os países com melhor organização social são também os de melhor organização desportiva.

«República»

● AS REUNIÕES do Sporting são reuniões de pessoas que podem falar e falam, que podem votar e votam. — *Assembleia geral do Sporting, extracto.*

PANORAMA

Em 1966 o cinema foi presenciado por 2 604 500 pessoas; o teatro por 659 000.

Ao último Sporting-Benfica assistiram 60 mil espectadores.

«O meu amigo que era pintor
contou-me numa noite de bebedeira:
— Olha,
quando chega domingo
não há nada melhor que ir ao futebol.»

(Manuel da Fonseca, «Poemas Completos»).

CARÊNCIA DE TÉCNICOS

«O prof. Herculano de Carvalho, reitor da Universidade Técnica, na cerimónia inaugural do novo ano lectivo, apelou «para quem de direito» no sentido de se providenciar sobre o número de candidatos e, portanto, de futuros diplomados nos cursos de veterinário, silvicultor e agrónomo, três especialidades técnicas afins e que no sector da agricultura têm os seus mais diretos reflexos.

Que significa essa escassez num país essencialmente agrícola?

E porque não coincide o interesse da juventude estudantil com as necessidades nacionais?

Da «Vida Mundial»

● AS COMEMORAÇÕES cabralinas demonstram mais uma vez, a união entre Portugal e o Brasil.
— *Salientou o ministro brasileiro da Marinha numa cerimónia no Rio de Janeiro.*

A APOLOGIA da liberdade aparece em todos os documentos conciliares, afirmou Paulo VI».
—— «O Século», 18/10/68

● DE JANEIRO a Setembro do ano em curso morreram 40 180 pessoas em acidentes de tráfico nos E. U. A.
Num só ano morreram nas estradas portuguesas 1030 pessoas.

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

JORGE SEQUEIRA — É evidente que se o teu trabalho foi publicado é porque tinha qualidade para o ser. Isso seria já para ti uma indicação, não achas? Por vezes acontece que, na «Recepção», os melhores ficam um pouco para trás. Natural, não é? Os médicos acodem sempre mais aos doentes em perigo de vida do que aos que apanharam uma gripezita e com meia dúzia de aspirinas se põem finos... No entanto, parece-me que a tua gripe se agravou nestes últimos tempos e por isso aqui vão ràpidamente algumas palavras para ti. O teu primeiro trabalho pareceu-me mais equilibrado do que este. Mais conciso. Mais objectivo. Este conto **«O invejoso»**... grita de mais e no fundo não consegue nada com esses gritos... Faz perguntas inúteis. Tem muitas exclamações. Tirando isso, o resto até consegue ter coisas com interesse e arranjar um certo clima poético: **«Quando quero conselhos, tenho de consultar a Bíblia. Coisas quentes só tenho a bica. E o amor só em folhetins»**. Isto é bonito. Isto já é qualquer coisa. Vê se consegues libertar-te do tom exaltado, acalma um pouco as tuas palavras e volta a dar notícias.

L. F. SILVA (Trafaria)— Meu amigo, os nossos «sonhos de menino» **geralmente** não passam disso. E se teimamos em ficarmos agarrados a eles, é um sarilho... Muitas vezes confunde-se o gostar de poesia com o gostar de fazer poesia — duas coisas totalmente diferentes. E creio que é o que se está a passar contigo.

«naquela manhã cinzenta
em que subiste ao céu,
na terra havia tormenta
nas nuvens um pequeno véu»

Este é apenas um exemplo. O que é que há aqui de poesia? Eu não digo que tu não tenhas sentido o que escreveste. Digamos que sim. Mas depois mascaraste o que sentiste com palavras falsas, palavras que nada dizem. Garanto-te que me chegam às mãos dúzias de poemas iguais a este que mandaste! Portanto, este poema tanto podia ser teu como de A, B ou C. Tu não nos dás nada de ti próprio, nada que te identifique... Compreendes agora?

C. BABEL (Lisboa) — Muita coisa de outros, pouca coisa verdadeiramente tua, um bocadinho de fado de Coimbra (paz à sua alma!) pelo meio — aqui tens o teu **«Poeta»**. Não se pode dizer que o saldo seja francamente positivo, mas enfim há esperança de melhoria... Amadurece um pouco mais, foge das coisas abstractas e daquelas «caveiras vazias» (hoje isso só dá para o humor negro...) e parece-me que isso irá entrar por melhor caminho.

M.ª F. B. MARTINS (Lisboa) — As tuas narrativas têm ainda um tom impreciso, um tom adolescente. No entanto há qualquer coisa nelas que prende a atenção. Publicaremos uma delas e espero as outras que prometeste, sim? O poema é muito mais fraco; penso que fazias melhor se te dedicasses mais à prosa. Um conselho: evita tanto quanto puderes as expressões gastas e regastas como, por exemplo, «ser-se só é não existir...», etc.'

L. M. J. O. (Mondim de Basto) — Com que então a **«correr para ultrapassares o teu eu»**?... E não me dizias nada? É que eu não sei como isso é. Mas deve ser divertido... Avisa-me do resultado. Estou interessadíssima.

TU UMA ESTRADA

por Maria Tereza de A. D.

Na estrada de ti do teu corpo
fui andando e vi que era alcatroada
dos lados havia terra onde cresciam
espigas com pouco sol e pouca água
mas fui chegando ao final, já avistava
o movimento de formas de horas
trazidas num saco muito arrumadinhas
e bem estudadas e quando estava
já no fim, olhei uma última vez
para a estrada que tinha ocupado anos
em mim e senti, que já não valia
a pena, tirar novo passaporte.

POEMA

PARA O MIGUEL SERRAS PEREIRA

por Vítor Oliveira Jorge

os homens ainda não utilizaram as cidades.
isto é, as cidades têm uma pele
onde poderíamos escorregar uns nos outros
nos sempre incómodos sábados à tarde.
isto é, as cidades têm uma música
onde poderíamos todos dançar
presos pela garganta como marionnettes.
e as cidades têm milhões de noites por noite
milhões de mulheres em cada felicidade
as cidades têm cidades que chegam e partem
e têm-nos a nós, amigo, condenados à cidade que
[está por criar.

FOTOGRAFIA DE
Fernando Jorge Coelho

UM POEMA DE MÃOS DADAS

por Joaquim Luís Alves

Construí um poema de mãos unidas um poema
talvez de chaminés de fábricas suando suor
Indiferentes ao meu poema de mãos unidas
concebendo as mulheres concebiam

Construí então um poema de raízes de
crianças era um poema que ria e chorava
um poema de palavras despreocupadas
Porém indiferentes ao poema de raízes que
eu construira
crescendo as crianças cresciam

Cuidadosamente comecei depois a moldar
um outro poema onde dizia maravilhosas
coisas de todas as coisas O meu poema foi
habitado por homens entrelaçados e
derramou-se invisível pelas ruas da cidade

Na cidade por onde o meu poema passeou
as pessoas viviam a rotina secular dos seus
passos e amando amavam e de novo
concebendo as mulheres concebiam

Um poema de mãos dadas de raízes de coisas
cresceu viveu e morreu comigo quando a noite
já era uma certeza

A VISITA

por Augusto Frade

não tinha nada que fazer portanto deixou-se estar sentado a olhar para as paredes a pensar no exercício de Química de anteontem que lhe correu mal tinha de evitar que os pais soubessem a nota o professor bem o tinha avisado, etc. etc. quando acabou — já ia nos setenta anos e decidiu viver enquanto podia — olhou de novo as paredes e lembrou-se de escrever. escrevia para se distrair sempre que estava aborrecido. imaginou o princípio de uma história depois pensaria como havia de acabar e começou a escrever, encheu meia folha de frases cheias de riscos porque as palavras não soavam como ele queria, fez gestos com a mão, repetiu a última frase, leu de novo o que tinha escrito e de súbito aborreceu-se e atirou tudo para o lume — nunca mais era capaz de inventar uma história... — viu as chamas lamberem a folha depois as cinzas e continuou a olhar para o lume, fixou a atenção sobre os paus que ainda ardiam e olhou de novo as paredes. observava sempre as paredes e o tecto quando não tinha nada que fazer e foi assim que o vi quando entrei, mas só depois de chegar junto dele é que se dignou olhar-me. procurou um ar abstrato para o rosto, semicerrou os olhos e disse por fim:

— o mundo é utópico.

apressei-me a afirmar que sim sem pensar no que dizia porque o Zé — sempre despenteado e com a paixão da música clássica — merecia toda a confiança, ou melhor talvez não merecesse e eu não tivesse dado importância ao que acabava de ouvir porque ele andava sempre a dizer «coisas» e adormecia a ouvir Mozart — Mozart era o seu compositor favorito — embora confundisse a obra e a biografia com Verdi que também conhecia. Os restantes eram muito pobrezinhos ao pé deles... quando despertou — ficava sempre ausente quando dizia uma frase destas — apressou-se a oferecer-me uma cadeira e disse:

— esta tarde ouvi a melhor canção da minha vida.

não lhe perguntei qual era evidentemente, em circunstância alguma o teria feito — eu não gosto de música clássica — mas ele fez um esforço para me dar uma ideia — das ideias gosto — algo parecido com uma rosa a desabrochar com a madrugada enquanto o sol surgia em todo o seu esplendor atrás das colinas...

prolongou o monólogo durante quinze minutos pelo menos e quando acabou repetiu concentrado a sua frase habitual:

— agora deixa-me. vou ouvir música e preciso estar só.

a outra grande paixão dele era o teatro. escrevia umas «coisas» sobre isto mas não as mostrava por modéstia. antes de sair remexi as cinzas com um ramo e cuspi as boas-tardes para o lume por delicadeza.

MULHER LOUCA

por Ema Vicente

Vive num sótão
que nem chega a ser só-
[tão
tinha um gato que mor-
[reu.
Guardou o corpo dois
[dias
Foi depois ao fotógrafo,
para serem fotografados
Ela e o gato morto.
Todos os dias trabalha,
mas no dia de Natal
comeu feijão
Coitadinha, dizem as vi-
[zinhas,
não é boa da cabeça,
e têm razão.

DEIXEM-ME UM DIA DE ANGÚSTIA

por José Rogério Mineiro Carrola

Deixem-me um dia apenas de angústia
e levem o resto. Podem levar o tempo,
este tempo que carrega apenas a memória
e deixa gravado em mim o rosto dos amigos que
[não voltam.

Não quero sentar-me tranquilamente em nenhuma
[poltrona
a pensar que tive uma infância triste
e que portanto isso é a cura
de todas as infâncias tristes deste tempo.

Podem levar-me tudo e a cada pedido meu
dizerem não.
Deixem-me um dia de angústia apenas
para eu morrer tranquilamente
deitado no chão.

PEDRAS

por António Sena

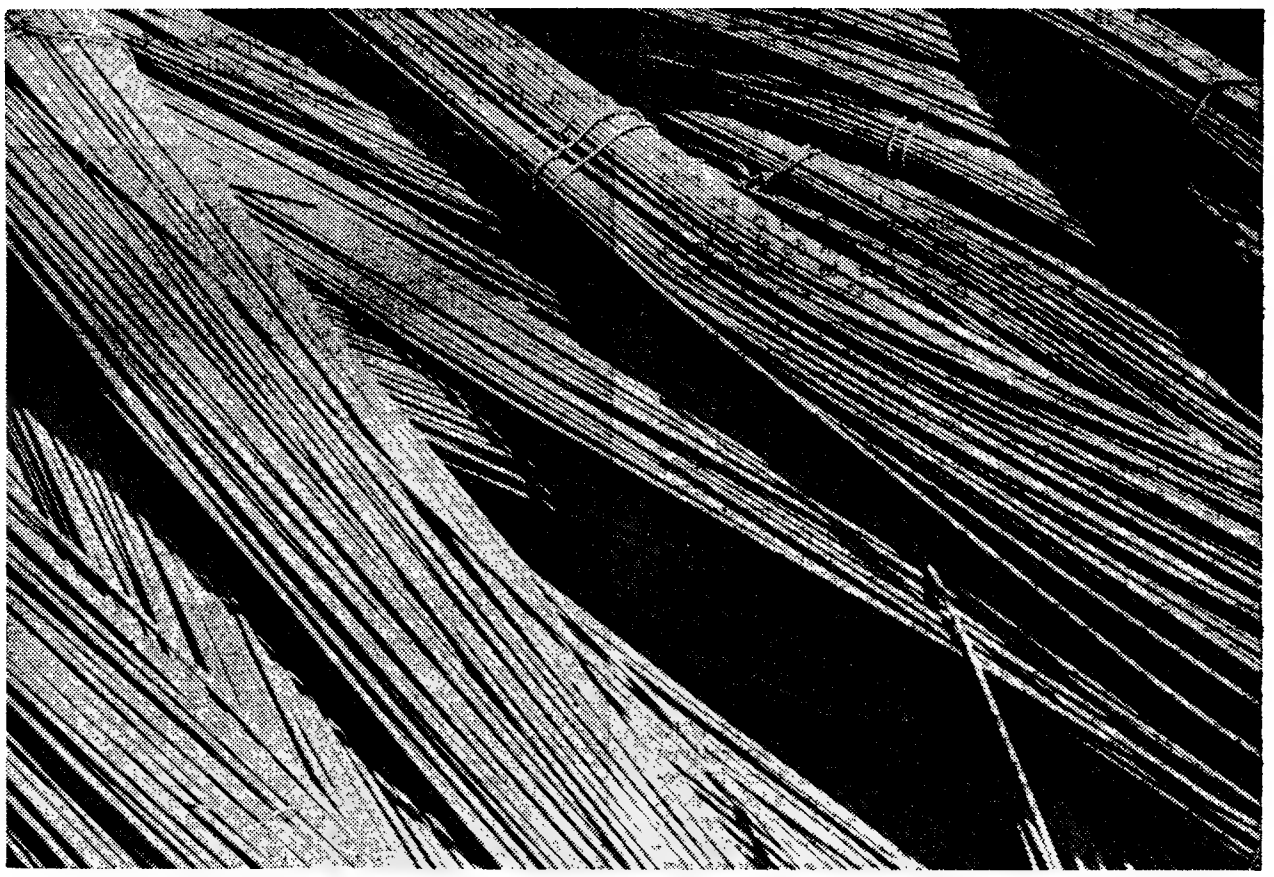
pedra sem musgo nem humidade. poesias de pedra enegrecidas. poesias poemas solidificados pelas mãos dos homens homens que solidificam o sol, que fazem do sol fogueira para queimarem o lixo. são gente petrificada de relógios parados de risos apagados de senhoras que diminuem a idade que de tudo fazem artificial: cristais, flores, tristeza, natureza.

A FACA

AOS QUE NOS OLHAM DE FORA

por Jorge Alves da Silva

FOTOGRAFIA DE Fernando Jorge Coelho



a faca é
metal mieróbio

é o que prolonga
a mão
quando nela
se demora

mão que desliza
mão que ama
que ao corpo
o gesto decora
a faca enfia-se

é um grito
no momento
que esgota
a hora

abre o pus
na cara
outra boca
aberta de fora

no que abre
encerta
o que nos aperta
e explora

usa-a rente

faca é dente
que trinca
agora

FASES

por Mário Contumélias

I

Nesse tempo
quando chovia
olhávamos
a solidez do tecto
E
entristecíamos
nos vidros da janela.

II

(Olha
a lua a escutar
o mar
com um búzio
no ouvido.)

III

Então
descobrimos
que afinal aquilo era uma
[rua
E
lá só passavam pessoas.

POEMA

por Mário de Figueiredo Piçarra

Um caminho a percorrer-me.
um longo caminho
a percorrer-me as vozes dentro das veias.
Os carros partiam. O ranger das rodas.
concebidas para gritarem mais alto.
e despertarem deste sono o sono dos insectos.
Sem haver passeios como os de outrora ou outros.
tão recentes no cheiro forte a envolver-me.
a colheita das flores — já apodrecidas as pétalas
e os brilhos da cara e das narinas.
Mas junto-lhes de longe o bafo dos meus passos
Sem que haja novidade
dentro dos olhos.
nem sequer um dia de lembranças antigas.
E fujo. e aproximo-me da cidade a descoberto.
no pulsar das ruas.
os olhos postos no corpo onde no fundo entrevejo
[as raízes.
E uma vontade urgente de voltar
procurar de novo o caminho.
na frieza das árvores. nos anúncios das esquinas.
O asfalto pesou-me.
como se os meses num Verão próximo me deitas-
[sem

Mas talvez uma vontade a chamar-me
pelas coisas simplesmente alheias
E sempre um costume a afastar-me
a secar-me a poeira num caminho
num caminho muito antigo.

UM NOVO HINO DE AMOR

por Vítor Manuel de Sousa Ilharco

I — tema para uma canção

no meu piano-mapa-mundo compus uma canção. meus dedos ágeis percorriam as teclas negras-brancas saltando de umas para as outras com a sabedoria dos que têm a felicidade de ser daltónicos. era uma canção fácil de aprender e falava de um rapaz diferente. diferente só porque dizia que o amor existia ainda. em embrião, esperando a sinceridade e desejo de liberdade dos homens, concordava, mas existia. esperava nessa altura mais duas mãos que me ajudassem a tocar a canção que tinha composto. era uma canção que tinha de ser tocada, forçosamente, a quatro mãos. escrevi-a no tempo em que os sonhos eram permitidos. nessa altura deixava que os meus olhos seguissem por becos (ex-auto-estradas) e me trouxessem fotos que, religiosamente, guardava no peito com o intuito de os fornecer gratuitamente aos descrentes jovens de um futuro-hoje. eu acreditava nessa data que o pensamento da personagem por mim criada estava certo.

II — recordando

era um dia igual aos que há muitos nos rodeavam. não havia pássaros cantando hinos de paz, nem formigas amigalhando migalhas de pão que já outras formigas tinham procurado. nem havia brincadeiras inocentes das crianças-formigas que nos olhavam escondidas nas trincheiras dos canteiros dum jardim nu. brincavam com as armas de plástico e esperavam o incauto inimigo que não tardaria a passar. os autocarros passavam também. cheios das mesmas ilusões e enganos e... (sei lá!!!) talvez das mesmas alegrias. havia no ar o mesmo cheiro de tecido, espalhado por um fumo negro que as mesmas fábricas teimavam em fumar. os mesmos fatos-macacos carregavam com os mesmos operários. a mesma chuva levava para a sargeta o mesmo lixo que a chuva do ano passado tinha carregado. os mesmos olhos de compositor buscavam os olhos diferentes nos olhos iguais que fitavam. foi aí que começou o fracasso da composição. a letra era verdadeira. a música era já conhecida. era já a mesma falsa música de outras composições.

III — quarenta e três rugas depois

foi há quarenta e três rugas que deixei de pensar assim, quando a via na janela sem grades (tão fácil de tocar) minha cara, ainda passada a ferro, deixava transparecer o sorriso que me habitava. quando soube que só a poderia tocar através de jornais trajados a negro meu concerto de amor foi, pouco a pouco, perdendo a felicidade inicial e, a duas mãos, toquei o estribilho onde dolorosa e decididamente amarrotava meu rosto e lhe cuspia num gesto que tinha mais de derrota que de protesto. foi então que meu rosto se transfigurou e eu alcancei aquele ricto de felicidade na dor que só os grandes génios conseguem obter. e a minha obra teve enfim o valor de uma derrota. e o meu peito tocou a resignação que a cabeça teimava em esconder sobre a capa do ódio, do sorriso falso, do punho fechado num gesto de inexistente força. fiquei então convencido que o amor existia mas não em embrião. era aquele velho vencido apoiado á bengala-incompreensão sem vontade de tornar a lutar.

Diário de Lisboa

31 DE DEZEMBRO DE 1968

366 DIAS A VER TELEVISÃO

por Mário Castrim

1 HÁ QUE MANTER UMA ATITUDE PRO OU CONTRA A TELEVISÃO!

Nem uma coisa nem outra. Perante a televisão há que manter uma atitude crítica. A televisão, em si mesmo, não é um mal. Só o uso que dela se faz determina o elogio ou a condenação.

A verdade é que, com os seus doze anos de existência, a televisão se enraizou já profundamente na realidade nacional. Se ela desaparecesse, seria o vácuo. Ignorá-la eis a prova mais acabada do avestruzismo ideológico.

Pelo contrário, a maior atenção deve ser prestada á actividade da televisão portuguesa cuja importancia excede os interesses e os limites de uma entidade privada: reagir aos métodos da televisão portuguesa deve considerar-se hoje mais do que mero atributo da crítica isolada: é um dever de cidadania

2 O SALDO DA ACTIVIDADE DA TELEVISÃO PORTUGUESA, NO ANO DE 1968 PODE CONSIDERAR-SE POSITIVO?

Não. Devemos antes considerá-lo negativo. A futilidade, a distracção, a fuga á realidade, tornaram-se as características mais significativas dessa actividade. As chamadas «rubricas culturais» tiveram a desservi-las apresentações pastosas, ignorantes, ou o completo abandono. A presença de João de Freitas Branco é uma excepção gritante.

Por outro lado, a «peneiração» de participantes nas actividades da televisão portuguesa joga como uma das causas (e também como uma das consequências) do seu empobrecimento. Os maiores nomes da literatura, do teatro, do cinema novo, do jornalismo, etc., não aparecem nos televisores. A televisão portuguesa constitui uma família excessivamente fechada.

Além de tudo isto, a televisão portuguesa trabalha excessivamente em função do «homo alfacinha», considerado como pertencente á média ou pequena burguesia. Esse vicio lisboeta é visível não apenas no conteudo dos assuntos tratados mas também na linguagem utilizada e nos horários das emissões.

Neste ultimo aspecto, verifique-se como o forte da emissão se situa entre as 22 e as 24 horas. Este horário está em completo desacordo com as realidades da maioria da população portuguesa considerada no conjunto. Os rurais, os operários, os estudantes não podem utilizá-lo em seu máximo proveito. Das 19 ás 21 horas, tempo de excelente aproveitamento na província portuguesa, temos um quase deserto na televisão. Em doze anos de actividade a R. T. P. não [illegible] ainda um minuto a se debruçar sobre tanto esforço e tanto dinheiro?

3 ...ESPECIFIQUEMOS ALGUMAS RUBRICAS..

NOITE DE TEATRO evita a representação de autores portugueses dignos do nome, de dramaturgos. Uma grande oportunidade ingloriamente perdida para o desenvolvimento e propaganda do teatro. Pergunta-se: das muitas centenas de contos gastos pela televisão portuguesa quantos autores se revelaram ou confirmaram? Quantos actores novos surgiram? Em resumo: qual foi a taxa de rendimento para o futuro de tanto esforço e tanto dinheiro?

NOITE DE CINEMA terá apresentado certa melhoria de qualidade em relação a anos anteriores. De qualquer modo, a concretização do sonho do cineclube ao domicílio esteve imensamente longe de se realizar.

Quanto ás séries diminuiu a intensidade da produção americana ou, pelo menos, diluiu-se, perdeu-se o seu aspecto de quase exclusivismo. No entanto, a sua qualidade continua a ser de baixo sinal, quer a de origem inglesa, quer francesa. Provou-se, pelo êxito da «Silvia dos três ulmeiros», que as séries não baseadas no desbragamento da violência gratuita não são a unica via para o publico, que o publico telespectador é susceptivel de aceder a formas educativas — quando elas assumem suficiente dose de invenção, de ficção.

HISTÓRIA DA MUSICA é uma rubrica séria que alguma coisa tem feito pela divulgação ao mais alto nivel. Para isso muito contribuiu a autoridade e a expressão fácil de João de Freitas Branco.

SANGUE NA ESTRADA manteve-se num estado permanente de monotonia. Filipe Nogueira já não guia: divaga. Esta rubrica deixou de ter a mínima acção orientadora, divulgadora, morigeradora.

«HARMONIA E BOM GOSTO» subiu de rubrica a anedota. Sendo a decoração um assunto com potencial publico numeroso, lamenta-se que a televisão haja feito dela pura tribuna publicitária e posto á sua frente quem não possui os mínimos requisitos para a função. Tal rubrica é daquelas que, mais tarde ou mais cedo, virá a provocar muitos amargos de boca.

VARIEDADES: eis aqui uma das rubricas de maior audiência. A RTP, no entanto, não tem correspondido ao interesse publico, a não ser quando se resolve a ligar á Eurovisão. Nesta rubrica verifica-se uma perigosa estagnação, o jogo de interesses, as relações pessoais, a discriminação, representam elementos negativos com responsabilidade na estagnação da rubrica.

As rubricas dedicadas á literatura sofrem de mazelas várias. Entregues a quem nada percebe do ofício, acabam por descambar em qualquer coisa de agoniativo. O ponto culminante destas rubricas negativas atingiu-se com a entrevista do neto de Eça de Queirós, que tanto agitou a opinião pública

Os programas femininos, agora diários, em muito pouco variaram de processos. Desinteressados dos específicos problemas da mulher portuguesa, arrastam uma vida penosa, vivem de expedientes...

As crianças, essas, continuam a ser as grandes enjeitadas da televisão, publico riquíssimo que a RTP despreza com uma total leviandade. Como inovação apenas houve a substituição do «Carrocel Mágico» pelo «Quarto de brinquedos». Esta rubrica tem-se mostrado absolutamente incapaz de interessar o publico infantil. A actuação desastrosa da monitora reclama muita responsabilidade no malogro.

«TV Rural» continua o seu milagre de ser uma rubrica viva, numa permanente luta contra a rotina, de admirar tanto mais quanto mais se afundam na rotina tantas outras rubricas.

Em produção de televisão portuguesa não se pode esquecer o que pode ser considerado seu unico «magazine» vivo: «Horizonte», de Baptista Rosa. Neste fim de ano, o que há de verdadeiramente bom para recordar, são algumas reportagens, alguns capítulos, algumas faces de «Horizonte». Baptista Rosa é um homem de televisão a quem tarefas de maior responsabilidade, no domínio da renovação de programas, devem vir a ser confiadas. Tem as suas provas feitas quanto a imaginação, dinamismo, capacidade de trabalho, «faro» jornalístico, para além de uma experiência e de formação profissional em que bem poucos, dentro da televisão, poderão acompanhá-lo.

Uma outra produção portuguesa merece especial citação: «Riso e Ritmo», cuja evidente melhoria de qualidade e renovação de processos se têm acentuado. É verdade que, no que respeita a qualidade, não consegue, sempre uma altura de nível razoável. Mas os seus produtores dão provas de uma capacidade de organização e de persistência que muito pode contribuir para fazer de «Riso e Ritmo» aquela rubrica portuguesa de variedades capaz de criar, e manter, um publico fiel.

Não quero deixar, por ultimo, de referir, ainda que ligeiramente, uma das rubricas de maior importancia dentro da televisão portuguesa: o TELEJORNAL.

Sendo a mais importante, é também a de mais lastimosa constituição. Não preside ao «Telejornal» um verdadeiro espírito jornalístico, dentro da linguagem televisiva. Além de que os atropelos constantes á objectividade transformaram o jornal, que devia ser de todos, num domínio privado ou, melhor dizendo, ultraprivado.

É urgente uma remodelação completa nos processos e nos quadros do «Telejornal»

4 PODE CONSIDERAR-SE A CRIAÇÃO DO SEGUNDO CANAL UM PROGRESSO NOS DOMÍNIOS DA ORGÂNICA DA TELEVISÃO?

Em princípio, sim. Como pode considerar-se benefício, quanto á produção da água, a abertura de mais uma fonte.

Na realidade, porém, a criação do segundo canal pode ser um perigo para a divulgação cultural, muito em especial se para ele dirigirem **aquelas matérias susceptiveis de interessar publicos mais restritos.**

O ideal seria a existência de uma unica via organizada de modo a satisfazer os **publicos restritos** e os **publicos numerosos.** Em virtude da formação cultural desenvolvida e explorada ao longo dos tempos, o «Chaparral» tem mais publico do que o «Hamlet», a série policial tem mais publico do que a ópera. A dicotomia **arte** e **distracção** não pode deixar de tornar-se nociva ao grande publico. Este, entregue á sua malconformação cultural, não terá mais oportunidade de ascensão. Entre o Artur Agostinho, do primeiro canal, e o João de Freitas Branco, do segundo canal, entre a Maria Leonor, das modas, no primeiro, e a Vitolina Leal de Matos, no segundo, o chamado grande publico terá maior tendência para buscar o primeiro canal, enquanto o **publico restrito procurará** o segundo. Acontecendo que o publico telespectador é o grande publico, com dois canais diferenciados por qualidade, o grande publico tornar-se-á cada vez maior, e o publico restrito tornar-se-á mais restrito ainda. O povo português ficará, assim, dividido, perigosamente dividido em duas camadas de interesses antagónicos **oficialmente** reconhecidos.

A existência do segundo canal justifica-se com outra finalidade: a da promoção profissional ou educacional, por exemplo. Uma **Telescola** nocturna poderia representar grande papel no ambito dessa promoção profissional, pois iria beneficiar milhares de indivíduos (crianças e adultos) que não podem, de dia, beneficiar da possibilidade da **Telescola.**

Se a criação de um segundo canal não se justifica em tal sentido, ainda menos se justifica desde que os processos nele utilizados sejam os mesmos dos do primeiro.

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

XV ANIVERSÁRIO

1954 1969

COMUNICADO

F. FERNANDES & COSTA, LDA., Agência Mediadora de Propriedades e Colocação de Capitais, com sede na Av. Almirante Reis, 104-2.º, em Lisboa, comunica aos seus estimados Clientes, Amigos e ao Público em geral, que os seus escritórios encontram-se encerrados no próximo dia 2 de Janeiro para runião e confraternização de todos os seus colaboradores, por motivo da passagem de mais um aniversário da sua fundação.

A Gerência
JOSÉ DA SILVA COSTA

TINTAS
MARILINA
Rua de S. Paulo, 216-1.º
LISBOA
DESEJA A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS
FELIZ ANO NOVO

TAVARES & MOREIRA, LDA.
FABRICANTES DE MÓVEIS T. M. L.
Orçamentos grátis — Executamos modelos do Cliente
Apresentam a todos os seus Ex.mos Fornecedores e Amigos Boas Festas e Novo Ano próspero
AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA, 2-C, 2-B, 11-A e 11-B
Telef. 724416 — LISBOA

SOB O SIGNO

DOS MONUMENTOS E DOS PRÉMIOS PARTICULARES

NÃO SE PODE DIZER que o ano de 1968 tenha tido influência decisiva na evolução geral das artes plásticas, entre nós. Mas um facto é de assinalar que oxalá seja o início de um movimento progressivo; e se assim for bem marcado ficará o ano que finda: referimo-nos aos prémios de empresas particulares, atribuídos em concurso público.

Outro aspecto importante do ano foi o da quantidade de monumentos inaugurada durante ele, o último dos quais a estátua do falecido arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, na terra da sua naturalidade: a vila de Ílhavo.

Quanto ao resto, as exposições foram-se realizando como é de uso, sem nada que as particularize.

Duas estátuas equestres

Comecemos pelos monumentos. Num país pobre de estátuas e que conta pelos dedos de uma mão os monumentos equestres, não deixa de ser feito a inauguração de duas estátuas equestres no mesmo ano, e a assinatura do contrato para outra. Havia quatro estátuas equestres no continente, há agora seis, prevendo-se para dentro de um ano a sétima.

Em Abril era inaugurada, junto ao Mosteiro da Batalha, a estátua de Nun'Álvares, obra magnífica de mestre Leopoldo de Almeida. Terminou assim, embora não da melhor maneira, uma questão que se arrastou durante anos: o da localização desse monumento que a Câmara Municipal de Lisboa destinou, primeiro, ao alto do Parque Eduardo VII, depois à Praça da Figueira e que acabou por oferecer à Nação para ficar perto do local onde se feriu a batalha de Aljubarrota.

E para a Praça da Figueira foi encomendada ao mesmo artista a estátua de D. João I. A maqueta, mais decorativa, com o cavalo ajaezado para parada, é já conhecida. De esperar é que não haja os contratempos e as contradanças que conheceu o Condestável modelado pelo mesmo estatuário.

Meses depois, no Porto, junto à Sé, era inaugurada a terceira estátua equestre da cidade que deu nome a Portugal: a de Vimara Peres. Também esta foi modelada por um mestre da escultura portuguesa qual é o prof. Barata Feyo a quem se deve igualmente a de D. João VI erguida no terreiro do Castelo do Queijo.

Descendo dos pedestais das montadas e cavaleiros, a cidade de Abrantes rendeu homenagem a Nun'Álvares levantando-lhe no seu castelo onde se decidiu dar batalha aos castelhanos, em vésperas de Aljubarrota, um monumento moderno inteiramente concebido e realizado pelo artista do nosso tempo que é Lagoa Henriques.

Outros monumentos? Além do de Ílhavo já citado, temos o de Paulo VI com que a cidade de Leiria homenageou o Papa que pelas suas ruas seguiu a caminho de Fátima, recebendo ali as chaves da cidade. Também este monumento foi realizado por escultor jovem, com uma maneira

Leopoldo de Almeida

bem própria, qual é Charters de Almeida. Em Lisboa foi, finalmente, inaugurada a estátua de Guerra Junqueiro, obra de Lagoa Henriques.

Nos domínios da escultura algumas exposições se realizaram também. Queremos destacar sobre todas as de Hélder Baptista, pelo que representa de pesquisa, de procura de uma linguagem nova, e a de João Cutileiro, esta em galeria que tem marcado boa presença pela qualidade das apresentações. João Cutileiro, de sólida educação clássica demonstrada naquela cabeça feminina, mostra-se de uma originalidade e imaginação, consegue um poder decorativo grande, sendo talvez prejudicado o conjunto da sua obra pela constante acentuação dos mesmos motivos e temas.

Arquitectura e artes decorativas

Da escultura passemos à arquitectura que, nos últimos anos, tem marcado presença assinalável e que, neste final de 1968, movimenta centenas de trabalhadores no alto do Parque Eduardo VII, na construção do monumental Palácio da Justiça. Anuncia-se que nele colaborarão diversos artistas, entre outros com painéis cerâmicos os nomes grandes de Jorge Barradas, Querubim Lapa e Resende.

Na integração das diversas artes plásticas se pode classificar de modelar aquele hotel inaugurado há um ano no Algarve, projectado e orientado por Conceição Silva e que inclui trabalhos de pintores, escultores, tapeceiros e ceramistas. As obras de arte que para o Hotel Balaia foram, estiveram em Lisboa, mas fora do seu ambiente não tinham o mesmo esplendor...

Em Lisboa, abriu recentemente o Palácio do Comércio onde se encontram diversas pinturas e esculturas, entre elas um «Mercúrio», de Leopoldo de Almeida, e um grande painel que Severo Portela realizou e que deve ser dos maiores do País, nele se representando as artes e ofícios tradicionais da cidade.

E em Lisboa continua por inaugurar aquele grande restaurante do Alto da Serafina onde se empregaram mármores preciosos e materiais caros, a par de pinturas e cerâmicas, esculturas de diversos artistas. Abrirá quando?

Também o Município lisboeta tem em construção o teatro, enquadrado num grande imóvel da Avenida de Fr. Manuel Contreiras, com a colaboração de artistas diversos. A inauguração será dentro de alguns meses.

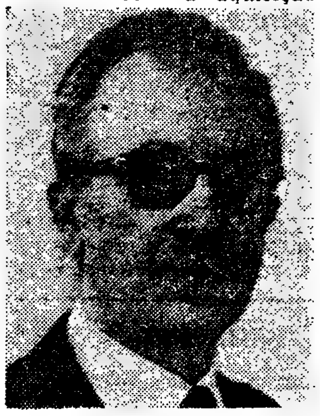
O reaparecimento de uma escola

O ano foi dos escultores. Até um deles tomou o cargo de director da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa que há muitos anos mal dava sinais de vida. E Joaquim Correia agitou logo o meio. E em bem, diga-se. Agitou o meio e mostrou que também a E. S. B. A. L. pode trabalhar e comunicar com o público.

A exposição com que comemorou o centenário de Rodin, aproveitando as obras do grande estatuário existentes em Portugal, e inscrustando-a numa exposição escolar, como se Rodin fosse também um dos mestres da escola — e não será ele mestre de todos quantos querem aprender? — foi modelar. Não há que olhar à quantidade dos trabalhos, mas à forma como alunos de escultura, de pintura, de desenho, de arquitectura desta segunda metade do século, se sentem bem ao lado do autor do «Balzac» e do «Victor Hugo», dos «Burgueses de Calais» e como lhes não mete medo a sua companhia tutelar.

Prémios particulares

Um dos aspectos mais importantes da actividade artística nacional é marcada pelos prémios de instituições particulares para artistas plásticos. Tivemos não há muito aquele concurso da companhia de petróleo B. P. com um prémio de 40 contos com a aquisição



Barata Feyo

da obra que foi a de Nuno de Siqueira.

Parece que o exemplo da grande companhia desabrochou e deu frutos abundantes neste ano de 1968. E esperemos que não estiole. Assim tivemos um concurso da General Motors, com exposição dos trabalhos na S. N. B. A. e em que os prémios foram para António de Sena e para Noronha da Costa.

por Raul Rego

Logo a seguir os prémios dos 50 anos da Guérin com uma série de conferências sobre o ambiente de há meio século em Lisboa em que o aspecto das artes plásticas esteve a cargo de José-Augusto França. Os prémios foram para Manuel Baptista, o primeiro, Henrique Ruivo e António Ferraz, os outros.

Depois a Sociedade Soquil, cujo prémio de cinquenta contos foi atribuído a Carlos Calvet. Menções honrosas foram para António Sena, Costa Pinheiro, José Rodrigues, Nadir Afonso e Noronha da Costa. As obras encontram-se ainda expostas na Livraria Buchholz.

Galerias e exposições

Se a actividade foi razoável e animada nestes concursos particulares e no que respeita à integração das artes plásticas com a arquitectura, ela própria a concentração de todas as artes, o mesmo não podemos dizer da actividade das galerias e mais ainda das galerias de maior responsabilidade.

Com efeito nem S. N. I. nem a S. N. B. A. corresponderam às suas tradições e função. Por motivos vários e acidentais? Não curamos dos motivos, mas quão longe esteve do seu nome e função o III Salão Nacional de Arte! E não precisamos de especificar mais, nem de citar outras manifestações.

Quanto à S. N. B. A. prosseguiu aquela mornidão dos últimos tempos que não nos parece corresponder à finalidade da instituição nem tão-pouco ser útil a qualquer sector da arte nem tão-pouco aos associados. Com o salão vazio durante mais de metade do ano, as saletas, quando funcionam, em exposições particulares quase todas fracas, embora sem responsabilidade para a direcção porque as obras têm o nome do associado que as assina, fica apenas aquela

Escultura de J. Cutileiro

Galeria de Arte Moderna de actividade intermitente, embora com algumas manifestações que marcam boa presença.

Nas outras galerias destaquemos as das Livrarias Buchholz e Divulgação, a primeira sob a direcção do dr. Rui Mário Gonçalves, a segunda sob a do dr. Faria de Carvalho e que encerrou o ano com aquela exposição de Tomás Mateus em sólida fase da sua arte.

Também a Quadrante, a Dinastia, nesta se destacando a exposição de Manuel Cargaleiro, este com notável actividade em Paris, na Alemanha, na Suíça, na Bélgica e na Itália, e encerrando com a da arte infantil do «Juvenil» do «Diário de Lisboa», a do «Diário de Notícias».

Uma iniciativa da Galeria Archote, dirigida agora pelo artista que é Artur Bual, registemos também: a do iniciar dos leilões de obras de arte, todas as semanas.

Ainda as Galerias Interior, Sam Mamede. E bem perto de Lisboa, as salas de exposição da Junta de Turismo da Costa do Sol e do Casino do Estoril.

E por aqui nos quedamos, esperando novos esplendores de arte para o ano que vai entrar.

SÍNTESE

DE UM ANO «RICO»

por Sérgio Ribeiro

PARA O NOSSO BALANÇO ECONÓMICO deste ano de 1968, o ano começou bem no princípio, com a declaração de Johnson, e terminou com o Orçamento Geral do Estado para 1969.

E foi um ano «rico». Quando procuramos uma trégua para olhar para trás, encontramos tanta coisa que, de certo modo, se a dificuldade de começar nos tolhe, mais ainda a antevemos no acabar.

BALANÇO INTERNACIONAL

Mas comecemos mesmo pela declaração de Johnson, o que quer dizer: agarremos o novelo pela ponta dos E. U., da sua balança de pagamentos, do problema do sistema monetário internacional.

Foi o Plano Johnson, foi o discurso do Estado da União, foi o orçamento inglês («um orçamento de guerra em tempo de paz»). Mas, em Março, a corrida ao ouro foi um tropel. A manutenção do dólar a 35 a onça de ouro foi luta em que os E. U. jogaram quase tudo. Com dois espectros a pesarem: o de 1929 e o de Dien Bien Phu. O duplo preço não convenceu como solução definitiva.

Mas, entretanto, a França estoirava em agitação social. Os estudantes foram rastilho que, embora com desencontros ostensivos com dirigentes

(Continua na pág. seguinte)

OS JOGOS OLÍMPICOS E A MODÉSTIA DO DESPORTO NACIONAL

por Mário Zambujal

OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO constituíram o acontecimento dominante do 1968 desportivo. A longa e densa expectativa criada em torno das competições, desde as dúvidas que se levantaram sobre a capacidade de organizadora dos mexicanos até às discussões sobre o problema da altitude, passando pela celeuma levantada pela admissão e posterior exclusão da África do Sul — tudo se conjugou para que os Jogos do México atraíssem as atenções do mundo muito antes dos atletas começarem a competir.

Ao fim e ao cabo, os Jogos alcançaram um êxito total. Vitória mexicana com uma organização que a maioria dos observadores considerou muito satisfatória. Vitória do Homem sobre apontados limites da sua capacidade de força e destreza, a traduzir-se numa impressionante sucessão de «records» caídos por terra.

Como sempre acontece, o atletismo abarcou a maioria das atenções. E foi no atletismo que se conseguiram as mais espantosas proezas, considerando-se embora os benefícios que terão resultado, para velocistas e saltadores, da famigerada altitude e da novidade do «tartan». Em especial evidência estiveram os negros americanos, que já antes haviam vencido a barreira dos 10 s nos 100 metros e que no México foram vencedores de todas as provas de velocidade, masculinas e femininas. Mas o mais surpreendente resultado dos Jogos do México foi o de Robert Beamon, também americano negro, que saltou em comprimento 8,90 m, distância considerada para além das possibilidades humanas. Outro americano, Richard Fossbury, espantou o mundo ao bater o «record» olímpico do salto em altura, com 2,24 m, com um bizarro pulo de costas.

No que respeita às corridas de meio-fundo e fundo, considera-se que a altitude prejudicou os resultados e influenciou as competições, pois os atletas originários de regiões mais elevadas mostraram um à-vontade decisivo, no confronto com os outros, muito afectados pela rarefacção atmosférica. No primeiro caso estarão, especialmente, o etíope Meno Wolde, vencedor da maratona e 2.º nos 10 000 metros, e os fundistas do Quénia, nomeadamente Tenu e Keiro.

Não obstante ter-se em consideração essa vantagem, não pode deixar de considerar-se a participação africana como uma das notas de maior relevo nos Jogos do México, que terão ficado como o anúncio de que a África vai ter um papel de progressivo relevo nas grandes provas do desporto.

Outras grandes figuras das competições olímpicas foram a ginasta checa Vera Caslavska e a nadadora americana Debbie Meyer, que conquistaram, respectivamente, quatro e três medalhas de ouro.

Foi muito pobre, como aliás se aguardava, a representação portuguesa nos Jogos Olímpicos. Mas esse facto, tornado mais evidente graças a tal satélite que proporcionou a todo o mundo a possibilidade de «estar no México», teve o benéfico efeito de uma geral consciencialização das graves deficiências do edifício desportivo nacional. Todos pudemos aquilatar, assim, da imensidão do nosso atraso nos domínios do desporto, sempre que não se fixe nos campos do futebol profissional e do hóquei em patins. Pesquisaram-se as causas, propuseram-se soluções, apontou-se a necessidade de uma efectiva educação física na escola primária, cumprindo, aliás, legislação há muito promulgada, mas sem cumprimento na prática.

Entretanto, alargou-se ao ritmo possível o número de instalações desportivas, nomeadamente piscinas e pavilhões polivalentes.

O mais importante, porém, terá sido este despertar de consciências para o muito que há a fazer, não no sentido de conquistar medalhas olímpicas, mas para que se dote a juventude portuguesa de condições e possibilidades de praticar desporto.

Nos Jogos do México, Portugal não ganhou nada. A não ser uma clara lição que os responsáveis pelo pelouro desportivo talvez não a deixem cair em cesto roto. O Governo — como aliás lhe cumpre — parece olhar o problema com uma atenção nova.

No plano internacional, o mais saboroso êxito do ano tornou a pertencer à selecção nacional de hóquei em patins, que voltou a conquistar o título mundial. Embora o interesse pela modalidência para um desporto de tão modesta representação como o nosso.

Neste aspecto de repercussão internacional foi, uma vez mais, a equipa de futebol do Benfica a nossa mais poderosa representante, ao atingir — pela quinta vez — a final da Taça dos Campeões Europeus.

Ainda no futebol, há a recordar que o mesmo Benfica voltou a vencer o campeonato nacional, pertencendo ao F. C. do Porto a vitória na Taça. Já no final do ano distinguiu-se particularmente o grupo do Vitória de Setúbal, que vendade seja ainda muito restrito em quase todos os países (exceptuemos apenas Portugal e a Espanha trata-se, de qualquer modo, de um título mundial, portanto um agradável marco de eviceu os seus cinco primeiros jogos para a Taça das Feiras e está a marcar posição de realce na prova.

A lesão de Eusébio, a operação de Eusébio, a cura de Eusébio, a «forma» de Eusébio — tudo quanto respeitou ao famosíssimo futebolista constituiu assunto debatido durante o ano de 1968. Sem dúvida que um grande ponto de interrogação tem pesado sobre o futuro do melhor marcador do «Mundial» de 1966 e que, da sua gritante inferioridade física, muito se ressentiram a equipa do Benfica e a própria selecção nacional.

...Selecção nacional que teve um ano sombrio, nomeadamente pela derrota em Atenas, na fase de apuramento para o «Mundial» de 1970.

No panorama desportivo do ano avultou, como é habitual, a Volta a Portugal em Bicicleta, que proporcionou excelente triunfo a Américo Silva, um jovem corredor do Benfica que já ganhara, no ano anterior, a Volta ao Estado de S. Paulo. Mas a grande revelação da temporada de ciclismo — melhor dizendo, a grande revelação do ano desportivo nacional — foi Joaquim Agostinho, do Sporting, que em poucos meses de actividade velocipédica mostrou qualidades excepcoinais, a ponto de se bater com os melhores ciclistas da actualidade, no campeonato do mundo e na «Rampo de Montjuich». O próximo ano poderá dar ao desporto nacional um campeão de vara estirpe, mas não esqueçamos que este Joaquim Agostinho, tal como Eusébio, é uma «flor silvestre», que nada deve ao nosso quase inexistente «jardim» da cultura física.

Merecem ainda uma referência a realização de mais uma edição dos Jogos Juvenis do Barreiro e a frustração da Universidade de Lisboa.

O ano económico

(Continuação da pág. anterior)

operários, actuou em situação social deteriorada. As greves de Maio-Junho, no plano económico, representaram actuação extremamente importante na correlação das classes em confronto. A recuperação económica procurada pelo Governo francês encontrou, a partir de certa altura, a resistência passiva (pela procura de melhores lugares) dos capitais franceses. Apesar de essa actuação do Governo francês não o ter levado a perder o sentido da sua colocação nessa correlação das classes sociais. Tanto assim que, neste Novembro, quando se poderia esperar uma «certa» reacção de reprimenda (pelo menos) aos colocadores de capital no exterior, de Gaulle «avisou» os trabalhadores e os estudantes e, claro, pôs a culpa do que acontecia à «sua» França em Maio-Junho...

Mas Novembro foi de novo, como em 1967, um mês importante. O marco resistiu à revalorização. O nível de vida dos alemães, a sua possibilidade de consumir, não «chega» para o que produz, a balança de pagamentos sofre de desequilíbrio fundamental, mas o patronato e o Governo não tocam na moeda. Onerarão as exportações e tomarão medidas do mesmo teor.

E disseram um «não» categórico aos parceiros do sistema monetário. Foi a resposta francesa (com um «processo» bem curioso e hesitante) e a ameaça de desvalorização acima dos 20 por cento (o que arrastaria o dólar e o sistema monetário) que trouxe o dólar (e Johnson) em auxílio do franco (e de de Gaulle!).

Ano agitado. Ano de crise monetária permanente mas com sobressaltos. Ora o sistema monetário está no sistema económico e este nas estruturas sociais. O problema (a crise) não é exclusivamente técnica. O ano que se aproxima não vai ser de tranquilidade a partir de «mézinhas» técnicas. Que «remendos» porá o prudente Nixon?

Mas parece que só há «países grandes». Com problemas de ouro, libras, dólares, francos e marcos. Anotaremos que este foi um ano em que se realizou a UNCTAD II, a segunda conferência da O. N. U. para o desenvolvimento económico. Para «auxiliar» os países subdesenvolvidos. Que ficou da conferência? Algumas afirmações de boa vontade. Uma demonstração do que já se vai chamando o mito da cooperação internacional. A contribuição até ao nível do 1 por cento dos rendimentos nacionais está bem longe, e as razões de troca no comércio entre países fornecedores de matérias-primas e países industriais nem parece ter que ver com a questão...

Ao fazermos este balanço, verificamos que pouco espaço e tempo se ocupa com os países subdesenvolvidos. Escreve-se sobre eles porque se realizou uma conferência das Nações Unidas ou porque o «auxílio» tomou esta ou aquela forma. Sobretudo neste ano de 1968 em que os problemas dos «países grandes, poucas disponibilidades consentiram. Nesta altura do ano em que, para além do balanço, nos tentamos pelas previsões, esperamos começar a ver ganhar importância — na informação, no esclarecimento — a evolução dos países subdesenvolvidos. Não por «concessão». Por afirmação iniludível, quer dos problemas, quer da consciência deles.

BALANÇO NACIONAL

Também em Portugal, este foi um ano rico de acontecimentos. Com repercussão em «economia», claro. Ou com a «economia» a ser acontecimento.

Para começar por anotar dados, o ano decorreu em clima de hesitante conjuntura. Sobretudo no que respeita à indústria. A crise da indústria têxtil, nosso primeiro ramo industrial, percorreu todo o ano. Latente, nem sempre a impor-se entre os temas de inevitável referência. Uma crise também significativa por mergulhar as suas raízes num problema de crédito e em actividade voltada para exportação.

O problema do crédito de médio e longo prazo pode ser estrangulamento no nosso «processo». Os documentos oficiais referem-no, e a meio do ano tornou-se público um projecto de «aperfeiçoamento do mercado do dinheiro e da sua conveniente adaptação à conjuntura interna e internacional». Projecto a que se deixou de fazer referência. Mas este problema é dos importantes, e bem entendemos a sua difícil solução em face dos interesses que à volta dele se movem, e dos princípios (de especialização bancária, p. e.) que lhe são relativos.

Mais relevante é este problema do crédito por se verificar em actividade económica que se vem caracterizando por problemas de escassa formação de capital e de carência de investimentos industriais. Os incentivos fiscais que se anunciaram no Decreto-Lei n.º 48 316, de 12 de Abril, não alteraram a situação, até porque, se por um lado refere incentivos, por outro lado procura elementos compensatórios pouco estimulantes (aumento da contribuição industrial, p. e.).

Assim se pode voltar ao problema da situação da indústria. Com uma observação para o facto de se continuar a verificar um certo «sebastianismo» na actividade exportadora (II Encontro de Exportadores, Congresso da Indústria Farmacêutica).

Ainda como característica deste ano económico, anotamos a penetração de capitais e empresas estrangeiras (de novo a indústria farmacêutica a poder servir de referência) e os reflexos no comércio externo, em que a balança comercial revela uma estagnação nas importações e relativo acréscimo nas exportações. A estagnação nas importações é dos sinais da hesitante conjuntura industrial.

Com o comércio externo passamos às relações internacionais e à balança de pagamentos. Apesar da melhoria na balança comercial, todos os reflexos dos problemas internacionais nos são adversos no plano da balança de pagamentos. Condicionalismos nas importações dos clientes, oneração de exportações nos fornecedores, dificuldades e limitações no turismo e nas transferências privadas.

Estes reflexos e sinais sobretudo se mostram agravados neste final do ano, embora no começo já a situação não fosse esperançosa, e não tivesse revelado sintomas de animação ao longo do ano.

Para o balanço da economia portuguesa em 1968, talvez o facto que mereça mais relevância seja o que foi o primeiro ano da execução do III Plano de Fomento. O que nos parece oportuno é tentar medir como, em 1968, se processou esse «arranque» do Plano. Naquilo que se pode considerar imperativo, a execução do Plano nos 10 primeiros meses não ultrapassou 60 por cento do orçamento para esse período. Ministérios houve em que a execução se ficou nos 30 por cento (Comunicações) e em Encargos Gerais da Nação não atingiu os 20 por cento.

Mas toda esta panorâmica económica se insere num contexto que, no final de 1968, apresentou características novas no nosso País.

Não que se tenham verificado efectivas alterações sócio-económicas, ções sócio-económicas. A substituição do Presidente do Conselho, com quase 40 anos de governação, não podia deixar de ter repercussões na economia senão nas prioridades, pelo menos nas formas de actuação.

Seria até de prever uma viragem tecnocrática e uma mais decidida opção por caminhos de desenvolvimento, quer dizer maior atenção para o Plano.

Os dois documentos definidores, a Lei de Meios e o Orçamento Geral do Estado justificam, no entanto, dúvidas sobre essas previsões, pois revelam-se muito sequentes.

Não conseguimos entender fronteiras para separar o «político» do «económico», mas bem nos parece que 1968 foi um ano «político». 1969 também o será, e a «economia», se por um lado condiciona a «política» possível, por outro aparecerá na órbita das opções e dos caminhos da política.

O [illegible]

Um conto inédito de Maria Judite de Carvalho

Ilustração de Luís Filipe de Oliveira

OS NOIVOS PARTIRAM para o sul em viagem de núpcias, lia-se no fim da notícia saída da coluna social dos jornais. Isso fora, porém, quinze anos antes e desde então muita água tinha corrido sob as pontes. Ele agora partira de novo para o sul, ou melhor, estava de novo no sul, mas sòzinho. Sozinho de certo modo. Procurara o lugar quase com ansiedade, e encontrara-o. Era aquele, nem podia ser outro. Era, pelo menos, parecido com o da sua recordação. Mas essa busca, esse como que regresso ao passado, não tinha nada a ver com o antigo amor, e a imagem de Roge, que de vez em quando vinha, era natural, à superfície das águas paradas, era incómoda, estava desambientada, ali, onde ele por fim deitara âncora.

Se Roge tivesse sido uma mulher vulgar, como tantas, tudo seria — talvez — mais fácil. Não havia, porém, defeito que Roge merecesse que lhe apontassem. Era rica mesmo em qualidades morais e físicas, e não só em bens materiais. Durante quinze anos, todos os dias, ele, aquele homem, a olhara com atenção, com objectividade, a frio. Porque não gostava dela? Nada disso. Gostava dela como lhe era possível. A verdade, porém, é que o amor e a amizade eram para ele sentimentos incómodos porque nunca lhe haviam adormecido o espírito crítico. E pensara — durante esses quinze anos — que ela, Roge, era demasiado perfeita para ser verdade, e que isso era aborrecido até por ser, afinal de contas, verdade. Há pessoas muito bem educadas cuja delicadeza um dia estala, ou pessoas muito pacientes cuja paciência se derrete. Com Roge nada disso. Durante quinze anos ela tinha sido a tal mulher completa, sem pontos fracos, sem falhas de construção. E esse facto não só não estava na origem do caso, que ideia, como até o dificultara. Mas tê-lo-ia mesmo dificultado? Houvera um muro a tapar-lhe o caminho, isso sem dúvida. Mas quem erguera o muro?

Todos temos um caminho, pois, embora não demos por ele quase nunca e nos deixemos ficar no confortável ninho quente que nos prepararam ou nos obrigaram a preparar. É bom lembrarmo-nos desde lá que o caminho duma pessoa pode ser ganhar um concurso de dança (48 horas a fio, sem parar) e o de outra esta 48 horas seguidas a olhar para o mar sentada numa cadeira de repouso. Quarenta e oito horas talvez seja exagero dirão, porque a noite cai a certa altura e o mar desaparece. Mas quando há bom tempo e lua cheia e céu estrelado, conhecem alguma coisa mais bela do que olhar a prata derretida do mar? Nunca experimentaram? É que não é esse o vosso caminho, ou, mesmo que o seja, nunca deram por isso. E voltámos à mesma história.

O caminho daquele homem era precisamente esse, por isso o escolhi para exemplo. Nada de olhar o céu ou o mar, em todo o caso. Estar deitado numa cadeira de repouso, pensando que estava deitado numa cadeira de repouso. Um mandrião? É possível, mas podemos chamar-lhe muitas outras coisas. Tanto mais que ele trabalhara com afinco durante muitos anos, e mais ainda durante aqueles em que viveu no confortável ninho de Roge, todo alcatifado a ouro velho e estufado a veludo verde-musgo. Nesse cenário, Roge espatifando dinheiro alegremente em jantares e reuniões pseudo-intelectuais, onde era sempre, òbviamente, primeira figura. Nessas alturas dizia frases sibilinas que podiam ser consideradas profundas. Ele pensava. «Deu o mote, quem irá glosá-lo?» Mas havia sempre concorrentes, a frase tinha sempre um significado — «como muito bem disse a nossa querida Roge» — e ele, o homem, seu marido, chegava às vezes a pensar que era culpado por pensar nela assim, tão objectivamente, tão geladamente.

Roge, porém, não era só aquilo. Fora durante esses anos, e alternadamente, claro está, a enfermeira, a camarada, a diplomata de carreira que o ajudava em tudo. Dizia-se: «A Roge é uma senhora», «a Roge é um anjo», «a Roge é uma pessoa com quem se pode contar». E a Roge era isso tudo e também uma mulher completa, como se as mulheres andassem por aí aos bocados. «Tiveste muita sorte», dizia-lhe a mãe. Tinha tido muita sorte, concordava.

«Querido». Era a voz de Roge ao telefone. «Não está esquecido do jantar de hoje, pois não?»

Pois estava. Que jantar?

«É de todo. Os Bennett e a Laide Vaz. Veja se está às oito e um quarto. Gostava que estivesse por causa dos «cocktails». *Gostava*. Uma entonação levemente piegas, levemente forte. Ela implorava, ela exigia ao mesmo tempo. «Sim, querido? Faz tão bem os «cocktails».

«Pois sim, Roge».

Estava à hora, até antes, preparava os «cocktails». «Vodka», «Cointreau», «Curaçao», sumo de limão... «O Xavier é formidável», diziam. «Não é só para dirigir um banco que é necessário génio». E sorriam com graça «Para os «cocktails» também. As quantidades...» Era isso, as quantidades. Cinco oitavos, dois oitavos, um oitavo, cinco gotas... E a mão, a maneira de agitar o «shaker»...

Quem prepararia agora os «cocktails» de Roge? Agora e por todos os séculos dos séculos? Já se teria posto o problema?

O homem pensava em tudo isto, de «slip» e chapéu de palha a desfazer-se, deitado numa velha cadeira de repouso e ao sol. O cenário actual era um pequeno terraço calado de um branco intenso, impressionante, mesmo visto através dos óculos escuros. À sua mão direita duas portas: a do chuveiro e a da cozinha (Helena, que sabia umas coisas de inglês, dizia «kitchnett». Mais adiante, a porta do apartamento, com um colorido cortinado de franjas de madeira. Se chegasse ao muro do terraço podia ver em baixo uma ruela que não teria mais de um metro de largura. Uma ruela da «casbah» com portas e janelas abertas, todas elas vedadas aos insectos com cortinados iguais ao seu, embora de cores diferentes. Mas chegar ao muro do terraço era difícil, não valia a pena.

Tinha subido a ruela em questão — ou outra parecida — quando viera passar a lua-de-mel ao sul. Caminharia de mão dada com Roge? Era possível, era até natural. Haviam-se instalado no melhor hotel e ao fim da tarde passeavam. «Que rua estranha. Já reparaste nos terraços das casas?» Roge dissera: «São engraçados, sim». Engraçados? Ele tinha ficado para trás, como que esquecido. Depois continuara o seu caminho porque Roge já ia lá em cima, no alto da rua, e gritava: «Tem uma vista maravilhosa. Venha depressa, Xavier, que daqui vê os terraços todos».

Depois, deixara de pensar em tal coisa. Trabalhava muitíssimo no banco do pai de Roge, era marido dela, fazia-lhe os «cocktails», assistia às suas festas, acompanhava-a às dos outros. Roge esvoaçava, sempre de branco, aparentemente perdida dentro de vestidos um pouco largos, dando-lhe a impressão de que se erguera da cama naquele instante, ainda quente dos lençóis, apesar de tão lindamente penteada e maquilhada, e ia atingindo a sua plenitude de mulher-ave sem filhos, gastando os seus dias e as suas noites entre a quentura do ninho onde era rainha e o cimo das estátuas de onde olhava o atraente infinito. «Um infinito próximo», diziam as más línguas, que as há por todo o lado, e até na pequena, itinerante corte de Roge. Corte ou grupo de macacos mais ou menos sábios?

Que *lá* fazia frio, ronronava o pequeno transistor de Helena. Roge não saía de casa, com certeza, porque detestava o frio. Estava pois em casa. Já se teria refeito do desaparecimento dele, seu marido? Já teria acreditado na carta que lhe deixara? Já teria compreendido que não se tratava de uma brincadeira de mau gosto? Ele, de resto, nunca fora homem para brincadeiras dessas. Era — fora — um homem sério durante quinze anos e alguns meses. Ou talvez o tivesse sido sempre, desde que o seu mundo era mundo. Vendo bem continuava a sê-lo, em «slip» e chapéu mexicano, a quaimar-se ao sol do Inverno. Sentia-se mesmo extremamente sério, quase grave, grave mesmo, talvez. Não satisfeito, não feliz. Grave. Um homem que vive por fim a sua vida, não a vivendo muito, não a cansando. Até podia pensar no rapazinho de outros tempos e na mãe que ele tinha. Uma mãe ansiosa, sempre com medo de desastres e de barulho e de doenças e do imprevisível. Uma mãe assim desde que o marido lhe morrera num acidente. Só que ele nesse tempo não compreendia bem as coisas, e depois... Depois já era tarde e a luta indispensável. Uns olhos grandes, os dessa mãe, uma cara chupada, mãos inquietas. «Meu Deus, está calado» Ou está quieto. Ou deixa de assobiar. Ou não vês que me dói a cabeça? Ele vagueava um pouco pela casa, perguntava desinteressado, só para a ouvir, sem nenhuma vontade de a ouvir dizer «sim»: «Posso ir jogar um bocado à bola?» — «Que ideia! Tens que estudar!» Mas a razão era outra. Na rua havia automóveis, a rua era o perigo, era o caos. Passaram-se os anos, ele formou-se, conheceu Roge, casou com ela, era um homem importante. Foi durante anos um homem importante, activo, mais importante ainda e mais activo depois da morte do sogro. A mãe lamentava-se mesmo assim. «Ando tão ralada. Dás cabo de ti a trabalhar tanto. Quantas horas dormes por noite? Não podes continuar assim». Havia orgulho na sua voz, orgulho e ansiedade. E ele, quando a mãe estava presente, sentia a absoluta urgência de chegar tarde para o jantar, de sair sem mesmo beber o café, de falar de coisas complicadas e da possibilidade de dar um salto a Londres, de jacto, amanhã ou depois. A mãe tinha uma voz chorosa. «Meu Deus, tem havido ùltimamente tantos desastres!» E ele respondia com à-vontade que de automóvel ou mesmo a pé o perigo era o mesmo. E pensava no pai e sabia que a mãe também pensava, e não sabia porque precisava de lhe fazer mal. Nos últimos tempos, já doente, já na cama de onde nunca mais se levantaria, tinha-lhe dito: «Morro tranquila porque te deixo com a Roge. Tiveste muita sorte, filho».

Ele sorria à mãe, lívida na sua cama de moribunda, e sentia remorsos, uns remorsos esboçados que se recusava a observar melhor. Sorria-lhe, só isso, e explicava-lhe que tinha pressa, um encontro importante. A Roge ficava; não era assim, Roge? «Meu Deus, filho, dás cabo de ti». E suspirava ao de leve porque já não tinha forças para grandes, profundos suspiros. Ele saía, aborrecido consigo próprio por não ter ficado um pouco mais, até porque o encontro desse dia não era assim tão urgente, bastaria um telefonema para o adiar ou até para o anular, e a mãe, coitada, não ia durar muito. Não podia, porém, agir de outro modo. A luta — porque luta havia — tinha de continuar.

A cortina feita de longos, estreitos cilindros de madeira colorida, agitou-se como um ramo de árvore batido por um vento suave, e o homem entreabriu os olhos por detrás das grandes lentes escuras. Por entre as franjas de madeira, o corpo bem desenhado de Helena, em «tee-shirt» e bermudas.

«Sabes as horas?»

«Nem quero». disse o homem. «Recuso-me».

«Estou com uma destas fomes...»

(Continua na 15.ª página)

1968

O ANO DA PRIMEIRA VIAGEM INTERPLANETÁRIA

A TRIPULAÇÃO DA «APOLO 8»
Frank Borman, William Anders e James Lovell, os primeiros a efectuar uma viagem interplanetária

O ANO DE 1968 foi essencialmente:

— O ano da primeira viagem interplanetária do Homem;

— o ano da revolta dos estudantes;

— o ano da esperança de paz no Vietnam;

— o ano em que se fez sentir de novo o peso da Alemanha (crise monetária internacional);

— o ano da reviravolta para a direita nos E. U. A. (vitória do republicano Nixon).

Mas, acima de tudo, o acontecimento que ficará na História, como o marco assinalando 1968 como um ano excepcional, é o voo circunlunar de seis dias, iniciado em 21 de Dezembro, pelos astronautas norte-americanos Frank Borman, James Lovell e William Anders, na nave «Apolo-8», para, assim, passarem o Natal em órbita à volta da Lua.

Contudo, pouco antes, já a U. R. S. S. efectuara dois voos circunlunares, tendo enviado sucessivamente as sondas «Zond 5» e «Zond 6», que foram os primeiros engenhos a regressar à Terra e a ser recuperados, após viagens interplanetárias. Até onde se sabe, nenhum deles transportava cosmonautas. Tartarugas a bordo da «Zond 5» precederam, no entanto, o Homem, no voo à volta da Lua, com regresso ao nosso planeta.

Os soviéticos estavam, portanto, aptos a enviar uma nave tripulada até às proximidades do satélite natural da Terra, antes dos norte-americanos, que nunca tinham efectuado qualquer voo semelhante.

Por que motivo teriam os russos dado aos «yankees» a oportunidade de serem os primeiros? Depois da morte do cosmonauta Komarov, o programa espacial soviético parece ter sido remodelado no sentido de uma maior segurança para o elemento humano, o que não impediu a morte do primeiro cosmonauta, Yuri Gagarine, num acidente durante o ensaio de um aparelho supostamente de novo tipo.

Quanto aos norte-americanos, apesar de terem perdido também três astronautas na própria base espacial de Cape Kennedy, lançaram-se no histórico voo circunlunar, numa clara tentativa para registarem um grande sucesso na corrida com os seus rivais soviéticos.

DANIEL COHN-BENDIT
1968 foi também o ano da revolta dos estudantes

Insucesso norte-americano no Vietnam

Para os E. U. A., a jogada assumia extrema importância na medida em que sentiam a necessidade de provar que ainda eram a mais poderosa nação da Terra. Efectivamente, o insucesso norte-americano no Vietnam, mais patente do que nunca em 1968, vibrou novo golpe no prestígio «yankee», sèriamente afectado por acontecimentos anteriores e pelo agravamento da questão racial, além dos assassínios, este ano, do dirigente negro Martin Luther King e do senador Robert Kennedy, irmão do presidente morto, em 1963, em Dallas, no Texas, Estado natal do seu sucessor, Lyndon Johnson. Tais crimes continuam sem explicação satisfatória, o que tem provocado certas hipóteses, como a adiantada por Jim Garrison, procurador distrital de Nova Orleans, segundo o qual os dois irmãos Kennedy e o dirigente negro, galardoado com o Prémio Nobel da Paz, foram vítimas da mesma força, que se oculta na sombra. Garrison vai ao ponto de atribuir os assassínios a elementos dos serviços secretos (C. I. A.).

O êxito eleitoral do «vencido nato»

Entretanto, a cena política norte-americana foi dominada em 1968 pela dramática desistência de Johnson de se candidatar novamente à presidência, pela sua decisão de entabular negociações para pôr termo à guerra no Vietnam e pela eleição de Nixon para presidente dos Estados Unidos, de 1969 a 1973. O candidato republicano venceu o democrático Hubert Humphrey por pequena margem, mas suficiente para representar uma guinada para a direita, por parte da maioria do eleitorado, relutante em satisfazer as reivindicações dos negros e receosa perante a agitação da juventude. O Partido Democrático, apesar da sua ala liberal, simbolizada por Eugene McCarthy, colheu os frutos amargos do seu imobilismo e dos erros de Johnson, nomeadamente ao precipitar o país no atoleiro vietnamiano. A suspensão parcial dos bombardeamentos do Vietnam do Norte e, depois, a suspensão total não chegaram para evitar o êxito eleitoral do «vencido nato» republicano. No entanto, os democráticos mantiveram a sua maioria no Congresso, o que lhes permitirá limitar as possibilidades de realização de Nixon durante os quatro anos do seu mandato, na esperança de um retrocesso republicano em 1972.

Muitos tinham os olhos postos em Robert Kennedy. A sua eliminação brutal, após a vitória na eleição primária da Califórnia, soou como o dobre de finados para os que desejavam um rumo mais progressista para a América do Norte.

No que diz respeito ao Vietnam, o ano começara com uma ofensiva geral da Frente Nacional de Libertação, no Sul, ofensiva atrás da qual se disse que estaria Giape que não poupou Saigão, mostrando a vulnerabilidade das posições norte-americanas — apesar do meio milhão de homens empenhado directamente no conflito. O desgaste provocado por uma luta de guerrilhas, parecendo sem fim, mostrou ser insuportável mesmo para um colosso como os E. U. A., que acabou por ceder e sentar-se à mesa da negociação, em Paris.

Contudo, não foi apenas no Vietnam que os norte-americanos se mostraram particularmente vulneráveis. O apresamento do navio-espião «Pueblo», pela Coreia do Norte, surgiu na Ásia, como outro golpe no prestígio «yankee». Além disso, a infiltração de guerrilheiros na Coreia do Sul veio criar o receio de que se reacenda a guerra na península coreana e, uma vez mais, seja posto em perigo o regime apoiado por Washington.

Não muito longe, o Japão, de novo classificado entre as grandes nações industriais, procura, presentemente, obter a revisão das suas relações com os E. U. A., potência ocupante desde o fim da Segunda Guerra mundial.

E, apesar da eleição de Nixon, que prometeu negociar apenas a partir de uma posição de força, afigura-se inevitável a revisão de toda a política norte-americana em relação à Ásia, mais não seja em função do abismo cada vez mais profundo entre Pequim e Moscovo.

A segunda revolução de Mao

Aliás, para a China, 1968 foi também um ano importante, assistindo-se à destituição do presidente Liu Shao Chi, depois da Revolução Cultural se ter generalizado. Mao Tsé Tung, aos 75 anos de idade, saiu vitorioso da sua segunda revolução, por meio da qual mobilizou os jovens contra velhos quadros do partido, acusados de se deixarem influenciar pelo «revisionismo» soviético, considerado mais favorável à satisfação das aspirações de conforto do que à continuidade do fervor revolucionário.

por Nuno Vieira

Intervenção na Checoslováquia

Para a U. R. S. S., outra ameaça despontou a Ocidente, com o renascer da influência alemã na Europa. Com efeito, a República Federal da Alemanha começou a exercer certa atracção sobre os países da Europa de Leste, o que precipitou a intervenção militar soviética na Checoslováquia, onde a tendência para a liberalização levara ao afastamento do estalinista Novotny e tornara possíveis opções consideradas pelo Kremlin perigosas para a unidade dos países socialistas.

Mas a União Soviética não foi o único país que se sentiu afectado por uma Alemanha no caminho da recuperação (não obstante continuar dividida): a França também sofreu os efeitos da resolução alemã de obter um lugar no concerto europeu mais de acordo com a importância de Bonn. Assistiu-se, então, à crise monetária, que fez vacilar o franco, no embate com o marco, transformado, pela prosperidade da Alemanha, numa das moedas mais fortes, senão a moeda mais forte do mundo ocidental, em detrimento do próprio dólar. O general de Gaulle conseguiu evitar, em 1968, a desvalorização do franco, se bem que à custa de disposições de austeridade, impopulares, e cortes substanciais nos projectos militares, que tinha por tão necessários para a política da França como grande potência. E dir-se-ia que os franceses, perante o desafio alemão, dificilmente poderiam manter a sua posição dominante no Mercado Comum.

O impacto da agitação estudantil

Em Maio, o regime gaullista vacilava já sob o impacto da agitação estudantil, que tomou o aspecto de verdadeira revolta, à qual aderiram os operários com greves e a ocupação de fábricas. Após ter obtido o apoio das forças armadas, de Gaulle, cujo afastamento chegou a ser considerado como provável, conseguiu sustar a maré revolucionária e, por meio de eleições, fazer diminuir, até, a representação das esquerdas na assembleia nacional. No processo, assistiu-se à surpreendente substituição do primeiro-ministro Georges Pompidou (que mostrara a sua política), por Couve de Murville (talvez mais dócil e mais susceptível de se inclinar perante as decisões do general). A economia francesa saía combalida da crise.

A Revolução de Maio (ou Revolução Cultural na Europa) foi a mais saliente manifestação de uma vaga de fundo que mobilizou a juventude em diversos pontos do Globo, desde a Alemanha ao Japão e dos E. U. A. ao Chile incluindo alguns países socialistas. Estudantes ocuparam estabelecimentos de ensino e intensificaram uma contestação cujos limites são ainda imprecisos, se é que eles existem.

Mao Tsé Tung, Ho Chi Minh e «Che» Guevara são citados entre os inspiradores de «grupúsculos» mais activos. Surgem nomes de novos orientadores das massas juvenis: Daniel Cohn-Bendit e Rudi Dutschke.

Um mundo cuja transformação se acelera

Um mundo cuja transformação se acelera é o pano de fundo para a crescente agitação. Estruturas económicas e sociais desactualizam-se ràpidamente. A tecnologia rasga novos horizontes. As facilidades de circulação de ideias («Mundovisão», por exemplo) aumentam de maneira espantosa. Torna-se mais largo o fosso entre os países ricos e os países pobres. A explosão demográfica e a má distribuição da riqueza agravam o problema.

A falência de velhos sistemas faz endurecer posições. Sucedem-se os golpes militares e a guerra lavra, sob uma forma ou outra, nas zonas mais atrasadas (Ásia, África e América Latina).

A contestação atinge a própria Igreja católica. A encíclica «Humanae Vitae», promulgada pelo Papa Paulo VI, depois da sua viagem à América Latina, provocou aceso debate, devido à posição da Igreja contra a limitação dos nascimentos e a pílula.

O Brasil — «país do futuro» — torna-se mais um palco da luta entre as velhas e as novas forças. A gigantesca nação poderá mesmo servir, um dia, de barómetro de uma evolução que se desejaria mais valorizadora do ser humano.

O MELHOR BRINDE

NÃO COMPRE ARTIGOS DE PAPELARIA
SEM CONSULTAR OS PREÇOS DA

PAPELARIA FERROS, LDA.

64 — Rua de S. Julião, 66
Telefones 32 46 15 - 32 37 77 LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores Festas Felizes e Ano Novo próspero.

PORTUGAL

«UM BALANÇO» DIFERENTE DOS ANTERIORES

por Fernando Assis Pacheco

1 HÁ 115 DIAS o Presidente Salazar dava entrada na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa e era ali submetido (madrugada de 7 de Setembro) a uma intervenção cirúrgica.

A primeira notícia, radiodifundida pela Emissora Nacional, referia-se a um hematoma proveniente de queda acidental na sua residência. Nessa tarde os vespertinos esgotaram-se e o «Diário de Lisboa» informava, em complemento do exíguo noticiário de fontes oficiais, que o enfermo, falando por momentos aos circunstantes, tinha declarado não sentir dores.

2 A recuperação processou-se nos nove dias seguintes, acompanhada por títulos progressivamente tranquilizadores: «Está a evoluir normalmente o estado de saúde do Chefe do Governo» (dia 8). «O Chefe do Governo tomou uma refeição de ovo quente, torradas e chá» (9), «O Presidente do Conselho está muito bem — dizem os dois médicos assistentes» (12), «O Presidente do Conselho está perfeitamente bem — diz o dr. Vasconcelos Marques» (13), «O Presidente do Conselho manifesta boa disposição — informa a recepcionista da casa de saúde» (14).

Sùbitamente, na noite de 16 e depois de uma primeira referência nos jornais da tarde, um boletim clínico mencionava «brusco e grave acidente vascular no hemisfério cerebral direito». Terá passado despercebido a algumas pessoas o significado exacto do «acidente vascular». Mas o adjectivo «grave» não se prestava a dúvidas. Cedo se compreenderia que a mais longa carreira de governante neste século acabava de ser interrompida.

Foi esta, se assim pode escrever-se, a «notícia do ano». Dois factos saltaram à vista: liam-se mais jornais do que nunca, e mais atentamente; os órgãos de Informação desenvolviam um esforço tremendo de captação noticiosa, instalando as suas equipas de reportagem «full-time» na própria casa de saúde. O «Diário de Lisboa» servia-se nomeadamente de um equipamento radiotelefónico.

3 A 26, «perdidas todas as esperanças, mesmo que sobreviva, de poder voltar a exercer, em plenitude, as funções do seu alto cargo», o Presidente Salazar era exonerado da chefia do Governo e substituído pelo prof. Marcello Caetano, antigo ministro da Presidência. Acontecera tudo em escassos vinte dias, os mais importantes de um ano importantíssimo para a vida portuguesa.

Sobre o estado de saúde do Presidente Salazar recorde-se que a 18 de Setembro logo um especialista norte-americano do foro neurológico acorria a Lisboa para o que não era uma conferência médica de rotina; na mesma data o conselheiro Albino dos Reis, lacónico, descrevia aos jornalistas a reunião do Conselho de Estado efectuada no dia anterior: «foi emitido um parecer».

Este parecer tinha um nome.

4 O prof. Marcello Caetano remodelou parcialmente o último gabinete do seu antecessor, chamando para funções ministeriais o eng.º Vaz Pinto, o general Sá Viana Rebelo e os drs. Lopo Cancela de Abreu, César Moreira Baptista e Silva Pinto — este apenas com 33 anos de idade —, e fazendo subir de subsecretário a ministro (das Obras Públicas) o eng.º Rui Sanches. Na mesma altura saíam o general Gomes de Araújo, eng.º Machado Vaz e drs. Jesus dos Santos e Paulo Rodrigues.

Quarenta dias antes, em pleno Verão, houvera já uma remodelação ministerial, com a entrada para o Governo dos drs. Gonçalves Rapazote, José Hermano Saraiva, Jesus dos Santos, Dias Rosas, Costa André, Vítor Coelho, Justino Mendes de Almeida e Elmano Alves, comandante Pereira Crespo, brigadeiro Bettencourt Rodrigues, e mais tarde (27 de Agosto) o eng.º Canto Moniz. Destas onze individualidades só uma se não manteria no primeiro gabinete Marcello Caetano — o dr. Jesus dos Santos, efémero ministro da Saúde.

Outras mutações subsequentes na cúpula do regime incluíram a ascensão do dr. Moreira Baptista a secretário de Estado da Informação e Turismo (15 de Outubro) e a nomeação do novo presidente da comissão executiva da U. N., dr. Melo e Castro (9 de Dezembro). Noticiaram-se várias substituições de governadores civis, sobrepondo-se às demais a do dr. Osório Vaz pelo dr. Afonso Marchueta na chefia do distrito de Lisboa (11 de Dezembro).

Quanto a afirmações de índole política, nelas se quis ver um indicativo, uma tónica talvez do movimentado quarto trimestre do ano. «Há que continuar a pedir sacrifícios a todos, inclusivamente nalgumas liberdades que se desejaria ver restauradas», disse o prof. Marcello Caetano ao tomar posse e imprimiu o «Diário de Lisboa» na primeira página (27 de Setembro). Volvidas duas semanas (10 de Outubro), o Presidente do Conselho explicou que «o Governo não pode deixar de ser fiel aos ideais corporativos», para avisar mais tarde (6 de Novembro): «o Corporativismo tem de ser vivido e praticado pelo País inteiro».

Dois meses passados sobre a sua nomeação, o mesmo prof. Marcello Caetano discursou na Assembleia Nacional e foi terminante: «o Governo não poderá afastar-se da política de austeridade». Referindo-se à guerra em três frentes, e particularmente à luta na Guiné, deu uma dupla justificação — estão em jogo «o nosso próprio interesse e o interesse do Ocidente».

Caberia ao dr. Melo e Castro uma intervenção singular, precisamente na posse da nova comissão executiva da U. N. Aí se disse (disse-o ele de facto) da possibilidade de evolução para um «dispositivo político adaptado do modelo da Europa Ocidental» (20 de Dezembro). O próximo ano, afirmam comentadores mais chegados à instância governativa, veria florir o que já foi designado por «Primavera política».

Durante todo este tempo continuou o Professor Salazar internado. Nos primeiros dias de Novembro o seu estado de saúde piorou bastante, a ponto de ser considerado «extremamente grave» (dia 3) e, se possível, «mais grave» (4). O boletim publicado a 5 falava realmente de «acentuada decadência do estado geral», mas o certo é que, daí para cá e num tom natural a que o público leitor se habituou, as informações prestadas pela equipa médica admitiram sempre, cautelosas embora, uma estabilização a nível não alarmante.

5 Deixa-se ao especialista o cuidado de pesar o ano económico. Entretanto, e apenas como indicação à superfície, alguns títulos não deixaram de ser sugestivos.

No segundo dia de 1968 veio a notícia de que «estão em mãos portuguesas os telefones de Lisboa e Porto» (por 17 milhões de libras). Ainda em Janeiro (dia 10) lia-se, não sem certa surpresa, que «Portugal importa por dia um milhão de quilovátios/hora de energia eléctrica de Espanha», e no último dia do mês, mais perto do público, sabia-se que a «bica» aumentava para 2$00.

A 2 de Junho era abordado o sector da carne: a importação «aumenta de ano para ano (desde o bife até às iscas)». Outros títulos ao acaso: «o amendoim da Nigéria (420 mil contos de importações em 1967) contribuiu para o **déficit** comercial com os países africanos» (8 de Julho); «a subida dos salários no País — fenómeno benéfico para a economia nacional — é uma consequência imediata da emigração e industrialização» (12 de Julho); «emigraram para França o ano passado 35 mil portugueses» (29 de Outubro); «salário mínimo nacional — uma das intenções do Governo anunciadas aos delegados do I. N. T. P. pelo ministro das Corporações» (4 de Novembro); «bilhetes de comboio mais caros para aumentar a remuneração a 30 mil trabalhadores da C. P.» (10 de Dezembro).

O prof. Marcelo Caetano entra no seu gabinete de Presidente do Conselho

Em 1969, segundo a Lei de Meios, a perspectiva é de assegurar estabilidade financeira interna e dar prioridade aos encargos com a defesa, tal como acontecera um ano antes. A austeridade, lembrou o prof. Marcello Caetano, continua.

6 Quanto à pasta da Saúde foi ela pela primeira vez entregue a um médico. Sector complexo? Ninguém o nega. As palavras mais ousadas pertenceram ao novo bastonário da Ordem, que no discurso de tomada de posse (31 de Outubro) advogou mesmo a criação de um ministério dos Serviços Sociais, unificando a Saúde e a Previdência.

Ainda no tempo do ministro Neto de Carvalho foram criadas as carreiras médicas (27 de Abril), passo importante para a fixação de estruturas que permitirão, segundo se julga, tornar menos agudo o problema da cobertura clínico-cirúrgica do País.

Outro sector muito falado: as comunicações. Se a estreia dos táxis aéreos marcada para o Verão findo (folheie-se o «Diário de Lisboa» de 5 de Janeiro) e o termo das obras de modernização da aerogare de Lisboa fixado «até ao fim do ano» (idem de 11 de Janeiro) não se concretizaram, se camionagem — provisória — prevista junto à Praça de Espanha «ainda este ano» (idem de 1 de Março) ficou no papel, ao menos, como dissemos em 3 de Abril, «uma firma francesa — a Soferail — vai estudar a rede dos caminhos-de-ferro portugueses com vista à sua modernização», e isso andou para a frente, sobre rodas, porque a 20 de Novembro «o Governo aprovou o plano de renovação das vias férreas a executar pela C. P.» — com a possibilidade de ligar Lisboa ao Porto em menos de duas horas (mas só daqui a sete anos).

No sector dos transportes colectivos lisboetas, três títulos a recordar: «aumento de 20$00 diários ao pessoal da Carris, em vigor a partir de hoje» (4 de Julho); «proibido fumar nos transportes colectivos» (1 de Outubro); «novo aumento de tarifas nos eléctricos e autocarros» (18 de Dezembro).

7 Vários sectores profissionais tiveram subida de vencimentos a ajustar-se ao crescimento do custo de vida. Caso mais flagrante: o dos professores primários (18 de Dezembro), beneficiando do agravamento de preço do tabaco (23 de Novembro).

Do Porto veio a notícia do desaparecimento de dois bairros, «Xangai» e «Liberdade», onde se vivia em condições precárias (13 de Junho). De

(Continua na 15.ª página)

Barnard em Coimbra — confraternização com estudantes

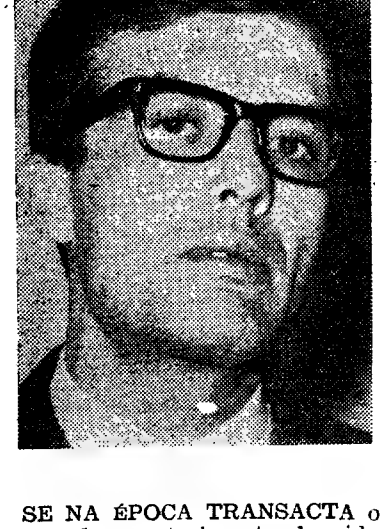
OITO ESPECIALISTAS FALAM DE
EM CADA UM DOS SEUS SECTO

CADA ANO QUE MORRE merece um «juízo», uma passou nos diversos domínios. Mais um caminho rido, recheado de factos que porventura virão a com um sinal de esperança.

Como já vem sendo hábito nesta data, o «Di guns especialistas das diversas matérias suscep fazer o balanço de 1968. Assim, Fernando Perne Mascolo fala-nos de «Bailado», Fernando Lopes ma», José Esteves reflecte sobre «Desporto», Jo mais importante lhe pareceu ter acontecido em co escreve sobre «Música», Artur Ramos faz un tro» e Herlander Duarte escreve sobre «Economia

Destas oito opiniões, poderá sair um balanço poderemos nós dizer (ou pensar) que «o que lá melhor? Oxalá.

ARTES PLÁSTICAS
FERNANDO PERNES



SE NA ÉPOCA TRANSACTA o grande acontecimento da vida artística portuguesa foi incontestàvelmente o 1.º Encontro Nacional de Críticos de Arte, feitas agora as contas, para 1969 importa antes de mais destacar o movimento de premiações, desencadeado com o exemplo «General Motors» e que com o recente «Prémio Soquil» ganhou já estrutura mais concreta, definindo-se em soluções de continuidade, como para lá de circunstâncias ocasionais de concursos caprichosos, senão aleatórios.

Mas entre os dois períodos referidos — o de 1967 e o de 1968 — eu leio também a própria continuidade e estruturação duma consciência crítica, organizando-se e impondo-se para nisso impor à evidência sinais concretos duma metamorfose sensível nos quadros da criação estética do País. E que tal viragem aponte para metamorfoses mais amplas e globais dos meios de acção e das formas de sensibilidade portuguesa, creio-o inteiramente demonstrável.

Posto isto, passando a referenciar nomes e exposições, a própria indicação daqueles prémios me está a ajudar, havendo a citar os nomes de: António Sena, Carlos Calvet, Costa Pinheiro, José Rodrigues, Luís Noronha da Costa e Nadir Afonso. As citações aqui decorreram por ordem alfabética. Procurando a sua justificação ou hierarquia, em termos de juízo pessoal, cumpre-me destacar a brilhante e meteórica evolução de Luís Noronha da Costa que considero o mais inteligente e profundo dos artistas portugueses da sua idade. Análoga coerência evolutiva distingue sobremaneira, também, o processo criador de Carlos Calvet que algures defini como ido de Chirico a Lichtenstein, ou seja na descoberta íntima (intimista até) e pessoal, de quanto une o início do surrealismo e da pintura metafísica ao «objectivismo» das recentes correntes «pops». E, para junto de Calvet, chamo Costa Pinheiro, evoluindo na redescoberta de iconologias portuguesas, através dum duplo sector do expressionismo germânico e da Europa Central. De facto, se por um lado com Costa Pinheiro tem a ver o movimento figurativo passado de Beckmann ao neofigurativismo de Horst Antes, para melhor o entendermos, ainda a seu propósito se devem evocar Kandisky e Klee.

Mas não só de pintores se constituiu o presente balanço. E entre os escultores a figura cimeira será, com certeza, a de José Rodrigues, acrescentando agora o seu nome ao de Artur Rosa, no âmbito das mais válidas experiências escultóricas entre nós acontecidas ùltimamente, sem esquecermos o risco de individualizar um campo de acção criativa que com o da pintura se tende progressivamente a fundir.

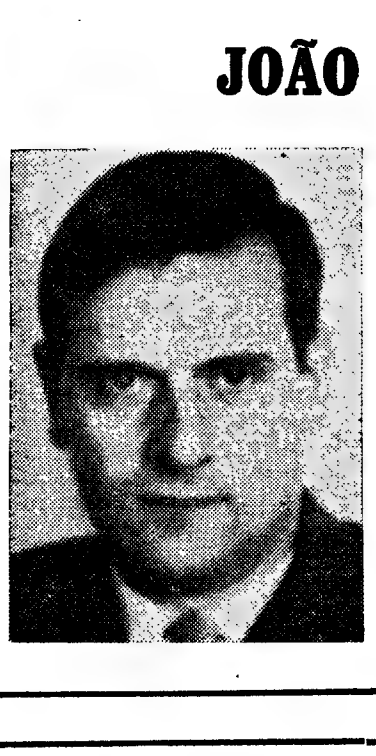
Assim falando, logo há a falar de Jorge Pinheiro, cujas estruturas cromáticas permitiram outro dos momentos significativos do ano artístico de 1968, onde quero também nomear, desde já, e primordialmente: Eduardo Nery, Helena de Almeida e Manuel Baptista, ou, por razões diferentes, Eurico Gonçalves e Nikias Skapinakis, este último conjugando acertadamente valores dum gosto de pintura tradicional a propostas de vanguarda.

Agora já o balanço vai suficientemente adiantado, para dele podermos extrair um outro juízo sobre os locais de exposições. Aí logo se evidencia a importância da Galeria Buchholz, que aliás (confirmando os dados iniciais desta crónica) é dirigida por um dos melhores críticos de arte portugueses.

A Buchholz fazemos seguir a Galeria Quadrante, local de revelação de jovens artistas, que este ano nos deu o caso notável de Ana Vieira, bem como as meritórias presenças de Manuel Almeida, Batarda Fernandes e Tomáz Vieira, cuja consciência de valores específicos da linguagem do desenho se me afigura equiparável à segurança demonstrada por Manuela Jorge, no referente à gravura, e na Galeria «111».

Focados nos valores de actualidade, em seu necessário contraponto, quero finalmente chamar a atenção pública para duas efemérides de carácter histórico: o segundo centenário do nascimento de Domingos António Sequeira (oficialmente quase ignorado, mas motivo de breve e expressiva exposição organizada no Grémio Literário, sob responsabilidade de José Augusto França) e a morte de Eduardo Viana, figura de entre as maiores da pintura portuguesa do século XX e que originou a bela exposição de seu nome no S. N. I.

MÚSICA
JOÃO DE FREITAS



NO SECTOR DA MÚS ano de 1968 marcou um desenvolvimento dos quadros de actividade riormente definidos. Hou pectáculos, reuniões, c concursos e edições de ção internacional. Algu sicos portugueses deram importantes, no prosseg to das suas carreiras. vulgar o número de estrangeiras de primeira deza que nos visitaram.

Não nos deixemos, co embalar por sonhos cor sa. Continua a não exis departamento oficial tente para coordenar as dades musicais; nem o tério da Cultura no qu departamento se integr

JOSÉ ESTEVES

DESPORTIVAMENTE, o ano de 1968 foi bom e foi mau...

Foi bom porque as derrotas da selecção nacional de futebol começaram a dar razão aos que afirmaram ter sido um simples «brilharete» o 3.º lugar do último Campeonato Mundial, e que é preciso fomentar o futebol amador e juvenil entre a nossa juventude; porque não ganhámos qualquer medalha, nos Jogos Olímpicos, visto não termos organização para tanto; porque se desistiu da Universíada-1969 após muitas críticas pertinentes sobre a ineuniversitário, em Portugal; xistência do desporto escolar e porque os professores de Educação Física do novo ensino preparatório (e só esses, por enquanto) foram, finalmente, das outras disciplinas; porque equiparados aos seus colegas se fixou em 3 horas semanais a actividade da Educação Física no 2.º ano do mesmo ensino preparatório; e porque está anunciada uma reforma para o I. N. E. F.

Foi mau porque as verbas do Totobola e as gastas pelas Camaras Municipais continuam a não ter a devida justificação social; porque ainda não se acredita que é na escola primária e nos planos de fomento ao nível das federações que temos forçosa, rigorosa e patrióticamente de começar; e porque os nossos «grandes» clubes, conduzidos por dirigentes sem o devido esclarecimento persistem na senda quase exclusiva do espectáculo desportivo, em vez de se dedicarem, um pouco mais, a cumprir os seus estatutos e a sua função social.

CINEMA
FERNANDO L

FALAR DO CINEMA que se vê em Portugal é levantar, de imediato, o problema dos filmes que não vemos.

Assim, que outra coisa dizer senão que «chorai, cinéfilos, choral, porque o Cinem reu»? Em Portugal, ente

Por esse mundo desb há uns filmes e uns nom quais nos chegam ab ecos: Godard, Straub, B ci, Glauber (Rocha só o nosso, o que não é Saura, Patiño, Farrel. E da o mundo dito não li mas isso é outra história bem sabia o inefável E

Em português — e d — há os brasileiros de não vimos nada (ou qua da ...) embora saibam soltaram o grito de Ipira

Resisto, pois, e triste à menção de alguns títu nhavados à prissa (pa var a honra do conve para fingir que Porque dade é que por cada D que nos chega (e não para nos matar a fome) tos pastelões cinemos quanta colonização aleg te consentida ao nome nema e por todos nós pelos cinéfilos que nã

I DE 1968

ECTORES

«juízo», uma reflexão sobre o que durante ele se s um caminho de 366 dias acaba de ser percor- ntura virão a influenciar o ano que amanhã nasce

a data, o «Diário de Lisboa» dá a palavra a al- atérias susceptíveis de um juízo, convidando-os a rnando Pernes analisa as «Artes Plásticas», Anna rnando Lopes põe-nos em contacto com o «Cine- Desporto», José Cardoso Pires diz-nos o que de contecido em «Literatura», João de Freitas Bran- Ramos faz uma síntese dos problemas de «Tea- re «Economia».

ir um balanço geral, um panorama de 1968. Mas, que «o que lá vai, lá vai» e que para o ano será

MÚSICA

FREITAS BRANCO

ECTOR DA MÚSICA, o 1968 marcou um certo olvimento dos mesmos s de actividade ante- nte definidos. Houve es- ulos, reuniões, cursos, sos e edições de projec- ternacional. Alguns mú- ortugueses deram passos antes, no prosseguimen- suas carreiras. Foi in- o número de vedetas eiras de primeira gran- ue nos visitaram.

nos detemos, contudo, r por sonhos cor-de-ro- ntinua a não existir um amento oficial compe- ara coordenar as activi- musicais nem o Minis- la Cultura no qual esse amento se integraria. E não sei de qualquer medida tendente a atacar a sério os problemas fundamentais do ensino da música nas escolas gerais e da descentralização das manifestações.

CINEMA

ANDO LOPES

porque o Cinema mor- m Portugal, entenda-se.

sse mundo desbragado filmes e uns nomes dos nos chegam abafados odard, Straub, Bertolu- uber (Rocha só temos , o que não é mau), Patiño, Varrel. Há ain- undo dito não livre — o é outra história, como bia o inefável Kipling. ortuguês — e do bom os brasileiros de quem os nada (ou quase na- embora saibamos que n o grito de Ipiranga.

to, pois, e tristemente, ão de alguns títulos ali- os à pressa (para sal- honra do convento) e ngir que Porque a ver- que por cada Delvaux s chega (e não chega s matará a fome) quan- telões cinemos todos, colonização alegremen- entida em nome do Ci- por todos nós aceite: inéfilos que não pa- telam, pelos críticos que não blasfemam, pelos cine-clubistas que não ocupam de vez esses templos do imperialismo cinematográfico americano em que se transformaram i n s i d i o s a m e n t e os cinemas lisboetas.

E nós, e a nossa casa? Eu, por mim, tive a sorte de ver três bons filmes portugueses e, ainda por cima, de amigos meus: a Sofia do João César Santos, o Lopes Graça do António Pedro de Vasconcelos e o impecável «Por um fio» do Fernando Matos Silva.

Todos eles cinema anti «maderas-de-oriente» e, por isso mesmo, sem confusão possível com os filmes em «pelo de carpélio» com que alguns tolos têm procurado comer outros tantos tolos.

Um vaticínio? Ele aí vai: se é certo que «muito sofre quem ama» é também da sabedoria popular que «não há mal que sempre dure». Por outras palavras: para o ano falaremos de como vai ser diferente o cinema em Portugal ...

LITERATURA

JOSÉ CARDOSO PIRES

NO SALDO POSITIVO deste ano, a ficção portuguesa apresentou um romance que me empolgou pela perfeição da estrutura. *Bolor*, de Augusto Abelaira. Bem sei que as coordenadas típicas de Abelaira — a dialéctica do movimento da narrativa e as sobreposições sucessivas do Tempo e do Espaço — vêm, uma vez mais, em evidência e que, uma vez mais, voltamos a encontrar a temática característica do autor. Mas cada romancista, quando é grande, descobre *o seu* ângulo pessoal e quase privado de encarar a sociedade; o problema que selecciona e do qual faz o lugar geométrico dos diversos esquemas sociais é, afinal, a sua grande descoberta — e não as originalidades formais ou quaisquer curiosidades de mera apresentação romanesca.

Abelaira, como se sabe, tem a sua temática própria. De livro para livro insiste nela porque ao fim e ao cabo, a carreira do romancista é, muitas vezes, a de dizer uma só coisa em largueza e profundidade. Ir mais longe e mais dentro. Medi-la com novos padrões, acrescentá-la revê-la. É essa insatisfação que dá a marca do escritor que, porque o é, não repete os outros e, insistindo em si mesmo, não se repete.

Pois bem, *Bolor* é o romance mais perfeito de Abelaira. O que melhor corresponde ao clima de lucidez que este autor trouxe à nossa ficção. É também aquele onde um humor doloroso e terrível se faz sentir com maiores e mais subtis acentos. E um dos romances mais bem estruturados de toda a nossa literatura. Um livro que valeu o ano.

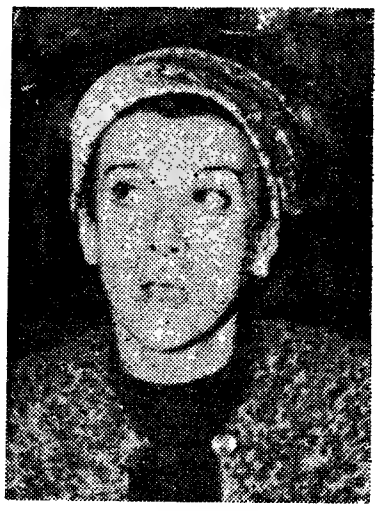
Que li eu mais que me interessasse? Um original de Namora — *Um Sino na Montanha* — que me valeu bastante meditação e que continua uma abertura nova iniciada por este escritor na sua obra. Li *A Casa de Correcção* de Urbano Tavares Rodrigues, talvez a obra mais acabada de um novelista que ansiosamente procura captar o imediato e, daí, as suas virtudes. Li *O Despojo dos Insensatos* de Mário Ventura onde encontro um significativo passo de evolução que me agrada salientar. Depois houve duas estreias: a de Maria I s a b e l Barreno, que me dizem ser importante mas que não tive oportunidade de ler, e a de João Palma Ferreira que considero de real interesse pela segurança formal demonstrada e pelo ofício da construção.

Na poesia, além de Alexandre Pinheiro Torres, apenas me interessaram os dois extraordinários livros de Carlos de Oliveira: *Sobre o Lado Esquerdo* e *Micropaisagem*. *Ilha do Desterro* de Alexandre Pinheiro Torres trouxe-me uma voz refrescada por um longo silêncio e o que mais me impressionou nesses poemas foi o terno eco da infância, tantas vezes lançado por outros poetas, mas agora «redescoberto» com tonalidades novas. Quanto a Carlos de Oliveira foi com entusiasmo e emoção profunda — sim, com emoção profunda — que reconheci nele as qualidades que o elevaram ao mais alto plano da nossa literatura e que provêm de um talento excepcional, servido por uma exigente honestidade de trabalho e por uma contínua renovação.

Finalmente, refiro-me aos *Ensaios* do prof. Vitorino de Magalhães G o d i n h o como acontecimento fundamental da Cultura Portuguesa e como um elemento da maior importância na vida editorial. Para lá disso, a segurança da investigação garantiu nesta obra a diversidade de problemas e de ângulos novos que a um leitor como eu propõem inúmeras sugestões e uma vivacidade de argumentos sobre a realidade portuguesa.

BALLET

ANNA MASCOLO



TERÁ SIDO, EM LISBOA, o ano de 1968 fértil em manifestações baléticas válidas? Que peso tiveram na nossa formação cultural e artística?

Qual o acréscimo de conhecimentos de que beneficiámos, de renovação, de amargas ou proveitosas constatações?

Durante a resenha que passarei a fazer dessas manifestações, os apontamentos a elas respeitantes serão uma síntese daqueles pontos que me pareceram ser os mais relevantes independentemente da importância ou valor intrínseco de cada uma dessas manifestações.

JANEIRO

«Ballet do Brasil» com os bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dirigidos por Helba Nogueira com a participação especial de Anna Mascolo e Juan Giuliano.

O facto de empresas particulares terem subsidiado esses espectáculos, nomeadamente o Hotel do Reno e a Fábrica Portugal, é uma esperança de fazer nossa uma frase do prof. Hamburger — «A ajuda particular não é uma caridade. É o símbolo da participação directa livre e eficaz das empresas e das pessoas no destino cultural da sua nação».

DE FEVEREIRO A JUNHO

Temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado no Teatro Politeama.

Independentemente do facto de não querer fazer crítica, pelo menos por agora aos espectáculos portugueses de Bailado, há a constatação de que o Grupo continua à procura de um caminho e estilo próprios.

Apresentação do B a i l a d o «Salade» integrado no XII Festival Gulbenkian de Música.

Música de D. Milhaud e coreografia de Serge Lifar. Dançado pelo Grupo Gulbenkian de Bailado com a participação de Michel Renault e a presença de mestre Lifar em Lisboa.

Louvável reposição de um dos primeiros bailados de Serge Lifar, obra que bem se enquadrou no conjunto das manifestações do Festival.

Temporada de espectáculos dos «Bailados Verde Gaio» no Teatro Monumental.

Constataram-se os resultados da divergência existente entre as directrizes idealizadas por António Ferro e as seguindas pelos actuais responsáveis dos destinos deste agrupamento.

E que falta faz à expansão da C u l t u r a Portuguesa no Mundo uma Companhia Nacional de Folclore!

Temporada de Bailados do Teatro Nacional de S. Carlos. «Royal Ballet» (2.ª Companhia). A r t i s t a s convidados: Margot Fonteyn e Rudolf Noureyev.

Qual a razão da vinda da segunda Companhia sem ter havido a devida palavra explicativa para com o público? Porque para o grande público o «Royal Ballet» identifica-se com o Royal Ballet, «out court». E esse não nos visitou.

Noureyev pela primeira vez em Lisboa foi acontecimento sublinhado pelos mais dispares comentários. Naureyev é um grande bailarino que se tornou também um «monstro sagrado». Um estado onde defeitos e qualidades se entrelaçam formando um todo indissolúvel. Possivelmente ao espectador português terá escapado essa pequena cambiante importantíssima porém na apreciação certa do trabalho de um artista. Daí o desequilíbrio das opiniões.

DE OUTUBRO A DEZEMBRO

Ciclo de conferências por Harnold Haskell organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Sublinhamos a resposta dada por Harnold Haskell a uma das perguntas de «como alicer-

(Continua na pág. seguinte)

Anna Máscolo — Bailado

(Continuação da pag. anterior)

gar Bailado num país sem tradição baletica», formulada pelo publico durante o colóquio que seguiu a última conferência

«Mandar crianças de 9, 10 anos para uma escola de Dança que tenha englobado o curso geral dos liceus onde, a par das normais aulas de estudo, terão 1 hora e 1/2 diária de Dança. Durante anos. Passados 20 anos (sic) haverá um corpo de baile capaz de ser integrado no o Lago das Cisnes, Bodas de Aurora, Casse-Noisette, Silfides, etc.»!

Palavras ouvidas por todos com o maior interesse.

Nós, porém, ainda não temos sequer a tal escola, a tal Academia de Dança, ideia pela qual luto desde ha dez anos já e pela qual, nessa altura, fui apodada de ambiciosa e utópica

Apresentação do «Ballet Soviético dos Cossacos da Ucrânia» dirigido por Pavel Virsky no Cinema Tivoli.

Embora tenha sido a primeira vez que um agrupamento soviético nos visita e a pesar de ser de expressão folclórica e de não possuir a classe dos «Ballets Moisseiev» por exemplo, não deixou de nos elucidar acerca da muito cuidada e excelente preparação técnica dos seus bailarinos e do seu profissionalismo que sabíamos, aliás, ser norma geral dos artistas soviéticos. Tão pouco deixou dúvidas quanto a seriedade de intenção das directrizes que o animam e de que foi exemplo — como aliás deve existir em todo e qualquer espectáculo por ser o mais directo e incontestável meio a atestar o nível cultural do país que representa.

E as notas de mau gosto de alguns momentos não conseguiram ensombrar o prazer de ver dançar o que é, afinal apenas um agrupamento folclórico de uma das províncias da União Soviética.

Dissolução do Centro Português de Bailado.

«Requiem por um sonho: acabou o Centro Português de Bailado».

«É uma faceta do desinteresse que atinge todo o fenómeno cultural entre nós».

«Há em Portugal muitas pessoas que gostariam de fazer qualquer coisa mas nada fazem» e, acrescento agora, ou nada podem fazer. E mais: o Bailado constitui, como todas as outras artes, viva expressão de cultura. De uma cultura a solicitar e a depender cada vez mais e mais de todos nós

Lutei desesperadamente para que o Centro português de Bailado não morresse porque considero que o Bailado português tem a real necessidade de ser ajudado de forma não só «espectacular». Precisa de um órgão informativo constante que realize um trabalho educativo junto do público.

Durante algum tempo esse trabalho foi efectivado através das realizações do meu Estúdio Depois surgiu o Centro Português de Bailado que continuou nesse caminho e, com possibilidades financeiras maiores, levou a efeito uma série de realizações verdadeiramente notáveis. E poderia ter continuado a ser o divulgador paciente, esclarecido e constante do Bailado Português.

Se sómente o tivessem querido ajudar a sobreviver.

Teria sido lícito esperar que o processo evolutivo geral Nacional já estivesse apto a acolher tão legítima pretensão.

ECONOMIA

HERLANDER DUARTE

NO PLANO INTERNACIONAL, o ano que agora finda foi pródigo em manifestações e em atitudes espectaculares. Começou sob o alarme das medidas proteccionistas anunciadas pelo presidente Johnson e termina ainda com as ressonâncias da veemente decisão do General De Gaulle em manter o valor do franco, depois da grave situação criada pela crise do sistema monetário; também, na tradicionalmente circunspecta e ainda ponderável Grã-Bretanha, o primeiro ministro Wilson, na sequência de um programa de austeridade, veio recentemente introduzir como medida limitativa em 1/3 das importações, a obrigatoriedade de os importadores depositarem, por seis meses, sem juros, 50 por cento do valor das suas compras. Neste ambiente de reacções mercantilistas e apesar dele, regista-se, contudo, em 1968 a efectivação da união aduaneira na C. E. E como afirmação de que a integração dos grandes espaços económicos é irreversível.

Os indicadores da economia internacional denunciam, na generalidade, um clima de recuperação das actividades.

Para a economia portuguesa não se vislumbra que em 1968 tenha iniciado uma franca recuperação da fase depressiva para que foi arrastada com a conjuntura internacional em meados de 1966.

A agricultura, aleatória, proporcionou produções cerealíferas em torno das médias do último decénio fracas produções de azeite e maior produção vinícola mas de pior qualidade; o ano para os pomares foi menos propício que o anterior.

A actividade industrial, que apresentava a partir do início do ano sintomas de recuperação, denotou uma quebra a partir do segundo semestre, designadamente no que se refere a bens de equipamento onde as empresas estão em face de uma carteira de encomendas comprometedoramente reduzida.

No que respeita ao comércio externo, até Setembro, o comportamento da balança comercial metropolitana evidenciou-se favorável, exibindo uma redução de 10 por cento no «deficit» crónico como resultado de simultâneamente se verificar uma expansão nas exportações na mesma percentagem e uma quase estacionaridade nas importações pela falta de animação nas compras de matérias-primas e de equipamento.

As receitas do turismo em 1968, como resultado de medidas desencorajadoras postas em prática nalguns países, também se ressentiram.

Foi 1968 o primeiro ano de vigência do III Plano de Fomento, pensado e organizado como um válido meio de condução da economia Por razões conjunturais, e por outras, a execução prevista para os primeiros doze meses não pôde ser completamente realizada. Também, não registamos iniciativas particularmente incisivas.

Enfim aconteceu mais um ano de economia portuguesa.

TEATRO

ARTUR RAMOS

EM 1968 O TEATRO EM PORTUGAL conheceu talvez o cavado da onda: atingiu aquele ponto mais baixo a partir do qual a subida recomeça.

A desorientação agravou-se e com ela — por causa dela — a frustração e até o desespero dos profissionais. Passaram maus bocados durante o ano todos aqueles que gostariam de exercer entre nós com dignidade e entusiasmo uma actividade que pode e deve ser o sal da vida.

Eis um dos sinais (pouco conhecidos do público) de que, no próprio ano em que tão baixo se desceu, a onda se está de novo a formar.

Mas há pelo menos mais estes, todos ocorridos nos 2 últimos meses de 1968:

— Ter sido entregue a um empresário novo — que a vai pôr ao serviço dos dramaturgos portugueses — a melhor sala de teatro de Portugal (a da Av Frei Miguel Contreiras)

— Ter sido criada a «Direcção-Geral dos Espectáculos que pode vir a ser um instrumento de estímulo às actividades teatrais e que representa para já um reconhecimento burocrático da sua importância.

— Ter ido ao Teatro, sem pompa nem circunstância, o Presidente do Conselho.

O ANO TAUROMÁQUICO

D. Francisco Azarujinha

NOVENTA CORRIDAS de touros se deram em Portugal na época tauromáquica de 1968, cinco novilhadas, dezasseis vacadas, dezassete garraiadas, nove festivais taurinos e outros tantos espectáculos de variedades. Dos nossos cavaleiros foi David Ribeiro Teles o que mais corridas somou, 33, seguido por Luís Miguel da Veiga, com 32, Manuel Conde, 26, José Samuel, 23, D. José de Ataide, 21, José Mestre Baptista, 20, D. Francisco Azarujinha, 20 e 4 festivais, Maldonado Cortes, 18, Vítor Ribeiro, 16; Alfredo Conde, 14; José Varela Cid, 11; Fernando Salgueiro (filho), 10 e Frederico Cunha, 8, com êxito crescente; Gustavo Zenkle, 3, Clemente Espadanal, 1, e Manuel Sabino Duarte, 1. Meste João Núncio deixou ver a sua alta classe em 4 e dr. Fernando Salgueiro em 1, para dar alternativa a seu filho.

Como amador triunfou D. João José Zoio, de quem muito há a esperar.

Dos nossos matadores de touros já demos as actuações que em Espanha tiveram e que em Portugal foram as seguintes: José Júlio, 25; Armando Soares, 19; Amadeu dos Anjos, 13; José Simões, 13; Mário Coelho, 7; José Falcão, 5; Fernando Santos, 4; e Ricardo Chibanga, 4.

Dos grupos de forcados todos mantiveram a sua valentia de amadores, que profissionais já não existem pràticamente. Marcaram os criadores portugueses em Espanha, onde os seus touros obtiveram êxitos que já registámos, e mantiveram os seus créditos em Portugal com as nossas condições de lides e o absurdo erro da morte demorada até ao matadouro com feridas abertas. E, por hoje, abstemo-nos de mais comentários, que a seu tempo viemos fazendo até que Deus quiser.

«El T. Pérez»

///

Das corridas realizadas nas ilhas adjacentes publicámos notícias, e do Portugal Ultramarino continuaremos publicando telegramas das agências.

ROGÉRIO PERES

NUNES & SANTOS, LDA.

Postais ilustrados, Cromos, Óculos para Sol, Boquilhas, Cachimbos, Pedras para isqueiro, Canetas de tinta permanente, Artigos escolares, etc. — Novidades Nacionais e Estrangeiras. — Representantes e depositários de molduras de metal com vidros côncavos M/L

R. dos Correeiros, 174, 3.º, dir. — LISBOA — Tel. 322788

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas-Festas e Novo Ano muito feliz.

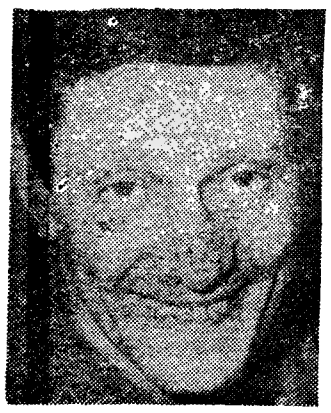
UM ANO DE TEATRO

«Os dias felizes», de Beckett, com Glicínia e Rui Furtado

por Joaquim Benite

NÃO FOI, infelizmente, no ano agora terminado, que o teatro português encontrou qualquer, ainda que ligeiro, remédio para os males que há longo tempo o afligem. Pelo contrário: 1968 foi um ano que, neste sector, não deixa grandes saudades.

Conhecem-se, de um modo geral, as principais razões determinantes da chamada «crise» com que o teatro habitualmente se debate entre nós. A escolha de textos, a falta de uma verdadeira escola de teatro (o Conservatório, todos o reconhecem, não cumpre nem pode cumprir essa missão), a consequente formação de actores e técnicos ao nível do improviso e (muitas vezes) de tristes necessidades de consumo, a inexistência de um publico relativamente interessado e, o que é mais grave, a ausência de condições efectivas de uma sua possível formação, constituem algumas das raízes do mal que impede o desenvolvimento do teatro num sentido moderno, participante, util. A estrutura económica na qual e pela qual o teatro sobrevive, subordinada ao principio do lucro empresarial, asfixia-o e manieta-o, asfixiando e manietando, assim, aqueles profissionais que tentam, ás vezes desesperadamente, superar o actual estado de coisas, empenhando-se em iniciativas que não chegam a transcender os limites da aventura bem intencionada — e que logo morrem, vitimas da falta de apoio e do clima de divórcio entre o teatro e o povo, que há tantos anos e tão dramáticamente se verifica.



José Viana

Foi num meio caracterizado por estas insuficiências que decorreu o descolorido ano teatral que hoje tem o seu epilogo.

«Os dias felizes» e a interpretação de Glicínia Quartin

Poucos das dezenas de espectáculos apresentados merecem uma referência especial. Entre os que justificam tal menção figura, certamente, a peça de Samuel Beckett «Os Dias Felizes», que a Casa da Comédia levou á cena, numa magnifica encenação de Artur Ramos, para a qual colaborou uma equipa notável constituída por Glicínia Quartin e Rui Furtado (os intérpretes), Jaime Salazar Sampaio (que traduziu a peça) e João Abel Manta, que criou o cenário, adaptado ao angustiante clima da obra do célebre autor irlandês Na interpretação de «Os Dias Felizes» teve Glicínia Quartin a oportunidade de demonstrar invulgares qualidades de actriz, apuradas num conhecimento técnico e numa inteligência que lhe permitiram situar a sua personagem no plano intelectivo que a peça exigia. «Os Dias Felizes» constituiu, certamente, um dos melhores espectáculos do ano em Lisboa, e pena foi que a pequena sala onde se realizou não oferecesse as condições de comunicação com um publico mais vasto, de que beneficiaram outras realizações, como, por exemplo, «O Porteiro», de Pinter, que a companhia «Teatro do Nosso Tempo» fez estrear, em Janeiro, no Tivoli e que é outro dos espectáculos que merecem ser salientados. Encenada de maneira discutivel, por Jorge Listopad, a peça do autor de «O Monta-Cargas», teve em Augusto de Figueiredo e Jacinto Ramos dois intérpretes que a ela deram o melhor do seu esforço: o primeiro, numa linha que se adaptava admirávelmente á sua figura, embora talvez se não harmonizasse com o texto; o segundo, num plano menos espectacular mas mais compenetrado das intenções do autor e das propostas presentes no seu teatro. O cenário de João Vieira (um pintor que se tem vindo a afirmar como cenógrafo desde «Don Quixote», a peça do T. E. C. de 1967, e que este ano conquistou o primeiro prémio no Festival de Teatro Latino de Barcelona) contribuiu decisivamente para o êxito deste espectáculo, que Urbano Tavares Rodrigues disse marcar «uma data no progresso do teatro entre nós».

Para lá destas duas iniciativas, devidas a grupos de actores que não se encontravam ligados regularmente a uma empresa ou teatro, os restantes espectáculos inscreveram-se, na sua maioria, na actividade normal das várias companhias. A empresa Amélia Rey Colaço iniciou o ano no Parque Mayer, instalada no Capitólio para onde a enviou o incêndio do Avenida, em 1967 Depois da reposição de «Equilíbrio Instável», de Albee, a companhia concessionária do Teatro Nacional iniciou as comemorações, entre nós, do centenário de Pirandello com a representação de uma das peças daquele autor: «A Volúpia da Honra». Pedro Lemos foi o responsável pela encenação, vincadamente naturalista, e da interpretação encarregaram-se os actores da companhia e ainda Adriano Reis, um elemento contratado. Este espectáculo do Teatro Nacional repetiu um estilo de teatro francamente ultrapassado de que aquela companhia não consegue libertar-se.

Ao centenário de Pirandello associaram-se ainda a companhia do T. N. P., dirigida por Ribeirinho, que apresentou no Trindade «Não se Sabe Como» e «Cautela, Libertino» e Norberto Barroca que na Casa da Comédia, levantou um espectáculo de homenagem ao dramaturgo de «Seis Personagens á Procura de Autor» intitulado «Á Procura da Verdade» e constituido por passos biográficos e trechos de Pirandello.

«Tango» e o Nacional

A escolha de uma peça de André Roussin («A Locomotiva») para o repertório do Nacional, em Abril, veio acentuar o desequilíbrio manifestado pela companhia. A peça, uma comédia sem valor, conquanto bem construida, teve o único mérito de introduzir uma pequena inovação no estilo interpretativo habitual daquele agrupamento, com a participação de Costinha. Torna-se difícil aceitar que este género de teatro possa encontrar-se entre aquele que é legítimo exigir a uma empresa que tem as responsabilidades de companhia do Estado.

O autor escolhido para o novo espectáculo do Nacional, Casona, com «As Três Perfeitas Casadas» (encenação de Luca de Tena), não permitiu, também, a afirmação de responsabilidades que desejaríamos ver na empresa Rey Colaço. A peça, na linha de «As Arvores Morrem de Pé», um dos grandes êxitos de Palmira Bastos, limita-se a aflorar alguns problemas importantes, sem nunca verdadeiramente os penetrar. Teatro burguês na acepção total da expressão, o seu unico aspecto positivo foi o bom nível das interpretações de Baptista Fernandes e Glória de Matos.

Depois da reposição de uma lamentável tradução de Olavo d'Eça Leal da peça de Valentim Kataiev (várias vezes prémio «Estaline»), «O Camarada Miussov» com um elenco reforçado por Glicínia Quartin, a empresa Rey Colaço teve, finalmente, já próximo do fim do ano, a oportunidade de oferecer bom teatro ao publico de Lisboa, apresentando a peça do dramaturgo polaco Slawomir Mrozec «Tango». No elenco da companhia integraram-se agora novos elementos: Rogério Paulo, João Perry, Maria Dulce, Rui Pedro, Laura Bringel, etc. Os dois primeiros fazem parte da equipa que representa «Tango».

A peça, inscrevendo-se numa linha que denuncia pelo menos a influência do chamado «teatro do absurdo» é uma sátira que extrai da ambigua crítica de conceitos o seu principal fundamento. A encenação de Varela Silva não conseguiu, quanto a nós traduzir cénicamente a linguagem de Mrozec cedendo á tentação de criar psicológicamente (João Perry) figuras conformadas por uma visível tipicidade. Não obstante, o carácter polémico da peça salva-se e o espectáculo merece ser visto.

Desfeita a Companhia Portuguesa de Comediantes, que nos anos anteriores nos deu alguns bons espectáculos nas companhias do TNP, de Ribeirinho, subsidiada pela FNAT e no Teatro Experimental de Cascais, de Carlos Avilez. Quanto á primeira não cabe no carácter necessáriamente sumário deste balanço, uma referência desenvolvida á peça de Vitorio Calvino «A Torre e o Galinheiro», a sua ultima realização. Mas pode adiantar-se que se trata de um dos mais vazios e negativos acontecimentos teatrais do ano No que respeita á companhia de Avilez, há a notar duas peças: «O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato, estreada em Cascais, em Fevereiro, e «As Bodas de Sangue» de Garcia Lorca, apresentada primeiro em Sintra, em Setembro, no encerramento do festival anual daquela vila, e estreada dias depois no Gil Vicente. Em «O Comissário de Polícia», Avilez repetiu a receita que já tinha aplicado a «Maluquinha de Arroios»: uma encenação de sabor revisteiro (nos seus aspectos exteriores), com plumas, musica e muito ritmo Na peça de Lorca, com Brunilde Judice, Mário Pereira, Maria do Céu Guerra, Santos Manuel e Zita Duarte, Avilez fez o que se pode chamar uma encenação corajosa: infelizmente distanciada do teatro poético autor de «Yerma», pela sua concepção anárquica e pela gratuita intencionalidade de alguns defeitos. Uma boa

Uma cena da «Louca de Chaillot»

interpretação de Céu Guerra e uma verdadeira revelação: Zita Duarte, que brilhou a grande altura, captando e transmitindo, com espantosa intensidade, o dramatismo da linguagem lorcana. Um pormenor insólito que em nada ajudou o encenador: os figurinos de Pinto de Campos, tão desligados da peça como os cenários de Francisco Relógio.

Em Junho o Teatro Experimental de Cascais apresentou também a peça «O Tempo e a Ira», de John Osborne, com um grupo de actores que se anunciou ficarem a fazer parte do elenco do T. E. C.: Lurdes Norberto, José de Castro, Ana Paula, Canto e Castro e Luís Santos. A encenação desta peça (que o Teatro Experimental do Porto levara á cena ainda em 1967, com direcção de Fernando Gusmão) esteve a cargo de Artur Ramos. Salientaram-se as interpretações de Lurdes Norberto e José de Castro, mas á encenação faltou uma expressão cénica adequada á explosiva temática do teatro de Osborne

Teatro Estúdio: uma crise vencida

A companhia Teatro Estudio de Lisboa, dirigida por Luzia Martins e Helena Félix, manteve em 1968 a situação económica difícil que, mais ou menos, sempre tem conhecido desde a sua criação. Apesar de tudo a companhia estreou em Maio «A louca de Chaillot», de Jean Giraudoux, numa tradução de Fernando Luso Soares, com direcção de Luzia Maria Martins. Exemplo de uma perseverança invulgar no nosso meio, a companhia teve de vencer uma grave crise financeira, e foi obrigada no início da nova temporada, a prescindir do concurso de alguns dos seus elementos, como Mário Jacques, Adelaide João José de Carvalho, Mário Sargedas, Armando Venancio, etc. O segundo espectáculo da companhia «Noite de Verão», de Ted Willis é uma peça digna, mas não se compara, em qualidade, aos textos anteriormente levados á cena no Vasco Santana. Helena Félix, Joaquim Rosa, Jorge Sousa Costa e Vasco Lima Couto (que nesta peça tem uma boa criação) continuam a ser os pilares do T. E. L., tal como Luzia Martins continua a ser a sua grande animadora.

A companhia de Augusto Figueiredo (subsidiada pela Camara Municipal), continuou a actuar na Estufa Fria e a representar como é obrigação sua, assumida por contrato, autores portugueses. Das cinco peças levadas á cena «O Desaparecido» de Olga Alves Guerra; «Jacob e o Anjo» de José Régio; «Um Homem Só», de Costa Ferreira; «O Leão da Estrela», de Félix Bermudes, e «É Urgente o Amor», de Luís Francisco Rebelo), nenhuma logrou atingir um plano sallentável. Merece uma referência negativa a encenação de Orlando Vitorino para «Jacob e o Anjo», a qual demonstrou evidente incompreensão do texto.

Teatro ligeiro

No capítulo do teatro ligeiro, o ano abriu com o original de Janos Vaszari «Um Anjo de Chapéu de Palha», pela companhia de Teatro Alegre, com Henrique Santana, Florbela e Artur Semedo. A mesma companhia levou á cena «Agarra que é Milionário», de Barillet e Greddy (os autores de «A Flor do Cacto») e «Amor-68» As duas ultimas peças foram encenadas por Maria Helena Matos e o «Amor-68» uma extravagante meditação sobre o amor, recheada de insuportáveis lugares comuns, é da autoria do próprio Henrique Santana. O menos que se pode dizer deste Teatro Alegre é que é um teatro... muito triste.

No sector da revista tivemos «Arroz de Miudas», logo nos primeiros dias de Fevereiro, no ABC. Um poema com bastante graça, e as presenças de Delfina Cruz (a grande revelação da revista do ano passado) Carlos Coelho e Aida Baptista estiveram na base deste autêntico êxito popular. A companhia argentina de Ethel Rojo, com a exuberância dos seu bailados, não trouxe qualquer inovação: a sua concepção de revista «show» musical não se harmoniza com a peculiar tradição revisteira portuguesa. «Lisboa é Sempre Mulher», com poema de Paulo da Fonseca César de Oliveira e Rogério Bracinha, levada á cena no Monumental, foi a mais fraca de todas as revistas no ano passado apresentadas. Renun-

(Continua na 15.ª página)

QUASE TRÊS SÉCULOS E MEIO AO SERVIÇO DO

VINHO DO PORTO!

KOPKE

VILA NOVA DE GAIA

SAÚDA OS SEUS EXMOS. CLIENTES E AMIGOS, A TODOS DESEJANDO BOM ANO NOVO

CASA KOPKE

Fundada em 1638

É A ÚNICA ORGANIZAÇÃO COMERCIAL QUE SE ENCONTRA AO SERVIÇO DO VINHO DO PORTO **HÁ MAIS DE 300 ANOS**

1638-1968

UMA ODISSEIA CINEMATOGRÁFICA

OU O OFÍCIO DOS CRÍTICOS

por Lauro António

NÃO! NESTE FIM DE ANO, neste balanço da praxe, não vamos dizer que sim, mas que também, que podia ter sido melhor, mas que apesar de tudo, o que tem como consequência, etc. Não! Estamos fartos de ler (e escrever) balanços que nada dizem à força de tudo q u e r e r e m dizer. Que tudo isto foi uma pasmaceira cinematográfica s e m brilhantismo nem novidade, basta ler os títulos que alinhávamos segundo os doze meses de estreia deste ano de 1968. Por aí se pode ver quão longe estamos do cinema verdadeiro que se faz presentemente no mundo. A este respeito, o melhor será cortar as ilusões pela raiz (ainda que manter, mais do que nunca, algumas esperanças futuras). Bellochios Godards, Formans, Sauras, Mekas, Rivettes, Straubs, Pasolinis, Bertolucis, Polanskis, e companhia ainda muito limitada (que são os homens que inventam o cinema do futuro, nestes anos de fim de década) não os vimos ainda. O que por aqui passou, nada mais foi do que (com algumas e, consequentemente, honrosas excepções) produtos melhor ou pior acabados de um cinema comercializável e espectacular. Mas, deixemos estes *mergulhos no passado* (que nem a F r a n k Perry foram proveitosas) e expliquemos o método que presidiu a este arremedo de balanço. Primeiramente, seleccionaram-se os títulos que poderiam dizer *qualquer coisa*, entre todos os estreados no ano findo (essa lista facultamo-la seguidamente aos leitores para sua e nossa informação). Depois escolhemos os melhores (que como normalmente são *dez*), ressalvando-se ainda as revelações mais interessantes, bem assim como as decepções mais completas. Finalmente e antes de rememorar as reposições mais importantes, purifiquemos o espírito, chamando nomes a alguns filmes que se nos atravessaram na garganta: eles são *os piores do ano*, as ovelhas tresmalhadas do rebanho, e é bem feito! Depois, damos por terminada a nossa odisseia neste espaço restrito, ficando à espera de que o leitor inicie a sua. Da troca de impressões não sairá certamente a *revelação*, mas é possível que nasça alguma luz. Uma luz que talvez explique porque é que *a noiva estava de luto*.

«2011»: a família na ética do espaço

AS ESTREIAS

● **JANEIRO:**

— *Blow-Up* (Antonioni); *Uma Aventura a Quatro* (Alain Jessua); *T o n e Rome Investiga* (Gordon Douglas); *O Faraó* (Jerzy Kawalerowcz).

● **FEVEREIRO:**

— *O Presidiário* (Stuart *L i n h a de Demarcação* (Claude Chabrol), *Bonie e Clyde* (Arthur Penn, em continuação de estreia); *O Charlatão* (Jerry Lewis); *Kwaidan* (Masaki Kobayashi).

● **MARÇO:**

— *Viver p a r a Viver* (Claude Lelouch); *O Segundo Fôlego* (Jean-Pierre Melville); *A Cruz de F e r r o* (Jorge-Brum do Canto); *Casino R o y a l* (Huston, Gest, Hughes, Parrish e McGrath); *A Princesa* (Ake Falck); *Por Favor não me morda o Pescoço* (Roman Polanskki); *P l a y T i m e* (Jacques Tati); *Não Faças Ondas* (Alexandre Mackendric) *D o u t o r F a u s t o* (Richard Burton); O *Estrangeiro* (Visconti); *Livra-me desta Mulher* (Clive Donner); *Sebastian* (David Green) *Quando o Peixe saiu do Mar* (Cacoyannis); *Meu Amor, Meu Amor* (Nadine Trintignant); *Os 7 Samurais* (Akira Kurosawa); *Longe da Multidão* (John Schlesinger).

● **ABRIL:**

Este é o Meu Mundo (George Sidney); *O Va-*Rosenberg); *Roma... Era Assim* (Richard Lester); *le das Bonecas* (Mark Robson); *A Hora da Fúria* (Vincent MacEveety); *Gerações Ultrajadas* (Tadashi Imai); *Um Idiota em Paris* (Serge Korber).

● **MAIO:**

— *O Massacre de Chicago* (Roger Corman); *Adivinha quem vem Jantar?* (Stanley Kramer); *O Perfume do Dinheiro* (Joseph Mankiewicz; *Os Devassos* (Elliot Silverstein); *O Ultimo Comboio do Katanga* (Jack Cardiff); *O Marinheiro* (Terence Young); *O homem que veio do F u t u r o*

(Continua na 15.ª página)

LISTA A

a) **OS 10 MELHORES FILMES DO ANO**

(por ordem alfabética)

— *A Queima Roupa* (John Boorman)
— *Blow - Up, A História de Um Fotógrafo* (M. Antonioni)
— *O Charlatão* (Jerry Lewis)
— *A Condessa de Hong-Kong* (Charles Chaplin)
— *2001: Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick)
— *O Faraó* (Jerzy Kawalerowicz)
— *Laços Eternos* (André Delvaux)
— *O Perfume do Dinheiro* (Joseph Mankiewicz)
— *Petúlia* (Richard Lester)
— *Play Time, Vida Moderna* (Jacques Tati)

NOTA: não se incluem entre os melhores *Kwaidan* (Kobayashi) e Os *7 Samurais* (Kurosawa) por se terem estreado ainda em 1967, durante a semana de cinema japonês).

b) **AS REVELAÇÕES DO ANO**

— *O Analista do Presidente* (Theodore J. Flicker)
— *O Homem que veio do Futuro* (Franklin Shaffner)
— *Um Coração Solitário* (Robert Ellis Miller)
— *Tony Rome, Investiga e Chucha* (Gordon Douglas)
— *Will Penny* (Tom Gries)
— *Diabolik* (Mario Bava)
— *O Mundo das Trevas* (Roy Baker)
— *Uma Aventura a Quatro* (Alain Jessua)
— *O Presidiário* (Stuart Rosenberg)
— *O Massacre de Chicago* (Roger Corman)
— *Por Favor não me Morda o Pescoço* (Roman Polanski)
— *Sebastian* (David Green)

c) **AS MAIORES DECEPÇÕES DO ANO**

— *O Estrangeiro* (Luchino Visconti)
— *A Noite é Perversa* (Francis Ford Coppola)
— *Bandidos em Milão* (Carlo Lizzani)
— *Até Encontrei Ciganos Felizes* (Alexander Petrovic)
— *Mergulho no Passado* (Frank Perry)
— *A Rapariga de Luto* (Manuel Summers)
— *O Grande Meaulnesse* (Jean-Gabriel Albicoco)
— *A Lenda de Uma Estrela* (Robert Aldrich)
— *Linha de Demarcação* (Claude Chabrol)

d) **OS PIORES FILMES DO ANO**

— *Os Boinas Verdes* (John Wayne)
— *O Ultimo Comboio do Katanga* (Jack Cardiff)
— *Astérix, o Gaulês* (Uderzo e Goscinny)
— *O Dr. Fausto* (Richard Burton)

e) **ALGUMAS REPOSIÇÕES IMPORTANTES**

— *Anatomia de um Crime* (Otto Preminger)
— *Os Campeões de Oxford*
— *Esplendor na Relva* e *Pânico nas Ruas* (Ellia Kazan)
— *Quanto mais Quente, Melhor* e *O Grande Carnaval* (Billy Wilder)
— *Fúria Assassina* (Raoul Walsh)
— *O Grito* (Michelangelo Antonioni)
— *O Prisioneiro do Passado* (Delmer Daves)
— *Uma Noite na Ópera* (Sam Wood)
— *Johnny Guitar* (Nicholas Ray)
— *Os Quatrocentos Golpes* (François lini)
— *Um Estranho na Minha Vida* (Richard Quine)
— *Selvagem é o Vento* (George Cukor)
— *Sombras na Cidade* (Andre de Toth)
— *7 Noivas para 7 Irmãos* (Stanley Donen)
— *O Grande Amor da Minha Vida* Truffaut)
— *A Rapariga da Mala* (Valerio Zur- *(Leo MacCarey)*

LAURO ANTÓNIO

LISTA B

a) **OS 10 MELHORES FILMES DO ANO**

— *A Noiva Estava de Luto* (François Truffaut)
— *2001: Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick)
— *Petúlia* (Richard Lester)
— *O Oficio de Matar* (Jean-Pierre Melville)
— *A Queima Roupa* (John Boorman)
— *Blow-Up, a História de um Fotógrafo* (Michelangelo Antonioni)
— *O Faraó* (Jerzy Kawalerowicz)
— *Play Time, Vida Moderna* (Jacques Tati)
— *A Beira do Abismo* (Anthony Mann)
— *Por Favor não me Morda o Pescoço* (Roman Polanski)

b) **AS REVELAÇÕES DO ANO**

— *O Analista do Presidente* (Theodore J. Flicker)
— *Interlúdio de Amor* (Kevin Billington)
— *Meu Amor, meu Amor* (Nadine Trintignant)
— *Sebastian* (David Green)
— *Tony Rome, I n v e s t i g a* (Gordon Douglas)
— *O Rei dos Doidos* (Philippe de Broca)

c) **AS MAIORES DECEPÇÕES DO ANO**

— *Laços Eternos* (André Delvaux)
— *O Perfume do Dinheiro* (Joseph Mankiewicz)
— *O Dia da Vergonha* (Damiano Damiani)
— *O Estrangeiro* (Luchino Visconti)
— *Os ossos do Ofício* (André Cayatte)
— *Até Encontrei Ciganos Felizes* (Alexander Petrovic)
— *O Tigre* (Dino Risi)
— *Viver para Viver* (Claude Lelouch)

d) **PIOR FILME DO ANO**

— *A Noite é Preversa* (Francis Ford Coppola)

e) **ALGUMAS REPOSIÇÕES IMPORTANTES**

— *Anatomia de um Crime* (Otto Preminger)
— *Os Quatrocentos* Golpes (François Truffaut)
— *A Rapariga da Mala* (Valerio Zurlini)
— *Um Estranho na Minha Vida* (Richard Quine)
— *Johnny Guitar* (Nicholas Ray)

EDUARDO COELHO

P. S. Declaro que não vi alguns filmes susceptíveis de modificar as listas atrás publicadas. Entre eles: *O Charlatão* (de Jerry Lewis), *Kwaidan* (de Masaki Kobayashi), *Os 7 Samurais* (de Akira Kurosawa), *O Massacre de Chicago* (de Roger Corman) *O Homem que veio do Futuro* (Schaffner), *Will Penny* (Tom Gries) *A Rapariga de Luto* (Summers), *Mergulho no Passado* (Frank Perry): *No Calor da Noite* (Jewisson) *Oliver* (Carol Reed) e *A Condessa de Hong-Kong* (Chaplin).

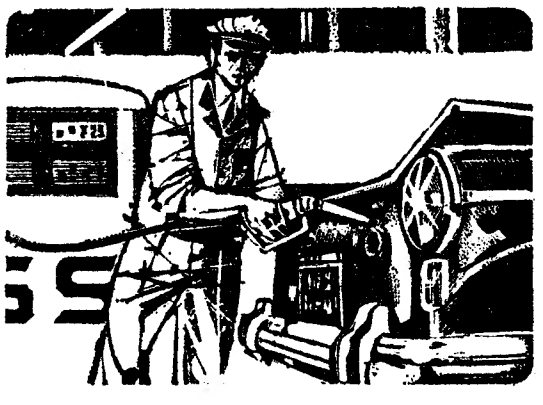
AO LEITOR:

DEPOIS de os críticos do seu jornal terem tornado públicas as suas preferências cinematográficas neste ano de 1968, porque não tenta o leitor organizar também a sua lista dos dez melhores filmes do ano agora findo? Depois da selecção (que se pode formular com base na lista de estreias que facultamos em anexo), envie-nos os seus resultados. Aqui a esperaremos até final de Janeiro.

SACOR
PRESENTE NA ESTRADA

A SACOR tem o prazer de anunciar que, para cumprir o permanente programa de melhoramento e ampliação da sua rede de abastecimento e assistência rodoviária no País - 791 estações de serviço e postos de abastecimento no fim de 1967 -, estabeleceu no decorrer do ano de 1968 mais as seguintes 26 posições de venda:

ÁGUEDA — Sociedade Central de Combustíveis de Aveiro, Lda. • ALIJÓ — António Luís P. da Rocha Magalhães • ENTRE-OS-RIOS (Penafiel) — Joaquim Pinto Espinche Araújo • FARO (Rua Ascenção Guimarães, 5) — Bento & Silvino, Lda. • FUNCHAL (Av. do Infante) — Conc.: Manuel Isidoro Nunes • LAGOA — Conc.: Joaquim Odorico Júdice Ramos • LAMAS (Ferreira das Aves) — Orlando Frias Figueiredo • LEIRIA (E. N. 109) — Rodrigo da Silva Lopes • LEIXÕES (Molhe Sul) — Posição de Mar — Conc.: N. d'Almeida & C.ª • LISBOA (Estrada da Luz, 230-A) — José Jacinto Godinho • (Rua Júlio César Machado) — Garagem do «Hotel Tivoli, Lda.» • MATOSINHOS (Rua Dr. Afonso Cordeiro, 731) — Guérin (Porto), Lda. • PENAFIEL — Alberto Pinto & Filhos, Lda. • PORTO (Rua Alves da Veiga, 45) — Garagem Alves da Veiga • (Rua do Breyner, 90) — UTIC — União de Transportadores para Importação e Comercio, Lda. • (Rua do Campo Alegre, 292) — Garagem do Campo Alegre • (Rua de Santa Catarina) — MUNDAUTO — Sociedade Comercial de Automóveis, Lda. • (Rua de Santos Pousada) — Garagem Pousada • (Rua da Restauração, 310) — Guérin (Porto), Lda. • PÓVOA DE LANHOSO — Francisco José de Matos • REBOLEIRA (Amadora) — Campos & Cardoso, Lda. • S. ROMÃO DO CORONADO (Santo Tirso) — Carlos Oliveira Araújo • TORRES VEDRAS — João Pereira • VELAS (Ponta Delgada) — José Pinto de Azevedo • VILA VERDE DE FICALHO (Serpa) — Conc.: Cândido Soares Valente • VIZELA — Conc.: Santa Casa da Misericórdia de Vizela.



O ANO TEATRAL

(Continuação da 11.ª página)

ciando á linha tradicional (a mais rica de expressão artística pela sátira e pela crítica mordaz) os autores não souberam, entretanto, compensar com originalidade essa falta. Assim, o espectáculo foi quase só um festival de luxo e de piadas já muito ouvidas e repetidas. Camilo de Oliveira, Nicolau Breyner e Florbela foram os seus intérpretes principais, o primeiro utilizando aqueles processos cómicos que o desligaram de toda a responsabilidade em relação ao teatro.

A revista do ano foi, sem duvida, «Grande Poeta é o Zé», no Maria Vitória. Dirigida, inteligentemente, por Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana, ela retoma um fio tradicional que não pode perder-se: o fio satírico, da graça intencional e dirigida, a galeria de tipos e caricatura que é verdadeira herança vicentina da nossa revista e que constitui ainda a sua característica mais popular. Um grande actor — talvez o maior do nosso teatro ligeiro — José Viana e um cómico fora de série, Eugénio Salvador, constituem o principal atractivo deste espectáculo, onde até a musica foi renovada (contrariamente ao habitual).

Solnado, depois de ter feito também uma revista («Pois, Pois») voltou ao Villaret para interpretar uma comédia de Gilla «Oh, que Delícia de Coisa», com encenação de Carlos Avilez. A piada deste «disparate cómico», como o próprio autor lhe chamou, está muito longe da de uma curiosa comédia em dois actos de Ricardo Telesnik, um autor argentino, estreada há dias no Villaret: «A Preguiça». Exemplo de um teatro ligeiro digno e util, a peça permite a Solnado um autêntico papel de actor. É justo salientar a interpretação dos restantes elementos da companhia: Fernanda Borsati, Alina Vaz, David Silva, António Montez e Mário Jacques. Os dois ultimos revelam uma capacidade técnica que deve merecer a maior atenção. Mário Jacques aproveita a oportunidade para compor, com recursos de expressão pouco vulgares no nosso teatro, uma caricatura exemplar.

Estrangeiros em visita

Algumas companhias estrangeiras nos visitaram em 1968. No S. Luiz realizaram-se vários espectáculos integrados nos já tradicionais festivais de teatro francês, este ano excepcionalmente pobres: «Adorable Julia», com Jean Marais; «Une fois par semaine» («A rapariga do apartamento»), com Fernand Gravey; e «Fleur de Cactus», com Sophie Desmarets.

De um projectado Festival de Teatro de Lisboa, apenas uma das companhias, cuja actuação estava prevista, se deslocou ao nosso País, com o patrocínio da Casa da Imprensa: a companhia de Jean Davy, que representou «O barbeiro de Sevilha», de Beaumarchais. Foi uma óptima noite de teatro, com um texto clássico servido por uma excelente interpretação e uma encenação inteligente.

A Gulbenkian trouxe-nos o Piraikon Theatron, para representar duas tragédias de Euripedes: «Hipólito» e «Efigénia em Aulida». Os espectáculos, encenados por Dimitrios Rondiris, tinham um grave senão: a barreira intransponível da língua.

Do Brasil vieram Ricardo Bandeira — um inconcebível e pretensioso pseudo-actor — e um grupo de «vedetas» trazidas por Jacy Campos para apresentarem o que denominaram um «show» de folclore brasileiro: «Tropicalissima» — afinal uma tristissima desonestidade.

Teatro amador: «João Gabriel Borkman»

Os melhores textos, como quase sempre sucede, foram apresentados por amadores. Entre os grupos não-profissionais que mais se salientaram em 1968 merece uma muito especial referência o «Clube 22 de Novembro», do Barreiro, que venceu o concurso de Arte Dramática do S.N.I. com a peça de Enrik Ibsen «João Gabriel Borkman». O espectáculo, encenado por Graciano Simões e interpretado por Eduardo Galhós, constituiu um dos principais acontecimentos teatrais do ano que finda. No mesmo concurso deve notar-se a participação do Grupo Teatral Freamundense, com a peça de Alfredo Cortês «Os Gladiadores», saborosa sátira que não se representava há 35 anos.

Não se deve esquecer também o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa (este ano dedicado a Ionesco), que nos deu uma explêndida interpretação de «Rinoceronte», pelo «Proscenium», numa encenação de Pedro Lemos; uma peça inédita de Ionesco, a «Cena a Quatro», pelo grupo do Banco de Angola dirigido por Jacinto Ramos; e «O mestre» também de Ionesco, pelo grupo dos C.T.T., que Maria Schulze orienta com invulgar êxito. No mesmo ciclo foram apresentados textos de autores tão importantes como Synge, Reginald Rose, Gil Vicente e Tchekov.

Ainda dentro do teatro não profissional, importa recordar o IV Encontro Europeu de Universitários organizado pelo Colégio Universitário Pio XII, que nos deu uma óptma encenação da peça «Cólera de Filipe Hotz», de Max Frisch, pelos estudantes do Colégio del Amo, de Madrid, e a primeira representação da peca de Miguel Barbosa «O piquenique», numa original encenação de Mário Pinho, com a assistência de Jorge Listopad.

O CINEMA EM 1968

(Continuação da 13.ª página)

(Francklin Schaffner); *A Beira do Pânico* (Anthony Mann); *Will Penny* (Tom Gries), *A Queima-Roupa* (John Boorman); *O Grande Meaulness* (Jean-Gabriel Albicoco); *Batman, o Invencível* (Leslie Martinson); *Por mais Alguns Dólares* (Sergio Leoni); *Chuca* (Gordon Douglas); *O Mercenário* (Damiano Damiani).

● **JUNHO:**

— *Diabolik* (Mario Bava); *Até Encontrei Ciganos Felizes* (Alexander Petrovic); *Fantasmas em Férias* (William Castle).

● **JULHO:**

— *Vida Solitária* (Bryan Forbes); *A Balada de Narayama* (Keisuke Kinoshita); *O Mundo das Trevas* (Roy Baker) *O Analista do Presidente* (Theodore J. Flicker); *O Rei dos Doidos* (Philippe de Broca); *A Rapariga de Luto* (Manuel Summers).

● **AGOSTO:**

— *Peter Gunn* (Blake Edwards); *Quando a Mulher Odeia* (Camillo Mastrocinque); *O Jardim da Tortura* (Freddie Francis); *Não se Trata Assim uma Senhora* (Jack Smith); *Todas as Noites ás Nove* (Jack Clayton).

● **SETEMBRO:**

— *Os Boinas Verdes* (John Wayne); *Mergulho no Passado* (Frank Perry); *Os 7 Andares da Vida* (Ugo Tognazzi); *A Estrada de Corinto* (Claude Chabrol); *Hawai* (George Roy Hill); *13 Dias em França* (Claude Lelouch); *Os Ossos do Ofício* (André Cayatte).

● **OUTUBRO:**

— *No Calor da Noite* (Norman Jewisson); *2001: Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick); *Interlúdio de Amor* (Kewin Billington); *Mal por Mal, Antes com Elas* (Gene Saks); *Blue* (Silvio Narizzano); *Bandolero* (Andrew V. MacLaglen); *Millie, Rapariga Moderna* (George Roy Hill); *Sargento Ryker* (Buzz Kulik); *Petúlia* (Richard Lester).

● **NOVEMBRO:**

— *Laços Eternos* (André Delvaux); *Elvira Madigan* (Bo Widerberg); *O Dia da Vergonha* (Damiano Damiani); *Bandidos em Milão* (Carlo Lizzani); *Com a Pedra no Sapato* (Jacques Charon); *Ladrão Roubado* (Ronald Neame); *A Lenda de uma Estrela* (Robert Aldrich).

● **DEZEMBRO:**

— *Catarina, Imperatriz da Rússia* (Gordon Fleming), *O Ofício de Matar* (Jean-Pierre Melville); *A Noiva Estava de Luto* (Francois Truffaut); *Um Coração Solitário* (Robert Ellis Miller); *Queda Mortal* (Bryan Forbes); *Oliver* (Carol Reed); *O Filho de El Cid* (Vittorio Cotaffavi); *O Livro da Selva* (Walt Disney); *O Elogio da Preguiça* (Yves Roberts); *A Estrela* (Robert Wise); *As Sandálias do Pescador* (Michel Anderssen); *Astérix, o Gaulês* (Uderzo e Goscinny); *O Profeta* (Dino Risi) e *A Condessa de Hong-Kong* (Carles Chaplin).

JOAQUIM BRAZ, LDA.

Armazém e Escritório: Tr.ª Nova de S. Domingos, 42, 2.º-Dt.º
Telefs.: Gerência 36 77 60
Expediente 32 19 03 — LISBOA-2

Louças, Porcelanas, Vidros, Cristais, Esmaltes, Metais, Alumínios, Talheres e muitos outros artigos de utilidade doméstica

FILIAIS

Praça da Figueira, 5-B — Telef. 32 19 03 (Ext. 1)
64, Rua Prior do Crato, 66 — Tel. 67 10 70
7, Rua dos Remédios, 9 — Telef. 86 58 35
105, R. da Misericórdia, 107 — Tel. 32 19 03 (Ext. 2)
57, Rua de Campolide, 59 — Telef. 68 40 37
5, Rua Edith Cavel, 7 — Telef. 5 93 81

Cumprimentam os seus estimados Fornecedores, Clientes e Amigos, desejando-lhes festas Felizes e Novo Ano próspero.

Teleg. MOLDURACIONAL Tel. 664312

A Moldura Nacional, Lda.

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades

Largo do Conde Barão, 43 a 46 — LISBOA

UM «BALANÇO» DIFERENTE

(Continuação da 7.ª página)

Lisboa veio outra paralela: «A Brandoa terá luz e esgotos dentro de seis meses» (1 de Agosto). Importante pelas suas implicações futuras — e até pelos problemas que levantou — foi a aprovação (19 de Dezembro) do plano parcial de urbanização de Chelas.

8 Entre 29 de Janeiro e 21 de Fevereiro o almirante Américo Thomaz visitou Cabo Verde e a Guiné. É uma notícia que devemos registar pelo que tem de significativo. Entretanto foi anunciado que o prof. Marcello Caetano se deslocará a África, na sequência de convites que haviam sido também feitos ao seu antecessor. Recordem-se, ainda porque cabem no tema, as estadias dos governadores da Guiné Angola e Moçambique em Lisboa, já depois do internamento do Professor Salazar.

9 Em 10 de Abril, «identificados os autores do assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz», anunciava-se a detenção (pela Polícia Judiciária) de «seis dos vinte e três implicados». Quatro meses e meio depois (23 de Agosto) era «preso perto de Moncorvo um grupo armado que resistiu às autoridades», grupo esse filiado «numa organização denominada L. U. A. R.».

10 Dois temas de reflexo para a Igreja católica no ano de inauguração da sua Universidade: o pedido de demissão do reitor, vice-reitor e cinco professores do seminário dos Olivais (dias depois, a 13 de Outubro, eram nomeados para a respectiva direcção o bispo de Telente e o vigário episcopal de Setúbal), e a suspensão a **divinis** do padre José da Felicidade Alves, pároco de Belém.

11 Claro que 1968 não foi apenas este sumário desgarrado. De qualquer modo o jornalista recorda outras notícias. Importantes: como o encerramento do Instituto Superior Técnico (8 de Dezembro). Apenas curiosas: como os desmaios em Carnide pela vitória do bairro no concurso de marchas populares (1 de Julho). Ou familiares: como o nascimento da filha do futebolista moçambicano Eusébio (14 de Março).

Derrotado o Benfica pelo Manchester United na final de Londres (29 de Maio), mal classificada a canção portuguesa no Grande Prémio da Eurovisão (6 de Abril), tivemos a consolação de uma série de visitas: chanceler Kiesinger secretário de Estado Dean Rusk, governador Nelson Rockefeller, ministro Magalhães Pinto, senadores Edward Kennedy e Eugene McCarthy. Carlos Lacerda. E mais: o prof. Christian Barnard, seis ou sete vezes, autêntico visitante em episódios. E actores actrizes, gente do mundo: Audrey Hepburn, Jacques Tati Juliette Greco, Bing Crosby, Nurevev, Jerry Lewis, Alberto Sordi, Canucine, Luís Miguel Dominguin, Zsa Zsa Gabor, a Begum, Soraya, Stravos Niarchos, Henry Ford II Gina Lollobrigida, enfim Vinícius de Moraes, Baden Powell e Márcia, para um «show». A viúva do mestiço Clive Hant, dador de coração esteve duas vezes em Lisboa e foi fotografada num local típico.

12 Houve notícias tristes. As mortes de Tomaz da Fonseca (12 de Fevereiro), Castro Soromenho (19 de Junho), Maria Lalande (21 de Março), Fred Kradolfer (16 de Julho), Julião Quintinha (23 de Julho). O desaparecimento do boxeur gigante Santa Camarão (5 de Abril), radicado em Ovar. Outro necrológio do ano: embaixador José Nosolini (5 de Janeiro). Alguém dissera, a abrir 1968, que «continua o tempo mergulhando nas trevas do passado tudo o que de efémero se contém na vida humana».

13 E no entanto o jornalista, se está certa a definição do seu trabalho como «crónica da vida que passa», é também o sintonizador da vida a fazer-se. Isso promete para os dias futuros. Por exemplo: amanhã já

O REGRESSO

(Continuação da 5.ª página)

«Vai almoçar»

«Aborrece-me ir sòzinha».

«Então não vás»

Ela encolheu os ombros, num arremesso, e a cortina fechou-se abriu-se de novo, e a expressão dela era francamente agastada.

«Porque me trouxeste contigo?»

«Porque quiseste vir».

«Perdi um bom emprego e afinal... Pensar que levámos uma semana à procura desta beleza de casa quando podíamos ter ido para um hotel. Teria sido melhor, não?»

«Não»

«Sempre gostava de saber...»

«Não penses muito que te cansas. Sê uma jóia e vai comprar umas latas ao supermercado. Não me apetece nada sair daqui».

«Que molengão!», exclamou ela por fim com estudada ternura. «Pronto, V. Ex.ª manda. Que lhe apetece? Gambas?»

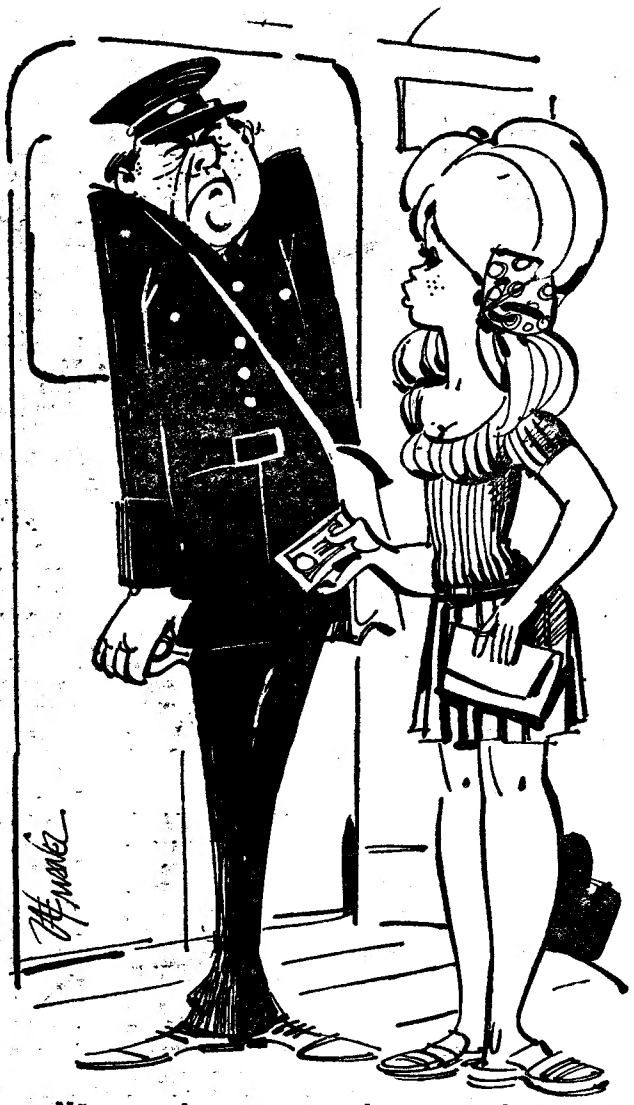
«Qualquer coisa. E fruta. E vinho de Colares, bem fresco».

«V. Ex.ª manda», repetiu.

Entreabriu de novo os olhos quando ela se afastou, de «porte-monnaie» na mão, a ondular as largas ancas de ganga branca. Tinha acontecido, mais nada. Nem sabia muito bem porque a trouxera consigo. Sòzinho estaria mais tranquilo. É certo que junto dela nada o obrigava a ser activo, a ser admirado, a admirar. Roge havia de achar estranha e chocante a sua atitude, Roge havia de franzir as bonitas sobrancelhas depiladas. A mãe... Mas a mãe tinha morrido e ele agora era livre. Pela primeira vez na sua vida serena e desconsoladoramente livre.

A INGÉNUA EM 4×4

desenhos de Zé Manel



—...Não percebo... o sr. condutor tem alguma coisa contra as notas de quinhentos?

— Desculpe-me, mas estes lavabos são para... ...???

—Gosta assim tanto de animaizinhos???

—O homem que me vendeu o carro em 2.ª mão disse que os travões eram óptimos!...